



Claudia Lins Cardoso

**Um estudo fenomenológico sobre a
vivência de família: com a palavra, a
comunidade**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof. Dra. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro
Dezembro de 2007



Claudia Lins Cardoso

**Um estudo fenomenológico sobre a
vivência de família: com a palavra, a
comunidade**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Terezinha Féres-Carneiro
Orientadora

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^o. Bernardo Jablonski

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^o. José Paulo Giovanetti

Faculdade de Estudos Administrativos – UFMG

Prof^a. Teresinha Mello da Silveira

Departamento de Psicologia – UERJ

Prof^a. Edna Lúcia Tinoco Ponciano

ATF – Associação de Terapia de Família

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Claudia Lins Cardoso

Graduou-se em Psicologia no Instituto de Psicologia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), em 1988. Psicóloga Clínica desde 1988. Obteve o Grau de Mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Universidade Gama Filho – RJ, em 1994. É professora assistente do Departamento de Psicologia da FAFICHUFMG, aprovada em concurso público em 1995.

Ficha Catalográfica

Cardoso, Claudia Lins

Um estudo fenomenológico sobre a vivência de família : com a palavra, a comunidade / Claudia Lins Cardoso ; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2007.

212 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Família. 3. Comunidade. 4. Vivência. 5. Fenomenologia. I. Féres-Carneiro, Terezinha. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Dedico esta tese à minha família:

Aos meus filhos, Gabriel e Carolina,
que despertam em mim um Amor
que eu nunca imaginei que fosse
capaz de sentir.

Ao meu marido, José Alfredo,
sempre presente no seu amor, no
estímulo e na parceria incondicional.

À minha mãe, Therezinha, à minha
irmã, Adriana, à minha madrinha,
Ana Lúcia, e ao meu padrasto,
Geraldo, que, mesmo de longe, se
fazem sempre tão perto.

Ao meu pai, Álvaro, sempre presente
na saudade e nas lembranças.

Agradecimentos

Seria impossível a realização de um trabalho dessa magnitude sozinha. Meus profundos e sinceros agradecimentos a todos aqueles que, de maneiras diferentes e igualmente importantes, colaboraram na colocação de cada tijolo que compõe esta obra:

- À Professora Doutora Terezinha Féres-Carneiro, que me ofereceu a oportunidade, a confiança e a liberdade para escolher o meu caminho, sempre com muita afetividade.
- Ao Professor Doutor José Paulo Giovanetti, por sua disponibilidade, generosidade e amizade, fundamentais na elaboração deste trabalho e no desenvolvimento do meu pensamento como pesquisadora. Sua parceria fez muita diferença nesse percurso.
- À Professora Doutora Teresinha Mello da Silveira, minha Mestra há tanto tempo, por seu incentivo e seu carinho em todos os nossos encontros e por suas sugestões de valor inestimável, por ocasião do Exame de Qualificação.
- À Professora Doutora Monique Augras, cujas reflexões e conhecimento compartilhados nas disciplinas ao longo do curso e ponderações no Exame de Qualificação se constituíram, para mim, em estimulante fonte de aprendizagem.
- Ao Professor Doutor Bernardo Jablonski e à Professora Doutora Edna Lúcia Tinoco Ponciano, por sua disponibilidade para participarem da Banca Examinadora e por contribuírem com suas considerações para o aprimoramento deste trabalho.
- Ao Padre Danilo Mamede C. Rodrigues, pela oportunidade de trabalhar na Paróquia São Brás e de conviver com uma comunidade tão especial para mim, como é o Conjunto Santa Maria.
- À Sra. Tânia, à Sra. Aparecida e ao Sr. Adão, que generosamente descortinaram parte de suas histórias para mim e, com isso, me permitiram a elaboração desse trabalho tão rico, reflexo da riqueza deles. Nossos encontros foram oportunidades de muita aprendizagem de vida para mim.
- À Renata, Lili e D. Solícita, companheiras “de Secretaria”, na Paróquia São Brás, sempre prontas a compartilhar comigo as informações necessárias à minha compreensão sobre o Conjunto Santa Maria, seu cotidiano e seus moradores.

- À Telma e à Saleth, amigas sempre presentes, pelo carinho, pelo estímulo e pela leitura e comentários pertinentes, que me ajudaram na finalização do texto.
- Às pessoas atendidas no projeto de extensão *Inserção do Psicólogo no Programa Saúde da Família*, em Vespasiano (MG), cujas histórias me sensibilizaram, me instigaram a estudar e me fizeram crescer.
- À Marcelina e à Vera, que, com simpatia e competência, encurtaram a distância entre Belo Horizonte e a secretaria da pós-graduação em Psicologia da PUC-Rio, sempre que necessário.
- Às minhas colegas da turma, pela convivência estimulante e enriquecida pelo encontro respeitoso de nossas diferenças.
- À CAPES, pelo auxílio financeiro que possibilitaram a realização do meu curso de Doutorado.
- À minha família, por tudo, sempre.

Resumo

Cardoso, Claudia Lins; Féres-Carneiro, Terezinha (Orientadora). **Um estudo fenomenológico sobre a vivência de família: com a palavra, a comunidade.** Rio de Janeiro, 2007. 212p. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo desta pesquisa foi investigar a vivência de família a partir da perspectiva de pessoas moradoras do Conjunto Santa Maria, comunidade popular da cidade de Belo Horizonte (MG). A proposta foi estabelecer um diálogo com os entrevistados, de modo a facilitar a expressão de sua experiência mais íntima de família, buscando-se o reconhecimento dos elementos vivenciais significativos, ou seja, as unidades de sentido. A vivência foi concebida, a partir dos pressupostos da fenomenologia, como sendo a ressonância na subjetividade da pessoa, ocorrida a partir da interação entre a consciência e a realidade. Pretendeu-se chegar a uma descrição da vivência de família, por ser de grande valia para a compreensão dos fatores envolvidos na relação familiar daquelas pessoas. Foram entrevistadas três pessoas, e se utilizou, na análise dos depoimentos, o método fenomenológico de pesquisa. A análise dos dados permitiu a apreensão dos elementos essenciais do viver em família, apresentados sob a forma de unidades de sentido, agrupados nos seguintes temas representativos revelados nos depoimentos: 1) a concepção de família: definição, configuração familiar, posturas na família e elementos estruturantes; 2) os papéis na dinâmica familiar; 3) elementos desestruturantes da família; 4) os problemas enfrentados pela família; 5) a percepção das famílias da comunidade; e, 6) a vivência do trabalho com as famílias da comunidade. A família como base para a vida, o diálogo, a afetividade, a religião/Deus e a presença, compreendidos como elementos estruturantes da vivência de família, e a importância da rede familiar e da figura paterna foram, dentre outras, as unidades de significado comuns captadas em todos os depoimentos. As mulheres entrevistadas enfatizaram os elementos vivenciais mais relacionados aos aspectos das relações familiares, enquanto o único homem entrevistado ressaltou aqueles referentes à estrutura da família, vinculados às funções masculinas de provisão e de relações com o mundo. Como conclusão, foi enfatizado o mérito do estudo da vivência da família para o desenvolvimento de projetos e programas de assistência comunitária e para as possíveis contribuições do psicólogo na assistência à comunidade, inclusive no valor dos grupos na capacitação das habilidades interpessoais de seus participantes.

Palavras-chave

Família; comunidade; vivência; fenomenologia.

Abstract

Cardoso, Claudia Lins; Féres-Carneiro, Terezinha (Advisor). **A phenomenological study of the family experience: the voice of the community.** Rio de Janeiro, 2007. 212p. Doctorate Thesis. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The purpose of this study was to examine the family experience from the perspective of the residents of the Santa Maria Housing Complex, a popular community in the city of Belo Horizonte (MG). The proposal was to establish a dialogue with the interviewees, so as to facilitate the expression of a more intimate family experience, seeking the recognition of living elements of significant experiences, in other words, the relationship units. The experience was conceived from phenomenology presuppositions, as the resonance in the person's subjectivity occurred because of the interaction between conscience and reality. The intention was to get a description of the family experience that would be very valuable in the understanding of the factors involved in the family relationships of those people. Three people were interviewed, and their statements were analyzed using the phenomenological research method. The analysis of the data allowed for the capture of the essential elements of being a family member, presented under the form of relationship units, contained in the following representative subjects that were revealed in the statements: 1) the conception of the family: definition, family configuration, postures within the family and structural elements; 2) the roles in family dynamics; 3) destabilizing elements in the family; 4) the problems faced by the family; 5) the perception of the community's families; and, 6) work experience of the community's families. The family as the base of life, dialogue, affection, religion/God and the presence of experience in the structural elements in the existence of the family, and the importance of the family network and the paternal figure were the units of common meaning captured in all of the statements, amongst others. The female interviewees emphasized the elements of living experiences more related to the aspects of family relationships, while the only male interviewee emphasized those regarding the family structure, linked to the masculine functions of providing and relationships with the world. In conclusion, the merit of the family experience study was emphasized for the development of projects and programs for community support and in relation to the possible contributions of a psychologist to help the community, including the value of the groups and the training of interpersonal skills of the participants.

Keywords

Family; community; life experience; phenomenology.

Sumário

Introdução	11
1. Um breve retorno às origens	17
1.1. A Abordagem Gestáltica e a Proposta de Trabalho com Grupos	19
1.1.1. A Abordagem Gestáltica	21
1.1.2. A Concepção de Grupos na Abordagem Gestáltica	23
1.1.3. Os Grupos Terapêuticos	27
2. A Família	27
2.1. Recortes sobre a Família Brasileira	27
2.2. Sobre o Conceito de Família	30
2.3. Sobre a Família das Comunidades Populares	32
3. A Compreensão Fenomenológica das Vivências	41
3.1. Princípios Básicos da Fenomenologia	41
3.2. A Vivência como Elemento Constitutivo da Experiência	44
3.3. Uma Breve Distinção entre “Vivência” e “Experiência”	48
4. A Pesquisa Fenomenológica Como Possibilidade de Acesso à Vivência de Família	51
4.1. A Fenomenologia como Método	51
4.2. O Contexto	54
4.3. Metodologia	56
4.3.1. Sujeitos	57
4.3.2. Coleta dos Dados	58
4.3.3. Análise dos Dados	59
5. Análise das Entrevistas: Em Busca da Expressão da Vivência	61
5.1. Temas Representativos das Vivências de Família da D. Tânia	61
5.2. Análise da Entrevista com D. Tânia	65
5.3. Temas Representativos das Vivências de Família da D. Aparecida	100
5.4. Análise da Entrevista com D. Aparecida	102
5.5. Temas Representativos das Vivências de Família do Sr. Adão	121
5.6. Análise dos Temas da Entrevista com Sr. Adão	125
5.7. Apresentação Descritiva da Estrutura das Vivências de Família por Unidades Temáticas	166
6. Sobre a Família: O Diálogo entre a Comunidade e a Academia	189
Considerações Finais	203
Referências bibliográficas	209

*“Não somos pobres, apenas não temos algumas
coisas materiais”.*

Cartaz afixado numa escola pública de Brasília (DF)

Introdução

A família é o nosso primeiro contato natural. Ela nos recebe e, ao fazê-lo, acolhe-nos ou rejeita-nos, estimula-nos ou despreza-nos, confirma-nos ou desqualifica-nos, ensina-nos a amar e a sermos amados, dentre outras infinitas possibilidades. Enfim, é ela que nos desperta para a vida. Nela, aprendemos a nos relacionar com o mundo, pois ela é a própria introdução ao mundo. O ambiente familiar é o primeiro lugar para a vivência dos afetos e da intimidade. A partir dessas relações iniciais desenvolvidas na família, começamos a nos capacitar para as outras que estabeleceremos ao longo da nossa existência. A família pode ser vivenciada tanto como nosso porto seguro, quanto como o olho do furacão, com a miríade de graduações entre um pólo e outro. E, certamente, muitas dessas vivências não apenas nos marcarão por toda a vida, como também servirão de referência para os demais relacionamentos da nossa experiência cotidiana.

Um aspecto que torna a família um tema tão complexo é o fato de que não há prescrições, configurações ou leis que garantam, nem a qualidade das relações estabelecidas entre seus membros, nem o sucesso das interações que nela se desenrolam. Entretanto, é impossível negarmos o valor das vivências familiares na constituição da nossa subjetividade.

A presente pesquisa é fruto das experiências adquiridas no projeto de extensão *Inserção do Psicólogo no Programa Saúde da Família* por mim coordenado, entre agosto de 1998 e fevereiro de 2004, numa parceria entre o Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais e a Secretaria Municipal de Saúde de Vespasiano (MG). Trata-se de uma proposta de assistência clínica a pacientes diabéticos e hipertensos, freqüentadores do PSF daquele município, em sua maioria, pessoas moradoras de comunidades pobres daquela região.

Foi nesse contexto que o tema família emergiu como central em vários atendimentos, mesmo naqueles em que ele não era inicialmente o objetivo principal. Por serem famílias do segmento social e econômico menos favorecido, possuidoras de um contato próximo com a miséria, a violência, o desemprego e o desamparo institucionalizado por parte dos serviços públicos, elas sofrem

impactos de diversas naturezas, ocasionando conflitos e crises. É a partir dessa perspectiva que o projeto da presente pesquisa começou a ser delineado.

A reflexão sobre o conteúdo dos relatos dos atendimentos em grupo e individuais realizados no referido projeto de extensão mostra que as pessoas, quando convidadas a expressar sua experiência em relação à família, consideram muito mais significativas as situações vinculadas à qualidade das relações familiares do que à sua estrutura (numerosa, moradia pequena, falta de recursos financeiros, quem assume o papel de provedor, etc). Diversos depoimentos revelaram, inclusive, um ideal de família bastante distinto daquele vivido de fato, o que se configurava como fonte de sofrimento.

A partir desses relatos e de tantas outras experiências peculiares vinculadas à família, algumas questões emergiram para mim: como pensar a família sem levar em consideração a experiência de seus membros? Como pensar a família de baixa renda, sem considerar a experiência de morar numa comunidade popular? O que constitui a vivência dessas famílias nesse contexto? Como propor um programa de assistência à família, sem precisar quem é esta? Diante disso, senti a necessidade de ouvir essas pessoas da comunidade de Vespasiano, a fim de que fosse possível aprofundar o conhecimento sobre a sua experiência de família, buscando compreender melhor essas questões. Foi, então, que propus grupos sobre o tema “família”, descortinando-se, a partir daí, uma diversidade de vivências e significados em relação a ele.

A riqueza dos depoimentos despertou em mim a necessidade de desenvolver esta pesquisa, cuja questão refere-se à vivência de família entre pessoas que residem em comunidades de baixa renda. Entretanto, com o início do meu Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio, em março de 2004, a Universidade Federal de Minas Gerais concedeu-me a licença para capacitação docente, o que implicou o meu afastamento de todas as atribuições docentes naquela universidade. Isso acarretou, inclusive, o encerramento do projeto de extensão, ainda que o presente projeto de pesquisa tenha surgido a partir daquela experiência. Inicialmente, minha proposta era retornar a Vespasiano e realizar lá a minha pesquisa, mas o início de um trabalho voluntário de assistência psicológica no Conjunto Santa Maria, comunidade popular localizada em Belo Horizonte (MG), bem como as inquietações

decorrentes dessa experiência de campo, levaram-me a desenvolver a presente investigação nesta última comunidade.

A palavra “comunidade”, etimologicamente, deriva do latim *communitas*, que significa “público, o que pertence a muitos”. No senso comum, ela se refere tanto àquilo que envolve o coletivo, quanto a um grupo de pessoas que compartilham alguma característica ou interesse, mesmo que não exista uma interação efetiva entre elas (a comunidade de gestalt-terapeutas da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo). Entretanto, no presente trabalho, a comunidade é compreendida de acordo com a concepção de Barreto (2005), segundo a qual ela diz respeito a “pessoas ou grupos de pessoas que partilham condições semelhantes de vida – econômica, social, cultural, política, religiosa e espiritual - mesmo percebendo que na comunidade existem diferentes níveis e formas de viver essas condições” (Barreto, 2005, p. 129). Nesse sentido, o autor coloca como condição fundamental para a formação da comunidade o estabelecimento de relações entre as pessoas, numa permanente interação, comparada a um bordado, cujos fios entrecruzados seriam a identidade de cada membro. Assim, a vida na comunidade favorece um senso de pertencimento e de identificação, onde as pessoas redescobrem e reafirmam sua identidade social, cultural e histórica.

Por comunidade popular, refiro-me àquela formada, em sua maioria, por pessoas simples, com baixo poder aquisitivo, baixa escolaridade, com diversas moradias desprovidas de infra-estrutura básica (como esgoto, água encanada, etc) e que dependem, em maior ou menor grau, de serviços públicos de saúde e de educação e de diversos tipos de programas assistenciais. É uma perspectiva afim com aquela adotada por Amatuzzi (2001), o qual concebe popular como se referindo ao povo, às pessoas comuns que compõem a maioria da população brasileira. Numa comunidade popular, também são freqüentes problemas decorrentes do desemprego, do envolvimento com o tráfico de drogas e da violência (inclusive, a doméstica). Indubitavelmente, as famílias pertencentes a esse contexto sofrem os impactos dessas e de outras particularidades de seu cotidiano, distintos dos impactos sofridos pelas famílias de outros segmentos sociais.

Nas situações de campo nas quais o tema família esteve presente, pode-se perceber que as pessoas possuem referências dicotômicas sobre família. Ao mesmo tempo em que associam à idéia de família a experiências como alegria,

apoio e união, quando convidadas a falar sobre suas vivências, expressam sentimentos de outra natureza: solidão, desrespeito, crise, além de atribuírem, por diversas vezes, problemas de saúde estreitamente vinculados a conflitos familiares. Outrossim, o modelo de atendimento à saúde da comunidade parece considerar a configuração familiar tradicional (pai, mãe e filhos) como referência, apesar de ela estar bem distante da realidade.

A experiência com famílias moradoras em comunidade popular leva a crer que um estudo sobre a vivência de família, conforme proposto nesta pesquisa, se justifica por contribuir para a compreensão mais profunda sobre os elementos estruturantes da sua vivência de família, por meio da consideração dos aspectos subjetivos (através das unidades de significado) evidenciados pelas pessoas entrevistadas. Isso possibilitará o conhecimento dos fatores de risco, promotores de crises na família, bem como daqueles elementos que propiciam o fortalecimento da mesma, colaborando, portanto, para a compreensão de seu potencial para o crescimento, mediante o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento das diversas instabilidades e adversidades do ciclo de vida familiar.

Espera-se que os resultados possam colaborar com a elaboração de estratégias de atendimento à população mais pertinentes com as suas necessidades reais (o que nem sempre acontece com os projetos desenvolvidos junto a populações pobres). Muitas vezes, a perspectiva dos programas públicos de assistência às famílias de baixa renda se fundamenta numa concepção de família distinta daquela da família real, que tem necessidades, potenciais, cultura e características próprias. Em diversas ocasiões, tais discrepâncias entre a proposta de tais programas e os aspectos objetivos e subjetivos da realidade da população assistida são reproduzidas também na postura de alguns profissionais. Preconceitos, referências unilaterais sobre família, saúde, valores e outros aspectos são comuns, e só servem para aumentar a distância entre o profissional e a população atendida. A experiência no campo me mostrou que, ao se negligenciar a perspectiva da pessoa atendida, desconsiderando-se os aspectos que ela vivencia como significativos, a qualidade dos serviços prestados fica comprometida, correndo-se o risco, inclusive, de cair no vazio.

Desse modo, o objetivo desta pesquisa foi investigar a vivência de família a partir da perspectiva de pessoas moradoras do Conjunto Santa Maria, comunidade popular da cidade de Belo Horizonte (MG), incluindo tudo o que for

significativo para elas, tanto em termos passados, quanto presentes e futuros. Não houve uma hipótese prévia, ou a pretensão de enfatizar algum aspecto particular da caracterização da família de comunidade popular. A proposta foi estabelecer um diálogo com os entrevistados, de modo a facilitar a expressão de sua experiência mais íntima de família, buscando o reconhecimento dos elementos vivenciais significativos, ou seja, as unidades de sentido. Pretendeu-se chegar a uma descrição da vivência de família, o que seria de grande valia para a compreensão dos fatores envolvidos na relação familiar daquelas pessoas. Para tanto, foi utilizado o método fenomenológico de pesquisa, conforme explicitado posteriormente.

Estima-se que essa investigação não apenas irá colaborar para o avanço do conhecimento científico sobre as famílias desse segmento social, como também ampliará a consciência das pessoas envolvidas sobre a sua vivência de família. Em última instância, espera-se que seus resultados contribuam para o delineamento de estratégias de assistência à saúde da população de baixa renda de modo mais pertinente à sua realidade, bem como para a emergência de novas questões sobre o âmbito da família a serem aprofundadas em pesquisas posteriores.

Diante dessa proposta, sistematizamos um percurso ao longo do presente trabalho visando ao fornecimento da fundamentação necessária à investigação do tema “família”, a partir da perspectiva teórica por mim adotada.

No Capítulo 1, é apresentada a experiência do projeto de extensão *Inserção do Psicólogo no Programa Saúde da Família*, no qual foram desenvolvidas diversas modalidades de atendimento psicológico, fundamentadas na abordagem gestáltica. É enfatizada a descrição dos grupos terapêuticos, contexto a partir do qual a questão desta pesquisa se tornou mais evidente.

O Capítulo 2 versa sobre a família, expondo-se alguns recortes sobre a família brasileira, a concepção de família adotada neste trabalho e a caracterização da família pobre apresentada por estudiosos sobre esse tema. Vale ressaltar a contribuição da antropóloga Cynthia Sarti, cujas idéias se constituem num importante referencial para a presente pesquisa.

No Capítulo 3, a vivência é abordada segundo a perspectiva fenomenológica. Para tanto, são apresentados alguns princípios básicos da fenomenologia, segundo Edmund Husserl, filósofo precursor desse movimento

filosófico. Há também um esclarecimento acerca da distinção entre os conceitos de vivência e experiência.

No Capítulo 4, a pesquisa fenomenológica é apresentada como método de acesso à vivência de família. São descritas as especificidades do método fenomenológico e sua aplicação no campo de pesquisa das vivências. Também foram explicitados os procedimentos da presente pesquisa. Há a descrição do Conjunto Santa Maria, comunidade em que ela foi realizada, das três pessoas entrevistadas, da coleta e da análise dos dados.

O Capítulo 5 trata dos temas representativos da vivência de família e da análise das entrevistas de cada um dos entrevistados. São apresentados três quadros (um referente a cada entrevista), compostos pelos trechos da entrevista relevantes para a pesquisa, pela síntese do significado e pela expressão do significado como um vivido (intencionalidade). A sistematização dos dados destaca as unidades de sentido apreendidas nas entrevistas, que permitem a descrição da estrutura das vivências.

No Capítulo 6, as análises anteriores são apresentadas numa estrutura global. Esta possibilita a articulação de um diálogo entre a vivência de família captada nos depoimentos das pessoas entrevistadas com os autores que contribuíram para a fundamentação teórica da presente pesquisa, revelando as interseções e as particularidades do encontro entre a comunidade e a academia, conforme promovido neste estudo.

Nas considerações finais, são salientados alguns aspectos fundamentais da trajetória desenvolvida, é apresentada uma reflexão sobre a vivência de família a partir dos depoimentos das pessoas entrevistadas e sobre a relevância de se investigá-la. Também são apresentadas conclusões a partir dos resultados obtidos e reflexões sobre possíveis contribuições da psicologia na assistência a comunidades populares, finalizando com propostas de novos estudos.

Um breve retorno às origens

Os questionamentos que suscitaram a elaboração da presente pesquisa se originaram na minha experiência de campo, como coordenadora do projeto de extensão *Inserção do Psicólogo no Programa Saúde da Família*, desenvolvido entre 1998 e 2004, com a participação de alunos do curso de graduação em psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

O Programa Saúde da Família foi criado pelo Ministério da Saúde, em 1994, constituindo-se numa proposta de mudança do paradigma centrado na atenção secundária à saúde (voltado para o tratamento de doenças e, conseqüentemente, enfatizando a figura do médico), para outro que prioriza a atenção primária à saúde, ressaltando a prevenção e valorizando todos os profissionais que compõem a equipe de saúde. Assim, de acordo com a Constituição Federal de 1988, que definiu como princípios do Sistema Único da Saúde a universalização, a integralidade, a descentralização, a hierarquização e a participação popular, o PSF foi implantado priorizando as ações de prevenção, promoção e recuperação da saúde de forma integral e contínua. A equipe de saúde é composta, no mínimo, por um médico, uma enfermeira, uma auxiliar de enfermagem e de quatro a seis agentes comunitários de saúde. Os atendimentos são realizados nas Unidades Básicas de Saúde (Centros de Saúde) ou nos domicílios, exercendo-se o “princípio de vigilância à saúde” e o estabelecimento de vínculos de co-responsabilidade na identificação e no atendimento aos problemas de saúde da comunidade. É possível a inserção de outros profissionais da área de saúde na equipe, em função da necessidade da comunidade assistida e da disponibilidade da equipe para tal inclusão (Ministério da Saúde, 2007).

Foi a partir disso que teve início o referido projeto de extensão em Vespasiano (MG). Ele teve como objetivos:

1. Prestar assistência psicológica a pacientes diabéticos e hipertensos freqüentadores do PSF em Vespasiano, a fim de que eles pudessem desenvolver suas potencialidades, de modo a usá-las da forma mais

adequada ao atendimento de suas necessidades. Esperava-se, com isso, beneficiar não apenas o seu quadro clínico, mas também despertá-los para seu potencial na construção de uma vida com mais qualidade;

2. Atuar junto à equipe do PSF, colaborando com outros profissionais da Saúde, visando a integrar esforços, estimular a reflexão e a troca de informações sobre a população atendida, de modo a facilitar sua avaliação e evolução clínica;
3. Proporcionar aos estudantes de psicologia a possibilidade de aplicação dos conhecimentos clínicos obtidos no curso no contexto comunitário, numa atuação tanto terapêutica quanto preventiva, mediante o atendimento supervisionado dos pacientes e do trabalho desenvolvido junto à equipe interdisciplinar.

A abordagem gestáltica foi o referencial teórico que fundamentou o trabalho. A metodologia utilizada foi composta por atendimentos individuais, visitas domiciliares, psicoterapia de grupo, grupos terapêuticos, grupos informativos, reuniões de equipe, interconsultas, apresentação do teatro informativo *Histórias por um fio: Falando sobre terapia de grupo* e supervisão. As atividades desenvolvidas foram realizadas por estagiários do curso de graduação em Psicologia da FAFICH/UFMG selecionados por mim enquanto coordenadora do projeto de extensão (no total, 49 estagiários participaram do projeto). Assim, em cada uma das nove equipes do PSF em Vespasiano, além dos profissionais da área de saúde que compunham a equipe mínima exigida pelo Ministério da Saúde, havia um estagiário de Psicologia atuando sob minha supervisão (Cardoso, 2001, 2002; Cardoso & Santos, 2000; Cardoso, Mayrink & Santos, 2004).

É importante salientar que o enfoque do projeto de extensão se deu a partir da Psicologia Clínica, de forma semelhante àquela descrita por Amatuzzi, Echeverria, Brisola & Giovelli (1996) como “(...) um debruçar-se sobre aquelas pessoas no seu próprio ambiente comunitário, um ‘inclinarse’ atencioso, para com elas refletir sobre as questões psicológicas tais como emergiam de sua experiência vivencial” (pp. 46-47).

1.1

A Abordagem Gestáltica e a Proposta de Trabalho com Grupos

Com o objetivo de situar melhor a questão da presente pesquisa sobre a vivência de família em contexto de pobreza, faz-se necessária a explicitação da estrutura e da dinâmica dos grupos terapêuticos, contexto a partir do qual ela surgiu. Nesse sentido, farei uma breve descrição da concepção gestáltica de grupo, adotada ao longo do projeto de extensão *Inserção do Psicólogo no Programa Saúde da Família*, pois foi no trabalho com aqueles grupos que o tema “família” se evidenciou, despertando em mim o interesse em realizar a presente pesquisa.

1.1.1

A Abordagem Gestáltica

Por fugir ao escopo deste estudo o aprofundamento da teoria gestáltica, apresentarei apenas os pressupostos que forneceram o referencial teórico do projeto de extensão *Inserção do Psicólogo no Programa Saúde da Família*, enfatizando aqueles utilizados no trabalho com os grupos terapêuticos.

A fundamentação filosófica da abordagem gestáltica baseia-se em princípios do humanismo, do existencialismo e da fenomenologia. O homem é concebido como um ser de possibilidades e de potencialidades, as quais devem ser valorizadas ao longo do processo terapêutico. Também é considerado como um ser livre para fazer as escolhas de seu projeto de vida, pelas quais deve se responsabilizar. Além disso, é um ser dotado de consciência ativa que atribui a tudo um sentido (conceito fenomenológico de “intencionalidade da consciência”). Assim, toda consciência implica um objeto e todo objeto implica uma consciência a qual lhe atribui um sentido particular. Na prática, isso significa que cada pessoa percebe o mundo a partir de sua própria perspectiva. No grupo, não há uma perspectiva melhor ou mais correta que a outra (nem mesmo a do coordenador). Portanto, cada pessoa deve buscar sua própria referência sobre o tema em questão e se situar diante do mundo a partir dessa experiência (Ribeiro, 1985, 1999).

Quanto ao referencial teórico, a gestalt-terapia recebeu diversas influências, dentre as quais destaco a psicologia da gestalt, a teoria organísmica de Kurt Goldstein e a teoria de campo de Kurt Lewin, que contribuíram para os

conceitos de figura-fundo, totalidade, auto-regulação organísmica (homeostase), presentificação da experiência, contato, *awareness* e fronteira de contato, dentre outros. Outra referência importante foi a filosofia dialógica, proposta pelo filósofo existencialista Martin Buber, que sustenta a compreensão gestáltica da relação terapêutica.

A gestalt-terapia concebe o homem como um ser em relação consigo mesmo e com o mundo, num constante vir-a-ser e sempre existindo num campo circundante. A partir dessa condição humana, o contato é considerado a matéria-prima da relação humana. Perls, Heferline & Goodman (1997), no primeiro livro publicado sobre gestalt-terapia (original em 1951), sustentam que todo organismo vive em função da manutenção do diferente, sendo pela assimilação desse diferente que o organismo cresce e se desenvolve. O contato é justamente essa troca com o meio (na chamada fronteira-de-contato) que permite a mudança. O diferente não é introjetado passivamente pelo organismo, mas é assimilado, respeitando as características daquele, num processo de ajustamento criativo. Os autores ressaltam que esse processo ocorre desde as formas vivas mais simples até as mais complexas, incluindo o homem. Abarca desde as funções mais objetivas, como a respiração, como as mais subjetivas (constituição do eu e aquisição da cultura, por exemplo).

Coerente com esse conceito de contato, Ribeiro (1995) afirma que “o modo como uma pessoa faz contato consigo e com o mundo expressa igualmente o grau de individuação, maturidade e entrega com que alguém vive em um dado momento.” (p. 7)

Quanto mais a pessoa se conecta com sua experiência presente, maior sua possibilidade de estabelecer um contato pleno. Esse conceito é fundamental no trabalho com grupos, pelo fato deste se constituir num campo onde a pessoa se defronta com a diversidade nos mais variados aspectos, estabelece relações, experimenta o inesperado e revê sua própria referência.

Perls et al (1997) propõem que, na medida que a pessoa aumenta seu contato consigo mesma e com o mundo, ela amplia também sua capacidade de *awareness*, definida como uma força integradora da estrutura da experiência imediata, seja no nível sensorial, muscular, vegetativo ou afetivo. As alienações, os bloqueios e as resistências geram desconexões entre a pessoa e o mundo,

diminuindo sua capacidade de reconhecimento de si nas relações. *Awareness* implica em contato, mas nem todo contato implica em *awareness*.

Yontef (1993) define *awareness* como “uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento de maior importância no campo indivíduo/meio, com total suporte sensório-motor, emocional, cognitivo e energético.” (p. 245)

Não existe na língua portuguesa uma palavra que exprima o significado de *awareness*, por isso os teóricos mantiveram a palavra original. A palavra mais próxima é conscientização, mas ela não explicita o sentido de contato, excitação, fluxo e livre formação de gestalten, implícito neste conceito. Assim, o objetivo maior da abordagem gestáltica é ajudar a pessoa a restabelecer sua capacidade de se tornar *aware*.

1.1.2

A Concepção de Grupos na Abordagem Gestáltica

A concepção gestáltica de grupo que adotei ao longo do trabalho em Vespasiano se baseia, principalmente, nas contribuições da teoria de campo e na fenomenologia, buscando facilitar nas pessoas a capacidade de se tornarem mais *aware* de si mesmas. Perls et al. (1997) enfatizam a relação constante entre organismo e meio ao sustentarem que a experiência é função da fronteira entre ambos. Eles afirmam:

Em toda ou qualquer investigação biológica, psicológica ou sociológica temos que partir da interação entre o organismo e seu ambiente. Não tem sentido falar, por exemplo, de um animal que respira sem considerar o ar e o oxigênio como parte da definição deste, ou falar de comer sem considerar a comida, ou de enxergar sem luz, ou de locomoção sem gravidade e um chão para apoio, ou da fala sem comunicadores. (PERLS et al., 1997, p. 42)

A noção de campo engloba tanto o organismo quanto o ambiente. Yontef (1993) define campo como “uma totalidade de forças mutuamente influenciáveis que, em conjunto, formam um todo interativo unificado” (p. 297). Nesse sentido, a abordagem de campo é holística, pois todos os eventos que nele ocorrem resultam da interação das forças presentes, configurando-se, portanto, numa teia sistemática de relacionamentos. Isso implica que os fenômenos são integrados e

determinados pelo campo todo. Assim, trabalhar nessa perspectiva é descrever a totalidade, da qual os eventos e as pessoas são apenas uma parte. Mais do que segmentar, classificar ou interpretar, trata-se de observar, descrever e compreender a rede de relações entre as partes que o compõem.

Robine (2001) considera que o conceito de campo tem aproximação com a fenomenologia, em razão de ele se referir ao espaço vital das percepções, ações, sentimentos e significados de cada pessoa. Portanto, o que uma pessoa experimenta como campo, dificilmente será experimentado por outra, em função de suas próprias vivências. Essa perspectiva me permite dizer que, apesar das aparências, vivemos em mundos completamente diferentes.

Nesse prisma, sujeito e objeto deixam de estar em oposição, pois a experiência inclui o sentido produzido pela pessoa no seu ambiente. Assim, torna-se impossível falar de um campo (situação ou evento) como possuidor de uma realidade independente e objetiva, separada da experiência que a pessoa tem dele. Para conhecer a experiência que se tem do campo é preciso conhecer a perspectiva da pessoa.

Esses pressupostos são de grande valia para a compreensão dos fenômenos grupais na abordagem gestáltica, pois ressaltam a relação, a atividade e as forças dinâmicas experimentadas no grupo. As influências entre cada participante e aquelas do grupo como um todo são mútuas, múltiplas e complexas. Os eventos experienciados são co-construídos pela interação entre os estímulos e a reflexão que se tem deles. Isso impossibilita que se tenha uma única perspectiva válida do grupo, mas tantas quantas forem seus integrantes. O máximo que se pode fazer é atualizar as experiências destes para conhecê-las, saber seus sentidos e quais se aproximam, pois o grupo é um campo construído momento a momento, constantemente (Fairfield, 2004).

Essa concepção de grupo prioriza a dimensão processual, que compreende o grupo como um fenômeno em constante transformação, a partir das relações estabelecidas entre seus membros e entre o próprio grupo e o contexto no qual ele ocorre. Sua realidade externa (o que acontece a cada momento tanto no nível verbal quanto no não-verbal, bem como as contingências do lugar onde ele ocorre) afeta a realidade interna de cada um dos seus membros (incluindo a do coordenador). Da mesma forma, as vivências e os processos internos de cada participante transformam a realidade do grupo como um todo. Assim, trata-se de

uma totalidade cujas partes são interdependentes, sejam elas conscientes ou inconscientes, coerentes ou divergentes, claras ou ambíguas.

Ribeiro ilustra isso ao afirmar que:

O grupo é uma realidade maior e diferente da soma dos indivíduos que o compõem. Tem tudo o que eles têm e transforma esse conteúdo em um continente de imensas e vastas possibilidades. O grupo é um fenômeno cuja essência reside no seu poder de transformação, no seu poder de escutar, de sentir, de se posicionar, de se arriscar a compreender o processo de significação do viver e do responsabilizar-se. (RIBEIRO, 1994, p. 10)

A proposta de Yalom (1995) sobre trabalhos com grupos também serviu como referencial teórico nas atividades desenvolvidas no projeto de extensão em Vespasiano, especialmente no que concerne aos fatores terapêuticos do grupo propostos pelo autor: instilação de esperança, universalidade, oferta de informações, altruísmo, desenvolvimento de técnicas de socialização, reedição corretiva do grupo familiar primário, comportamento imitativo, catarse, fatores existenciais, coesão grupal e aprendizagem interpessoal. Eles propiciaram a compreensão do material emergente ao longo do processo grupal, bem como em situações específicas da interação dos participantes.

Essa concepção descrita anteriormente teve forte influência na minha maneira de propor e de conduzir os grupos no trabalho de campo. Desde os seus objetivos, até a forma como os temas foram escolhidos, busquei valorizar a perspectiva de seus participantes, resgatar e legitimar sua experiência conforme explicitada por eles durante o encontro. E foi justamente essa postura fenomenológica de abertura, facilitação e de confirmação das pessoas que me possibilitou captar o tema “família” como central em suas experiências, conforme descreverei a seguir.

1.1.3

Os Grupos Terapêuticos

Na experiência do projeto de extensão, o grupo foi se fortalecendo (em comparação às outras modalidades de atendimento), devido à procura da comunidade por esse tipo de assistência. Inicialmente, propus grupos de psicoterapia e grupos de espera no dia em que eles compareciam ao Centro de

Saúde para controle da glicemia e/ou pressão arterial. Entretanto, tais grupos de espera tiveram um aumento progressivo de participantes, sendo que alguns destes, inclusive, passaram a frequentar os grupos mesmo nos dias em que não estava agendada sua consulta médica. Com essa adesão dos pacientes, a dinâmica dos encontros foi se modificando e passei a chamá-los de grupos terapêuticos, os quais tinham objetivos distintos daqueles dos grupos de espera, conforme explicito a seguir.

Os grupos terapêuticos se davam da seguinte forma: os pacientes compareciam regularmente ao Centro de Saúde Pública para realizarem o controle da glicemia e/ou da pressão arterial junto à equipe de saúde. Eram pessoas simples, usuárias do Serviço Público de Saúde, moradoras da região mais pobre de Vespasiano e, em sua maioria, com mais de 40 anos. Enquanto aguardavam a consulta, eram convidadas a participar do grupo da Psicologia (eventualmente, elas participavam de grupos com outros profissionais da área de saúde). Eles eram temáticos, com cerca de 60 minutos de duração, sem continuidade entre eles, com composição flutuante, tema previamente definido e esgotado a cada encontro. Tinham como objetivo ampliar a conscientização das pessoas assistidas sobre suas experiências, facilitar a comunicação e resgatar a responsabilidade delas não apenas em relação à doença e ao tratamento, mas também em relação à sua vida de modo geral. Em outras palavras, buscava-se trabalhar a experiência de seus membros a partir do material emergente, enfocando o aspecto emocional, as crenças e ações de cada pessoa, tendo também conotação pedagógica, na medida em que, ocasionalmente, eram difundidas informações.

A experiência me mostrou que as pessoas frequentemente são desacreditadas e desconfirmadas no seu saber e no seu conhecimento de vida, o que elas, muitas vezes, ampliam para si mesmas como um todo e para os diversos aspectos de sua vida. A postura fenomenológica, proposta pela abordagem gestáltica, de acolhimento, de disponibilidade para escutar genuinamente as pessoas atendidas e o interesse por suas vivências, bem como a valorização da experiência de vida dos participantes do grupo, permitiram uma aproximação maior entre estes e os estagiários de psicologia. Diversas vezes, as pessoas disseram se sentir mais à vontade para falar de sua história e de questões ligadas à doença no grupo, do que na consulta médica. Acreditamos que isso ocorreu devido à legitimação da experiência de cada pessoa e ao respeito pela diferença,

conforme propõem a teoria de campo e a fenomenologia (Fairfield, 2004; Ribeiro, 1994). Isso facilitou o acesso do estagiário às experiências das pessoas assistidas e à sua compreensão de mundo. Além disso, o grupo foi reconhecido por diversos participantes como uma oportunidade para pensar sobre a vida e os problemas cotidianos, aprender com a diversidade de perspectivas dos outros integrantes do grupo e aprofundar seu autoconhecimento.

A partir dessa postura fenomenológica de abertura para abordar nos grupos as questões que mais mobilizavam as pessoas, foi trabalhada uma ampla gama de temas, todos apontados nos encontros como experiências significativas e mobilizadoras por parte dos pacientes como, por exemplo, a vivência de ser diabético ou hipertenso, os sentimentos, a experiência religiosa, a preocupação, o autocuidado, a avaliação dos grupos propostos pela Psicologia e a experiência de fazer uso contínuo de remédios, dentre outros. Eles serviam apenas como um estímulo para a expressão dos participantes em relação àquilo que vivenciavam no momento. Quando emergia uma questão que mobilizava mais o grupo, era essa a ser aprofundada, mesmo sendo distinta do tema proposto inicialmente. Além do diálogo, eram utilizados recursos expressivos (lápiz coloridos, papel, revistas, colagens, etc.) visando a facilitar o contato e a expressão das pessoas sobre sua experiência, o que originou um registro interessante a partir do que ocorreu nos grupos. Aos poucos, mesmo as pessoas que não estavam agendadas para consulta médica iam ao Centro de Saúde para participar dos grupos terapêuticos.

O único tema definido previamente por mim, enquanto coordenadora do projeto de extensão, era a “apresentação”. Sempre que um estagiário iniciava sua participação numa equipe, no primeiro encontro com o grupo ele propunha uma dinâmica que tinha como objetivo facilitar a apresentação dele e dos participantes. Na supervisão, nós conversávamos sobre os temas que emergiram nesse primeiro encontro e, a partir desse material, definíamos qual seria o tema do segundo encontro, e assim, sucessivamente. Todos os temas sugeridos aos grupos foram escolhidos dessa forma. Então, por exemplo, numa “dinâmica da apresentação”, os participantes falaram muito sobre a importância de cuidar dos sentimentos, além do corpo e da alma, para melhorarem sua saúde. Então, o próximo grupo teve como objetivo facilitar a expressão dos sentimentos experimentados por eles. Nessa ocasião, em especial, falou-se muito sobre “preocupação”. Alguns chegaram a verbalizar que não dava para controlar a pressão ou a glicemia com

tanta preocupação. Propusemos, então, outro grupo acerca desse tema, solicitando, após um aquecimento inicial, que eles expressassem da melhor forma (falando, desenhando ou selecionando uma figura, por exemplo) sua experiência de “preocupação”. Perguntas como “O que é essa ‘preocupação’?”, “Como ela acontece na sua vida?”, “O que você pode nos falar ou nos mostrar dela nesse momento?” eram feitas a fim de facilitar o contato dos participantes com sua vivência do tema, bem como seu depoimento para os demais membros do grupo. Foi ao falar sobre a preocupação, mais do que sobre outros temas, que a “família” surgiu de modo mais intenso.

Como coordenadora do projeto de extensão solicitei a todos os estagiários que escrevessem um relatório ao final das atividades, com a descrição detalhada das mesmas, o qual me era entregue nas supervisões. No caso dos grupos, além desse relatório, recebi inúmeras colagens e desenhos confeccionados pelos seus participantes, que eles preferiram deixar com o estagiário. Isso propiciou um grande acervo das produções criadas por eles ao longo do projeto de extensão. Foi ao consultar esse material que percebi que a família era um tema sempre presente nos grupos, direta ou indiretamente, mesmo que não se tratasse do principal assunto proposto no encontro. Com isso, propus grupos com o objetivo de investigar a vivência deles de família, e foi a partir dessa experiência de campo que evidenciei importância de realizar uma pesquisa sobre esse tema em uma comunidade popular (Cardoso & Féres-Carneiro, 2007).

2

A Família

2.1

Recortes sobre a Família Brasileira

Etimologicamente, família deriva da palavra *famulus*, que significa “escravo, criado”. Almeida (1987) associa esse significado ao fato de que, na Antigüidade Clássica, o patrimônio da *pater familias* era composto não apenas pela esposa e filhos, mas também pelos escravos, agregados e bens móveis e imóveis, vinculando, portanto, o patriarcalismo à propriedade privada. Vale ressaltar que a sexualidade do homem se manifestava fora dessa esfera familiar. Essa concepção sofreu uma modificação a partir do Cristianismo, que alterou a moral familiar pela imposição do casal através da instituição do casamento. Assim, o sexo passou a ter uma conotação negativa, servindo apenas para a procriação; houve um incentivo à recusa do prazer; e, à mulher, foi delegado um papel de obediência, de submissão e de silêncio.

Samara (1987) realizou uma revisão crítica da análise histórica da família brasileira, afirmando sua importância na interpretação do passado brasileiro e na compreensão das funções sociais e econômicas desempenhadas pela família desde o Brasil Colônia. Ela mostra a família brasileira como sendo patriarcal em sua origem, em virtude da transferência e adaptação da família portuguesa para o Brasil ainda na condição de colônia, conferindo-lhe características essencialmente conservadoras, cujos resquícios podem ser encontrados na concepção familiar atual. Entretanto, a autora constata formas de organização diversificadas nos diferentes segmentos sociais, impossibilitando, desde aquela época, a caracterização da família brasileira em função de um único modelo. Assim, os arranjos familiares predominantes no início do séc. XIX no sul do país (extensas do tipo patriarcal) eram diferentes daquela composição mais comum no estado de São Paulo (patriarcal, mas não extensa) ou mesmo no nordeste (patriarcal e escravocrata, com um núcleo doméstico, além do consangüíneo).

Essa crítica à generalização do modelo de família patriarcal colonial também é feita por Almeida (1987), que a descreve como poligâmica, escravista e baseada na produção rural. Ela seria, portanto, um tipo de matriz que atravessa todo o campo social, repercutindo em diversas formas de configuração familiar (desde os escravos ao homem branco), do Brasil Colônia até os dias atuais. Além disso, se constituiria numa célula básica da nossa sociedade com repercussões na esfera política (clientelismo e populismo), nas relações de trabalho e poder (favorecimentos e feudos políticos em oposição aos direitos dos cidadãos) e nas próprias relações interpessoais (desrespeito à privacidade e à independência do indivíduo imposto pela personalidade “cordial” do brasileiro, sob a forma de uma falsa intimidade).

Neder (2002) afirma não haver uma fundamentação nem histórica, nem antropológica que sustente um modelo padrão de organização familiar ou de “família regular”. Diante disso, a autora propõe a referência a “famílias”, no plural, em consideração à multiplicidade étnico-cultural, que fundamenta a composição demográfica brasileira, e ao respeito à diferença. No entanto, esta multiplicidade não está isenta de conflitos e tensões. Historicamente, ela menciona a fundação da República como um momento de impasses, visto a necessidade de formação da nacionalidade e da cidadania, agregando as três raças (branca, negra e índia), o que incluía uma parcela de ex-escravos e de miscigenados de origem indígena e africana. Esse projeto de um novo país incluía um modelo de organização da família moderna, a “nova família”, que se caracterizava pelo padrão nuclear burguês e por hábitos inspirados nos modismos da *belle-époque* francesa e no conservadorismo inglês. À “nova mulher” coube um papel de mãe educadora e de suporte do homem para que este pudesse assumir as responsabilidades de trabalho fora de casa. Entretanto, a autora ressalta que esse projeto estava voltado para a família branca, de origem européia, excluindo os setores populares, em função do “medo branco” diante das massas de ex-escravos com sua liberdade recém-adquirida.

Outras interferências externas sofridas pela família são apontadas por Sarti (2003a), desde a Revolução Industrial, que separou o mundo do trabalho do mundo privado da família e provocou muitos efeitos sobre ela, em função dos diversos avanços tecnológicos gerados a partir daquela época. Ela aponta como influências mais recentes sobre a família o advento da pílula anticoncepcional, a

reprodução assistida (fertilização *in vitro*, inseminação artificial, etc) e mudanças de ordem diversa, como os exames de paternidade, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Constituição Federal de 1988 (com a alteração do estatuto legal da família, tornando a sociedade conjugal igualmente de responsabilidade entre homem e mulher, e o fim da diferenciação entre filhos legítimos e ilegítimos, por exemplo). Os impactos e transformações significativos ocasionados por esses e outros fatores promoveram diferentes respostas sociais e culturais, dificultando, portanto, a manutenção de um modelo único e naturalizado de família. Assim, esta se constituiria num terreno de ambigüidades e tensão, pois tais mudanças em curso não foram acompanhadas pela concepção de família como vinculada à “natureza biológica do ser humano”, especialmente ratificadas pelos dispositivos disciplinares vigentes em nossa sociedade tais como os jurídicos, médicos, psicológicos, religiosos e pedagógicos.

Essas mudanças na configuração familiar brasileira foram evidenciadas no Censo Demográfico realizado no país em 2000, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005). A pesquisa mostrou que em 2000 (dados mais recentes publicados), mais da metade das famílias brasileiras (55,4%) era formada pelo casal com seus filhos, obedecendo ao modelo de família nuclear, principalmente nos municípios com população de até 20 mil habitantes (57,4%).

A pesquisa revelou ainda que, das 48,2 milhões de famílias existentes no Brasil, 26,7% estavam sob a responsabilidade da mulher, correspondendo a 12,8 milhões de famílias, fenômeno ocorrido predominantemente nos grandes municípios (14,4%). Nos municípios menores, esse tipo de arranjo familiar representou 10,1% do total. Esses resultados, quando comparados com o censo de 1990, mostram um aumento na porcentagem das mulheres que exerciam a função de chefes de família: elas eram responsáveis por 7,7 milhões de famílias, ou 20,5% do total de 37,5 milhões. A maioria das mulheres responsáveis por domicílios não tinha marido ou companheiro. Apenas 1,8 milhão delas (do total de 12,8 milhões) viviam com o cônjuge. Havia 17,3 milhões de filhos ou enteados e 2,1 milhões de netos ou bisnetos vivendo sob a responsabilidade de mulheres. Enquanto isso, entre os 35,3 milhões de homens responsáveis por famílias, 31,5 milhões contavam com a presença da esposa ou companheira. Havia 58,4 milhões de filhos e enteados e 2 milhões de netos e bisnetos vivendo com responsáveis homens. O IBGE atribui o crescimento do tipo de família monoparental feminina

(mulher responsável, sem cônjuge) em função de dois fatores principais: a elevada expectativa de vida da mulher, oito anos mais alta que a do homem, e a maior autonomia econômica adquirida nas últimas duas décadas.

Também foram constatadas mudanças no tamanho das famílias, as quais vêm sofrendo reduções sistemáticas como reflexo da queda da fecundidade. Em 1980, as famílias brasileiras eram compostas por 4,5 pessoas, em média. Em 1992, o tamanho médio passou para 3,7 pessoas e, em 2001, obteve-se a média de apenas 3,3 membros. Em termos regionais, a média mais elevada se encontra nas regiões Norte e Nordeste, ambas com média de 3,7 componentes por família, enquanto no Sul e no Sudeste o tamanho médio é 3,2 pessoas.

Além dessas mudanças nos padrões de organização familiar no Brasil, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2001 mostraram que, nas duas últimas décadas, no Brasil, o tipo predominante de família ainda é composto pelo casal com seus filhos (53,3% em 2001), mas a participação desse arranjo no total caiu desde 1992 (59,4%), seguindo uma trajetória de queda já verificada nas últimas décadas.

Essas transformações na caracterização e na configuração da família brasileira propiciam uma diversidade de questões sobre o tema família, a começar pela sua própria conceituação.

2.2

Sobre o Conceito de Família

Tanto as questões apontadas pela literatura sobre o tema, quanto os dados levantados pelas pesquisas mostram que a complexidade do tema “família” é indiscutível, repercutindo na dificuldade de se obter uma definição universal e globalizadora. Ao mesmo tempo, é fundamental que o profissional interessado em estudar famílias, ou em trabalhar com elas, possua algum tipo de concepção das mesmas. A tentativa de conceituar a família implica a escolha de uma área específica (Antropologia, Psicologia, Sociologia, Serviço Social, Direito) e, dentre elas, a opção por uma abordagem específica. No campo da Psicologia Clínica, os principais eixos de referência teórica são a psicanálise e a teoria sistêmica.

Costa (1999), após apresentar diversas definições de família, tanto na perspectiva das teorias de reconstrução histórico-hipotética (numa visão da

Sociologia e da Antropologia), quanto das teorias psicanalítica e sistêmica, afirma que nenhuma delas abarca a totalidade da família enquanto fenômeno social. Ele sustenta que:

cada família é uma família na medida em que cria seus problemas particulares e estrutura suas formas específicas de lidar uns com os outros, com suas próprias percepções sobre esse universo e com o mundo externo, concreto, além de seus vínculos. (...) não existem famílias, mas configurações vinculares íntimas que dão sentimento de pertença, habitat, ideais, escolhas, fantasmas, limites, papéis, regras e modos de comunicar que podem (ou não) se diferenciar das demais relações do indivíduo humano no mundo. (COSTA, 1999, p. 76, grifos do autor)

É evidente que a família, ao longo dos anos, vem sofrendo outras influências, tais como o processo de urbanização, as variações do mercado de trabalho, os reflexos da mídia, as crises sociais, etc. Não obstante, é inquestionável sua importância na formação dos cidadãos e na constituição da sociedade como um todo. Apesar da diversidade de opiniões sobre esse tema, os estudiosos da área convergem quanto a considerar a família como um sistema fundamental no processo de formação da subjetividade e na formação da sociedade. É nela que, independente do contexto social no qual está inserida, são trocadas experiências, estabelecidos os primeiros relacionamentos (inclusive aqueles de intimidade), experimentados conflitos, desenvolvidas as habilidades, aprendidos os valores culturais e as normas para a convivência (Carvalho, 2002; Costa, 1999; Sarti, 2003a, 2003b; Szymanski, 2002; Velho, 1987).

Valente (2003) sintetiza essa função formadora ao afirmar que “família é fábrica de gente. É na família que se aprende a ser homem ou mulher, que se aprende a amar, a ter disciplina e a respeitar regras” (p. 15).

Partindo dessa perspectiva, entendo ser fundamental a consideração da família a partir da perspectiva de quem a constitui. Assim, concordo com a concepção de família proposta por Sarti (2003a), a qual a concebe como uma categoria “nativa”, ou seja, em função do sentido que aquele que a vive lhe atribui, como um “ponto de vista”. Ela sugere:

(...) uma abordagem de família como algo que se define por uma história que se conta aos indivíduos, ao longo do tempo, desde que nascem, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios, e que será por eles reproduzida e re-significada, à sua maneira, dados os seus distintos lugares e momentos na família. Dentro dos referenciais sociais e culturais de nossa época e de nossa sociedade, cada família terá uma versão da sua história, a qual dá significado à experiência vivida. Ou

seja, trabalhar com famílias requer a abertura para uma escuta, a fim de localizar os pontos de vulnerabilidade, mas também os recursos disponíveis (SARTI, 2003a, p. 26).

A autora parte do pressuposto de que a família constrói sua própria história, na qual são expressos o significado e a explicação da realidade vivida a partir dos elementos acessíveis a seus membros na cultura a qual pertencem, tanto objetiva, quanto subjetivamente. Assim, qualquer definição sobre família não pode ser apriorística em relação à sua própria realidade, mas deve abarcar a construção que ela faz de si, de acordo com sua cultura, com suas construções simbólicas, com o espaço e tempo em que vive. A partir do que a literatura aponta e de minha experiência de campo, acredito serem pertinentes tais afirmações e possuírem um matiz diferenciado quando se pensa a família das comunidades populares.

2.3

Sobre a Família das Comunidades Populares

Sendo o Brasil um país no qual a maioria da população é pobre, torna-se fundamental que o segmento popular seja privilegiado no desenvolvimento de estudos, pois há diferenças significativas entre suas particularidades e as dos segmentos médios e altos. No Brasil, a linha de pobreza é estabelecida em meio salário mínimo de renda familiar mensal *per capita* e a linha de indigência, em ¼ do salário mínimo de renda familiar mensal *per capita*. Em geral, as comunidades populares são vinculadas, essencialmente, à falta de recursos financeiros, mas há repercussões em outras dimensões que extrapolam essa esfera. A vida das pessoas moradoras nessas comunidades caracteriza-se pela presença de vários fatores estressores (apesar de nem todos serem exclusivos deste segmento social), muitas vezes concomitantes como, por exemplo, desemprego, dependência de álcool e drogas, envolvimento com o tráfico e com o crime organizado, fome, abuso sexual, violência domiciliar e na comunidade, mortes precoces, precariedade de moradia, ausência de saneamento básico e a inexistência ou ineficiência do serviço público o qual, muitas vezes, não atende suas necessidades, nem minimamente. Somam-se a tudo isso as especificidades étnicas, culturais,

regionais e religiosas, causando impacto tanto na concepção de família, quanto na sua estrutura, dinâmica e nos aspectos mais cotidianos de sua existência.

Outro fator preponderante sobre a família de classe popular refere-se ao preconceito que uma parte da sociedade em geral tem dela, produzindo intolerância, desqualificações e outros prejuízos. Neder (2002) descreve essa situação desde a Proclamação da República, quando os negros, índios e mestiços foram vítimas de exclusão, por exemplo, na falta de acesso à propriedade da terra, pela crença arraigada no racismo biologista de que a “massa” não estava preparada, isto é, não tinha nem aptidão nem inteligência suficientes para cultivar a terra por conta própria. Com isso, no que se referia às famílias populares de origem africana, “pouco se podia fazer, pois o determinismo biológico que inferiorizava os negros conduzia a uma profunda descrença na eficácia de qualquer política social de inclusão destes setores” (p. 33). Essa lacuna foi preenchida, em parte, pela assistência prestada por setores da Igreja Católica, reforçando um modelo de “família-padrão” a partir do modelo europeu, moralista, higienizado, patriarcal e de rígidos conceitos ligados à sexualidade.

A autora ressalta também duas conseqüências da história da família popular brasileira: a primeira enfatiza que muitas das percepções construídas pelas elites ao longo da história persistem intensamente até os dias atuais; a segunda aponta para a relação pobreza-família irregular, presente, inclusive, nas políticas sociais. Ela conclui sustentando que um caminho para minimizar o preconceito e melhorar a qualidade dos serviços prestados a essa parcela da população diz respeito à valorização das diferenças étnico-culturais, mediante o aprimoramento de instrumentos que permitam o conhecimento de sua realidade e de suas características, bem como a atenção aos aspectos históricos e culturais.

Coerentes com essa perspectiva, alguns autores de diversas áreas das Ciências Humanas desenvolveram estudos sobre as famílias de baixa renda, os quais apontaram para particularidades que propiciaram o reconhecimento de uma caracterização geral: em sua maioria são extensas, chefiadas freqüentemente por mulheres, as moradias pequenas para uma família numerosa, baixa escolarização e renda insuficiente (Gomes, 1988; Hine, 1995; Oliveira & Bastos, 2000; Saleh, 2001; Sarti, 2003a, 2003b). Além disso, geralmente estão diretamente envolvidas ou sofrem intervenções de outros sistemas ou instituições de proteção ou assistência: escola, judiciário, ONG's, igrejas, Estado, etc. Os autores também são

unânicos quanto à importância de se desenvolverem mais estudos sobre esse segmento específico da população brasileira, pois, muitas vezes, as ações desenvolvidas junto a elas não condizem com sua realidade ou partem de uma concepção fragmentada de família.

Gomes (1988) realizou uma pesquisa com famílias de uma comunidade carente da periferia de São Paulo, cujo objetivo foi conhecer o significado de família a partir da observação atenta do cotidiano delas, possibilitando a descrição, análise e interpretação dos dados coletados à luz da *Dasein*-análise de Heidegger. A autora verificou uma distinção entre “família pensada” e “família vivida”, sendo a primeira referente a um conjunto de regras e diretrizes a serem seguidas na dinâmica familiar, como modos de ser na família estabelecidos previamente e apresentados como um “jeito certo” de viver em família nas diferentes situações de seu cotidiano. A segunda caracterizou-se pelos “modos de agir habituais dos membros da família, que tanto podem ser coerentes com as regras pensadas, como não.” (p. 469), revelando o modo concreto como a família vive. Em trabalho posterior (Szymanski, 2002), a família vivida foi definida como “um grupo de pessoas, vivendo numa estrutura hierarquizada, que convive com a proposta de uma ligação afetiva duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças e idosos que aparecerem nesse contexto” (p. 26). A partir dos resultados obtidos na pesquisa, a autora sustentou que essa diferenciação entre perspectivas familiares (pensada e vivida), associada às características e fragilidades pessoais, gera uma diversidade de conflitos intrafamiliares que precisa ser considerada pelos profissionais da saúde, sobretudo pelo psicólogo.

Além dessa diferenciação, outra contribuição dessa autora foi no tocante à apresentação dos aspectos constantemente presentes na experiência de viver em família das pessoas entrevistadas: a família tinha, como ponto de partida, a decisão de ser constituída em função de um fator afetivo (por exemplo, um vínculo de criação ou de apadrinhamento), e não necessariamente o laço consanguíneo; havia uma hierarquia que orientava as relações interpessoais de acordo com o critério mandar/obedecer, seja do homem em relação à mulher, seja dos mais velhos em relação aos mais novos; observou-se a existência de formas veladas e explícitas de burlar as regras vigentes no grupo familiar; ao homem era atribuída a responsabilidade pelo provimento das necessidades materiais e à

mulher cabia o cuidado com o bem-estar físico e afetivo dos filhos; o vínculo afetivo era mais intenso entre a mãe e os filhos, sendo que, em caso de separação era a mulher quem passava a assumir a responsabilidade pelas crianças (Gomes, 1988).

Os laços das famílias moradoras numa comunidade popular da periferia de São Paulo são reportados como tendo grande importância para seus membros, conforme afirma Mello (2002). Ela distingue, pelo menos, três tipos de laços: a família nuclear própria (composta por pai, mãe e filhos), a família composta por várias famílias nucleares que moram juntas por questão de sobrevivência (pais, filhos, avós, sobrinhos, etc) e a família que inclui pessoas sem laços consanguíneos (apadrinhamento ou outros tipos de alianças). Essa diversidade de arranjos leva-a a ratificar o polimorfismo familiar como alternativas de organização (em oposição à noção de que se tratam de famílias “desorganizadas”).

Ainda no que se refere à caracterização da família menos favorecida economicamente, outra autora oferece contribuições relevantes para o presente estudo. Sarti (2003b), antropóloga, realizou uma pesquisa sobre o modo particular de construção da noção de família como uma ordem moral entre famílias pobres da periferia de São Paulo. A autora destacou o uso da categoria “pobres” por ter sido o modo como a população estudada se autodefiniu, em relação à sociedade mais ampla. Esse trabalho permitiu a distinção das seguintes características da família pobre: configuração em rede (em oposição à concepção de constituição em núcleo composto por pai, mãe e filhos), referindo-se à “rede de relações na qual se movem os sujeitos em família e que provê os recursos materiais e afetivos com que contam” (p. 28); distinção entre “casa”, cuja responsabilidade ficaria a cargo da mulher, e “família”, que seria da responsabilidade do homem, constituindo um par complementar, mas hierárquico; a não desvinculação com a família de origem a partir do casamento, especialmente em função das obrigações familiares que se mantêm; ciclo de desenvolvimento da vida familiar com rupturas frequentes, principalmente na fase de criação dos filhos, em função da instabilidade característica da vida desse segmento da população; grande número de famílias chefiadas por mulheres; vínculo mais forte entre pais e filhos; e, finalmente, circulação da criança pela rede social em que a família está envolvida. A autora afirma ainda que a família possui uma

importância central para os pobres por se constituir como rede de apoio ou ajuda mútua em função da sua condição de desamparo social.

Em trabalho posterior, a autora ressalta que a noção de família entre os pobres se dá em torno de um eixo moral, de acordo com critérios de obrigações recíprocas, sobrepondo-se às relações de parentesco e de consangüinidade. Assim, “*são da família aqueles com quem se pode contar, quer dizer, aqueles em quem se pode confiar.*” (Sarti, 2003a, p. 33, grifos da autora)

Resultados semelhantes foram obtidos por Saleh (2001) na realização de um estudo junto a famílias de baixa renda, na cidade de São Paulo, sobre suas definições acerca de quem consideravam como sua família, quais os critérios que utilizavam para definir esse grupo, como pensavam, sentiam e o que faziam em relação às diferentes demandas que surgiam no transcorrer de sua vida cotidiana. No que se refere a quem era considerado família, os filhos apareciam em primeiro lugar, seguidos pela mãe, irmãos, cunhados, netos, Deus e também por estranhos. Quanto aos critérios de pertencimento familiar, a autora obteve os seguintes junto aos entrevistados: convivência e qualidade de convivência, grau e disponibilidade para ajudar, o aspecto transgeracional (aparecendo como uma oportunidade de fazer diferente e como dificultador para as relações no presente) e fatores afetivos. A vizinhança se constituía numa rede muito presente na vida dessas famílias por viverem situações semelhantes de dificuldades materiais e afetivas e por estabelecerem um alto nível de trocas. O projeto de vida dessas famílias estava intimamente vinculado aos aspectos materiais (ter casa, comida e roupa), enquanto que o projeto para os filhos referia-se à perspectiva de estudos e trabalho.

Outro aspecto interessante revelado na pesquisa dessa autora foi no tocante às preocupações presentes no cotidiano das famílias residentes em comunidade popular, a saber: o local de moradia (na favela, tamanho reduzido, condições precárias e posse: própria ou aluguel); impossibilidade de dar aos filhos o que eles querem; violência (drogas, abuso sexual, estupro, ligação com o crime, tiroteio/bala perdida); gravidez de filha adolescente; ausência de um homem em casa e, conseqüentemente, a necessidade de criação dos filhos sozinha; falta de apoio; o tipo de amizade dos filhos e ficar na rua (a qual é vista como um local perigoso, em função das drogas, do crime e das más companhias). Outra grande

preocupação são os filhos homens, pois as filhas são mais receptivas ao diálogo e aos conselhos.

Quanto aos fatores estressores comuns no ciclo de vida familiar das famílias entrevistadas, Saleh (2001) pontuou os seguintes: desemprego, pobreza, condições precárias de moradia, violência na comunidade onde vivem, violência intrafamiliar, uso abusivo de drogas e de álcool, doença de um dos membros, gravidez de filha adolescente, saída do companheiro de casa e dificuldade de acesso à rede de atendimentos (de saúde, escolar, legal, etc). Ela sustenta que as diferentes formas de enfrentamento encontradas por essas famílias:

estão relacionadas à capacidade de manter a família unida, prover materialmente os filhos, dar uma boa educação, conseguir ter moral, ser respeitado e fazer com que os filhos não quebrem essas regras, como, por exemplo, que a filha não engravide, que o filho não caia no vício. Então, para alcançarem esses objetivos, elas apelam para a ajuda divina: fé, esperança, força de vontade. (SALEH, 2001, p. 156)

Cardoso & Féres-Carneiro (2007), a partir do relato de membros dos grupos desenvolvidos no Programa Saúde da Família, em Vespasiano (MG), no projeto de extensão que originou esta pesquisa, verificaram que as pessoas têm a família como uma referência fundamental na vida, no sentido de experiência de felicidade, suporte e promoção de equilíbrio pessoal. Pessoas chegaram a associar, inclusive, um vínculo estreito entre a qualidade de sua relação familiar e seu estado de saúde. Entretanto, ela também foi associada a experiências de conflitos entre os membros, preocupações, solidão e sofrimento. Um aspecto ressaltado pelos participantes dos grupos diz respeito à importância do diálogo entre pais e filhos, mas uma investigação mais detalhada revelou que o que eles chamavam de diálogo, trata-se de um tipo de comunicação através da qual os pais falam e os filhos obedecem. Outro elemento bastante valorizado na família é Deus, seja como referência na criação dos filhos ou como fator promotor de força e de coragem para superar as vicissitudes da vida.

Uma consideração que merece destaque é no que tange à ênfase das pessoas daquela comunidade de baixa renda à perspectiva interpessoal da dinâmica familiar, tanto no que diz respeito às expectativas e idealizações, quanto às dificuldades de relacionamento. As autoras salientam que não houve menção a sofrimentos por não possuírem uma configuração familiar idealizada (composta

por pai, mãe e filhos), mas a experiências do seu cotidiano (brigas, abandono, alcoolismo, violência, etc.). Também foram descritas situações nas quais a postura individualista de algum membro acarretava conflitos e solidão.

Outro resultado apontado se refere ao critério de pertencimento familiar:

São considerados 'da família' aqueles que colaboram com o seu cotidiano ou que estão disponíveis nas situações difíceis, não sendo contemplados os laços sanguíneos como um critério para tal pertencimento (como ocorre com alguns vizinhos, por exemplo). Essa referência à colaboração é válida também para os maridos. Aqueles que não comparecem positivamente, que bebem ou não ajudam, não são considerados como parte da família. (CARDOSO & FÉRES-CARNEIRO, 2007)

Esse trabalho apontou para o fato de que os filhos e a família de origem sempre são considerados como família. Ainda assim, há uma expectativa de respeito à hierarquia na relação entre pais e filhos, o que é experimentado com algum sofrimento quando isso não ocorre. Entretanto, são descritos relatos nos quais o marido só é considerado como membro da família dependendo do tipo de envolvimento e de contribuição que ele tem a oferecer.

Em Belo Horizonte, essa contribuição fica comprometida se considerarmos o critério de sustento financeiro da família. Num estudo cujo objetivo foi verificar a importância da participação da mulher cônjuge para a provisão familiar em famílias que vivem em situações de pobreza na capital mineira, Oliveira (2005) constatou que o homem é o provedor principal em apenas 23,7% das famílias, ao passo que a mulher provedora representa 74,5%. Ela passou a exercer a função de co-provedora (ou seja, participar com 40 a 60% da renda familiar) em 78,6% das famílias. Esses dados apontam para uma inversão dos papéis no que diz respeito ao sustento econômico, mostrando que, nas famílias pobres, a mulher substituiu o homem na posição de principal arrimo financeiro. A autora conclui que os homens desse segmento social vêm sofrendo uma redução das suas oportunidades de inserção no mercado de trabalho, aumentando, portanto, os níveis de desemprego e de sub-empregos. Já a mulher obteve essa ampliação no mercado em função das oportunidades de emprego doméstico. Essa reversão de papéis parece refletir também em outro índice trágico: o aumento da violência doméstica. Considerando-se que a função de provedor legitima uma posição de dominação sobre os demais membros da

família, na medida em que o homem perde essa condição, ele responde com atos de violência intrafamiliar.

Em outra investigação realizada nas capital mineira, Vasconcelos (1999) teve como objetivo analisar o significado da metodologia de educação popular em saúde no combate às doenças infecciosas e parasitárias e nos serviços de atenção primária à saúde no Aglomerado Morro das Pedras, região vizinha à comunidade na qual a presente pesquisa foi realizada. Por se tratar de uma pesquisa-ação, ele se inseriu num Centro de Saúde Pública que atendia a região e ampliou o seu espectro de observações. Com isso, suas reflexões foram muito além dos aspectos físicos das pessoas envolvidas no seu trabalho, pois “atuar apenas para alongar a sobrevivência biológica é um objetivo muito limitado” (p. 152). Nesse processo, o autor reconheceu a família como possuidora de um papel fundamental na formação da identidade do indivíduo e na construção da sociedade. Ele salientou que, mesmo entre as pessoas mais miseráveis, “a família mostrou-se como eixo central de sobrevivência e preservação do mínimo de felicidade e de dignidade” (p.151). Assim, os fatores da vida familiar influenciam as atitudes das pessoas na sua relação consigo mesmas e com o seu entorno.

A proximidade que o autor teve com a população daquela comunidade, a sua avaliação sobre a relação entre esta última e os profissionais do Centro de Saúde Pública, bem como o aprendizado decorrente de toda a experiência de campo estão detalhadamente apresentadas nessa obra. Porém, uma consideração que merece destaque refere-se às repercussões que a pobreza tem na infância. Como o espaço entre as casas é mínimo e os becos são contaminados por lixos e esgotos, as brincadeiras das crianças ficam restritas e marcadas pela falta de espaço. Muitas mães, inclusive, mantêm os filhos trancados em casa, como uma tentativa de protegê-los dos perigos ao redor. Com isso, a possibilidade de brincar fica restrita aos cômodos da casa (muitas vezes único e minúsculo, quando se trata de um barraco, construído com material inadequado). Com essa falta de espaço e a energia das crianças, é comum que as brincadeiras acabem tirando o sossego e gerando atritos na família, o que torna as crianças contidas ou agressivas. Mas o autor revela também que muitas crianças têm sua infância abreviada pelo trabalho precoce, seja em casa, ajudando na criação dos irmãos mais novos e assumindo a responsabilidade pelas atividades domésticas, seja na rua, fazendo biscates para colaborar com a renda familiar.

Na minha experiência de campo, adquirida na assistência psicológica a comunidades carentes, evidenciei claramente tais especificidades descritas na literatura sobre as famílias menos favorecidas socialmente. Entretanto, o que despertou minha atenção foi que, ao propiciar encontros cujo tema era a família, a partir de suas experiências, as pessoas falaram de outras situações e conteúdos, priorizando não tanto a “estrutura” de sua família, mas os sentimentos e crenças que estão vinculadas à dinâmica familiar, possibilitando uma concepção peculiar de família. Nesse momento, senti necessidade de abordar a família a partir da perspectiva da vivência de seus membros. Para isso, optei por adotar o método fenomenológico de pesquisa, conforme explicitado a seguir.

3

A Compreensão Fenomenológica das Vivências

3.1

Princípios Básicos da Fenomenologia

A fenomenologia é uma corrente filosófica cujo precursor foi Edmund Husserl, matemático e filósofo nascido em 1859 na Moravia (atual República Tcheca) e falecido em 1938. Husserl possui uma obra vasta, de difícil interpretação, com vários manuscritos ainda não publicados. Porém, sua produção literária é profundamente marcada pela preocupação com a crise das ciências, especialmente no tocante à compreensão dos fenômenos humanos.

No final do séc. XIX, a ciência e a filosofia recebiam uma intensa influência do positivismo, criado por Auguste Comte, movimento filosófico que atribuía extraordinário valor ao conceito de razão e ao método científico como forma de conhecimento legítimo, tanto do mundo quanto do ser humano. Seus pressupostos enfatizavam a ciência como a única forma de conhecimento possível e o método científico como o único válido, devendo ser utilizado em todos os campos do conhecimento. Assim, somente seriam autênticos os conhecimentos advindos de fatos observados e que permitissem a elaboração de leis gerais regentes dos fenômenos naturais. Tais leis possibilitariam a previsão dos fenômenos e, por isso mesmo, facilitariam o controle, a interferência e a transformação da realidade por parte do homem. Sua influência acarretou um grande avanço tecnológico e científico e seus reflexos perduram até os dias de hoje nas ciências naturais (Abbagnano, 2003; Bello, 2004; Cotrim, 1993).

Por ciências naturais, entendem-se tanto aquelas que se referem à natureza material (física, matemática, por exemplo), quanto as que se referem às ciências do ser humano e dos animais (fisiologia, anatomia) e as ciências do espírito (como a história e a sociologia). Elas partem da experiência e têm o mundo como objeto a ser investigado.

Ao se referir às ciências naturais, Husserl introduz o conceito de atitude natural, na qual o mundo é apreendido como “estando aí”. Por conseguinte,

“encontro constantemente à disposição, como estando frente a frente comigo, uma efetividade espaço-temporal da qual eu mesmo faço parte, assim como todos os outros que nela se encontram e que de igual maneira estão a ela referidos” (Husserl, 2006, p. 77).

Ele enfatiza tal efetividade no sentido de estar-aí-no-mundo, aceitando-o de uma forma dada, tal como ele se oferece a nós, independente da nossa presença. A atitude natural reflete, então, uma dualidade sujeito-objeto, interno-externo. Vale ressaltar que por “mundo”, entendem-se não apenas as coisas materiais, mas também os valores, bens, conceitos, idéias, etc. Trata-se de uma postura original de orientação para o mundo, sem considerar a consciência. As coisas, simplesmente estão no mundo da mesma forma para todos (assim como eu mesmo). Segundo Husserl (2006), essa é a atitude característica das ciências naturais, que buscam conhecer o mundo de forma abrangente, confiável e completo (conhecimento que poderia ser explicitado predicativamente como “Isso é...” ou “Isso ocorre dessa forma...”).

Entretanto, Husserl foi um grande crítico da utilização do método das ciências naturais nas investigações sobre o ser humano. Ele afirma:

(...) a ciência objetivista toma o que ela chama o mundo objetivo como sendo o universo de todo o existente, sem considerar que a subjetividade criadora da ciência não pode ter seu lugar legítimo em nenhuma ciência objetiva. Aquele que é formado nas ciências naturais julga evidente que todos os fatores puramente subjetivos devem ser excluídos e que o método científico-natural determina, em termos objetivos, o que tem sua figuração nos modos subjetivos da representação. Por isso, busca o objetivamente verdadeiro também no plano psíquico. (HUSSERL, 1996, p. 80).

Assim, ele estende sua crítica também à psicologia da época que, na tentativa de se tornar científica ao fazer uso do método das ciências naturais e da perspectiva positivista, mostrava-se incapaz de refletir sobre a essência do espírito¹ e da psique humana. Ao desconsiderar a especificidade de seu objeto, investigando-o como se se tratasse de um objeto de natureza física, ela desprezaria a principal característica que distingue o homem dos outros seres: sua subjetividade (Husserl, 1996).

¹Espírito é utilizado aqui no sentido do princípio do pensamento e da reflexão do homem (Abbagnano, 2003).

Nesse sentido, o autor propõe, então, uma mudança radical de atitude. Para isso, ele sugere o *ensaio de dúvida universal* como método para abandonar a atitude natural. Ao proceder dessa forma, duvidando de nossas mais firmes convicções e de toda a objetividade que nos é dada na atitude natural, ou seja, “colocando-as entre parênteses”, não negamos o mundo, mas abrimo-nos para a descoberta do novo. Após essa “retirada de cena” de tudo que for *a priori* a relação entre a consciência e o objeto apreendido, Husserl afirma que o que resta são os vividos ou a “consciência pura ou transcendental”. Essa nova postura de questionamento das coisas do mundo é a chamada *redução fenomenológica* (Husserl, 2006).

Foi nesse contexto que a fenomenologia surgiu, como uma proposta de reflexão sobre os fenômenos da consciência. Fenomenologia é uma combinação das palavras gregas *phainomenos*, que significa “aquele que se mostra” e *logos*, que pode ser entendido como “pensamento ou capacidade de reflexão”. Assim, etimologicamente, fenomenologia é a reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra. Mas na concepção husserliana, a fenomenologia é o estudo de tudo aquilo que se apresenta à consciência (ou seja, os fenômenos).

Para Husserl, consciência e objeto não são entidades separadas, mas eles se definem a partir dessa relação devido ao caráter intencional da consciência: a consciência é sempre “consciência de” e o objeto é sempre “um objeto para a consciência”. Sem essa relação, não há nem consciência, nem objeto. Por isso, a consciência é a única fonte do conhecimento. Ao unificar a consciência e o objeto, a intencionalidade da consciência atribui um sentido ao fenômeno que se apresenta. Em outras palavras, nós não temos acesso direto aos objetos e às coisas do mundo; nós só temos acesso a eles sob a forma de fenômenos que se apresentam à consciência e dotados de um sentido. A consciência deixa de ser vista como uma caixa que contém as coisas do mundo, e passa a ser concebida como consciência dirigida ao mundo (Husserl, 2006).

Zilles (1996), na introdução da edição brasileira da obra *A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia*, de Husserl, ressalta que uma das grandes descobertas desse autor é a intencionalidade da consciência, sendo, portanto a consciência:

uma corrente de experiências vividas. (...) Não é uma substância (alma), mas uma atividade constituída por atos (percepção, imaginação, volição, paixão, etc.) com os quais visa a algo. Vale-se da noção de intencionalidade para esclarecer a natureza das experiências vividas da consciência. A intencionalidade é de natureza lógico-transcendental, significando uma possibilidade que define o modo de ser da consciência como um *transcender*, como o dirigir-se a outra coisa que não é o próprio ato da consciência. (HUSSERL, 1996, p. 29)

Assim, Husserl propõe a atitude fenomenológica como meio para a contemplação² das intencionalidades da consciência e, conseqüentemente, de suas vivências. Ela permite a apreensão do sentido do fenômeno e, com isso, o acesso ao domínio dos vividos. Diz ele:

O mundo material não é uma parte qualquer, mas a camada fundamental do mundo natural, à qual todo outro ser real está essencialmente referido. O que ainda falta a ele, são as almas dos homens e dos animais; e o que trazem de novo é, antes de tudo, o seu ‘vivenciamento’, junto com a referência, na forma de consciência, ao mundo que os circunda (HUSSERL, 2006, p. 94).

Portanto, ao estar voltada para um objeto, minha consciência opera num “modo de atualidade”, apreendendo as características do objeto percebido. Entretanto, Husserl (2006) salienta que toda percepção tem um “halo de intuições de fundo” (lembranças, associações, sentimentos e outras presentificações, enfim, vivências), que também se manifesta no momento de “estar voltada para” o objeto, mas no “modo de inatualidade”. Esse “halo de intuições de fundo” caracteriza o vivido da consciência e sustenta não só a percepção, mas o sentido que lhe é atribuído pela consciência intencional. É através da redução fenomenológica (e não da atitude natural) que será possível o acesso a esse fluxo de vivências. Para o autor, essa é a grande contribuição da fenomenologia.

3.2

A Vivência como Elemento Constitutivo da Experiência

A perspectiva que me interessou nessa pesquisa foi a da investigação da vivência de família de pessoas que moram numa comunidade popular, tal como descrita por elas. Para tanto, faz-se necessário um maior esclarecimento acerca desse conceito, do modo como considerado no presente trabalho.

²Contemplação, aqui, é entendida como a ausência de preocupações racionais.

Etimologicamente, vivência deriva do grego *viventia*, que significa “o fato de ter vida”. Bello (2005), partindo de uma leitura fenomenológica desse conceito, conforme proposto por Husserl, concebe a vivência como referindo-se a atos psíquicos pertencentes à estrutura própria de todo ser humano, tais como a percepção, a reflexão, a lembrança, a imaginação e a fantasia. Trata-se de atos universais, com conteúdos absolutamente diversos, acompanhados pela consciência, os quais se remetem a três dimensões humanas: corpo, psique e espírito (este último entendido enquanto produção do pensamento). A cada instante de nossa vida, estamos ativando vivências. Por exemplo: a percepção de um objeto nos evoca a lembrança de uma situação anterior que nos permite apreendê-lo, desencadeia em nossa pessoa uma resposta emocional no instante em que nos deparamos com ele, podendo despertar também uma fantasia, e assim por diante. Por conseguinte, as vivências se dão de modo processual, estão em movimento, tais como a perspectiva de um caleidoscópio, cuja alteração em um de seus componentes afeta o todo. Sua importância reside na constituição da subjetividade do homem e, conseqüentemente, na sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, pois trata-se de um elemento fundamental do ser humano na sua estruturação de mundo.

Lersch (1971), partindo também da perspectiva fenomenológica, concebe a vida como uma totalidade na qual estão entrelaçados os processos e estados anímicos que conhecemos a partir da experiência imediata. Porém, se todo anímico é um vivente, nem todo vivente está animado, uma vez que “o anímico só se dá quando, nas formas vivas, a vida torna-se, por assim dizer, iluminada desde dentro, pelo que designamos, como um conceito geral e mais neutro possível, como vivência” (p. 12). O ser humano está mergulhado num mundo circundante, que constitui seu espaço vital, ao qual ele está vinculado de modo inextricável através da vivência, que é justamente o diálogo entre a pessoa e o mundo externo. Para o autor, vida e vivência não são palavras sinônimas, pois esta última só ocorre quando:

o ser vivente possui capacidade de interiorizar seu mundo circundante em imagens objetivas, de afetar-se pelos seus próprios estados, de estender-se até seu ambiente impelido por suas tendências e, por fim, de atuar sobre ele de um modo ativo. (...) Com a vivência, a vida penetra numa nova dimensão (LERSCH, 1971, p. 13).

Assim, para que a vivência se realize, é fundamental que a comunicação do ser vivo com seu mundo circundante seja acompanhada do que Lersch (1971) chama de um “dar-se conta”. Este pressupõe que para que a pessoa vivencie algo, ela precisa estabelecer uma comunicação ou uma conexão com seu mundo circundante, não apenas no sentido racional, mas “escalonadamente, como primeira apreensão sensorial, como percepção consciente e como apreensão intelectual” (p. 12). Trata-se de um momento importante para orientar a pessoa no ambiente ao qual está ligada através da comunicação, sendo, portanto, a vivência um processo promotor do desenvolvimento e da conservação do indivíduo em sua relação com o mundo.

Lersch (1971) assinala ainda o *círculo funcional da vivência*, um processo composto por quatro elementos integrados, necessários à ocorrência do fenômeno psíquico designado como vivência: a tendência, a percepção, a afetação e a conduta ativa.

O primeiro elemento desse contato entre o ser vivente e o mundo circundante é a tendência. O ser vivente não reproduz internamente o mundo circundante de forma automática e passiva, todavia o faz de forma vinculada às suas necessidades internas, as quais emergem no contato com o mundo sob a forma de impulsos, cuja satisfação promove tanto o desenvolvimento quanto a conservação de sua existência. Desse modo, ele afirma que: “A cada necessidade corresponde um impulso, e cada impulso contém o tema de uma necessidade. (...) São essas necessidades, correspondentes ao plano de construção do ser vivo, que realçam certos setores do mundo circundante, colocando em estado de alerta a percepção.” (p. 15).

A percepção é, portanto, o segundo elemento fundamental da vivência. É mediante uma percepção seletiva e ativa diante da multiplicidade de estímulos externos, que o ser humano vai entrar em contato com o mundo circundante e se orientar nele.

A afetação é o terceiro momento do círculo funcional da vivência, e refere-se à repercussão, no nosso mundo interior, dos frutos da percepção do mundo circundante. O sentir-se afetado implica numa significação e numa valência. Lersch (1971) define essa afetividade como o reflexo do percebido nos estados subjetivos. Em seus estágios superiores, esse elemento origina os sentimentos superiores tais como o amor, o medo, a inveja, o respeito, etc.

O quarto e último elemento do círculo funcional da vivência é a conduta ativa, que é o movimento do ser vivente em direção ao mundo, no sentido de suas necessidades, percepções e afetividades. Afirma Lersch (1971): “O ser vivo animado projeta pela segunda vez no horizonte do mundo como o fez primeiramente na busca interrogante das pulsões e tendências. Se estas provêm de uma tensão das necessidades, a conduta ativa tende a dissolver aquela tensão.” (p. 15)

É importante ressaltar que todos esses elementos do círculo funcional da vivência possuem um caráter evolutivo ao longo do desenvolvimento humano, tornando-se cada vez mais complexos desde o bebê até a fase da vida adulta.

Apesar de não se referir literalmente à palavra “vivência”, AmatuZZi (1996b, 2001a, 2001b) tece diversas considerações sobre o “vivido”, cuja concepção pode ser considerada semelhante ao conceito de vivência proposto por Husserl (1996, 2006) e por Lersch (1971). Segundo esse autor, vivido “é a nossa reação imediata àquilo que nos acontece, antes mesmo que tenhamos refletido ou elaborado conceitos” (2001a, p. 53). Em outras palavras, é a forma com que a pessoa avalia o que *lhe* acontece, antes mesmo de ela tecer racionalizações sobre o fato ocorrido e antes dos sentimentos formulados. Implica uma conexão com seu centro pessoal, num plano em que não há ainda distinção entre o pensar e o sentir, mas cujo impacto do vivido já possui alguma significação (1996b, 2001a, 2001b).

AmatuZZi (2001a) faz ainda uma distinção entre vivido puro e vivido pleno. Aquele se refere ao sentimento primeiro, à reação interior imediata. Ele tem uma inscrição mínima na consciência, ainda primitiva, como um dar-se conta, uma linguagem interior, uma interpretação fundadora de um pensamento primeiro ou de um dizer original. A isso se segue uma ação, como expressão primeira do vivido, como uma resposta ao que nos acontece. Esses três momentos de um mesmo processo constituiriam, então, o vivido pleno, originária no centro ou “coração” da pessoa; seria, segundo ele, uma relação, uma abertura ao outro.

A importância da vivência reside no fato de ser uma referência fundamental na orientação da vida, mesmo não se tendo consciência clara dela. De acordo com Forghieri (1993), isso se dá porque o homem tem consciência de sua própria vida e daqueles com quem se relaciona e atribui significados às situações de sua existência. Assim, “as situações que alguém vivencia não possuem, apenas, um significado em si mesmas, mas adquirem um sentido para

quem as experienciam, que se encontra relacionado à sua própria maneira de existir” (p. 58). A autora complementa, ressaltando ser esse sentido uma experiência íntima, cuja observação externa freqüentemente escapa.

3.3

Uma Breve Distinção entre “Vivência” e “Experiência”

Na linguagem do senso comum, muitas vezes as palavras “vivência” e “experiência” são utilizadas como palavras sinônimas. É possível dizer “Eu tive a vivência de estudar piano”, no sentido de se ter passado por essa experiência. Em sua conotação geral, a palavra “experiência” refere-se a um certo tipo de conhecimento, fruto da relação direta do sujeito com a realidade, incluindo, às vezes, a idéia de repetição. Por exemplo, dizer que alguém é experiente num determinado assunto significa que ele já se deparou com tal assunto várias vezes, o que dá à experiência um caráter de confiabilidade.

Entretanto, na linguagem psicológica, vivência e experiência possuem diferentes significados. “Experiência”, seja na origem grega *empeiria*, no latim *experientia*, ou no alemão *Erfahrung*, significa “tentar”, “comprovar”, ou num sentido mais amplo, percorrer o objeto em todos os sentidos. “Ex” é um prefixo do latim que exprime “estar orientado, aberto para fora”, “estar exposto a”.

Boff (2002) define a palavra experiência como “a ciência ou o conhecimento (ciência) que o ser humano adquire quando sai de si mesmo (*ex*) e procura compreender um objeto por todos os lados (*peri*).” (p. 39). Ela decorre do encontro do ser humano com o mundo, e é justamente o conhecimento resultante dessa reciprocidade. A experiência revela, então, uma característica constitutiva do ser humano enquanto *ex-istente*, ou seja, enquanto ser-no-mundo, em interação constante com o outro. Por isso, implica necessariamente uma atitude de abertura e disponibilidade. Ela contém dois elementos fundamentais: um subjetivo, que é a consciência, carregada de significados, e outro objetivo, que são os objetos do mundo.

Vaz (1986) caracteriza a experiência humana como uma estrutura entre dois pólos: o da *presença* do objeto que é o fenômeno, e o da *consciência* do sujeito, circunscrevendo-a segundo o conhecimento intelectual (apesar de ela ser considerada plena, quando envolve a totalidade da pessoa), e diferenciando-a de

outros atos psíquicos, tais como o sentimento ou a vivência. Trata-se de uma relação ativa entre a consciência e o fenômeno, que pode assumir diversas formas de expressão de seus significados através da linguagem. Diz ele:

(...) a experiência não é senão a face do pensamento que se volta para a *presença* do objeto. Daqui se infere imediatamente uma proporção entre a plenitude da presença e a profundidade da experiência, ou seja, a penetração dessa plenitude pelo ato de pensar. (VAZ, 1986, p. 243)

Apesar de inter-relacionadas, “experiência” e “vivência” possuem conotações diferenciadas, sendo expressas por Boff (2002) da seguinte maneira:

A vivência é a situação psicológica, as disposições dos sentimentos que a experiência produz na subjetividade humana. São as emoções e valorações que antecedem, acompanham ou se seguem à experiência dos objetos que se fazem presentes no interior da psique humana. (...) É consequência e resultado da experiência na psique humana. Ela pertence ao fenômeno total da experiência, mas este é mais amplo e profundo do que aquele, a vivência. (BOFF, 2002, p. 43)

Valle (1998) utiliza dois vocábulos da linguagem alemã para explicitar dois sentidos de “experiência”: *Erlebnis* e *Erfahrung*. Esta distinção pode ser útil na compreensão dos termos “vivência” e “experiência”, conforme utilizados nesta pesquisa. A vivência (*Erlebnis*) é dotada de um sentido promotor de uma ressonância na pessoa, é vivida “de dentro”, mobilizando algum tipo de emoção, pois toca sua subjetividade, envolvendo-a, apesar de não excluir, necessariamente, a sua elaboração pelo pensamento. Já a experiência (*Erfahrung*) possui teor e densidade menos subjetivos que a vivência, pois tem uma conotação de externalidade, referindo-se a algo que é percebido sensorialmente e que pode ou não conduzir ao que está no interior. Ela não pode ser reduzida a um sentimento, memória ou idéia, conquanto abarque essas dimensões.

Portanto, a vivência pode ser entendida como a ressonância ou o impacto que se dá na subjetividade da pessoa a partir da interação entre a consciência e a realidade. É pré-reflexiva, no sentido de ser anterior a qualquer elaboração racional, referindo-se, por conseguinte, ao nível do imediato. Diferentemente, a experiência implica um juízo, uma reflexão, um elemento cognitivo mais forte que a vivência não possui. Entretanto, a vivência é um elemento constitutivo da experiência, sem a qual não há experiência, mas um mero conhecimento intelectual, enquanto reprodução irrefletida da realidade. Nesse sentido, a

experiência diz respeito, então, à incorporação dos conhecimentos adquiridos a partir da elaboração da vivência. Por exemplo: uma mulher pode possuir a vivência de suas constantes brigas conjugais, talvez até por um longo período e passar a vida inteira experimentando essa vivência. Isso só se transformará em experiência, a partir do momento em que ela começar a se fazer questionamentos, tais como: o que desencadeia as brigas; qual sua postura diante dos impasses com o marido; qual sua resposta emocional ao comportamento dele; quais seriam outras possibilidades de resolver conflitos, e assim por diante. A reflexão dessa natureza possibilitaria uma elaboração de sua vivência e, conseqüentemente, constituir-se-ia uma oportunidade de crescimento pessoal (ainda que as brigas continuassem).

4

A Pesquisa Fenomenológica Como Possibilidade de Acesso à Vivência de Família

4.1

A Fenomenologia como Método

Husserl questionou a utilização do método experimental, de natureza quantitativa, como recurso para acessar a psique humana. A ênfase desse autor recaía sobre o fato de que a psique não poderia ser reduzida em termos quantitativos, podendo, por outro lado, ser descrita em termos qualitativos. Por conseguinte, ele propôs uma separação entre a psicologia, na perspectiva da psicofísica, e uma psicologia dos atos psíquicos de tipo qualitativo. Assim, na medida em que a psicologia pretendia se debruçar sobre os fenômenos psíquicos, ela precisaria descrevê-los e determiná-los com um rigor conceitual, através de um método que considerasse, de modo adequado, as suas especificidades, as quais, certamente, não são as mesmas de um objeto físico (Husserl, 1996).

Foram essas questões que levaram Husserl a desenvolver o método fenomenológico, o qual pretende abordar o sentido do fenômeno, tal como ele aparece à consciência, e não como plano da existência factual dos objetos do mundo. Moreira (2002) ressalta que “o método fenomenológico enfoca os fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida. (...) O que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia das pessoas” (p. 108).

A aplicação do método fenomenológico no campo da pesquisa ressalta o interesse do pesquisador nos significados atribuídos pelos sujeitos entrevistados às percepções que eles têm daquilo que está sendo investigado. A pesquisa fenomenológica objetiva construir uma compreensão acerca do fenômeno estudado mediante a captação da intencionalidade (da experiência intencional, vivida) revelada nos relatos. A pessoa entrevistada é considerada como um “atribuidor de sentido” às situações vivenciadas em seu cotidiano, e não como alguém que meramente repete idéias adquiridas de forma mecânica. Assim, é

justamente a compreensão desses significados atribuídos ao fenômeno que o pesquisador pretende alcançar através do método fenomenológico. Este permite a descoberta de certos determinantes sobre os sujeitos e sobre a situação abordada na pesquisa, ou seja, a expressão da vivência (Martins & Bicudo, 2005).

É importante salientar que tal perspectiva, por visar à intencionalidade do sujeito, distingue-se daquela proposta pelo pesquisador que utiliza o método da análise de discurso como instrumento para inferir fatos ou revelar a estrutura subjacente do discurso dos entrevistados, ou mesmo do método psicanalítico, que busca revelar o desejo oculto no discurso.

A pesquisa fenomenológica é originada, freqüentemente, por inquietações do pesquisador (como todos os outros tipos de pesquisa), mas este não inicia sua investigação a partir de teorias ou explicações acerca do tema a ser pesquisado. Ele começa seu trabalho pela interrogação do fenômeno que pretende conhecer através da descrição que as pessoas entrevistadas fazem de sua experiência sobre o tema. Tal interrogação abre o campo para possibilitar o surgimento da complexidade dos fenômenos presentes nele e suas correlações. Nesse sentido, o pesquisador busca compreender o sentido revelado na descrição da experiência. É a análise dessa descrição que permitirá conhecer as relações intrínsecas à experiência. Assim, eu tenho um tema – a família – que é meu objeto de interesse, e me aproximo dele com uma pergunta que vai permitir o conhecimento dos elementos que fundam aquela vivência de família: as unidades de sentido.

A descrição tem um papel primordial na pesquisa fenomenológica. Ela pode ser concebida como um processo de descoberta e como possuidora de uma função desveladora dos elementos constitutivos do fenômeno que se está investigando. Portanto, na presente pesquisa, essa abordagem descritiva permitirá a apreensão dos aspectos da família aos quais não se teria acesso, caso fossem pretendidas correlações explicativas do fenômeno, do tipo causa e efeito. Como consequência desse enfoque fenomenológico, a reflexão da família sob esse prisma vai possibilitar a emergência de situações do cotidiano familiar repletas de constâncias que formam a vivência da família em sua essência, transcendendo a diversidade factual manifestada por intermédio da fala das pessoas e sem as quais a família não poderia ser compreendida (Szymanski, 1988).

Entretanto, Amatuzzi (2001a) salienta que a vivência não se manifesta por si só, mas apenas quando mobilizada numa relação inter-humana. É somente na

relação com o outro que a vivência é acessada, quando esse encontro permite uma conexão mais íntima da experiência pessoal. O pesquisador deve estar atento à seguinte questão: o que a pessoa entrevistada pretende efetivamente dizer? Nesse sentido, ele deve assumir uma postura acolhedora e facilitadora, como um interlocutor que auxilia a pessoa entrevistada a se conectar com o que ele chama de “seu centro pessoal”, a fim de que ela possa acessar sua experiência mais concreta e originária daquilo que ele pretende compreender através da pesquisa fenomenológica.

Na pesquisa fenomenológica, o acesso à vivência ocorre mediante os pensamentos e ações nos quais ela se manifesta, sendo tais manifestações denominadas “depoimentos”. AmatuZZi (2001b) ressalta que qualquer forma de expressão humana pode se constituir num depoimento. Porém, na pesquisa em psicologia, o depoimento mais comum é o escrito (a transcrição literal das entrevistas realizadas). Entretanto, o que caracteriza o método fenomenológico não é a forma do depoimento, mas o modo como lemos essa expressão.

O autor ressalta ainda que qualquer tentativa de abordar a vivência já é uma forma de atribuir-lhe um significado. Assim, “a pesquisa fenomenológica pretende voltar ao vivido [vivência], não negando as elaborações que se fazem a partir dele, mas colocando-as provisoriamente entre parênteses, para revê-las, depois, à luz daquela fonte primeira” (2001a, p. 55). Portanto, é através dos depoimentos (relatos verbais sobre o objeto da pesquisa), enquanto manifestações dos sentimentos, pensamentos e ações implícitos na vivência, que se tem acesso a ela. Diz o autor:

A luz sob a qual se lê o depoimento é, então, uma luz que permite atravessar a materialidade empírica do próprio depoimento, chegar ao vivido [vivência] que ele expressa, e depois, abstraindo-se do contexto concreto deste sujeito, buscar os significados gerais em relação à existência humana problematizada pelo pesquisador. (AMATUZZI, 2001a, p. 60).

Sendo a vivência uma experiência fundadora e uma referência importante para nossa postura no mundo, e a partir das minhas inquietações sobre a vivência de família, fui instigada a investigar, na presente pesquisa, como a família é vivenciada por pessoas moradoras em comunidades populares. Busquei conhecer as unidades de significado que compõem tal vivência, sem as quais a família não poderia ser pensada. Isso só foi possível a partir da disponibilidade de ouvi-las

genuinamente no tocante à descrição dessa experiência, de modo que o fenômeno se manifestasse naquilo que fazia sentido para elas. E, por esse motivo, a pesquisa fenomenológica se constituiu na minha escolha metodológica.

4.2

O Contexto

Conforme mencionado anteriormente, o fato de ter sido aprovada no Programa de Doutorado da PUC-Rio me proporcionou uma licença para capacitação docente na UFMG. Isso implicou a obrigatoriedade do meu afastamento de todas as atividades docentes naquela universidade, determinando, então, o encerramento do projeto de extensão *Inserção do Psicólogo no Programa Saúde da Família*, cuja experiência originou a questão da minha pesquisa de Doutorado.

No período de realização do Doutorado, comecei um trabalho voluntário de assistência psicológica na Paróquia São Brás, situada no Conjunto Santa Maria, comunidade carente de Belo Horizonte. Em agosto de 2006, procurei o padre Danilo Mamede, pároco daquela igreja na época, e me coloquei à disposição para oferecer um serviço de plantão psicológico às pessoas interessadas da região; proposta que ele prontamente aceitou.

O plantão psicológico é uma modalidade de assistência que se caracteriza pela disponibilidade do psicólogo para realizar o atendimento no momento em que a pessoa precisa de ajuda. No período do plantão, o psicólogo fica à disposição das pessoas que buscam o atendimento imediato, no momento em que elas julgarem necessário, sem marcação prévia. Ele pode ocorrer em diversos locais, como por exemplo, em escolas, igrejas ou Centros de Saúde Pública.

Mahfoud (1999) considera essa modalidade de atendimento como uma oportunidade para a pessoa rever, repensar e refletir sobre suas questões, reconhecendo o que for mais significativo para ela naquele momento, bem como seu posicionamento diante da situação. A ênfase do psicólogo recai sobre a pessoa, sobre a perspectiva que ela escolhe ao aprofundar sua experiência, e não sobre o problema em si. Portanto, cabe a ele acompanhar o processo da pessoa, e não conduzi-lo. O autor valoriza especialmente a escuta como uma postura básica, compreendida como: “(...) saber ouvir o outro, estar preparado e disponível para

receber a vivência que estiver trazendo, tomando-a em sua complexidade original, em seus múltiplos horizontes, de maneira tal a facilitar que a pessoa examine com cuidado as diversas facetas da sua experiência” (p. 53). Para ele, essa escuta ativa e a presença do psicólogo mobilizam a pessoa a voltar-se para si mesma e a aprofundar sua vivência.

Assim, desde a minha conversa com o Pe. Danilo, durante uma tarde por semana eu estou na secretaria da igreja São Brás, atendendo à demanda dos moradores daquela comunidade que procuram esse tipo de assistência. Eles foram informados sobre a existência do plantão psicológico através de avisos nas missas, de encaminhamento realizado por pessoas que trabalham na comunidade (tais como médicos, representantes da comunidade, agentes comunitários de saúde), mas principalmente pela propaganda boca-a-boca: pessoas atendidas recomendavam parentes, vizinhos ou amigos a “se consultarem com a psicóloga”, como muitos se referem. Não há estipulação de tempo dos atendimentos, nem marcação prévia. Eles duram o tempo necessário para que a pessoa possa expor sua situação e para que nós possamos conversar sobre as várias perspectivas do tema em questão (por exemplo, seus sentimentos, sua potencialidade, suas crenças, dificuldades, possibilidades, limites, etc.).

O Conjunto Santa Maria localiza-se na região sul de Belo Horizonte, ao lado da Avenida Raja Gabaglia, importante e movimentada via de acesso a bairros de classe média da região. Ao seu redor, num limite estabelecido por becos e ruas, encontram-se outras comunidades, ainda mais carentes que o Conjunto: a Vila Bandeirantes, a Vila das Antenas, o Morro das Pedras, a Vila Leonina e a Favela Pantanal. Em conversa com os moradores da região, eles me informaram que o Conjunto é um bairro, pois as residências, apesar de simples, têm registro na Prefeitura, pagam IPTU e têm escritura. As demais comunidades citadas são favelas, pois a maioria das habitações se deu por invasão, as casas são construídas de forma precária e com materiais inadequados (barracos), os moradores não pagam impostos, as ruas não são asfaltadas e há muitos becos. Mesmo assim, segundo um dos moradores, já houve uma melhora significativa na infra-estrutura dessas comunidades.

No Conjunto, há uma escola municipal, um Centro de Saúde Pública, uma associação de moradores e uma creche, os quais atendem às várias comunidades. Há também um campo de futebol, às margens da Avenida, administrado pela

diretoria do Esporte Clube Santa Maria, que tem um time de futebol: o Santa Maria Futebol Clube. Nesse campo também são desenvolvidos outros projetos, como o Pró-Criança, com atividades de futebol voltadas para as crianças da região. A comunidade conta ainda com vários projetos sociais promovidos por instituições de outros segmentos, visando ao atendimento da demanda da população, como, por exemplo, os projetos de assistência oferecidos pelas diversas igrejas da região e por uma faculdade particular localizada no bairro. Apesar de tudo isso, ainda há muitos problemas e dificuldades enfrentadas pela população local.

Ao oferecer o serviço de plantão psicológico, eu comecei a me deparar com uma parcela dos sofrimentos dos moradores, pois essa atividade me propiciou a proximidade com uma diversidade de mazelas da comunidade: a carência de recursos financeiros, as dificuldades de se viver numa casa com muitas pessoas (famílias extensas são comuns nesse segmento social), solidão, dentre outros. Mas o que me chamou a atenção foi a constância de questões familiares nas queixas relatadas nos atendimentos do plantão psicológico (semelhante ao que ocorreu durante a experiência de campo do projeto de extensão realizado em Vespasiano). Dos primeiros 40 atendimentos realizados, 15, ou seja, 37,5%, se referiam a dificuldades de relacionamento com algum membro da família (cônjuge, pai, filhos, enteado, ex-companheiro ou padrasto), tendo dois deles terminado em violência doméstica com a criança. Essa constatação e a proximidade com parte da população do Conjunto Santa Maria me levaram a desenvolver a presente pesquisa naquela comunidade.

4.3

Metodologia

A metodologia se configurou na análise qualitativa através do método fenomenológico, visando a revelar os significados contidos nos depoimentos pessoais dos entrevistados.

4.3.1

Sujeitos

A escolha dos sujeitos ocorreu de acordo com o procedimento da amostragem intencional, proposto por Thiollent (2000), segundo o qual os sujeitos são escolhidos por se revelarem com maiores chances de abordar o tema que se quer investigar, seja a partir de contatos anteriores com o pesquisador ou pela indicação de terceiros.

O atendimento psicológico prestado na Paróquia São Brás me aproximou de vários moradores das comunidades que freqüentavam a igreja. A pesquisa foi realizada junto a três pessoas que vivem no Conjunto Santa Maria, em Belo Horizonte (MG). Duas haviam se colocado à disposição para participar da pesquisa e uma eu convidei diretamente, por julgar que ela poderia contribuir para meus objetivos enquanto pesquisadora. A Sra. Tânia tem 40 anos, a Sra. Aparecida tem 55 anos e o Sr. Adão, 45 anos.

Essas pessoas me chamaram a atenção pela sua facilidade e disponibilidade para descreverem suas experiências, pelo vínculo estabelecido comigo e pelo fato de assistirem a diversas famílias moradoras daquelas comunidades através da sua participação em projetos comunitários. Com o objetivo de preservar a identidade das mesmas, abstenho-me de maiores informações sobre a natureza das atividades realizadas por elas. Limito-me a dizer que são pessoas que interagem com um grande número de famílias da região, em função das atividades exercidas e da sua inserção na comunidade.

Outras características comuns aos entrevistados reportam-se ao fato de que todos são casados (primeira união), têm filhos, moram em casa própria e são católicos. Os nomes dos entrevistados usados nesta pesquisa são fictícios e escolhidos por eles.

4.3.2

Coleta de Dados

O procedimento de coleta e análise dos dados foi operacionalizado com base naqueles propostos na literatura sobre pesquisas fenomenológicas (Amatuzzi, 1996, 2001a, 2001b; Forghieri, 1993; Giorgi, 1985; Martins & Bicudo, 1989; Moreira, 2002).

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente³, e tiveram duração aproximada de uma hora. Na transcrição, foram mantidas as falas em sua forma literal, os risos, os erros gramaticais, os silêncios e as interrupções (indicados por reticências), buscando-se, com isso, preservar a expressão geral das pessoas o mais fielmente possível.

Na coleta de dados, utilizei como procedimento a entrevista individual semi-estruturada, pois ela proporciona a abertura tanto para a descrição da experiência do entrevistado, permitindo-lhe abordar seus temas e questões do modo que melhor lhe convier, quanto investigar os aspectos relevantes para o pesquisador, visando à compreensão de aspectos essenciais do fenômeno (Minayo, 2006).

As entrevistas tiveram como objetivo levar os entrevistados a refletir sobre a questão básica que esta pesquisa se propõe a investigar: a vivência de família. Procurei deixá-los à vontade para descreverem suas experiências de família da forma que quisessem, mas procurei aprofundar meus questionamentos sobre aqueles aspectos de sua fala mais relacionados aos objetivos da pesquisa.

Como não houve hipótese prévia, foram considerados todos os temas apontados como significativos para as pessoas entrevistadas, tanto em termos de passado, quanto de presente e futuro (afetos, crenças, valores, exemplos da vida cotidiana, conflitos, repercussões em sua vida, formas de lidar com a família, expectativas, percepção das outras famílias da comunidade, etc.). Iniciei a entrevista expondo à pessoa entrevistada que, a partir da assistência clínica que realizei na comunidade, percebi que a família se constitui num tema importante e complexo, o que despertou meu interesse em compreender a vivência de família.

³As entrevistas foram analisadas, praticamente, na íntegra. Os trechos não analisados foram aqueles que, ou não se referiam ao tema da pesquisa, ou comprometiam o sigilo da identidade dos entrevistados. Por esses motivos, optei por não colocar as entrevistas em anexo.

Isso feito, comecei a entrevista, propriamente dita, com a seguinte questão: “Gostaria de começar nossa entrevista pedindo que o(a) Sr.(a) se apresentasse e apresentasse a sua família da forma que quiser.” Esta teve como objetivo propiciar ao entrevistado uma reflexão inicial sobre sua história familiar e suas vivências, com a plena liberdade de escolher o(s) aspecto(s) por onde gostaria de começar. A partir de sua fala inicial, meus questionamentos foram no sentido de esclarecer, conhecer ou aprofundar os temas que o entrevistado apresentava, bem como aqueles que pareciam relevantes aos objetivos da pesquisa. Em algum momento da entrevista, eles foram convidados a falar sobre: o significado de família para ele(a), a descrição da sua vivência em relação às situações familiares apresentadas, as características pessoais necessárias à sua constituição de família e a sua vivência presente ao falar comigo sobre o sentido de família.

À medida que interagíamos, fiz outros questionamentos pertinentes, com o objetivo de compreender ou focar um determinado aspecto do seu depoimento, ou mesmo de sintetizar o que havia compreendido, de modo que o entrevistado pudesse fazer possíveis correções sobre minha percepção de sua expressão.

4.3.3

Análise dos Dados

Após a transcrição, cada entrevista foi submetida, individualmente, aos seguintes procedimentos de leitura fenomenológica:

1. *Visão global*: os depoimentos foram lidos integralmente com o propósito de se obter uma percepção do seu sentido global, registrando-se os significados mais relevantes e os temas presentes na entrevista. Buscou-se penetrar na vivência da pessoa a fim de poder captá-la e explicitá-la conforme ela a experimenta.
2. *Divisão em unidades de significado*: refere-se a uma divisão do depoimento a partir dos elementos significativos relatados pela pessoa. Procurei apreender os eixos fundamentais de significado que me permitissem captar a estrutura ou o elemento constituinte da vivência de família.
3. *Interpretação dos dados*: refere-se à compreensão da pesquisadora sobre cada unidade de significado: cada uma delas foi transcrita numa linguagem

psicológica, buscando-se descrever a essência da vivência de família, o que estava implícito nela e seus desdobramentos no modo de viver de cada pessoa.

4. *Comparação entre os dados levantados para cada sujeito:* refere-se à obtenção dos dados comuns à vivência de família, registrando-se também as peculiaridades de cada experiência.
5. *Síntese:* refere-se à compreensão da estrutura revelada nos relatos da vivência familiar das pessoas envolvidas na pesquisa. Foi possível alcançá-la a partir da compreensão dos elementos significativos explicitados nos depoimentos.
6. Comparação dos resultados com aqueles produzidos em pesquisas anteriores sobre o tema da família junto a pessoas que vivem em comunidades populares.

5

Análise das Entrevistas: Em busca da Expressão da Vivência

Após inúmeras leituras das entrevistas, verifiquei, no decorrer da análise dos dados, que os conteúdos expressos nas mesmas poderiam ser agrupados em unidades temáticas, compostas pelas unidades de significado que revelam as vivências das pessoas entrevistadas. Assim, todas as frases que apresentaram elemento constituinte da vivência de família foram destacadas do depoimento e numeradas. Num momento posterior, elas foram re-agrupadas de acordo com o tema representativo da vivência de família pertinente, conforme explicitado abaixo.

É importante salientar que, a partir desses temas representativos presentes em todas as entrevistas, ocorreram algumas variações, características de cada pessoa entrevistada, com nuances e questões próprias de cada uma delas, demonstrando um sentido particular.

5.1

Temas Representativos das Vivências de Família da D. Tânia

1 - A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA

1.1 – Definição:

1.1.1 – Base para a vida: 1, 88, 101

1.1.2 – Grupo: 6

1.2 – Configuração familiar: 37, 56

1.3 - Elementos estruturantes:

1.3.1 – Diálogo:

1.3.1.1 – Fator promotor de solução de problemas: 11, 21, 58, 83

1.3.1.2 – Pré-requisito para fazer escolhas: 34

1.3.1.3 - Forma de reflexão sobre as vivências familiares: 45

- 1.3.1.4 - Elemento de questionamento: 60, 61, 63, 64
- 1.3.1.5 - Fator promotor de consenso: 67
- 1.3.1.6 - Abertura para o posicionamento do outro: 69
- 1.3.1.7 - Fator promotor de interação: 70, 72, 73, 74, 75

1.3.2 – A música:

- 1.3.2.1 - Fator de comunhão: 42, 47
- 1.3.2.2 - Fator de reconciliação: 43, 86
- 1.3.2.3 - Fator de divergências: 44
- 1.3.2.4 - Promotora de situações positivas e negativas na família:

46

- 1.3.2.5 – Base: 49, 51, 106
- 1.3.2.6 - Elemento de comemoração: 50
- 1.3.2.7 - Fator promotor de interação: 76, 86, 87, 97
- 1.3.2.8 - Promotor do crescimento do outro: 81
- 1.3.2.9 - Enfrentamento das adversidades: 104

1.3.3 – Deus: 91, 92, 93, 106

- 1.3.3.1 – Como base: 48, 52, 90, 106
- 1.3.3.2 – Dá orientação: 53
- 1.3.3.3 – Dá o dom da música: 54, 55
- 1.3.3.4 – Como amparo: 93, 98

1.3.4 – União: 5, 74, 93, 94, 95, 96, 99, 102, 106

1.3.5 – Afetividade: 4, 24, 88, 89, 91, 92, 103

1.3.6 – Comunhão: 10, 20, 22

1.3.7 – Apoio: 32, 33, 98

1.3.8 – Sinceridade: 23

1.3.9 - Diferenças entre os membros: 41

1.3.10 – Presença: 13

1.4 – Posturas que estruturam a família:

- 1.4.1 – Cumplicidade: 2, 7, 8
- 1.4.2 – Amizade: 3
- 1.4.3 – Cooperação: 9

- 1.4.4 – Busca do consenso: 12
- 1.4.5 - Ênfase nas qualidades do outro: 77
- 1.4.6 - A percepção das necessidades do outro: 85
- 1.4.7 – Superação das adversidades: 100

2- OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR

2.1 – O arrimo:

- 2.1.1 - É aquele que segura as dificuldades: 13, 14, 15
- 2.1.2 - Fortaleza: 16, 25, 26
- 2.1.3 - Responsabilidade de encontrar solução para os problemas: 17, 18
- 2.1.4 - Busca resolver seus problemas sem envolver os outros membros

da

família: 19

- 2.1.5 - Não demonstra sua dor: 27, 28
- 2.1.6 – Presença: 29
- 2.2 – Rede familiar: 57
- 2.3 – O pai: 59, 68
- 2.4 – A esposa: 65, 66, 71

3 – ELEMENTOS DESESTRUTURANTES DA FAMÍLIA:

- 3.1 – Falta de União entre o casal: 78, 79, 82
- 3.2 – Individualismo: 30, 31, 36
- 3.3 – Falta de diálogo: 35, 84
- 3.4 – Falta de escuta: 80
- 3.5 – Falta de cumplicidade: 38
- 3.6 – Falta de comunhão: 39

4 - OS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA FAMÍLIA:

- 4.1 – Conflitos entre os membros: 62
- 4.2 – A falta de união entre o casal: 78, 79, 82
- 4.3 - A falta de escuta: 80
- 4.4 - A falta de diálogo: 84

5 - PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE:

- 5.1 – Individualismo: 30, 31, 36
- 5.2 – Falta de diálogo: 35
- 5.3 - Falta de cumplicidade: 38
- 5.4 - Falta de comunhão: 39

6 - A VIVÊNCIA DO TRABALHO COM AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE

- 6.1 – Expectativa de encontrar uma família estruturada: 40

5.2

Análise dos Temas da Entrevista com D. Tânia

O quadro a seguir apresenta as três primeiras etapas da análise dos dados da pesquisa fenomenológica. Após a transcrição e as repetidas leituras da entrevista, os trechos que revelaram uma unidade de significado implícita em seu conteúdo foram numerados em ordem crescente e re-agrupados, em função da unidade temática captada na leitura fenomenológica da mesma (1ª e 2ª etapas). Assim, a 1ª coluna da tabela apresenta o número do trecho correspondente à frase textualmente extraída do depoimento (2ª coluna), no modo como foi dito pela pessoa entrevistada (ou seja, com as interrupções, os erros gramaticais, os risos, etc.).

A coluna referente à síntese do significado (3ª coluna) é a re-escrita do mesmo trecho apresentado na 2ª coluna, porém, numa linguagem formal, respeitando as normas da língua portuguesa. É uma maneira de esclarecer o conteúdo da linguagem do entrevistado naquele trecho do depoimento.

A 4ª coluna expõe a expressão do significado como uma vivência e refere-se à intencionalidade captada, a qual revela um elemento constituinte da vivência de família. Ela corresponde à minha compreensão, enquanto pesquisadora, da essência da vivência de família implícita naquela unidade de significado, fosse mediante uma definição de família dada pela pessoa ou através da descrição de uma situação cotidiana (3ª etapa da análise fenomenológica).

Nº do Trecho	Trecho da Entrevista	Síntese do Significado	Expressão do Significado como uma Vivência
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: DEFINIÇÃO Base para a vida			
1	Ai, eu vejo a família como... se puder resumir família, eu vejo como tudo, sabe? Eu tenho esse conceito de que família para mim é tudo.	Se eu puder resumir família, família para mim é tudo.	Família para mim é tudo, é a base para a vida, é o mais importante da vida.
88	[<i>Sobre o que estava mais presente para ela ao falar de família</i>] Então, como eu gosto demais da minha família, eu acho ótimo falar, sabe? Eu gosto muito mesmo de...de família, eu gosto da família, eu gosto do termo família, eu gosto da palavra família, da divisão silábica da família, eu gosto de tudo da família.	Eu gosto demais da minha família. Eu acho ótimo falar dela. Eu gosto muito mesmo de família: eu gosto da família, eu gosto do termo família, eu gosto da palavra família, da divisão silábica da família, eu gosto de tudo da família.	A família tem uma presença forte em mim. Eu não me entendo sem família.
101	É isso, família pra mim é... tá dentro de tudo e tudo tá dentro da família, né?	Tudo está dentro da família e a família está dentro de tudo.	Todas as questões da vida são vividas em família
Grupo			
6	Então a gente tem essa coisa assim, fomos criados assim, de estar passando isso entre o grupo, entre a família, né?	Fomos criados de modo que tudo passa pelo grupo familiar.	Família é um grupo, e tudo se passa dentro dele.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: CONFIGURAÇÃO FAMILIAR			
37	Quando cê pensa em família, o que você imagina? O pai, a mãe e filhos, né? Então aí é o básico da família.	Quando você pensa em família, o básico é o pai, a mãe e os filhos.	A configuração básica da família é pai, mãe e filhos.
56	Mas aí eu falei assim: quando se fala em família, basicamente, você imagina pai, mãe e filho, né? Então, aqui nós temos isso.	Quando se fala em família, basicamente, se imagina pai, mãe e filho. Então, aqui nós temos isso.	A minha família tem a configuração básica: pai, mãe e filhos.

A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES			
Deus			
Deus como base			
48	[<i>Sobre o que conduz a família</i>] Primeiramente é Deus, claro.	A família é conduzida, primeiramente, por Deus.	Deus é o primeiro princípio organizador da família .
52	Como eu acredito nisso que Deus é tudo, então eu acredito que nenhuma família existiria se não fosse da vontade Dele.	Deus é tudo. Então, nenhuma família existiria se não fosse da vontade Dele.	A minha família existe por vontade de Deus.
90	[<i>Referindo-se à família</i>] Então, assim, então é como eu te falei, é responsabilidade de Deus isso tudo.	A família é responsabilidade de Deus.	A minha família é responsabilidade de Deus.
106	[<i>Referindo-se aos acidentes do irmão e da filha</i>] Deus e a música presentes o tempo todo.	Deus e a música estão presentes o tempo todo na minha família, inclusive nas situações adversas.	Deus e a música estão presentes o tempo todo na minha família.
Orientação			
53	No meu caso, por exemplo, tenho minha família, por quê? Porque é da vontade de Deus. Deus quando... eu acredito que Ele seja assim: não é aquele cara barbudo, aquela coisa que a gente fica imaginando que geralmente é aquele que castiga as crianças, acho que não é nada disso. Acho simplesmente que é aquela coisa que... é uma força superior que assim, direciona as coisas, família e tal: Tânia vai casar com Mário, vai ter Jade e Patrick que vão ter fulano e sicrano e tal, Auxiliadora casou com Antônio que deu origem a todo mundo ali.	Eu tenho minha família porque é da vontade de Deus. Ele não é aquele cara barbudo que castiga as crianças. Eu acredito que ele é uma força superior que direciona tudo, inclusive a família.	Deus é uma força superior que orienta a minha família, desde a sua formação.

Aquele que dá o dom da música			
54	Esse povo é meio diferente. Então vamos jogar música naquele meio. Aí, Deus foi lá e agiu dessa forma, porque todo mundo aqui é autodidata. Então, não vou dizer assim, estudou pra isso, nem pra aquilo, pra aquilo outro não. A gente vê isso como um dom.	Deus jogou a música na minha família. Todos nós somos autodidatas, ninguém estudou música.	Deus deu o dom da música à minha família.
55	Tem que ter a mão de Deus aí, porque não tem condição seis pessoas serem envolvidas pela mesma coisa [a música], todo mundo gostar e desenvolver tudo ao mesmo tempo, né?	Só Deus explica o fato de seis pessoas serem envolvidas pela mesma coisa, a música, gostarem dela e a desenvolverem ao mesmo tempo.	Deus envolveu a minha família com o dom da música.
Amparo			
93	[<i>Na situação do acidente grave sofrido por um irmão</i>] (...) e o que que fizemos nesse momento, a família toda? Juntou todo mundo nesse momento, ajoelhou, e reza, reza, reza. Mamãe mandou fazer uma perna de gesso pra poder levar no Santuário de São Judas, já até entregou lá depois que cumpriu a promessa e tal. Eu fiz uma promessa, não paguei até hoje, pra Nossa Senhora Aparecida, mas eu acredito que ela entenda minha situação (risos).	Quando aconteceu o acidente do meu irmão, a família toda se ajoelhou e rezou muito. Mamãe mandou fazer uma perna de gesso e, depois que cumpriu a promessa, deixou no Santuário de São Judas. Eu fiz uma promessa para Nossa Senhora Aparecida, mas não paguei até hoje.	A fé me ampara nos momentos mais difíceis da vida familiar.
98	[<i>Quando o irmão sofreu um grave acidente</i>] O seu Bruno falou pra ele assim um dia: “Ô João, por que que toda vez que eu te olho, você tá rindo? Até hoje eu não vi você reclamar dessa perna!”	O seu José perguntou para o João por que ele estava sempre rindo e por que nunca reclamava da perna. João respondeu perguntando como ele poderia reclamar de	O reconhecimento de Deus e da família como amparos para enfrentar as adversidades da vida são vivências fundamentais para mim.

	Ele falou: “Ô seu Bruno, com Deus do jeito que eu tenho e essa família maravilhosa, como é que eu posso reclamar de alguma coisa?” Isso pra mim assim foi tudo, sabe?	alguma coisa já que ele tinha Deus e uma família maravilhosa. Isso pra mim assim foi tudo!	
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES A Música			
A Música como fator de comunhão			
42	[<i>Ao ser perguntada sobre como era a comunhão na família dela</i>] A minha família, ela vive música, vive música, respira música. Eu acho que se for o caso, a gente prefere deixar de respirar para respirar música (risos), deixa de respirar o ar e respira a música. (...) Ela tem essa capacidade de... de tá envolvendo a gente mesmo, ela realmente envolve.	A minha família vive e respira música. Se for o caso, preferimos deixar de respirar para respirar música. Ela realmente nos envolve.	A música envolve completamente todos os membros da minha família.
47	[<i>Em relação aos membros da família que não são músicos</i>] Pelo fato deles estarem tão próximos e gostarem tanto de música, a gente acaba pedindo opinião, a gente acaba envolvendo eles, eles dão dicas pra gente, que a gente segue... às vezes, você já tem um plano traçado, mas uma palavra, uma coisinha que um deles fala, te faz voltar atrás. Então, você já vê que pode ser reformulado aquilo ali e, com certeza, a coisa dá certo. Então aí acaba envolvendo.	Os membros da minha família que não são músicos se envolvem dando sugestões e opiniões. Às vezes, nós reformulamos nossos planos em função de uma sugestão deles, o que, com certeza, dá certo.	Através da música, todos os membros da minha família compartilham opiniões e perspectivas.

A Música como fator de reconciliação		
43	<p>Suponhamos que o problema seja esse: eu não tô conversando com minha irmã, mas o meu irmão também não conversa comigo. (...) Então o que que acontece? Um comprou um cd e quer que o outro ouça. Aí, “Oh mãe, empresta esse cd pra Rosa pra ela poder escutar e depois fala pra ela passar na Tânia, fala pra ela entregar pra Tânia”. “Ah, tá.”. Mamãe vai e passa o cd e “Oh, Jorge mandou entregar esse cd e falou que é pro cê entregar à Tânia e falar com ela que é pra ela ouvir a música tal”, sendo que o recado não foi esse. Então o que que acontece? A Rosa passa pra mim o cd e fala: “Oh, o Jorge emprestou e falou pra você ouvir essa música aqui.” Aí eu falo com ela: “Mas eu já conheço essa música!”. “Não, mas então cê dá uma ouvida porque é uma música instrumental bonita.” Acaba que volta todo mundo a conversar a partir disso daí. Então (...), por causa da música, criou-se essa comunhão, fez novamente com que tivesse todo mundo unido, entendeu?</p>	<p>Quando alguns membros da nossa família ficam sem conversar, essa situação se resolve com a música. Por causa da música, criou-se essa comunhão que faz com que todos estejam unidos.</p> <p>Nas situações de conflito em família, é a música que promove a nossa reconciliação.</p>

A Música como fator de divergências			
44	Se brigou, aqui em casa é assim: se brigar por algum motivo, pode ter certeza é por música. A gente briga porque, de repente, assim, um não concorda que aquela letra da música é daquele jeito, outro não concorda que o arranjo tem que ser assim, o outro não concorda que a voz tem que ser de determinado jeito, aí briga por causa de música. Nunca por causa de coisa mais séria. A gente já brigou várias vezes, mas pelo mesmo motivo: só música.	O único motivo pelo qual se briga, aqui em casa, é a música. Nós brigamos porque não há concordância com a letra, com o arranjo ou com a voz. Nas várias vezes em que nós brigamos, foi sempre pelo mesmo motivo: a música. Nunca por coisa mais séria.	Minha família só briga por um motivo: divergências em relação à música.
A Música como promotora de situações positivas e negativas na família			
46	Aí nós chegamos nessa conclusão: o que de bom acontece é a música e o que de ruim acontece também é a música, entendeu?	Na minha família, o que acontece de bom e de ruim se refere à música.	A música promove as situações tanto positivas quanto negativas da minha família.
A Música como base			
49	[<i>Sobre o que conduz a família</i>] Mas depois não tem jeito: é a música e ela entrou na família já há muito tempo atrás.	[<i>Sobre o que conduz a família</i>] A música entrou na minha família há muito tempo.	A música conduz a minha família há muito tempo.

51	Começou com ele [<i>o pai</i>] e a gente foi dando continuidade e tamos indo até hoje e a base de tudo realmente é a música. E assim, eu acho que pra ela sair dessa família vai ser muito difícil, primeiro porque a gente não vai deixar, mesmo se ela quiser a gente não deixa. (risos). E aí é isso.	A música começou com meu pai, e nós demos continuidade. A música é, realmente a base de tudo. Assim, vai ser muito difícil ela sair dessa família porque nós não vamos deixar.	A música é a base, um princípio organizador da minha família.
106	[<i>Referindo-se aos acidentes do irmão e da filha</i>] Deus e a música presentes o tempo todo.	Deus e a música estão presentes o tempo todo na minha família.	A música é presença constante na minha família (assim como Deus).
A Música como elemento de comemoração			
50	Mamãe falou que a gente... pra cada um que nascia em casa, era um vinil que ele [<i>o pai</i>] comprava. Então assim, era desculpa que ele encontrava pra sair enfiando música dentro de casa, né? Aí ele comprava um vinil pra cada um, daí a pouco tava com aquele tanto, seis filhos. Então, não eram só seis vinis, eram seis vezes seis vezes seis. Era muita coisa. Então, a gente guardou essa relíquia.	Mamãe contou que para cada filho que nascia, papai comprava um vinil, o que, na verdade, era uma desculpa para introduzir música dentro de casa. Como são seis filhos, temos diversos vinis como relíquias.	A música celebra os momentos especiais na minha família.

A Música como fator promotor de interação			
76	[<i>Sobre o que possibilita a interação</i>] A partir da música também.	A música possibilita a interação entre os membros da minha família.	A música é um fator promotor de interação entre os membros da minha família.
97	[<i>Na hospitalização de um dos irmãos</i>] E ali já se pegava um violão, e já se cantava uma canção daqui outra ali e como era uma clínica particular, aquele negócio todo, podia. Aí vinha um paciente dali, outro paciente dali, daqui a pouco o negócio virava uma farra no quarto.	Quando meu irmão esteve internado numa clínica particular, nós pegávamos o violão e cantávamos uma canção aqui e outra ali. Aos poucos, outros pacientes se aproximavam e começava uma farra no quarto.	A música promove a interação da minha família com outras pessoas.
A Música como auxílio no enfrentamento de adversidades			
104	[<i>Na situação do acidente da filha com a bicicleta, por volta dos sete anos</i>] Era ... muita música. Então, era aquele negócio, eu não dava conta de cantar, mas tinha que cantar “borboletinha foi pra cozinha fazer chocolate, não sei o quê...”	Na situação do acidente da minha filha, eu cantava para ela, mesmo sendo difícil para mim.	A música me dá forças para o enfrentamento das adversidades.
O Diálogo			
O Diálogo como fator promotor da solução de problemas			
11	Depois eu vi que, quando se conversa, quando se tem essa capacidade de estar colocando a coisa junto com todo mundo, de repente, aparece uma solução.	Diante dos problemas eu vi que, quando se conversa, quando se tem essa capacidade de compartilhar, de repente, aparece uma solução.	A força do diálogo na minha família promove a solução dos problemas que vivenciamos.
58	Ontem, a gente conversou pra tentar solucionar alguma coisa. Aí, conversou eu, ele [<i>o sobrinho</i>], mamãe, os	Ontem, eu, a mamãe e quem mais estava em casa conversamos para tentar solucionar um problema, apesar de	Quando estou diante de um problema, busco a solução através do diálogo.

	que estavam em casa, né? A gente conversou pra poder ver como que pode ser solucionado isso, mas é uma coisa que, assim, tá realmente difícil porque eu acho que quando um não quer, dois não brigam.	estar realmente muito difícil.	
83	Aí então eu peguei e pensei: “Não, lá em casa... lá embaixo os meninos [os irmãos] estão com problema. O Paulo tá com um problema, o que que nós fizemos? Sentamos eu, Digo, Zequinha, mamãe, Rosa, todo mundo no quarto fechado conversando, solucionou lá, ficou lá embaixo. Porque a gente conversou assim, deu pra ter uma idéia de como podia, a coisa podia ser resolvida.	Diante dos problemas dos irmãos, todos nós nos fechamos no quarto e conversamos, o que nos ajudou a ter uma idéia de como os problemas poderiam ser resolvidos.	É através do diálogo em família que eu busco a solução para nossos problemas.
O Diálogo como pré-requisito para fazer escolhas			
34	As minhas escolhas eu sempre pedia opinião pra ele [o pai], pra mamãe, conversava com os meninos pra poder ver se eles achavam que isso podia ser legal para mim ou pra eles. Então, a gente sempre agiu assim.	Antes de fazer minhas escolhas, eu sempre conversava com minha família para saber a posição deles. Nós sempre agimos assim.	Para mim, o diálogo é fundamental antes de fazer minhas escolhas.
O Diálogo como forma de reflexão sobre as vivências familiares			
45	O dia que nós fizemos uma reunião aqui, a gente sentava aqui, fomos ver o que...o que que tava acontecendo de bom e de ruim pra gente.	Um dia, minha família se reuniu para ver o que tinha de bom e de ruim entre nós.	O diálogo é uma forma de reflexão sobre as vivências familiares.

O Diálogo como elemento de questionamento			
60	<i>[Exemplificando como ela passou a questionar a autoridade do marido]</i> Há um tempo atrás, tinha essa coisa assim de que o pai era o pai, então, o que ele falava era o que tava valendo. Sabe, aqui em casa era assim. Então, o Mário falava assim: “Fulano não vai fazer isso”, “Mas você não quer por quê?”, “Não quero porque eu não acho bom”. “Mas, bom pra quem, pro cê ou pra ele?”, “Não acho bom pra ninguém”. “Mas, por quê? Você já fez?”. “Não”. “Ele já fez?”. “Não”. “Então deixa fazer pra ver, se gostar, faz de novo, se não gostar não faz”.	Descreve um diálogo em que ela questiona a autoridade do marido e, a partir disso, começa a reformular a dinâmica familiar em função da flexibilização da postura autoritária do marido.	O diálogo é uma oportunidade de questionar certas posturas na família e, com isso, flexibilizá-las.
61	Então, aqui...eu comecei a ganhar um certo espaço <i>[depois que começou a questionar as imposições do marido]</i> .	Depois que comecei a questionar imposições do meu marido, comecei a ganhar mais espaço na família.	O diálogo, sob a forma de questionamento, promoveu a reformulação do meu lugar na família.
63	<i>[Diante das posições autoritárias do marido]</i> Depois, eu comecei a pegar umas explicações, eu peguei e me descobri. Eu falei: “Não, não é assim”. O mesmo direito que ele tem de falar que não vai fazer, se a coisa não for muito legal ou se for legal, a gente tem que discutir pra ver com a pessoa se ela vai fazer ou não.	Ao questionar as posições autoritárias do meu marido, eu me descobri e reivindiquei o meu direito de expor minhas opiniões. A partir disso, podemos discutir sobre o que vai ser melhor.	O exercício do diálogo, através de questionamentos, me valorizou e permitiu a flexibilização de posturas autoritárias na minha família.
64	<i>[Sobre um passeio da filha]:</i> Aí, lá vai ele <i>[o marido]:</i> “Ah, mas eu não concordo!”. “Mas, não concorda por causa de quê?”. “Porque é perigoso”. “É perigoso	Numa situação de discordância entre mim e meu marido, questionei suas negativas em relação à permissão para que nossa filha fizesse um	Ao questionar a inflexibilidade de meu marido, possibilitei a liberdade de escolha em relação à nossa filha.

	<p>por quê?”. “Ah, porque tem mato, tem árvore”. “Você já foi lá?”. “Não, mas é perigoso...”. “Então deixa eu falar um negócio com você: deixa ela ir, é a melhor coisa! Eu acho que tem que ir, tem que conhecer, tem que curtir. Mais pra frente se não gostar, não volta, ou se gostar, volta outro final de semana.”. “Ah, mas eu não acho certo...”. “Ó, vamos fazer uma coisa, então. Eu assumo a responsabilidade. Se ela se ferrar lá, eu me ferro com você aqui também, não tem problema”. Aí tudo bem, deixa ela ir embora. Aí chega, ninguém se ferrou, aí tudo bem, está tudo em paz.</p>	<p>passaio. Ele acabou permitindo e, no final, tudo acabou bem.</p>	
	O Diálogo como fator promotor de consenso		
67	<p>A gente [ela e o marido] pode muito bem assentar e conversar, né? E chegar num acordo, e, através disso a gente tem chegado a acordos, a vida tem sido muito melhor, tudo tem fluído melhor.</p>	<p>Ao sentarmos e conversarmos, eu e meu marido temos chegado a vários acordos, o que tem melhorado muito a nossa vida.</p>	<p>Mudança de paradigma: o autoritarismo do marido dá lugar ao consenso familiar através do diálogo, o que melhorou a qualidade das relações familiares.</p>
	O Diálogo como abertura para o posicionamento do outro		
69	<p>Agora é aquela família onde as pessoas conversam. Então, inclusive eu acredito que não é porque o menino tem dez anos, que não tem opinião própria. Ele tem dez anos. Mesmo que não saiba o que é bom pra ele, ele tem que experimentar alguma coisa, eu não posso</p>	<p>Na minha família, todas as pessoas conversam, inclusive as crianças, o que proporciona a sinceridade entre as pessoas.</p>	<p>Cada membro da família tem uma perspectiva da vida que merece ser considerada.</p>

	privar, ficar falando com ele, “não faça, não faça, não faça”, e ele vai perguntar, “mas, por que eu não posso fazer”. Então, esse porquê te dá oportunidade ou de você ser sincero com ele ou ele inventar um monte de desculpa mentindo.		
O Diálogo como fator promotor de interação			
21	Cê tá sempre pedindo a opinião de alguém, cê tá sempre sentando num canto, bate um papo, de repente a solução aparece daqueles cinco minutos de papo que você bateu ali com alguém. Aí, a família já fica totalmente envolvida.	Quando há diálogo, toda a família fica envolvida.	O diálogo aproxima os membros da família.
70	Então, eu acho assim, é por aí que a coisa começou a dar certo e tem dado certo por causa disso, por causa do diálogo, da coisa da gente sentar e conversar mesmo.	As coisas começaram a dar certo na minha família por causa do diálogo, da nossa disponibilidade para sentar e conversar mesmo.	O relacionamento familiar melhorou devido à nossa disponibilidade para o diálogo.
72	E não é simplesmente ele chegar “eu não quero, eu faço, eu mando e acabou”. Acabou, não acabou nada. Agora, e aí começa, e aí quando começa é muito tempo de conversa, de bate-papo, só que depois, graças a Deus, acaba tudo bem.	Diante de um impasse, o autoritarismo não resolve. É aí que começa a conversa. Só depois de muito tempo de conversa é que, graças a Deus, acaba tudo bem.	A interação entre os membros da família que ocorre através do diálogo permite o consenso familiar.
73	[Sobre o marido, em função do diálogo] Sabe por que, (os meninos meus, inclusive) tem se aproximado mais, tem assentado pra comer na mesa, a gente tem batido papo, a gente deita na cama pra poder rir. Voltou a ser assim... a	Depois que eu e meu marido começamos a conversar mais, nós trouxemos o clima mais gostoso para dentro de casa (inclusive com os meninos). Durante um tempo, esteve tudo arrebitado, mas com o diálogo, deu para dar	O restabelecimento do diálogo entre mim e meu marido repercutiu positivamente nas nossas relações familiares, inclusive com nossos filhos.

	gente trouxe de volta o clima mais gostoso de dentro de casa porque durante um tempo estava tudo arreventado. E ali deu pra dar uma desembolada, graças a Deus (risos).	uma desembolada, graças a Deus	
74	Então junta todo mundo de tarde: “O que está fazendo? Não está fazendo nada? Vamos ficar todo mundo na minha cama e vamos assistir filme.” Então, filme que a gente já cansou de ver, a gente morreu de rir do filme, né? Mas é diferente quando está todo mundo junto: o trem tem mais gosto, dá pra você rir muito mais, então é muito gostoso.	Ao restabelecemos o diálogo na nossa família, desfrutamos de muitos momentos prazerosos, pois todos nós ficamos mais juntos.	A melhoria das relações familiares, em função do diálogo, proporcionou um clima de união entre todos nós.
75	Então dá pra poder ter essa interação a partir do diálogo.	Com diálogo, há interação.	O diálogo proporciona a interação familiar.
86	Então, eu queria conversar, aí um dia eu falei assim, “Preto, vamo conversar comigo?” Aí ele olhou pra mim assim: “Ué, você ainda fala comigo?”, eu falei, “Preto, meu filho, a gente pode sentar e conversar”, “mas, eu não sei se eu tenho alguma coisa pra falar com você, porque eu tô tão atolado, porque eu tô sofrendo”, aí ele foi conversando, foi falando, e eu fui rindo, quanto mais ele falava, mais eu ria, “Por que cê tá debochando de mim?”, “Eu tô achando uma gracinha, você já não queria conversar comigo e agora fica falando tudo. Eu tô achando isso ótimo”.	Numa situação em que eu e meu marido estávamos brigados, eu me dispus a conversar com ele. Apesar do questionamento inicial dele em relação à minha abertura para conversarmos, ele acabou falando de seus sentimentos, o que achei ótimo.	O diálogo promove a aproximação das pessoas em situações de conflito.

O Diálogo como fator promotor do crescimento do outro			
81	Por exemplo, a gente consegue fazer tanta coisa, não digo tanta coisa não, mas você consegue fazer alguma coisa conversando com alguém, dá uma força pra alguém e vê aquela pessoa melhorando, um cadinho que seja.	Quando a gente conversa com alguém, dando uma força, ela sempre melhora, nem que seja um pouquinho.	O diálogo promove o crescimento das pessoas.
A Afetividade			
4	É tristeza em família, alegria em família.	Na família, vivemos as alegrias e tristezas.	Na família, a afetividade é vivenciada de várias formas.
24	[<i>Sobre as características necessárias à família</i>] Carinho também não falta, não pode faltar de forma alguma, porque eu acredito que todo e em qualquer momento um carinho é sempre bem-vindo, então tem essa coisa do carinho também.	Na família, tem que haver carinho, pois ele é sempre bem-vindo.	O carinho é uma das vivências da afetividade em família.
89	[<i>Sobre o que estava mais presente para ela ao falar de família</i>] Ah, o que está mais presente é amor, sabe Cláudia? Muito, muito mesmo, sabe? Amor, assim, de mãe para o filho, de filho pra com a mãe, de marido pra com mulher, de cachorro pra com os meninos, de cachorro pra comigo, de tudo, sabe?	O amor está muito presente quando falo de família.	A vivência do amor é uma forma de expressar a afetividade em relação à família.
91	Então, o que eu estou sentindo aqui com relação à família minha de... de... daqui, de cima, meu marido, minha filha, minha mãe, meus irmãos, é tudo, é isso, é amor, que tem a capacidade de transformar tudo.	Eu sinto um amor muito grande pela minha família. Esse amor tem a capacidade de transformar tudo.	O amor tem um forte poder de transformação na família.

92	O amor tem a capacidade... o amor às vezes é tão egoísta que não te deixa transformar nada, mas às vezes você vê que não pode ficar guardando aquilo só pro cê, você abre aí é o leque, né, aí você pode espalhar aquilo pra todo mundo. E é isso que eu sinto presente e muito nessa relação família.	Às vezes, o amor é tão egoísta que não te deixa transformar nada. É importante expressá-lo para todos na família. E é isso que eu sinto presente e muito nessa relação família.	A expressão do amor pela família é fundamental para mim.
103	[<i>Na situação do acidente da filha com a bicicleta, por volta dos sete anos</i>] Era muito amor não sei o quê	No acidente da minha filha, era muito carinho, muito amor.	A vivência do amor e do carinho me deram força para o enfrentamento das adversidades
Comunhão			
10	[<i>Sobre compartilhar os problemas com a família</i>] ... eu até me furtei disso durante um tempo, porque às vezes têm coisas que a gente prefere não passar para a família, para que família não sofra junto com você, aquilo que você está sentido, né?	Durante um tempo, me furtei A compartilhar meus problemas com minha família, a fim de evitar que ela sofresse junto comigo.	Embora haja comunhão na família, nem tudo é compartilhado.
20	Eu procuro não envolver tanto a família, mas de qualquer forma acaba envolvendo porque têm coisas que assim, não tem como ocê segurar sozinha.	Eu procuro não envolver a minha família nos meus problemas, mas acabo envolvendo, pois há situações que não tem como eu agüentar sozinha.	Ao compartilhar meus problemas com minha família, ela me ajuda a enfrentá-los.
22	Não tem como cê tá...cê fazer parte de uma família e...é como se fosse assim: cê fazer parte de uma família e tá vivendo uma situação sozinha; você acaba envolvendo todo mundo, né?	Não tem como fazer parte de uma família e viver sozinha, pois todos acabam se envolvendo.	Eu compartilho minha vida com minha família.

	União		
74	Então junta todo mundo de tarde: “O que está fazendo? Não está fazendo nada? Vamos ficar todo mundo na minha cama e vamos assistir filme.” Então, filme que a gente já cansou de ver, a gente morreu de rir do filme, né? Mas é diferente quando está todo mundo junto: o trem tem mais gosto, dá pra você rir muito mais, então é muito gostoso.	Ao restabelecermos o diálogo na nossa família, desfrutamos de muitos momentos prazerosos, pois todos nós ficamos mais juntos.	A melhoria das relações familiares, em função do diálogo, proporcionou um clima de união entre todos nós.
93	[<i>Na situação do acidente grave sofrido por um irmão</i>] (...) e o que que fizemos nesse momento, a família toda? Juntou todo mundo nesse momento, ajoelhou, e reza, reza, reza. Mamãe mandou fazer uma perna de gesso pra poder levar no Santuário de São Judas, já até entregou lá depois que cumpriu a promessa e tal. Eu fiz uma promessa, não paguei até hoje, pra Nossa Senhora Aparecida, mas eu acredito que ela entenda minha situação (risos).	Quando meu irmão sofreu um acidente grave, a família toda se reuniu e rezou.	Eu vivencio a união familiar nas situações em que passamos por dificuldades.

94	[<i>Na situação do acidente grave sofrido por um irmão</i>] Durante esse tempo que ele ficou hospitalizado (...) a gente ficava com ele muito tempo. Eu trabalhava, saía do serviço de tarde, dava uma passada no hospital, depois do hospital eu ia pra escola, depois que eu saía da escola, eu dava uma passada lá de novo pra ver se ele tava bem e ia embora. E nesse meio tempo já tinha outro que tava indo. Então, a gente revezava, meu irmão não ficava sozinho em nenhum momento.	Quando meu irmão sofreu um acidente grave, eu e minha família nos reunimos ao redor dele, de modo que ele não ficasse sozinho em nenhum momento.	A união na minha família se dá como uma forma de amparo aos necessitados.
95	Não tinha tanta necessidade, a gente ficava socado lá, agarrado no João o dia inteiro, né?	Mesmo sem necessidade, nós permanecemos unidos ao meu irmão, quando ele esteve hospitalizado.	A vivência de união não se refere, necessariamente, a uma necessidade real.
96	Mas o que a gente sentia? “Bom, se eu não for hoje, o João vai ficar sentido. Ah, então eu vou”. Aí, eu pensava, “Ah, eu tenho que ir hoje porque senão o João vai ficar chateado”. Aí, o outro tava lá no Padre Eustáquio: “Ah, vou dar uma passada lá no João, só pra ver se tá tudo bem”. Mentira!!! A gente usava aquilo ali como... era um reduto, ia todo mundo pra ali.	Nós arrumávamos desculpas para permanecermos juntos do meu irmão.	A vivência da união é muito importante para mim e não se refere à necessidade da situação.

99	Depois disso todo mundo juntou em torno dele [<i>o irmão</i>] e virou aquela coisa. Quem não conversava, já tinha brigado porque estava tocando em cima do palco e fez acorde errado, não sei o quê, aquele negócio todo, acabou que juntou tudo e aí virou isso, ficou desse jeito.	Quando meu irmão se acidentou, nós nos unimos, apesar das brigas.	A necessidade de união da família é mais importante do que as desavenças, o que promoveu reconciliações.
102	[<i>Na situação do acidente da filha com a bicicleta, por volta dos sete anos</i>] Aí o que acontece novamente? Lá vai a família toda.	Quando minha família se acidentou, nós nos unimos novamente.	A união é um elemento presente na minha família em todas as circunstâncias.
105	[<i>Referindo-se aos acidentes do irmão e da filha</i>] (...) e aí me reuni novamente, a música junto, a família junto, de novo foi isso. (...)	Nas adversidades, minha família se reúne e permanece junta, inclusive com a música.	Eu vivencio, freqüentemente, a união na minha família.
Apoio			
32	Aqui em casa, pelo fato de a gente tá junto há muito tempo (...), tudo que um faz, às vezes, se é bom pra aquele ali, a família toda apóia.	Na minha família, pelo fato de sermos unidos, os atos de cada um têm o apoio de toda a família (se for bom para ele).	A minha família participa e apóia a decisão de seus membros.
33	Praticamente tudo o que eu já fiz na minha vida eu tive apoio da família, desde quando o papai era vivo. Então assim, ele apoiava a gente no que a gente fazia.	Eu sempre tive o apoio da minha família em praticamente tudo que fiz na vida, desde a época em que meu pai era vivo.	Eu sempre vivenciei o apoio da minha família nas minhas decisões.

98	(...) o seu Breno falou pra ele assim um dia: “Ô João, por que que toda vez que eu te olho, você tá rindo? Até hoje eu não vi você reclamar dessa perna!” Ele falou: “Ô seu Breno, com Deus do jeito que eu tenho e essa família maravilhosa, como é que eu posso reclamar de alguma coisa?” Isso pra mim assim foi tudo, sabe?	O seu Breno perguntou para o João por que ele estava sempre rindo e por que nunca reclamava da perna. João respondeu perguntando como ele poderia reclamar de alguma coisa já que ele tinha Deus e uma família maravilhosa. Isso pra mim assim foi tudo!	O reconhecimento de Deus e da família como amparos para enfrentar as adversidades da vida são vivências fundamentais para mim.
Sinceridade			
23	[<i>Sobre as características necessárias à família</i>] Eu vejo, eu sinto que é isso, é a sinceridade acima de qualquer coisa, a sinceridade que a gente tem um com o outro – a coisa tem que ser...não adianta ser só de um lado, tem que ser de um todo, a sinceridade de forma geral	Eu sinto que a sinceridade que um tem que ter com o outro na família deve ser acima de qualquer coisa, e ela tem que ser recíproca.	Eu vivencio a sinceridade entre os membros da família como um elemento fundamental.
Diferenças entre os membros			
41	(...) Eu não vou dizer pro cê que é tudo bonito não. Família não tá aí é pra ser tudo bonito também não. Tem que tá errado, tem que ter bagunça pra depois chegar num acordo. Acredito que seja assim.	A família não é sempre bonita. Tem que haver bagunça para depois se chegar a um acordo.	A discordância entre os membros faz parte da dinâmica familiar: é a partir dela que é possível chegar a acordos.

A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: POSTURAS NA FAMÍLIA			
Cumplicidade			
2	A família, ela é cumplicidade.	A família é cumplicidade.	A cumplicidade é uma postura fundamental na família.
7	No caso, por exemplo, um problema de um é sempre um problema de toda família. Então o que que acontece? Toda a família tenta resolver.	Na minha família, quando alguém está com problema, ele passa a ser de todos, que procuram resolvê-lo.	Eu vivencio a cumplicidade da minha família, quando estou com um problema.
8	Então, assim, é por isso que digo a cumplicidade, porque a gente tá junto em tudo.	Eu chamo de cumplicidade o fato de minha família estar junto em tudo.	A minha família permanece junta em todas as situações pelas quais passamos.
Amizade			
3	Ela é amizade.	Família é amizade.	Eu vivencio a amizade na minha família.
Cooperação			
9	Eu acredito que família é isso: aquela coisa realmente da união, a vontade de ajudar, a vontade de crescer, a cooperação, né? Eu vejo a família assim.	Eu acredito que família é cooperação no sentido da união, da vontade de ajudar, da vontade de crescer.	Eu vivencio a cooperação na minha família como doação, no sentido da saída de si para o outro, no sentido de ajudá-lo a crescer.
Busca do consenso			
12	[A família] São várias pessoas pensando, né? Chegam num consenso, porque até então você sozinho não conseguiria chegar a esse consenso, né?	A família são várias pessoas pensando para chegarem a um consenso, o que não se consegue quando se pensa sozinho.	Eu vivencio a busca pelo consenso como uma postura presente na minha família.

Ênfase nas qualidades do outro			
77	[<i>Sobre o marido</i>] É uma pessoa maravilhosa! Tudo bem, todo mundo tem o seu defeito, o ser humano não é perfeito mesmo, todo mundo tem algum defeito. Então assim, se a gente for procurar muito defeito, se você tem muito, muito defeito então, a qualidade vai ficar pequenininha, aquele bando de defeito em volta. Então, é preferível fazer o contrário, ao invés de procurar defeito, você olha a qualidade, você vai encher três folhas de caderno, frente e verso. Aí se tiver tempo de pensar no defeito, você escreve uma linha, ele é mais ou menos chato... (risos) e pronto.	Meu marido é uma pessoa maravilhosa! Não é perfeito mesmo; como todo mundo, tem algum defeito. Mas é preferível olhar suas qualidades, que são muito maiores. Ao fazer isso, os defeitos ficam minimizados.	Eu enfatizo a qualidade das pessoas, ao invés de realçar os seus defeitos.
Presença			
13	Às vezes tem aquela coisa de que tem sempre um que é o arrimo, aquele ali é que segura toda a onda, né?	Na família, tem sempre aquele que é o arrimo, aquele que segura a onda toda.	Arrimo é aquele que segura as dificuldades de todos os outros membros da família.
A percepção das necessidades do outro			
85	E aí eu passei a prestar mais atenção nas coisas que eu fazia ou deixava de fazer, e fui vendo mais a necessidade dele [<i>do marido</i>], da carência dele de conversar.	Eu passei a prestar mais atenção nas coisas que eu fazia ou deixava de fazer, e fui vendo mais a necessidade do meu marido, da carência dele de conversar.	Ao prestar mais atenção aos momentos em que estive ausente, passei a perceber melhor as necessidades do outro.

OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR O Arrimo			
O Arrimo como base para a família			
13	Às vezes tem aquela coisa de que tem sempre um que é o arrimo, aquele ali é que segura toda a onda, né?	Na família, tem sempre aquele que é o arrimo, aquele que segura a onda toda.	Arrimo é aquele que segura as dificuldades de todos os outros membros da família.
14	Aquele que segura toda a onda aqui em casa ou sou eu ou é a mamãe. A gente... é... em determinado momento a gente sente até sobrecarregado, então nós duas trocamos muita idéia a respeito disso.	Eu e minha mãe seguramos a onda toda aqui em casa. Às vezes, nos sentimos sobrecarregadas. Quando isso acontece, nós conversamos a respeito.	O arrimo se sobrecarrega com os problemas dos outros.
15	Já conversamos [<i>ela e a mãe</i>] até sobre essa questão mesmo, da família, como que pode ser... É porque que a gente tem, às vezes, essa obrigação de...de...não seria uma obrigação, mas, assim, entre aspas, essa obrigação de tá segurando essa onda toda.	Eu e minha mãe já conversamos sobre essa “obrigação” do arrimo de estar segurando essa onda toda.	É função do arrimo da família abarcar os problemas dos outros membros.
Fortaleza			
16	Então aí a gente [<i>ela e a mãe</i>] chegou na conclusão de que é porque a gente se mostrou mais forte do que os outros, não por uma questão de competição.	Nós chegamos à conclusão de que somos o arrimo da família porque nos mostramos mais fortes, e não por uma questão de competição.	Aquele que se mostra mais forte na família é quem acaba desempenhando a função de arrimo.
25	Tem aquela coisa de... quando eu te falei antes do arrimo de família, né? A pessoa tem que...não digo que tem, mas as pessoas elas se apresentam fortes. Muita gente diz que é por causa de signo, não sei o que, não acredito muito nisso	O arrimo de família são aquelas pessoas que se apresentam fortes. Muita gente diz que é por causa de signo, mas eu não acredito muito nisso não. Acho que, de repente seja, uma coisa mesmo de Deus.	A força do arrimo de família é um dom de Deus.

	não. Acho que, de repente, seja, assim, uma coisa mesmo de Deus.		
26	Mas aí, às vezes as pessoas... Uma se apresenta mais forte do que as outras, então... Em qualquer situação você tem que estar sendo forte, né?	Um as pessoas se apresentam mais fortes que outras. E o arrimo tem que ser forte em qualquer situação.	Eu, como arrimo da minha família, tenho que me mostrar forte em qualquer situação.
O arrimo como responsável por encontrar a solução dos problemas			
17	Às vezes chega num determinado ponto que as pessoas, elas encolhem, família minha, dentro da família, as pessoas encolhem. Sabe aquela coisa de “Ah, eu não vou fazer agora, vou esperar fulano fazer.”? Ou então, “Vou perguntar pra fulano como eu devo agir.” Então aí, o fulano geralmente ou é a mamãe ou sou eu. Então aí, acaba que a gente tenta resolver o problema da família e acaba pegando aquilo pra gente, e aí ocê se torna o arrimo da família.	Diante de um problema, as pessoas se encolhem, aguardando o posicionamento do arrimo. Então, este acaba assumindo o problema para si e tenta resolvê-lo.	Eu assumo para mim os problemas dos membros da minha família e tento resolvê-los
18	Eu tenho um determinado problema. Então, assim, eu posso muito bem pensar em solucionar aquele problema, mas, no entanto, eu prefiro perguntar pra mamãe, eu prefiro jogar essa responsabilidade pra ela: “Mamãe, tenta resolver isso pra mim. Pensa como você pode me ajudar.” Aí, o que que acontece? Mamãe vai queimar os neurônios dela e eu vou estar tranquilo esperando ela	Quem tem um problema, ao invés de pensar em solucioná-lo, prefere consultar o arrimo e jogar para ele essa responsabilidade. O que acontece? O arrimo se desgasta enquanto o outro aguarda, tranquilo, a solução.	Como arrimo da família, eu me desgasto com a responsabilidade de solucionar os problemas dos outros, os quais se mantêm alheios a todo esse processo.

	me dar a solução.		
	Resolução dos próprios problemas		
19	[<i>Sobre como ela resolve os próprios problemas</i>] Quando eu tenho os meus problemas é desse jeito também. Eu busco tentar resolver sozinha. Eu procuro não envolver muito a família, dependendo do problema, né?	Quando eu tenho meus problemas, busco resolvê-los sozinha, sem envolver a família (mas isso depende do problema)	Procuro resolver meus problemas sem envolver os outros membros da família.
	Expressão da sua dor		
27	A coisa mesmo, por mais que doa, que... que... aquela assim... que a coisa esteja te machucando e tal, mas cê tem que, às vezes, passar por cima daquilo ali e ser uma pessoa forte, mesmo que depois você vai chorar no travesseiro, você vai sentir um pouco mais de dor do que de outras.	Por mais que esteja machucando, o arrimo tem que superar essa dor e ser uma pessoa forte, mesmo que ele vá expressar essa dor depois, sozinho, sentindo um pouco mais que os outros.	Mostrar a dor não é compatível com a fortaleza do arrimo.
28	[<i>Sobre a fortaleza do arrimo diante da dor</i>] Mas é uma espécie de um fingimento também. Eu vejo isso como uma espécie de... um fingimento, quer dizer, cê tá apresentando uma coisa que, de repente, não é tanto, né? Mas, infelizmente, isso acontece.	O arrimo finge: ele apresenta uma fortaleza diante da dor que, na verdade, não é o que ele vivencia de fato.	Enquanto arrimo, eu não posso expressar para o outro a minha dor.

Presença			
29	[<i>Sobre o fato de ela ser o arrimo da família, e não a irmã mais velha</i>] A Rosa não mora aqui, né? Então, ela tem, ela tá aqui com a gente em algumas coisas, mas ela tá mais distante, viajando, fazendo uma coisa aqui, outra ali. Eu tô mais presente, então é por isso. Acredito que seja por isso também.	A minha irmã mais velha está sempre distante, viajando. Eu estou mais presente, por isso sou o arrimo.	Ser arrimo é uma questão de estar presente, e não de hierarquia.
A esposa			
65	Mas eu já descobri que se eu começar, quando ele [<i>o marido</i>] disser alguma coisa assim, que é a opinião dele é que vai valer, porque eu sou homem, eu que pago, eu que faço, eu que mando, não, não é assim.	Quando meu marido insiste que é a opinião dele que vai valer, eu insisto que não é assim.	Ao questionar a autoridade do marido, eu reformulei meu papel na dinâmica conjugal.
66	Ele paga, mas, de certa forma, eu ajudo. Ele manda e não é porque manda que eu vou obedecer, não é assim.	Meu marido paga as contas, mas, de certa forma, eu ajudo. Mas não é porque manda, que eu vou obedecer.	Como mulher, também sou autoridade na minha família, o que não se refere apenas a quem sustenta financeiramente a família.
71	[<i>Em relação ao marido</i>] Se for o caso, se tiver que gritar, mas assim, eu faço valer minha opinião, se eu estou certa e acredito que estou certa. Então, assim, eu quero que me ouçam, eu quero que conversem comigo.	Se acredito que estou certa, eu faço valer minha opinião, nem que seja no grito.	É importante para mim que meu marido considere minhas opiniões.

O pai			
59	[<i>Sobre a divisão de papéis na família</i>] Há um tempo atrás, tinha essa coisa assim, de que o pai era o pai, então o que ele falava era o que tava valendo. Sabe, aqui em casa era assim. Então, o Mário falava assim: “Fulano não vai fazer isso”. “Mas não vai fazer por quê?”, “Porque eu não quero”.	Há um tempo atrás, a vontade do pai era a que valia na minha família, sem questionamentos.	Na minha família, o pai era uma figura autoritária.
68	Então, era assim, era aquela família onde o pai mandava.	Na minha família, quem mandava era o pai.	Na minha família, o pai era a única autoridade.
A rede familiar			
57	Vamos deixar aqui em cima: (...) pai, mãe e filho que a gente tem aqui, o sobrinho já é meu desde pequeno, que mãe dele viajava muito pra trabalho, mexia com música e tal, ela não tinha como cuidar. Aí ela me deu – eu tomei dela. Ela não me deu não, eu tomei dela – aí, tá comigo há muito tempo.	Na impossibilidade de minha irmã criar o filho, por motivos ligados à sua profissão, eu assumi essa responsabilidade.	Os papéis são desempenhados na minha família de acordo com as disponibilidades de cada um. Não se referem a uma obrigação <i>a priori</i> .

ELEMENTOS DESESTRUTURANTES DA FAMÍLIA A falta de união entre o casal			
78	<i>[Em relação ao marido]</i> Eu também, durante um tempo, eu quis estar mais distante, eu deixei que a situação chegasse num ponto de quase dizendo: “aqui, minha família, meus filhos e tal aqui”. Então, cheguei num ponto de quase tivesse uma separação, uma coisa que realmente eu já não queria mais, que eu mesmo já não queria.	Durante um tempo, eu quis estar mais distante do meu marido e me afastei dele (e também os meus filhos). Por isso, nós quase nos separamos.	A falta de união entre mim e meu marido quase provocou a nossa separação.
79	Eu cheguei num ponto de falar que não tinha mais condição, mas por quê? Porque pra mim estava mais tranquilo. Eu chegava, eu fazia cumprir com as minhas obrigações da dona-de-casa.	Ao cumprir apenas com minhas obrigações de dona-de-casa, me afastei de meu marido e nosso casamento chegou a ponto de não ter mais condição de se manter.	A falta de união entre mim e meu marido quase desestruturou a nossa família.
82	Porque era praticamente isso: ele <i>[o marido]</i> entrava pra dentro do quarto, fechava a porta, domingo, ele ficava o domingo inteiro trancado dentro do quarto e saía, vinha, pegava a comida aqui, voltava, trancava, então era assim. Estava se sentindo um estranho, deslocado.	Aos domingos, meu marido passava o dia inteiro trancado no quarto. Estava se sentindo um estranho, deslocado.	O isolamento de meu marido foi consequência da nossa falta de união.

	Individualismo		
30	[<i>Sobre sua percepção das outras famílias da comunidade</i>] Então, é aquela família que, assim, ninguém tá nem aí pra ninguém, que...que...é...um tá...tá com dificuldade lá, tá envolvido com droga e tal, então “deixa ele pra lá, deixa ele viver a vida dele que eu não tô nem aí”, a mãe falando isso, o pai, bebendo, não tá preocupado com isso.	Eu percebi diversas famílias na comunidade em que ninguém está nem aí para ninguém, mesmo quando o outro está com dificuldades, como o envolvimento com drogas. Mesmo o pai e a mãe não se importam com os filhos, pois estão preocupados com outras coisas.	O individualismo (no sentido da falta de união entre os membros) foi um dos elementos que percebi nas famílias da comunidade.
31	[<i>Sobre sua percepção das outras famílias da comunidade</i>] Mas então, nesse outros envoltimentos que eu já tive com família eu vejo que a coisa é meio assim, o pessoal é meio largado.	No envolvimento que tive com outras famílias da comunidade, percebi que o pessoal é meio largado.	Nas famílias da comunidade, as pessoas não se envolvem com as questões dos outros membros da família.
36	As pessoas tomam as atitudes por si. É cada um assim, “Ah, eu vou fazer isso porque vai ser bom pra mim.” Em nenhum momento cê perguntou... “Você pediu opinião a sua mãe, cê procurou bater um papo com ela pra saber se é legal?”, “Não tô nem aí pra minha mãe.” É como se não tivesse... se fosse... é isso mesmo, é todo mundo largado.	Nas famílias da comunidade, as pessoas tomam as atitudes por si mesmas. Ninguém procura conversar com sua família para trocar opiniões. Na verdade, as pessoas não se importam nem com a mãe. É todo mundo muito largado.	Há um individualismo presente nas famílias das comunidades. As pessoas não se importam umas com as outras.

A falta de diálogo			
35	Então, aí quando cê vê que, de repente, nas outras famílias... cê espera que as pessoas cheguem pra você e fala “Ah, eu tive conversando com a minha família a respeito de determinado assunto”. Não, ninguém faz isso.	Eu esperava que as pessoas me contassem situações onde houvesse conversa entre os membros da família, mas ninguém faz isso.	Eu vivenciei a falta de diálogo nas famílias da comunidade.
36	As pessoas tomam as atitudes por si. É cada um assim, “Ah, eu vou fazer isso porque vai ser bom pra mim.” Em nenhum momento cê perguntou... “Você pediu opinião a sua mãe, cê procurou bater um papo com ela pra saber se é legal?”, “Não tô nem aí pra minha mãe.” É como se não tivesse... se fosse... é isso mesmo, é todo mundo largado.	Nas famílias da comunidade, as pessoas tomam as atitudes por si mesmas. Ninguém procura conversar com sua família para trocar opiniões. Na verdade, as pessoas não se importam nem com a mãe. É todo mundo muito largado.	Nas famílias das comunidades, as pessoas não conversam entre si sobre suas experiências.
84	Agora dentro de minha casa, eu não consigo fazer isso [<i>resolver os problemas e as divergências através do diálogo</i>]? Não! Mas que merda de mulher eu sou! Vamos mudar isso aí!!!	Eu me questioneei sobre a minha incapacidade de solucionar nossos problemas familiares através do diálogo e resolvi mudar essa situação.	A falta de diálogo com meu marido causou problemas na nossa família.

A falta de escuta			
36	As pessoas tomam as atitudes por si. É cada um assim, “Ah, eu vou fazer isso porque vai ser bom pra mim.” Em nenhum momento cê perguntou... “Você pediu opinião a sua mãe, cê procurou bater um papo com ela pra saber se é legal?”, “Não tô nem aí pra minha mãe.” É como se não tivesse... se fosse... é isso mesmo, é todo mundo largado.	Nas famílias da comunidade, as pessoas tomam as atitudes por si mesmas. Ninguém procura conversar com sua família para trocar opiniões. Na verdade, as pessoas não se importam nem com a mãe. É todo mundo muito largado.	Nas famílias das comunidades, as pessoas não têm disponibilidade para se escutarem umas às outras.
80	Então, eu fazia as coisas assim da mãe, sabe, e não estava pronta a escutar, e não queria escutar, não estava nem aí se estava querendo falar alguma coisa. Por quê? Tudo que queria falar comigo, estava preocupada na frente do computador, pegando letra de música, eu tava no violão descobrindo um acorde novo.	Eu desempenhava meu papel de mãe, me envolvia com outras atividades e não estava disponível para ouvir meu marido quando ele queria conversar comigo.	A minha falta de escuta para meu marido gerou problemas na nossa família.
A falta de cumplicidade			
38	[<i>Sobre sua percepção das outras famílias da comunidade</i>] Então, quando cê vê que tem um que tá meio descontrolado, às vezes o pai não tem aquele raciocínio lógico, ele não tá ajudando a mãe naquele momento, a mãe não consegue ajudar os filhos, então eu acho que a coisa aí já fica meio embolada, então já não consegue... já não flui nada, as coisas já não acontecem como deviam acontecer.(...) Nessa	Na família, quando uns não conseguem ajudar os outros, a coisa fica meio embolada, não flui nada, as coisas não acontecem como deviam acontecer. Não há cumplicidade, isso de estar todo mundo junto.	A falta de cumplicidade entre os membros compromete o processo familiar.

	coisa da cumplicidade, de estar todo mundo junto.		
	A falta de comunhão		
39	Eu não encontrei, durante esse tempo todo que eu convivi com as famílias da comunidade fazendo esse trabalho de visitar a família, preparar a ficha e aquele negócio todo, eu não encontrei uma família que tivesse ali o pai, a mãe e os filhos, o pessoal todo, numa comunhão.	Durante o tempo em que trabalhei na comunidade, não encontrei nenhuma em que seus membros estivessem em comunhão.	A comunhão faz falta nas famílias.
	OS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA FAMÍLIA A falta de união entre o casal		
78	[<i>Em relação ao marido</i>] Eu também, durante um tempo, eu quis estar mais distante, eu deixei que a situação chegasse num ponto de quase dizendo: “aqui, minha família, meus filhos e tal aqui”. Então, cheguei num ponto de quase tivesse uma separação, uma coisa que realmente eu já não queria mais, que eu mesmo já não queria.	Durante um tempo, eu quis estar mais distante do meu marido e me afastei dele (e também os meus filhos). Por isso, nós quase nos separamos.	A falta de união entre mim e meu marido quase provocou a nossa separação.
79	Eu cheguei num ponto de falar que não tinha mais condição, mas por quê? Porque pra mim estava mais tranquilo. Eu chegava, eu fazia cumprir com as minhas obrigações da dona-de-casa.	Ao cumprir apenas com minhas obrigações de dona-de-casa, me afastei de meu marido e nosso casamento chegou a ponto de não ter mais condição de se manter.	A falta de união entre mim e meu marido quase desestruturou a nossa família.
82	Porque era praticamente isso: ele [<i>o marido</i>] entrava pra dentro do quarto, fechava a porta, domingo, ele ficava o domingo inteiro trancado dentro do quarto e saía, vinha, pegava a comida	Aos domingos, meu marido passava o dia inteiro trancado no quarto. Estava se sentindo um estranho, deslocado.	O isolamento de meu marido foi conseqüência da nossa falta de união.

	aqui, voltava, trancava, então era assim. Estava se sentindo um estranho, deslocado.		
	A falta de escuta		
80	Então, eu fazia as coisas assim da mãe, sabe, e não estava pronta a escutar, e não queria escutar, não estava nem aí se estava querendo falar alguma coisa. Por quê? Tudo que queria falar comigo, estava preocupada na frente do computador, pegando letra de música, eu tava no violão descobrindo um acorde novo.	Eu desempenhava meu papel de mãe, me envolvia com outras atividades e não estava disponível para ouvir meu marido quando ele queria conversar comigo.	A minha falta de escuta para meu marido gerou problemas na nossa família.
	A falta de diálogo		
84	Agora dentro de minha casa, eu não consigo fazer isso [<i>resolver os problemas e as divergências através do diálogo</i>]? Não! Mas que merda de mulher eu sou! Vamos mudar isso aí!!!	Eu me questioneei sobre a minha incapacidade de solucionar nossos problemas familiares através do diálogo e resolvi mudar essa situação.	A falta de diálogo com meu marido causou problemas na nossa família.
	Conflitos entre os membros		
62	Durante um tempo eu fiquei muito assim, com muito medo de confusão, porque eu não gosto de muito barulho, de confusão, de briga, não gosto de nada disso. Então, era assim, eu tinha medo disso.	Durante um tempo eu tive muito medo de confusão, de briga na família e eu não gosto de nada disso.	Eu vivencio o confronto com o outro como possibilidade de briga na família, o que pode desestruturá-la.
	A PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE Individualismo		
30	[<i>Sobre sua percepção das outras famílias da comunidade</i>] Então, é aquela família que, assim, ninguém tá nem aí pra ninguém,	Eu percebi diversas famílias na comunidade em que ninguém está nem aí para ninguém, mesmo quando o outro está com dificuldades,	O individualismo (no sentido da falta de união entre os membros) foi um dos elementos que percebi nas famílias da comunidade.

	que...que...é...um tá...tá com dificuldade lá, tá envolvido com droga e tal, então “deixa ele pra lá, deixa ele viver a vida dele que eu não tô nem aí”, a mãe falando isso, o pai, bebendo, não tá preocupado com isso.	como o envolvimento com drogas. Mesmo o pai e a mãe não se importam com os filhos, pois estão preocupados com outras coisas.	
31	[<i>Sobre sua percepção das outras famílias da comunidade</i>] Mas então, nesses outros envoltimentos que eu já tive com família eu vejo que a coisa é meio assim, o pessoal é meio largado.	No envolvimento que tive com outras famílias da comunidade, percebi que o pessoal é meio largado.	Nas famílias da comunidade, as pessoas não se envolvem com as questões dos outros membros da família.
36	As pessoas tomam as atitudes por si. É cada um assim, “Ah, eu vou fazer isso porque vai ser bom pra mim.” Em nenhum momento cê perguntou... “Você pediu opinião a sua mãe, cê procurou bater um papo com ela pra saber se é legal?”, “Não tô nem aí pra minha mãe.” É como se não tivesse... se fosse... é isso mesmo, é todo mundo largado.	Nas famílias da comunidade, as pessoas tomam as atitudes por si mesmas. Ninguém procura conversar com sua família para trocar opiniões. Na verdade, as pessoas não se importam nem com a mãe. É todo mundo muito largado.	Há um individualismo presente nas famílias das comunidades. As pessoas não se importam umas com as outras.
A falta de diálogo			
35	Então, aí quando cê vê que, de repente, nas outras famílias... cê espera que as pessoas cheguem pra você e fala “Ah, eu tive conversando com a minha família a respeito de determinado assunto”. Não, ninguém faz isso.	Eu esperava que as pessoas me contassem situações onde houvesse conversa entre os membros da família, mas ninguém faz isso.	Eu vivenciei a falta de diálogo nas famílias da comunidade.
A falta de cumplicidade			
38	[<i>Sobre sua percepção das outras famílias da comunidade</i>] Então, quando cê vê que tem um que tá meio descontrolado, às vezes o	Na família, quando uns não conseguem ajudar os outros, a coisa fica meio embolada, não flui nada, as coisas não acontecem como deviam	A falta de cumplicidade entre os membros compromete o processo familiar.

	<p>pai não tem aquele raciocínio lógico, ele não tá ajudando a mãe naquele momento, a mãe não consegue ajudar os filhos, então eu acho que a coisa aí já fica meio embolada, então já não consegue... já não flui nada, as coisas já não acontecem como deviam acontecer.(...) Nessa coisa da cumplicidade, de estar todo mundo junto.</p>	<p>acontecer. Não há cumplicidade, isso de estar todo mundo junto.</p>	
A falta de comunhão			
39	<p>Eu não encontrei, durante esse tempo todo que eu convivi com as famílias da comunidade fazendo esse trabalho de visitar a família, preparar a ficha e aquele negócio todo, eu não encontrei uma família que tivesse ali o pai, a mãe e os filhos, o pessoal todo, numa comunhão.</p>	<p>Durante o tempo em que trabalhei na comunidade, não encontrei nenhuma em que seus membros estivessem em comunhão.</p>	<p>A comunhão faz falta nas famílias.</p>
A VIVÊNCIA DO TRABALHO COM AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE Expectativa de encontrar uma família estruturada			
40	<p>[<i>Sobre a comunhão na família</i>] A gente às vezes até buscava, porque de repente cê pensava assim: “De repente, nós não encontramos aqui em seis famílias, mas na sétima a gente vai encontrar.” Então, cê jogava na sétima era o resto daquilo tudo que cê tinha visto antes.</p>	<p>Eu sempre buscava encontrar na comunidade uma família em comunhão, mas eram todas iguais.</p>	<p>Eu vivencio a família estruturada como uma família em comunhão, o que não encontrei na comunidade.</p>

5.3

Temas Representativos das Vivências de Família da D. Aparecida

1- A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA

1.1 – Definição: a base, a estrutura, a fortaleza: 01, 02, 04, 09, 47, 63, 69, 71, 76.

1.2 – Configuração familiar: 72.

1.2 – Elementos estruturantes:

1.2.1 – A presença:

1.2.1.1 – A presença da mãe: 52, 55, 58, 66.

1.2.1.2 – A presença junto aos demais membros da família: 03.

1.2.2 – Religião: 05, 06, 08, 33, 57, 74.

1.2.3 – Afetividade: 11, 29, 30, 32, 48, 67, 68, 70, 75.

1.2.4 – Diálogo: 49, 52, 53, 54.

2- OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR

2.1 – A mãe: 12, 23, 38, 49, 54, 58, 61.

2.2 – O pai: 13, 16, 30, 65

2.3 – O marido: 20, 21, 22, 31, 39, 40, 51, 59, 60, 64.

2.4 – A rede familiar: 15, 78.

2.5 – O serviço doméstico: 17, 18, 19

3- ELEMENTOS DESESTRUTURANTES DA FAMÍLIA:

4.1 – Violência doméstica: 37

4.2 – A falta de escuta: 41

4.3 – A falta de diálogo: 43

4.3 – Alcoolismo: 37

4- OS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA FAMÍLIA:

- 3.1 – Os perigos: drogas, alcoolismo, prostituição: 07, 37.
- 3.2 – A falta de recursos gerando necessidades: 21, 25, 26, 27.
- 3.3 – Conflitos entre os membros: 14, 78.

5- PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE:

- 5.1 – A falta de escuta: 41.
- 5.2 - A falta de afetividade: 42.
- 5.3 – A falta de diálogo: 43, 52.

6- A VIVÊNCIA DO TRABALHO COM AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE

- 6.1 – A vivência da família como ajuda às outras famílias: 34, 35, 44.
- 6.2 - O propósito de ajudar: 45, 46.
- 6.3 – A afetividade: 70.
- 6.4 – A importância do trabalho comunitário: 73.

5.4

Análise da Entrevista com D. Aparecida

Nº do Trecho	Trecho da Entrevista	Síntese do Significado	Expressão do Significado como um Vivido
Item	A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: DEFINIÇÃO A base, a estrutura, a fortaleza		
01	Família é o ajuntamento de tudo porque quando a gente... Família é estrutura, sabe? Dá assim um envolvimento... Assim uma estrutura, mesmo, entendeu?	Família concebida como o ajuntamento de tudo, como estrutura e envolvimento.	Família é tudo aquilo que me envolve, que me dá estrutura.
02	Um envolvimento assim básico das coisas, porque eu acho que se a gente não tiver esse elo assim de família, esse elo é que ajuda a gente a se curar das coisas que acontecem, a gente ser mais ... ser mais forte mesmo, entendeu? Família é o que faz a gente segurar os problemas, principalmente quando é uma família unida, que a gente pode se abraçar, chorar junto. Eu acho que isso é que ajuda, você entendeu?	Família como o envolvimento, o elo e a união que ajudam a pessoa a se curar das coisas que acontecem, a ser mais forte e a enfrentar os problemas. Essa ajuda ocorre, principalmente, quando é possível se abraçar e chorar junto.	Família é o envolvimento, o elo e a união que ajudam a me curar das coisas que me acontecem e a ser mais forte diante dos problemas. Essa ajuda ocorre principalmente quando posso expressar meus sentimentos.
04	Família para mim é uma fortaleza, é esse segurar mesmo, como pode falar? Segurar as barra, mesmo. A família é a estrutura de tudo.	Família é a fortaleza que ajuda a enfrentar as dificuldades. A família é a estrutura de tudo.	Família é a fortaleza que me ajuda a enfrentar as dificuldades. A família é a minha estrutura.

09	Porque uma coisa que eu vejo em muitas famílias é esse movimento assim de estrutura mesmo. Porque se a gente tem uma base para criar os filhos, os filhos acabam conseguindo os objetivos na vida e sendo bons cidadãos, sem pertencer ao caminho que não deve, que é esse caminho da droga, da perdição, da prostituição que a gente sempre vê.	A base oferecida pela família permite enfrentar os problemas da vida, como por exemplo, o das drogas, da perdição e o da prostituição, que são comuns.	Nas famílias em que há essa estrutura, existe uma base para criar os filhos que permite que eles alcancem seus objetivos e se tornem bons cidadãos, evitando o mau caminho, como por exemplo, o das drogas, da perdição e o da prostituição, que são comuns.
47	[<i>Sobre o que permite que a família seja essa estrutura e fortaleza a que ela se refere</i>] Eu acho que vem de berço. Porque se você já nasce numa família já toda desestruturada, não tem como você... às vezes acontece, mas nem sempre. Mas quando você nasce numa família, por mais simples que ela seja, e que ela pode passar os problemas que passar, ter os erros que tiver, mas se ela tem....	A estrutura oferecida aos membros da família, desde o nascimento, servindo como a fortaleza necessária à superação de problemas.	A família que oferece estrutura às crianças desde o nascimento, mesmo que seja simples, que passe por problemas, sofrimentos e erros, vai servir como fortaleza para seus membros.
63	(...) Eu acho que é esse carinho, é essa presença [<i>da mãe</i>] que faz com que seja a base da família para que ela não seja desestruturada.	A base da família é o carinho e a presença da mãe, os quais impedem que ela seja desestruturada.	A base da minha família é o meu carinho e a minha presença enquanto mãe, os quais impedem que ela seja desestruturada.
69	[<i>Sobre a vivência de família no momento da entrevista</i>] (...) eu acho bom, porque são coisas que, na medida que a gente vivencia, que a gente lembra, é mais uma fortaleza pra gente lutar, de saber gostar, de saber arrumar, né? Família é muito bom!	Vivenciar a família é bom, seja lembrando-a ou falando dela, pois fortalece e ajuda a enfrentar as dificuldades.	Vivenciar a família é bom, seja lembrando-a ou falando dela, pois me fortalece e me ajuda a enfrentar as dificuldades.

71	Tudo isso pra mim é família, é essa estrutura, esse laço de ternura mesmo, de sentar no chão, de poder abraçar, de chorar junto.	A família é a estrutura que permite o encontro, a expressão e o compartilhar dos sentimentos.	Eu vivencio a família como a estrutura que permite o encontro, a expressão e o compartilhar dos meus sentimentos.
76	Aí eu acho que família é amor, é carinho, é paciência, é transformação mesmo. É o dia-a-dia que vai dando essa força, essa luz.	A família é o amor, o carinho e a paciência que nos transformam e que nos dão a força e luz para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia.	A família é o amor, o carinho e a paciência que me transformam e que me dão a força e luz para enfrentar as dificuldades do meu dia-a-dia.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: Configuração familiar			
72	Eu não acho que a família resume só em tipo pai, mãe e filhos, não. Quer dizer, isso aí é, sim, uma família. Mas eu acho que a família é tudo isso, é quem te quer bem. É quem você passou alguma coisa e que aquilo te relembra.	A configuração familiar não se restringe a pai, mãe e filhos, mas inclui todos aqueles de quem se lembra, por ter passado um momento marcante, e de quem se gosta.	A minha família não está restrita ao meu pai, à minha mãe e aos meus filhos, mas a todos aqueles de quem eu gosto e com quem passei por um momento marcante.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES A Presença			
A Presença da Mãe			
52	[Na comunidade] A gente vê isso tudo. A mãe que faz tudo tal, mas não sabe sentar com a criança e ter aquele diálogo e mostrar que isso aqui eu tenho que colocar aqui, entendeu?	Na comunidade, há mães que têm muitas responsabilidades, mas não conseguem estabelecer um diálogo com seus filhos.	Eu vejo a mãe como a figura responsável pela instauração do diálogo com a criança, o que não percebo nas outras mães da comunidade.

55	Eu tive isso de ter aquele cuidado de estar, mesmo no pouco tempo que eu tinha, de estar presente. Então, eu acho que pra ter essa estrutura, pelo menos a mãe – é claro que o pai também tem que estar – mas mais é a mãe que sempre tem que estar ali presente.	Mesmo com pouco tempo, a presença principalmente da mãe é fundamental para que a família seja essa estrutura. O pai também tem que estar presente, mas a presença da mãe é vital para que a família seja uma estrutura para seus membros.	Mesmo com pouco tempo, a minha presença como mãe é fundamental para que a minha família seja essa estrutura (mais do que a presença do meu marido).
58	Porque o sim e o não têm que ser sempre falado [<i>para os filhos</i>], mas eu acho que é esse carinho, é essa presença que faz com que seja a base da família para que ela não seja desestruturada.	O carinho e a presença da mãe são a base e a estrutura da família, mesmo que haja a necessidade de se contrariar os filhos.	Apesar de ter que contrariar meus filhos em alguns momentos, o meu carinho e a minha presença de mãe são a base e a estrutura da minha família.
66	Não é que você tenha que estar com a pessoa o tempo todo, não, mas um pouco que você faça de verdade, aquilo marca.	A presença não significa estar com a pessoa o tempo todo, mas aquilo que se faz quando se está presente é o que marca.	É a qualidade do que faço quando estou presente em minha família que é importante, e não a quantidade de tempo que estou presente.
A presença junto aos demais membros da família			
03	Então a gente tem um momento mais difícil, mas tem esse momento bom, né? De quando a gente tá presente, quando a gente pode encontrar, mesmo quando é por uma carta ou por um cartão, entendeu? Tudo isso é aqueles momentos, quando a gente pode fazer uma visita, mesmo sendo longe, de vez em quando a gente possa estar encontrando.	Há diferentes formas de se estar presente na família, que são momentos bons.	Apesar dos momentos difíceis, a família tem aqueles momentos bons que se referem ao encontro, seja através de uma visita ou do envio de uma carta ou um cartão, que é o meu caso, que estou longe de parte da minha família.

A Religião			
05	Eu acho que é porque a gente, pra ser uma família mesmo, a gente tem de começar, a gente tem que ter uma raiz, não sei se é raiz que seria o nome certo. Raiz que eu falo no sentido, a gente tem que ter... Suponhamos, eu acredito assim, porque eu nasci de uma família religiosa.	Para ser uma família mesmo, tem que ter uma raiz, e eu nasci numa família religiosa.	A religião é uma raiz importante para que a família tenha estrutura.
06	[<i>Sobre as raízes da família</i>] Então, primeiro a gente tem que ter a religião, a gente tem que ter obediência, a gente tem que ter muita fé em Deus e a gente tem que procurar seguir o que a gente..., né? Porque a gente erra, mas a gente tem que procurar o caminho certo. Não é, ver o caminho do bem. É o que eu sempre digo: se a gente vê que ali é o caminho do mal ...	A primeira raiz da família é a religião, incluindo a obediência e a fé em Deus, que é importante para discernirmos o caminho do bem do caminho do mal.	No que se refere à família, a minha primeira raiz é a religião, incluindo a obediência e a fé em Deus, que me ajudaram a discernir o caminho do bem do caminho do mal.
08	(...) sempre os vizinhos, as pessoas, por causa de morar numa vila que tem muitos problemas, principalmente de alcoolismo, de drogas, essas coisas e tudo tal, e muita gente, desde que os meus meninos era pequeno pergunta o que é que eu faço que meus meninos não bebem, nem fumam. Aí eu digo pra eles: eu não faço nada; eu coloco todos os dias nas mãos de Deus e de N. Sra. Então, você entendeu? Quem faz é Deus e N. Sra. Eu apenas coloco na mão deles. Então, quando eu falo assim, eu acho que tudo isso tem a ver, a criação, a maneira de ser.	Pelo fato de morar num local onde há muitos perigos (alcoolismo, drogas e prostituição, por exemplo), as pessoas sempre me perguntam o que eu fiz para que meus filhos nunca se envolvessem com esses tipos de problemas. Eu, particularmente, não fiz nada; apenas pedi proteção a Deus e N. Sra.	A fé em Deus e em N. Sra. me ajudou a criar meus filhos de forma que eles se mantivessem longe dos perigos constantes do local onde moro (alcoolismo, drogas e prostituição, por exemplo).

33	E a outra coisa que eu continuo falando é a fé em Deus, de ter esperança, que Ele vai vencer, que as coisas vão acontecer, mesmo com dificuldade, mas vão acontecer. Eu vejo mais é nesse sentido.	A fé em Deus promove a esperança de que, mesmo diante das dificuldades, a vida vai melhorar.	A minha fé em Deus sempre me dá esperança de que, mesmo diante das dificuldades, a minha vida vai melhorar.
57	(...) e só mesmo a bênção de Deus pra ela [a mãe] dar conta de tudo que rola na vida dela e ela ainda estar presente.	A bênção de Deus é essencial para que a mãe possa cumprir com todas as suas responsabilidades e ainda estar presente na vida dos filhos.	A bênção de Deus é essencial para que eu possa cumprir com todas as minhas responsabilidades e ainda estar presente na vida dos meus filhos.
74	Muitas vezes, a vontade da gente é sair correndo e largar tudo, mas aí eu não termino, né? O que faria Jesus no meu lugar?	Muitas vezes, as dificuldades foram tão grandes que tive vontade de desistir, mas me perguntava o que faria Jesus se estivesse no meu lugar.	A referência de Jesus foi importante para que eu não desistisse naqueles momentos de maior dificuldade.
A Afetividade			
11	Tem a ver com o carinho (...) Mas a gente não descuidar desse carinho, dessa atenção com os filhos, porque é isso que eu sinto que é o que eleva, que marca mesmo, da atenção, da gente ter que correr para dar conta.	É importante não descuidarmos do carinho e da atenção com os filhos porque são eles que marcam, apesar das outras tantas responsabilidades que também nos absorvem.	O carinho e a atenção que tive com meus filhos marcaram a nossa relação, apesar de meu envolvimento com outras responsabilidades.
29	Uma outra coisa que me marca muito, que eu lembro até hoje que é de família, eu acho que é por isso que eu falo assim, o carinho, a atenção, tudo tal.	A atenção e o carinho recebidos da família como marcas.	A atenção e o carinho que recebi de minha família me marcam até hoje.
30	Eu lembro que meu pai, às vezes eu quando era pequena... (...) Eu sei que às vezes eu não queria alimentar eu lembro que ele... tinha uma mesa grande de madeira, que essas casas de interior é muito grande, né? Ele me sentava em cima dessa mesa, me dava comida na	A lembrança da atenção especial que o pai me dispensava quando criança, em momentos que eu não queria comer, marcou e serviu de estrutura, tendo, por isso, passado para os meus filhos.	A atenção especial que meu pai teve comigo em certas situações, quando eu era pequena, me serviu como estrutura de modo tão marcante, que procurei proporcionar o mesmo para meus filhos.

	boca... Isso me marcou e é uma coisa que eu nunca esqueci, sabe? Então aí eu vejo que quando eu falo que é essa estrutura, eu acho que tudo isso foi essa estrutura e foi também o que eu acabei passando para os meus filhos.		
32	Isso aí [<i>o carinho, o amor</i>] é que fez com que eu passasse por cima das barreiras, sem briga, sem discussão, sabe? Eu vejo assim que isso aí sempre foi assim, uma força.	O amor e o carinho são forças para a superação de barreiras.	O carinho e o amor que eu recebi de minha família me deram força e me ajudaram a superar as dificuldades sem brigas.
48	[<i>Sobre o que torna a família essa estrutura, essa fortaleza que ela descreve</i>] Se a criança, desde a gravidez ela recebe o amor, mesmo que a mãe sofre, mas ela tem essa...	O amor pela criança desde a gravidez é o que dá força na estruturação da família.	Se, desde a gravidez, a criança recebe o amor, ela tem na família essa fortaleza, mesmo que a mãe passe por sofrimentos.
67	Então eu acho que é esse amor de marcar mesmo, que eu acho que a gente tem que ter. Acho que toda família tem que ter esse cuidado: pode ser uma horinha sentadinho no colo, um abraço assim.	O amor que marca é aquele que se expressa com certos cuidados, tais como sentar no colo ou abraçar-se.	Toda família tem que ter o cuidado de expressar o amor aos filhos em gestos, pois é isso que marca.
68	[<i>O que vivencia ao falar sobre família</i>] Eu estou gostando, só que está me dando uma saudade muito grande dos meus pais e dos meus familiares, ainda mais nessa época de Natal, parece que tem aqueles momentos que a gente passava junto...	A vivência da saudade ao falar da família, especialmente por ser época próxima ao Natal.	Falar de família me dá saudade, especialmente diante da proximidade do Natal, época em que estávamos todos juntos.

70	É por isso que eu falo: do amor que a gente passou pra eles [<i>os meninos da comunidade com quem trabalhou</i>], é uma coisa que ficou, que marcou. Nesse ponto eu falo desse amor, desse estar junto. As crianças que passavam pro jardim e que hoje são pais, são mães também, ainda me chama de tia...	Uma das expressões do amor é estar junto e isso deixa marcas que resistem ao tempo.	O amor e a presença dedicados também para as crianças da comunidade deixaram marcas até hoje. Mesmo sendo adultos, eles ainda me têm como referência carinhosa.
75	Aí eu acho que família é amor, é carinho, é paciência, é transformação mesmo.	Família é amor, carinho, paciência e transformação.	Família é amor, carinho, paciência e transformação.
O Diálogo			
49	Acho que vai muito da mãe, de ter essa força de superar tudo ao redor, de ter paciência mesmo se apesar do marido, de em vez de briga, de diálogo, de ter sempre o diálogo, porque não adianta brigar, gritar, mas conversar naquele momento, não que a pessoa tá nervoso..	É importante que a mãe tenha essa força para superar todas as dificuldades ao redor e também tenha paciência com marido nervoso que briga e é incapaz de estabelecer o diálogo.	A força, como mãe, me ajudou a superar as dificuldades ao redor e também a ter paciência com meu marido nos momentos de nervosismo e briga, em que ele foi incapaz de estabelecer o diálogo.
52	[<i>Na comunidade</i>] A gente vê isso tudo. A mãe que faz tudo tal, mas não sabe sentar com a criança e ter aquele diálogo e mostrar que isso aqui eu tenho que colocar aqui, entendeu?	Na comunidade, há mães que têm muitas responsabilidades, mas não conseguem estabelecer um diálogo com seus filhos.	Eu vejo a mãe como a figura responsável pela instauração do diálogo com a criança, o que não percebo nas outras mães da comunidade.
53	Quando ele [<i>um dos filhos</i>] ia fazer 2 anos em fevereiro e era perto do Natal, eu falei com ele que o Papai Noel ia trazer o presente que ele queria, mas que ele ia levar a mamadeira. Eu conversei com ele antes. E isso aconteceu. Papai Noel deixou um tratorzinho com a caçamba, mas levou a mamadeira e nunca mais trouxe.	Quando criança, no Natal, meu filho trocou a mamadeira por um brinquedo.	Eu negocieei com meu filho a mamadeira em troca de um brinquedo, no Natal, através do diálogo.

54	Então eu lembro que as crianças dos meus vizinhos gostavam de ficar lá no quarto, que era isolado assim em cima, que era o quarto dos brinquedos. Então eles ia, despejava tudo, brincava tudo à vontade, mas eu sempre mostrando: “Ó, quando vocês terminar, vocês têm que fazer isso e isso tudo”.	As crianças vizinhas gostavam de brincar na minha casa. Eles brincavam à vontade com os brinquedos, mas eu sempre orientava no sentido de guardarem tudo no final da brincadeira.	Ao mesmo tempo em que eu permitia as brincadeiras das crianças na minha casa (inclusive das crianças vizinhas), eu colocava limites através do diálogo.
OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR A Mãe			
12	(...) Porque geralmente quando a gente casa, o tempo da gente é muito pouco, pra gente dar conta de trabalhar, de cuidar de casa, de cuidar de criança. (...) Porque sempre sobra é pra gente que é mãe, a gente que é mulher é que tem que dar conta de trabalhar, de reunião na escola, de doença de filho, de correr atrás de tudo.	A sobrecarga da mãe diante de tantas responsabilidades depois do casamento.	Depois do casamento, o meu tempo foi pouco para tantas responsabilidades. Eu fiquei sobrecarregada, pois a maior parte das responsabilidades é minha.
23	Então sempre a gente lutou pra fazer o melhor pros filhos, pra tá sempre do lado deles.	A luta da mãe para fazer o melhor pelos filhos e estar ao lado deles.	Sempre procurei fazer o melhor pelos meus filhos e estar ao lado deles.
38	Mas a gente vê que as mães, principalmente as mães, sofre muito. Principalmente a gente vê na comunidade: as que são mãe solteira às vezes são mais felizes de que aquelas que têm um companheiro.	A convivência na comunidade mostra o sofrimento das mães. Inclusive, algumas mães solteiras são mais felizes do que aquelas que têm um companheiro.	A convivência na comunidade mostrou-me que as mães sofrem muito e que as mães solteiras, às vezes, são mais felizes pela ausência de um companheiro.
49	Acho que vai muito da mãe, de ter essa força de superar tudo ao redor, de ter paciência mesmo se apesar do marido, de em vez de briga, de diálogo, de ter sempre o diálogo, porque não adianta brigar, gritar, mas conversar	A importância da força da mãe para superar as dificuldades e de sua paciência com marido nervoso que briga e é incapaz de estabelecer o diálogo.	A força, como mãe, me ajudou a superar as dificuldades ao redor e também a ter paciência com meu marido nos momentos de nervosismo e briga, em que ele foi incapaz de estabelecer o diálogo.

	naquele momento, não que a pessoa tá nervoso...		
54	Então, eu acho que pra ter essa estrutura, pelo menos a mãe – é claro que o pai também tem que estar – mas mais é a mãe que sempre tem que estar ali presente. Eu falo mesmo, que mãe é mãe e é uma heroína mesmo.	Para que a família tenha uma estrutura, a presença da mãe é fundamental (mais do que a presença do pai). Ela é uma heroína, por ter que dar conta de tantas coisas na sua vida e ainda conseguir estar presente na vida dos filhos.	A minha presença como mãe é fundamental (mais do que a presença do pai) para que minha família tenha uma estrutura. Me sinto uma heroína, por ter que dar conta de tantas coisas na vida e ainda conseguir estar presente na vida dos meus filhos.
58	Ela [a mãe] tem que estar presente. Não é que ela tem que ter aquela presença o tempo todo. Em algum momento, ela tem que estar presente, tem que estar dando aquela força ali, você entendeu? Pelo menos o que eu sinto assim, na minha família, eu sinto isso.	A presença da mãe é fundamental na família.	A minha presença como mãe é fundamental na minha família, mesmo que não seja o tempo todo.
61	A mãe tem que ter muito amor mesmo, saber falar o não na hora certa, mas estar sempre presente. Porque o sim e o não têm que ser sempre falado, mas eu acho que é esse carinho, é essa presença que faz com que seja a base da família para que ela não seja desestruturada.	Apesar de ter que contrariar os filhos em alguns momentos, o amor, o carinho e a presença da mãe são a base e a estrutura da família.	Apesar de ter que contrariar meus filhos em alguns momentos, o meu amor, o meu carinho e a minha presença de mãe são a base e a estrutura da minha família.
O Pai			
13	Eu gostava muito de trabalhar com meu pai. Então, até hoje eu tenho uma saudade muito grande do meu pai. A gente tinha um relacionamento muito bom.	O bom relacionamento com o pai a leva a ter saudades dele.	Eu tinha um bom relacionamento com meu pai, e por isso, sinto saudades dele até hoje.
16	[<i>Rindo e demonstrando satisfação</i>] Mas aí sempre que eu ia lá meu pai reclamava muito, elogiava pros outros, os outros vinha me contar “Ah! Seu pai falou que você era a filha que ajudava ele, que fazia isso, que fazia aquilo”,	O pai reclamava do fato dela ter saído de casa. Ele a elogiava para as outras pessoas, que comentavam esse fato com ela.	Eu ficava satisfeita quando meu pai reclamava do fato de eu ter saído de casa, quando ele me elogiava e também quando as pessoas comentavam comigo sobre os elogios que ele fazia sobre mim.

30	[<i>Lembrança que tem quando fala do carinho na família</i>] Eu sei que às vezes eu não queria alimentar eu lembro que ele... tinha uma mesa grande de madeira, que essas casas de interior é muito grande, né? Ele me sentava em cima dessa mesa, me dava comida na boca... Isso me marcou e é uma coisa que eu nunca esqueci, sabe?	A lembrança da atenção especial que o pai me dispensava quando criança, em momentos que não queria comer, marcou e serviu de estrutura, tendo, por isso, passado para os meus filhos.	A atenção especial que meu pai teve comigo em certas situações quando eu era pequena me serviu como estrutura e essa é uma vivência marcante para mim até hoje.
65	Eu vejo assim: pai, sim, é família, porque eu tenho uma coisa muito gostosa com meu pai, tenho uma saudade muito grande dele, dele sempre estar presente, tanto meu pai quanto minha mãe. Por isso que eu vejo esse negócio assim de carinho, de dar atenção.	Ao falar das vivências (através das lembranças) do bom relacionamento que teve com o pai, sente saudade e valoriza o carinho e a atenção que teve por parte dele e da mãe. Pai é parte da família.	Os sentimentos que tenho em relação a meu pai e a presença dele na minha vida me fazem vivenciar o pai como parte da família.
O Marido			
20	Eu casei com o único rapaz que eu namorei, que foi meu marido. Eu tinha medo das coisas, tudo... Eu namorei 4 anos e aí acabamos casando.	O casamento com o único namorado.	Eu tinha muito medo das coisas e casei com meu primeiro e único namorado, depois de 4 anos de namoro.
21	O meu marido também ficava às vezes desempregado, às vezes trabalhando também, mas essa participação assim de filho, geralmente sempre sobrou mais foi pra mim. E aí ele foi só pra dobrar, pra reclamar.....	Mesmo quando o marido estava desempregado, nunca dividiu com ela as responsabilidades do filho. Porém, ele reclamava sempre que algo não lhe agradava.	Mesmo tendo disponibilidade de tempo por estar desempregado, meu marido nunca compartilhou comigo a responsabilidade da criação dos filhos. Ele só sabia reclamar quando algo não lhe agradava.
22	Como diz [<i>o marido</i>], quando as coisas não tá boa é a mãe que é a culpada. Quando tá bom, tudo bem, mas quando tá ruim é a mãe sempre que é culpada [<i>em relação aos filhos</i>].	Para o marido, a mãe é sempre a culpada pelo que não está certo da criação dos filhos.	Para o meu marido, eu sou a única culpada pelo que ele acha que não está certo da criação dos nossos filhos.
31	A gente, quando casa, a gente idealiza muito. A gente vê naquele namorado muita coisa, agora depois que casa realmente a gente	Antes de casar, a mulher idealiza o marido, mas só vai realmente conhecer quem ele é depois do casamento. E ele nunca	Antes de casar, eu idealizei meu marido. Depois que nós casamos, descobri que ele estava muito aquém das minhas

	vê que não é assim, que não é aquilo; não é aquele príncipe que você sonhou, que você queria.	corresponde às suas expectativas.	expectativas.
39	Porque aquelas [mães solteiras] que tá ali só com os filhos o que ela faz e tal e tudo. E tem muitas que têm um companheiro, mas o companheiro acaba – a palavra é essa mesma – sugando o suor delas, porque é ela que trabalha, ela que cuida dos filho, ela que põe o alimento dentro de casa e, além disso, às vezes ainda apanha por causa de algumas coisas.	Muitas vezes, o companheiro não só não compartilha com a mulher a criação dos filhos, como a explora de várias maneiras e ainda bate nela. Algumas vezes, as mães solteiras estão em vantagem por não passarem por isso.	Muitas vezes, as mães que possuem um companheiro são sugadas por eles, acabam assumindo a responsabilidade da casa e ainda apanham. Às vezes, não ter marido é uma vantagem, mesmo sendo mãe solteira.
40	Meu marido não gosta que eu faça trabalho de comunidade e tudo e tal, mas eu sou teimosa nesse sentido porque eu acho... Ele me chama até de, sabe o Antônio Roberto, que tem um programa de televisão? Ele me chama de Antônio Roberto, fala até pros outros, porque eu sou conselheira. Mas isso não importa não, sabe? Não tem nada a ver não.	O marido não aprova o seu trabalho na comunidade e ainda ironiza, referindo-se a ela por apelido. Mesmo assim, ela não se importa e continua desenvolvendo seu trabalho.	Meu marido desqualifica meu trabalho na comunidade e tenta me ridicularizar por isso, mas eu não me importo com a opinião dele e continuo desenvolvendo meu trabalho.
51	Porque o que a gente vê muito nas famílias é aquele homem que chega e que quer achar tudo pronto, tudo do jeito, que o menino não pode subir na cama, não pode subir no sofá, entendeu? A gente vê isso tudo.	Eu vejo maridos que querem chegar em casa encontrar tudo pronto e que não permitem que as crianças sejam crianças.	É comum o marido querer encontrar tudo organizado em casa e os filhos comportados, sem sua participação.

59	Depois dos meus filhos adolescentes, quando começaram a sair, o meu marido dizia que era eu que era culpada, que não obedecia é porque eu passava a mão na cabeça.	Quando os filhos eram adolescentes e não obedeciam, o marido a culpava, dizendo que ela os tratava com condescendência.	Para o meu marido, eu não criava bem nossos filhos adolescentes porque eles não obedeciam e, mesmo assim, eu era condescendente com eles.
60	Até hoje, se tem alguma coisa que não está dando certo, é meu. Se deu certo, puxou a ele.	Para o marido, a mulher é responsável pelos erros e ele é responsável pelos acertos na criação dos filhos.	Para o meu marido, eu sou a culpada pelos erros na criação dos filhos e ele é o responsável pelos acertos.
64	Eu não sei se marido é família, mas pai é família. (muitos risos). É família, eu fico assim... (hesitante, olhando para o gravador) Deixa eu te falar, se eu for te falar o que está dentro do coração, de verdade... eu não acho que marido é família não, sabe? Porque tem muitas famílias que não têm marido ou até já teve e às vezes são muito mais estruturadas e mais felizes de que essas que têm marido.	Apesar de se aparentar um pouco constrangida pelo fato de a entrevista estar sendo gravada, diz que não considera o marido como família.	Por tudo que eu vivi com meu marido e pelo que já presenciei em outras famílias, marido não é família (mas pai, é).
A Rede Familiar			
15	Primeiro eu fui para Montes Claros, para a casa de uma tia minha. Eu tava com 13 anos. (...)Foi um período bem difícil pra mim, porque assim, eu vim da roça direto e minha tia trabalhava fora também, e eu ficava com as minhas prima e estudava à noite, né?	Aos 13 anos, foi morar com a tia em outra cidade, descrevendo a experiência como muito difícil.	Aos 13 anos, minha tia me acolheu em sua casa num momento em que precisei, mas ainda assim, experimentei dificuldades nessa mudança.
77	[<i>Nas situações de necessidade, quando o marido estava desempregado</i>] Então, esse meu irmão João, esse meu irmão mais velho que mora aqui também, era quem ajudava com alguma coisa.	Quando passou por dificuldades financeiras, foi auxiliada pelo irmão que morava em Belo Horizonte.	Mesmo depois de casada, eu pude contar com a ajuda de meu irmão mais velho quando passei por dificuldades financeiras.

O Serviço Doméstico			
17	O meu irmão, que era o 5º irmão homem, falava “Você não tem juízo? Depois que você foi embora não tem nem quem passe camisa pra mim!” (rs)	Um dos irmãos se queixou de que, depois que ela foi embora de casa, nenhuma das irmãs passava sua camisa, como ela fazia.	Senti-me valorizada por meu irmão pelo serviço doméstico que fazia para ele.
18	Porque a mais velha, ele [o irmão mais velho] não considera ela porque ela não gostava de fazer as coisas pra eles, e isso aí eu já gostava, sabe?	O irmão não considerava a irmã mais velha porque ela não desempenhava serviços domésticos para ele.	Meu irmão não considerava a minha irmã mais velha porque ela não desempenhava serviços domésticos para ele.
19	Eu gostava de ajudar meu pai na roça, de fazer as coisas, de lavar uma roupa, de passar uma roupa. Eu não gostava era de cozinhar, que até hoje eu não gosto. Eu faço porque a gente tem que fazer, né? (rs) Eu acostumei assim.	Ela sempre gostou de trabalhos domésticos, com exceção de cozinhar, e de trabalhar na roça com o pai.	Eu sempre gostei de trabalhar, tanto na roça quanto em casa (com exceção de cozinhar).
ELEMENTOS DESESTRUTURANTES DA FAMÍLIA			
Violência Doméstica			
37	(...) porque a gente vê que hoje a gente vive num mundo assim que tem muita violência dentro de casa, você tá entendendo? Por causa do alcoolismo, por causa de outras coisas que a gente sabe, né?	Hoje, violência dentro de casa está ligada ao alcoolismo e a outras coisas.	Hoje, há muitos casos de violência doméstica devido ao alcoolismo e a outros problemas.
A falta de escuta			
41	É uma coisa que falta muito na comunidade assim é a maneira de ouvir e o ouvir faz muita falta.	O ouvir é importante, e falta escuta na comunidade.	Várias dificuldades encontradas na comunidade resultam da falta de que ouça seus membros.

A falta de diálogo			
43	[<i>Sobre a conversa que tem com as mães a respeito do diálogo, do cuidado e do carinho em relação aos filhos</i>] É uma coisa que eu sempre falo pra elas porque, às vezes, o desespero é tão grande que elas pega e usa, e manda os meninos pra rua pra pedir, em vez de ensinar o outro lado das coisa, né? Não importa que as crianças não vai pra escola.	O desespero das mães da comunidade levam as a usar os filhos na busca da sobrevivência, sem que haja diálogo, carinho e cuidado em relação a eles.	Eu atuo junto às mães da comunidade sustentando que o diálogo, o cuidado e o carinho delas em relação aos filhos fazem diferença, mesmo nas situações mais difíceis da vida.
Alcoolismo			
37	(...) porque a gente vê que hoje a gente vive num mundo assim que tem muita violência dentro de casa, você tá entendendo? Por causa do alcoolismo, por causa de outras coisas que a gente sabe, né?	Hoje, violência dentro de casa está ligada ao alcoolismo e a outras coisas.	Hoje, há muitos casos de violência doméstica devido ao alcoolismo e a outros problemas.
OS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA FAMÍLIA Os perigos: drogas, alcoolismo e prostituição			
07	(...) Por causa de morar numa vila que tem muitos problemas, principalmente de alcoolismo, de drogas, essas coisas e tudo tal (...) sem pertencer ao caminho que não deve, que é esse caminho da droga, da perdição, da prostituição que a gente sempre vê.	Os problemas da vila onde mora: alcoolismo, drogas e prostituição.	Na vila onde moro há muitos problemas de alcoolismo, drogas e prostituição.
37	(...) porque a gente vê que hoje a gente vive num mundo assim que tem muita violência dentro de casa, você tá entendendo? Por causa do alcoolismo, por causa de outras coisas que a gente sabe, né?	Hoje, violência dentro de casa está ligada ao alcoolismo e a outras coisas.	Hoje, há muitos casos de violência doméstica devido ao alcoolismo e a outros problemas.

A falta de recursos gerando necessidades			
21	[<i>Sobre o nascimento dos filhos, com 1 ano de diferença</i>] Então, eu sei que foi assim, um momento muito difícil. No início eu tinha muito, assim... Foi uma luta muito grande, a gente passou muito aperto porque eu trabalhava, aí nessa época depois eu fiquei sem trabalhar. Meu marido era manobreiro, trabalhava num estacionamento.	No início da vida familiar, as dificuldades foram muito grandes, especialmente com o nascimento próximo dos filhos, pois tive que parar de trabalhar e meu marido sustentava a casa como manobreiro.	Após o nascimento de meus dois filhos, nós (eu e os demais membros da família) passamos por muitas dificuldades financeiras pelo fato de eu ter parado de trabalhar e meu marido, na época, trabalhar como manobreiro.
25	[<i>Falando sobre a família como sendo a estrutura</i>] Eu me vejo começando do lado do meu pai, da minha mãe... É como se diz, vai muito da criação. Então, eu lembro a maneira como eles criou a gente, apesar de que às vezes a gente até passava necessidade... acho que a palavra não é fome, mas necessidade, você tá entendendo?	Meus pais e eu passamos por muitas necessidades, o que é diferente de passar fome. Mesmo assim, a forma como eles me criaram dava estrutura à minha família.	Apesar das necessidades que porventura a família possa passar, a estrutura da família está relacionada à forma como os pais criam os filhos, e não à vivência da fome.
26	Porque hoje, nos interior tá bom, mas antigamente não era bom, não. Antigamente as dificuldades era muitas, principalmente assim, naquela época a gente não tinha essas ajuda que tem hoje de governo, você entendeu?	Antigamente, no interior, a vida era mais difícil que hoje em dia porque não havia auxílio do governo.	Eu e minha família passamos dificuldades quando morávamos no interior, especialmente porque não contávamos com a ajuda que hoje o governo oferece às famílias do interior.
27	Então eu lembro na minha idade na faixa aí de 5 pra 6 anos, eu lembro que meu pai adoeceu, teve uma época que ele veio até aqui pra Belo Horizonte, eu sei que o que a gente tinha foi preciso vender pra poder fazer com que ele viesse. (...) Eu sei que a gente passou muita necessidade, porque o que tinha de recurso foi preciso de vender pra poder pagar o tratamento dele. Porque quando ele veio pra cá, já tinha tentado todos os recursos de lá e não tinha conseguido.	A doença do pai e a mobilização familiar para propiciar-lhe tratamento levando a família a passar dificuldades.	Quando criança, a doença de meu pai, aliada à falta de recursos para o tratamento dele nos fez passar por muitas necessidades.

28	Nós [referindo-se à família de origem, numa situação de internação do pai] passamos muita necessidade mesmo porque esse irmão meu mais velho ficou sendo o chefe da casa, ficou ajudando as coisas, mas aí, né?	Nós passamos muita necessidade e meu irmão mais velho ficou sendo o chefe da casa.	Na ausência de meu pai por motivo de doença, meu irmão assumiu a família e não nos deixou desamparados.
Conflitos entre os membros			
14	E a minha irmã tinha ciúme. Eu não sei, eu acho que era ciúme pelo fato de eu ter um melhor relacionamento com meu pai.	Minha irmã mais velha tinha ciúmes do bom relacionamento que eu tinha com meu pai.	Minha irmã tinha ciúme de mim com meu pai.
78	E a minha mãe protegia muito a minha irmã mais velha. Então eu acho assim, que às vezes a gente brigava, ela me batia, sabe e tudo? Então foi aí que aconteceu a minha vontade de eu sair de casa, suponhamos, de eu ir embora.	Minha irmã mais velha era a protegida da minha mãe. Nós brigávamos e eu apanhava dela. Por isso, tive vontade de sair de casa.	Minha irmã mais velha era a protegida da minha mãe, o que era motivo para nossas brigas. Isso me levou a querer sair de casa.
A PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE A falta de escuta			
41	É uma coisa que falta muito na comunidade assim é a maneira de ouvir e o ouvir faz muita falta.	O ouvir é importante, e falta escuta na comunidade.	Várias dificuldades encontradas na comunidade resultam da falta de que ouça seus membros.
A falta de afetividade			
42	A gente vê, tem mães que, igual eu conversei com elas, a gente é pobre, mas a gente tem que ter higiene, tem que ter doçura nas coisas, na maneira de falar, tem que cuidar das crianças sem gritar e tudo.	Ela ressalta junto às mães a importância da higiene, da doçura no cuidado e na maneira de tratar seus filhos.	Eu oriento as mães da comunidade sobre a importância da higiene e de conversarem e de cuidarem de seus filhos com afeto.

A falta de diálogo			
43	[Sobre a conversa que tem com as mães a respeito do diálogo, do cuidado e do carinho em relação aos filhos] É uma coisa que eu sempre falo pra elas porque, às vezes, o desespero é tão grande que elas pega e usa, e manda os meninos pra rua pra pedir, em vez de ensinar o outro lado das coisa, né? Não importa que as crianças não vai pra escola.	O desespero das mães da comunidade leva-as a usar os filhos na busca da sobrevivência, sem que haja diálogo, carinho e cuidado em relação a eles.	Eu atuo junto às mães da comunidade sustentando que o diálogo, o cuidado e o carinho delas em relação aos filhos fazem diferença, mesmo nas situações mais difíceis da vida.
52	[Na comunidade] A gente vê isso tudo. A mãe que faz tudo tal, mas não sabe sentar com a criança e ter aquele diálogo e mostrar que isso aqui eu tenho que colocar aqui, entendeu?	Na comunidade, há mães que têm muitas responsabilidades, mas não conseguem estabelecer um diálogo com seus filhos.	Eu vejo a mãe como a figura responsável pela instauração do diálogo com a criança, o que não percebo nas outras mães da comunidade.
A VIVÊNCIA DO TRABALHO COM AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE			
A vivência da família como ajuda às outras famílias			
34	Nos final de semana eu dedico à Pastoral da Criança, que é um trabalho que eu faço na comunidade e que vai de encontro às famílias e às crianças. Isso, eu tenho tentado passar um pouco do que eu vivo [<i>em relação à família</i>], do que eu acho que eu sou pra essas famílias e tenho notado que eu tenho ajudado as famílias e tudo, né?	A ajuda às famílias da comunidade através do compartilhar de suas próprias experiências familiares.	No trabalho que desenvolvo na comunidade, procuro passar para as famílias a minha vivência de família e percebo que isso tem ajudado essas famílias.
35	A vivência da gente esse tempo, esses anos de luta e tudo, mas que hoje, assim, eu não tô ficando com essa experiência só pra mim. Eu tenho dividido com as pessoas e pretendo continuar dividindo da maneira que eu posso com as famílias.	Ressalta a importância de compartilhar suas experiências sobre família com as pessoas da comunidade.	Compartilhar minhas experiências de família com a comunidade tem sido positivo.

44	Às vezes, nesse trabalho que eu faço, muitas das vezes tem ajudado nesse sentido, sabe? De tá conversando, de tá falando, de tá mostrando o lado certo, você entendeu? Então é uma coisa assim difícil, mas que eu não desisto, porque eu acho que uma vida que a gente salva, é como diz o bom pastor: uma ovelha que ele salvou, é uma festa. Então eu acho assim: se a gente consegue salvar uma vida...	O fato de conversar com as famílias sobre a importância do diálogo e da criação dos filhos tem ajudado. E sempre vale a pena ajudar a quem precisa. Isso faz com que o trabalho valha a pena.	Todo o meu trabalho junto à comunidade vale a pena, especialmente quando minha ajuda faz diferença na vida de alguém.
O propósito de ajudar			
45	[<i>Sobre uma mulher grávida que levou para o hospital</i>] Mas ela fala até hoje, que se não fosse eu ter chegado, e na verdade o médico falou que se ela demorasse mais um pouco, ela teria perdido a vida. Então, até hoje, quando ela me encontra, ela me abraça e sempre fala isso. Às vezes tem outro que diz "Você lembra daquilo disso, daquele dia que você fez isso assim assim?" Aí eu digo: "Ah! Eu não fiz nada, não!"	Ela cita (com satisfação) uma situação em que ela salvou a vida da mãe e de um dos filhos e o reconhecimento daquela por sua ajuda.	Eu fico feliz por ter ajudado a salvar duas vidas.
46	Então, são coisas pequenas que a gente faz e tudo e tal, né? Sempre pensando no bem, um pensando no outro, mas sempre pensando em termos de família.	Sua intenção no trabalho junto à comunidade, por menor que ele seja, é em prol da família.	O foco no meu trabalho junto à comunidade é o bem da família.
A afetividade			
70	É por isso que eu falo: do amor que a gente passou pra eles [<i>os meninos da comunidade com quem trabalhou</i>], é uma coisa que ficou, que marcou. Nesse ponto eu falo desse amor, desse estar junto. As crianças que passavam pro jardim e que hoje são pais, são mães também, ainda me chama de tia...	O amor e a presença dedicados às crianças da comunidade também deixaram marcas até hoje, mesmo já sendo adultos.	O meu amor e a minha presença junto às crianças da comunidade marcaram e, por isso, até hoje, mesmo já adultos, eles ainda me têm como referência carinhosa.

A importância do trabalho comunitário			
73	Então, quando eu vejo as dificuldades de estar num trabalho comunitário, de estar desenvolvendo, das pessoas não lutar muito por isso de ter outras formas, porque na Pastoral da Criança eu sempre falo que, pra mim, o trabalho comunitário, o trabalho da igreja, não é esquentar banco, é estar lá fora, ajudando.	Refere-se à importância de colaborar com a comunidade, o que faz através de seu trabalho na Pastoral da Criança.	O trabalho comunitário é muito importante, apesar de todas as dificuldades.

5.5

Temas Representativos das Vivências de Família do Sr. Adão

1 -A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA

1.1– Definição:

1.1.1 – Grupo: 02, 04

1.1.2 - Os laços familiares: 06

1.1.3 - Diálogo das diferenças: 172

1.2– Configuração familiar:

1.2.1 – Os irmãos: 01, 07

1.3 – Função Familiar:

1.3.1 – Proteção: 08, 09, 14, 15, 16

1.3.2 - Transmissão de costumes: 08

1.4 Elementos estruturantes:

1.4.1 – Proteção:

1.4.1.1 - Suporte Diante das Dificuldades: 03,10

1.4.1.2 - Como União dos Membros da Família: 11, 12, 13

1.4.1.3 - Como Ação Efetiva na Resolução de Problemas: 12

- 1.4.2 – A presença do pai:
 - 1.4.2.1 – A exigência da presença paterna: 21, 27, 44, 58, 59
 - 1.4.2.2 – A valorização da figura paterna: 128, 129, 130, 131, 134, 140, 141
 - 1.4.2.3 – A afetividade: 139
- 1.4.3 – Religião:
 - 1.4.3.1 – A importância da vivência religiosa: 142, 152, 160, 170
 - 1.4.3.2 – A participação nos rituais religiosos: 143, 146, 149
 - 1.4.3.3 – A religião como sustento da vida: 155, 159, 161, 162
 - 1.4.3.4 – A inflexibilidade diante das ambigüidades na convivência religiosa: 144, 145, 147, 148, 150, 151, 154
 - 1.4.3.5 – A vivência da ambigüidade: 153
 - 1.4.3.6 – A espiritualidade: 156, 158
 - 1.4.3.7 – O trabalho comunitário como vivência da espiritualidade: 157
 - 1.4.3.8 – A contribuição social da religião: 163, 164, 165, 166, 167
- 1.4.4 – Regras e limites: 34, 46, 47, 48, 49, 57, 70, 80, 81
- 1.4.5 – A diferença entre os membros: 17, 18, 19, 168, 171
- 1.4.6 – A presença da mãe: 134
- 1.4.7 – Diálogo: 51
- 1.4.8 – Afetividade: 29, 31, 43
- 1.4.9 – Moradia adequada: 84
- 1.4.10 – Educação: 85

1.5 – Posturas na Família:

- 1.5.1 – Inflexibilidade diante da diferença: 20, 24, 60, 62, 63, 65, 76, 79
- 1.5.2 – Reflexão Crítica sobre seu Papel de Cuidador da Família: 22, 25, 27, 41, 127

2 - OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR

2.1 – O pai:

- 2.1.1 – O pai como referência: 19, 42, 45, 61, 136
- 2.1.2 – O trabalho fora de casa: 30
- 2.1.3 – A relação de autoridade com a esposa: 33, 64
- 2.1.4 – Regras e limites: 34, 46, 47, 49, 50, 57

- 2.1.5 – A divisão de responsabilidades com a mãe: 133, 135
- 2.2 – A mãe:
 - 2.2.1 – Suprir a ausência do pai: 28
 - 2.2.2 – Afetividade junto aos filhos: 29, 31, 43
 - 2.2.3 – Acompanhamento escolar dos filhos: 32, 35
 - 2.2.4 – Diálogo: 51
 - 2.2.5 – Sustento: 55
 - 2.2.6 – A criação dos filhos:
 - 2.2.7 – Exigir a presença paterna: 58, 59
- 2.3 – Os irmãos mais velhos: 66, 67
- 2.4 – O serviço doméstico:
 - 2.4.1 – A necessidade de trabalhar em idade precoce: 69
 - 2.4.2 – A participação masculina: 68, 71, 72, 73, 74, 75
- 2.5 – O marido: 78
- 2.6 – O arrimo: 126
- 2.7 - A rede familiar: 77

3 - ELEMENTOS DESESTRUTURANTES DA FAMÍLIA:

- 3.1 – Desemprego: 102, 103, 123
- 3.2 – Falta de oportunidades: 106, 107, 108, 169
- 3.3 – Excesso de trabalho: 36, 37, 38, 40
- 3.4 – Violência: 87, 91, 111
- 3.5 – Alcoolismo: 101, 102, 107
- 3.6 – Envolvimento com o tráfico de drogas: 87, 106
- 3.7 – Individualismo: 88
- 3.8 – Depressão: 82
- 3.9 – Falta de acesso à educação: 105
- 3.10 – Moradia Inadequada: 86, 104
- 3.11 – Falta de condições de vida: 89

4 - OS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA FAMÍLIA:

- 4.1 – A ausência do pai: 23, 26, 31, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 52, 53, 121, 122, 132, 137,

- 4.2 – As dificuldades financeiras: 121, 124
- 4.3 – A dificuldade de estudar: 122, 125
- 4.3 – O afastamento dos filhos devido à imposição de regras: 49, 54
- 4.4 - O afastamento dos filhos devido à ausência do pai: 52, 53

5 - PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE:

- 5.1 – A comunidade dividida em diferentes classes de família: 83
- 5.2 – As famílias estruturadas da comunidade: 84, 85, 90
- 5.3 - As famílias desestruturadas da comunidade: 86, 87, 88, 89, 91. 92, 93
- 5.4 – As diferentes regiões da comunidade:
 - 5.4.1 – Comparação: 94, 98
 - 5.4.2 – Preconceito entre os moradores: 96
 - 5.4.3 – Rivalidade: 95, 97, 100
 - 5.4.4 – Nível de violência: 99, 111
- 5.5 – A falta de projetos para o fortalecimento da comunidade: 109, 112, 113
- 5.6 – As deficiências da comunidade: 118, 119
- 5.7 – A importância da mobilização da comunidade: 114, 115, 116, 117, 120
- 5.8 – A falta de instrução levando à exploração: 110

6 - A VIVÊNCIA DO TRABALHO COM AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE

- 5.1 – A especificidade do trabalho como elemento de afastamento da convivência
 - familiar: 23, 36, 37, 38, 40

5.6

Análise dos Temas da Entrevista com Sr. Adão

Nº do Trecho	Trecho da Entrevista	Síntese do Significado	Expressão do Significado como um Vivido
Item	A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: DEFINIÇÃO Grupo		
02	Família é um grupo de - não sei se vou ser teórico - é um grupo de pessoas que têm afinidades, (...).	Família é um grupo de pessoas que têm afinidades.	Família é um grupo de pessoas com afinidades.
04	(...) e que... onde as pessoas se desenvolvem, crescem e que trocam experiências (...).	Família é um grupo em que as pessoas se desenvolvem, crescem e que trocam experiências.	Família é não é um grupo qualquer, mas é um grupo promotor de crescimento.
	Os Laços Familiares		
06	Que pode ser com laço de sangue ou não.	Na família, pode ter laço de sangue ou não.	Família não se refere, necessariamente, a laços de sangue.
	Diálogo das Diferenças		
172	Aí, tem que saber lidar, família talvez seja o momento que essas diferenças se... né... se unem lá, pra... É, e se conversam lá, dialogam a partir das diferenças vai entrar, nem sempre, em consenso, mas pelo menos vai ter uma coisa mais lógica, mais tranqüila, certo?	É importante saber lidar com as diferenças, pois a família é o momento em que elas se unem. As pessoas conversam e dialogam a partir delas. Nem sempre dá para se chegar a um consenso, mas pelo menos vai ter uma coisa mais lógica, mais tranqüila.	A família é o lugar da convivência do diferente, através do exercício do diálogo.

A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: CONFIGURAÇÃO FAMILIAR			
Os Irmãos			
01	Tenho 5 irmãos. Meu pai tem duas levadas de filhos. Meu pai foi casado duas vezes. Irmãos de pai e mãe, nós somos cinco, três moram lá no Conjunto também, e tem o 6º, que é o Luiz, que foi adotado pela minha mãe. E tem mais seis irmãos, que são filhos do meu pai, que moram em outras regionais e que a gente tem pouco contato.	Meu pai foi casado duas vezes e tem duas levadas de filhos. Irmãos de pai e mãe, nós somos cinco e tem o 6º, que é o Caio, que foi adotado pela minha mãe. E tem mais seis irmãos, que são filhos do meu pai, que moram em outras regionais e com quem a gente tem pouco contato.	Tenho quatro irmãos, por parte de meus pais, um irmão adotivo e seis meio-irmãos, com quem tenho pouco contato (por parte de pai).
07	Eu tenho experiência até bastante dessa [<i>ausência de laços sanguíneos na família</i>]: nós somos... Minha mãe, adotivamente, tem vários filhos que sempre criou e a gente considera como família.	Minha mãe tem vários filhos adotivos e a gente considera como família.	Eu considero meus irmãos adotivos como família.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: FUNÇÃO FAMILIAR			
Proteção			
08	Mas família, que eu considero, é aquele núcleo onde as pessoas se sentem protegidas, se sentem igual e que busca refúgio, que busca proteção. Acho que família é isso.	Eu considero família aquele núcleo no qual as pessoas se sentem protegidas, se sentem iguais e onde buscam refúgio e proteção. Acho que família é isso.	Família é o núcleo de refúgio e proteção, no qual as pessoas se sentem iguais.
09	Família tem muito a ver com proteção. Família é proteção.	Família tem muito a ver com proteção.	Família é proteção.
14	Então, proteção é isso: quando um tá fragilizado, tá com problema, eu acho que o refúgio é sempre a família, é sempre <u>NA</u> família. Aí, cada época é um que tá com problema. Aí junta todos pra tentar solucionar aquele problema. A minha família tem essa característica.	A proteção ocorre como um refúgio <u>NA</u> família, sempre que alguém está com algum problema. Quando isso ocorre, toda a família se reúne para ajudar.	Proteção é isso: o problema de um é o problema de todos, que se reúnem para ajudar. Assim, a família se torna um refúgio.

15	A minha família agora, com meus meninos com a mãe deles, eu acho que deve... Eu espero que seja assim também, que eles se sintam protegidos também.	Em relação à minha família agora, com meus meninos com a mãe deles, espero que meus filhos se sintam protegidos também.	Assim como me sinto protegido na minha família de origem, também quero que meus filhos se sintam protegidos por mim e pela mãe deles.
16	Mesmo quando a situação for culpa deles [<i>dos filhos</i>], a gente tem que proteger. Eu acho que a família tem que proteger. É isso que é proteção.	Mesmo quando meus filhos forem culpados por algo, a família tem que proteger.	A proteção não tem a ver com estar certo ou errado, apenas com a necessidade de ser protegido, que é função da família.
Transmissão de costumes			
05	(...) que passam os costumes de geração para geração. Isso é família.	Família é um grupo que passa os costumes de geração para geração. Isso é família.	Família é um grupo no qual se perpetuam os costumes de geração para geração.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES Proteção			
Suporte Diante das Dificuldades			
03	(...) e que se protegem, (...)	Família é um grupo de pessoas que se protegem.	Família é um grupo de pessoas que se protegem.
10	Eu acho que a proteção, em qualquer fase da vida, qualquer coisa, qualquer ocasião que você possa estar fragilizado, possa estar passando por problemas, passando por necessidades, o refúgio é a família: é o pai, é a mãe, é os irmãos.	A proteção, em qualquer fase da vida, refere-se a qualquer ocasião em que você possa estar fragilizado, possa estar passando por problemas, passando por necessidades, e o refúgio é a família: é o pai, é a mãe, são os irmãos.	Família é o lugar onde me sinto protegido pelos meus pais e irmãos, em todos os momentos da vida em que estive fragilizado e nos quais passei por necessidades.
Como União dos Membros da Família			
11	Na nossa família, nós temos essa característica, de quando um tá mais com problema, os outros todos se unem pra proteger. Eu acho que é assim.	Na nossa família, nós temos essa característica, de que quando um está com mais problemas, os outros todos se unem pra proteger.	Na minha família, sempre que um está com problemas, os outros se unem para protegê-lo.
12	Eu lembro, para ilustrar [<i>uma situação de proteção</i>], o meu irmão, por exemplo, (...), nós	A casa de um dos meus irmãos foi totalmente construída, lá em cima, na área que era nossa, por	Quando um dos meus irmãos precisou, a forma que eu e todos os meus outros irmãos

	construímos a casa dele lá, na área que era nossa, lá, lá em cima mesmo, nós mesmos. Nós juntamos com vários amigos, mas nós construímos, desde a casa, até o final, só os irmãos, todos os irmãos.	todos nós, os irmãos, junto com vários amigos.	encontramos para protegê-lo foi nos reunindo com vários amigos e construindo a casa dele, lá em cima, na área que era nossa.
13	E a gente [<i>os membros da família</i>] tem essa mania assim: vai na casa de um, vai na casa de outro. Quando tem problema junta todo mundo, nós nos reunimos.	Na minha família, a gente tem essa mania assim: um vai à casa do outro.	Na minha família, uma forma de proteção é nos reunirmos quando alguém está com problemas.
Como Ação Efetiva na Resolução de Problemas			
12	Eu lembro, para ilustrar [<i>uma situação de proteção</i>], o meu irmão, por exemplo, (...), nós construímos a casa dele lá, na área que era nossa, lá, lá em cima mesmo, nós mesmos. Nós juntamos com vários amigos, mas nós construímos, desde a casa, até o final, só os irmãos, todos os irmãos.	A casa de um dos meus irmãos foi totalmente construída, lá em cima, na área que era nossa, por todos nós, os irmãos, junto com vários amigos.	Quando um dos meus irmãos precisou, a forma que eu e todos os meus outros irmãos encontramos para protegê-lo foi nos reunindo com vários amigos e construindo a casa dele, lá em cima, na área que era nossa.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES			
A Presença do Pai			
A Exigência da Presença Paterna			
21	Até agora, comigo, se fosse olhar agora, por exemplo, o trabalho que eu faço, que é pesado, a maioria foi voluntário, tem reuniões e reuniões, tem dia é a semana toda, acaba ficando... sendo cobrado, porque você acaba abandonando a própria família, acaba abandonando.	O trabalho que eu faço é pesado, a maioria foi voluntário, tem muitas reuniões, tem dia que é a semana toda. Por isso, acabo sendo cobrado, porque você acaba abandonando a própria família.	Meu trabalho me absorve muito e acabo sendo cobrado por abandonar minha família.

27	Aí eu fico avaliando, refletindo: será que eu tô fazendo isso também [<i>se afastando dos filhos</i>]? Mas aí eu procuro até participar, ficar mais, pra ter... segurar mais, fim de semana tem que ficar em casa, sair com os meninos, esse tipo de coisa assim.	Quando eu avalio e percebo que estou muito afastado dos meus filhos, procuro participar mais, ficar em casa, sair com os meninos, esse tipo de coisa.	Quando percebo que estou afastado dos meus filhos, procuro me fazer presente de várias maneiras.
44	Quando... a gente [<i>ele e os filhos</i>] tá jogando futebol, a gente joga já no mesmo nível, fica... aí dá pra participar mais; é uma coisa que eles gostam, né?	Quando eu e meus filhos estamos jogando futebol (a gente já joga no mesmo nível), dá para participar mais, é uma coisa de que eles gostam.	A minha presença como pai se dá quando eu e meus filhos jogamos bola.
58	[<i>A mãe</i>] E cobra de mim: “Você não vai sair com os meninos, não? Os meninos tá...” Aí ela cobra de mim.	A mãe dos meninos cobra de mim se eu não vou sair com eles.	Eu preciso ser cobrado pela mãe dos meninos para sair com eles, pois nem sempre tenho o movimento natural de fazê-lo.
59	No sábado eu tive reunião, aí nós saímos no sábado, fomos pro boteco e eu fiquei lá. Aí ela chegou brava: “Os meninos tão lá, não saíram, era pra ter saído. Falou que ia levar os meninos pra lancha, não levou e os meninos tá cobrando. Tá deixando os meninos... Tá afastando dos meninos...” Aí ela cobra. Ela vem e cobra que eu não tô saindo. Aí ela chama à responsabilidade.	Sábado, após reunião, eu fui para o boteco, ao invés de sair com os meninos. A minha mulher foi até lá, brava, cobrar de mim a saída que eu havia prometido para eles e o fato de eu estar me afastando deles. Quando isso ocorre, ela me cobra e me chama à responsabilidade.	Nem sempre são as obrigações do trabalho que me afastam dos meninos. Quando isso ocorre, minha mulher cobra de mim a minha responsabilidade e presença junto deles.

A Valorização da Figura Paterna

128	[<i>Em relação ao trabalho no Conselho Tutelar</i>] Até essa questão familiar, até tá derrubando os conceitos que eu tinha, né? Por exemplo, a questão do pai, da presença do pai. Essa questão do pai que muita gente falava: “O pai é	O trabalho como conselheiro tutelar derrubou os conceitos que eu tinha, por exemplo, sobre a presença do pai, em relação à falta de importância da presença do pai. Até porque eu também não tive pai. As muitas experiências que	A ausência do meu pai e as experiências que eu tive como conselheiro tutelar me levaram a valorizar a importância do pai.
-----	---	---	---

	qualquer um”, “o pai não tem importância”. Na verdade, eu tive muitas experiências aqui. Eu não tive pai, por exemplo, eu não tive pai. A importância da figura paterna, que eu passei, até pela convivência, a dar mais importância, na hora de perceber a importância que tem a figura paterna. Até por convivência aqui no Conselho mesmo.	eu tive aqui [<i>como conselheiro</i>] e o que eu passei me levaram a perceber a importância que a figura paterna tem.	
129	Ontem mesmo, conversei com uma mãe que tem três filhos e que não tem pai e ela falou assim: “Eu sou pai e mãe”. Aí eu falei: “Você não pode ser pai e mãe, não! Você pode ser uma boa mãe pra um filho”. Pro filho, <u>o pai faz falta</u> . E eu acho que a figura masculina faz falta.	Quando uma mãe de três filhos me disse que ela era pai e mãe, eu discordei. Ela pode ser uma boa mãe, mas para o filho, <u>o pai faz falta</u> .	Ninguém substitui a figura do pai para um filho, nem mesmo uma boa mãe.
130	Eu achava que [<i>o pai</i>] fazia mais até pro filho homem, mas eu percebi que fazia também pra filha mulher, para as meninas, porque num outro dia uma menina de 12 anos falou comigo aqui, conversando, aí eu falei: “E seu pai? Eu nunca vi seu pai”. Ela ficou meio assim e falou: “O meu sonho é...” Ela falou assim: “Meu sonho é conhecer meu pai”. Ela falou assim: “Eu só queria só conhecer, não queria nada, só queria conhecer”. Eu falei: “Ah, é? Por quê?” Ela falou: “Eu queria conhecer meu pai”.	Eu achava que [<i>o pai</i>] fazia mais falta para o filho homem, mas percebi que também fazia falta para as meninas. Outro dia, uma menina me falou que o sonho dela era apenas conhecer o pai dela.	O pai é importante tanto para os filhos homens quanto para as filhas mulheres.
131	Esse e outros fatos, acho que valoriza a figura paterna, que eu acho que é fundamental pra o desenvolvimento dessas crianças.	Eu me deparei com fatos que valorizam a figura paterna, que eu acho que é fundamental para o desenvolvimento das crianças.	A figura paterna é fundamental para o desenvolvimento dos filhos.

134	[<i>Sobre o que falta quando a figura paterna não está presente</i>] Eu acho que o desenvolvimento da criança, não sei se eu vou saber falar assim a coisa tecnicamente, mas eu acho que faz, igual muitas crianças precisam da mãe e do pai até pro desenvolvimento.	Não sei se vou saber falar tecnicamente, mas eu acho que a figura paterna faz falta, pois as crianças precisam tanto da mãe quanto do pai no seu desenvolvimento.	A presença do pai é importante para o desenvolvimento dos filhos.
140	Não sei se eu posso perceber isso da falta que faz. Eu acho que pai faz falta. O pai ou alguma figura adulta que vá fazer esse papel, né?	Eu acho que faz falta o pai ou alguma figura adulta que vá fazer esse papel.	O que é importante é a função paterna, que pode ser desempenhada pelo próprio pai ou por alguma outra figura adulta.
141	[<i>Em relação à falta do pai</i>] Não sei se a mãe faz esse papel. Eu acho que não. Eu não conheço ninguém que fez esse papel, não. Eu acho... eu avalio, até cientificamente o pai faz falta. Na minha experiência do dia-a-dia, eu acho que a figura paterna faz falta (risos). Até pro desenvolvimento, faz falta.	Eu acho que a mãe não faz o papel do pai. Eu não conheço nenhuma que tenha feito. Eu acho que, até cientificamente, o pai faz falta para o desenvolvimento dos filhos.	O meu pai fez falta para mim e a minha mãe não cobriu essa falta.
A Afetividade			
139	Todo mundo fala que eu pareço muito com meu pai. Uai, eu acho legal parecer com meu pai. Se é uma questão de sentimentalismo, não sei.	Todos falam que eu pareço muito com meu pai. Eu acho legal parecer com meu pai. Não sei se isso é sentimentalismo,.	Eu sinto satisfação por parecer com meu pai.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES			
A Religião			
A Importância da Vivência Religiosa			
142	[<i>Ao ser perguntado se haveria outro elemento familiar, além daqueles já mencionados</i>] Eu acho que o único fato que talvez não tenha falado é da questão religiosa. A	A questão religiosa é uma questão com que eu tenho um pouco de dificuldade.	A religião é importante para a família, apesar das dificuldades que eu vivencio em relação a essa questão.

	questão do acompanhamento religioso, uma questão que eu até tenho um pouco de dificuldade hoje por isso.		
152	Não faz falta [a religião], eu continuo é...continuo... Eu avalio a questão dos meninos, né?	A religião não faz falta. Eu me preocupo com a falta dela em relação aos meninos.	Eu digo que a religião não faz falta, mas me preocupo com a importância dela na vida dos meus filhos.
160	Eu continuo na mesma fé, sou católico, não passei pra religião nenhuma, sou contrário a outras...	Eu continuo na mesma fé, sou católico, não passei pra religião nenhuma, sou contrário a outras.	A religião continua sendo importante para mim, mesmo eu tendo me afastado da igreja.
170	[Sobre os elementos da família] É essa questão da religião.	[Sobre os elementos da família] A questão da religião.	A religião é um elemento que estrutura a família.
A Participação nos Rituais Religiosos			
143	Eu sempre fui católico, né? E frequentemente, eu sempre fui... Talvez, da minha casa, eu tenha sido o mais... o mais religioso. Ia sempre à missa e tal, tal, e eu queria que meus filhos fossem assim: sempre foram batizados, o que eu acho importante, fizeram a primeira comunhão, fez o catecismo, tava acompanhando, né? Na igreja, tal, tal. Até eles não gostam porque tem que acordar de manhã.	Eu sempre fui católico, talvez eu tenha sido o mais católico da minha casa. E gostaria que meus filhos também fossem católicos.	A religião católica sempre esteve presente na minha vida e também gostaria que estivesse na vida dos meus filhos.
146	Porque ia muito à igreja, participando, né? De procissão, participando do movimento da igreja, eu participava lá em cima.	Eu ia muito à igreja: participava da procissão e do movimento da igreja lá em cima.	Eu tinha participação ativa no movimento da igreja.
149	E eu já fui, andei muito em procissão da 6ª feira da Paixão. Isso me marcou, isso me marcou. Participava daquele ritual todo.	Eu já participei daquele ritual todo da igreja, como a procissão da 6ª feira da Paixão. Isso me marcou.	A participação nos rituais da igreja marcou a minha vida.

A Religião como Sustento da Vida			
155	Mas também não sei. Mas será que um dia, quando eu tiver caído, eu vou querer voltar pra isso? Aí, eu não sei, não sei não, mas eu não... Aí eu fico em dúvida por causa de não ir...	Mas eu me pergunto se um dia, quando eu estiver caído, se eu vou querer voltar para a igreja. Eu tenho essa dúvida.	A religião é tão importante para mim, que eu me pergunto se, numa necessidade, eu vou sentir falta da igreja, apesar do meu afastamento.
159	Eu acho a religião importante, tem que ter religiosidade, até pra gente em outros lugares. Ela dá o sustento da gente mesmo, dá sustento, sustento da gente mesmo.	Eu acho a religião importante, tem que ter religiosidade. Ela dá o sustento da gente.	A religião é importante porque me dá sustento.
161	[<i>Sobre o sustento oferecido pela religião</i>] Acho que espiritualmente, de sentimento, de... Tem hora que tem de segurar as coisas, a dificuldades da vida, senão você cai em depressão.	A religião sustenta espiritualmente, sentimentalmente. Ela ajuda a segurar as coisas, as dificuldades da vida, senão você cai em depressão.	A religião dá sustento para encarar as dificuldades da vida e evita a depressão.
162	Eu rezo, eu confio, eu tenho um terço na carteira, rezo, hoje eu rezo mais, outro menos, mas eu acho que faz falta, dá um sustento na vida da gente. Eu não consigo viver sem a religião não, não, não, aí não. Isso a minha mãe passou. Eu ia à missa sempre, sempre, sempre, mas depois...	Eu rezo, eu confio, eu tenho um terço na carteira. Hoje, eu rezo mais, outro dia, menos. Mas eu acho que a religião faz falta, ela dá um sustento na vida da gente. Eu não consigo viver sem a religião não. Isso a minha mãe passou.	Eu não vivo sem a religião, pois ela dá sustento à minha vida (mesmo que eu não a exerça de forma constante). Eu aprendi a vivência da religião com a minha mãe.
A Inflexibilidade Diante das Ambigüidades na Convivência Religiosa			
144	Hoje eu faço menos isso, porque eu mudei. Eu não sei por quê, eu mudei a minha concepção, a minha questão religiosa. Mas... depois, eu até passei a ter uma visão mais crítica, sabe, de não aceitar muita coisa e aí ... Eu não levo meus filhos nesse caminho que eu não acho legal.	Hoje, frequento menos a igreja. Eu mudei a minha concepção religiosa. Depois que eu passei a ter uma visão mais crítica, eu passei a não aceitar muita coisa e acabo não levando meus filhos nesse caminho, por não achar muito legal.	Ao desenvolver uma visão mais crítica, percebi coisas na igreja que me levaram a me afastar e também os meus filhos.

145	[<i>Na Paróquia São Brás, no Conjunto Santa Maria</i>] Eu vi muitas coisas que eu não concordo: coisa de discriminação, de desigualdade, de fortalecimento da desigualdade na igreja lá de cima.	Eu vi, na igreja lá em cima, coisas com as quais não concordo: discriminação e fortalecimento da desigualdade.	Situações de discriminação e de fortalecimento da desigualdade me levaram a me afastar da igreja, mesmo sendo a questão religiosa importante para mim.
147	Aí, eu passei a trabalhar em movimento social comunitário, né? Aí convivía com muitas pessoas (sem fazer julgamento pro que a gente está fazendo) que são o capeta lá fora e depois estão lá na igreja, rezando. Aí eu não agüento isso mais não! Não está certo!	Ao trabalhar em movimento social comunitário, eu convivía com muitas pessoas que eram o capeta lá fora e depois estavam rezando lá na igreja. Eu não agüento isso mais não! Não está certo!	Eu não consigo aceitar o fato de que algumas pessoas fazem o mal na comunidade e depois vão para a igreja rezar.
148	A pessoa que só faz maldade cá fora e depois fica lá na igreja, sabe? Ah, não!	A pessoa só faz maldade cá fora e depois fica lá na igreja.	Eu não aceito as incoerências entre os atos de maldade de algumas pessoas e o fato de ela frequentar a igreja.
150	E um dia, uma pessoa da igreja lá, era a pessoa que comandava. Comandava e organizava a procissão e estava com o problema com um vizinho lá. Ela usou a gente pra atingir o vizinho. Eu falei: “Ah, não vai!” Aí eu percebi isso. Não vou participar disso não, só isso. Aí fez uma das estações fez, de propósito, na porta da casa dessa pessoa e foi se dirigindo pra lá e ela usou todo mundo. Eu me senti usado. Aí eu falei assim: “Não participo mais dessa procissão”. Não participei mais a partir desse dia.	Houve uma situação em que uma pessoa que organizava uma procissão usou todos os demais participantes para confrontar uma pessoa, que era desafeto seu. Depois disso, eu não participei mais de procissão.	Ser usado durante uma atividade religiosa, para uma finalidade particular de vingança me causou revolta e me levou a me afastar de atividades da igreja.
151	E um tanto de coisa na igreja lá, na igreja lá de São Brás, que eu participo lá, que eu não vou participar porque eu não concordo.	Há várias situações na igreja São Brás com as quais eu não concordo e que, por isso, eu não participo.	Para participar das atividades religiosas eu preciso concordar com o comportamento das pessoas.

154	Pôxa, vida! O caso da Aparecida. A Aparecida conversando com a pessoa, com o fulano, tal e tal. E aí eu vou na missa de manhã lá, e a pessoa está lá rezando, eu sei o tanto de maldade que ela faz, que a família dela faz um tanto também. Mas eu sei, eu tô vendo ela abraçando todo mundo, uma pessoa abraçando a Aparecida: “Aparecida é muito boa!” E quando a Aparecida não tá perto, a fulana fala isso, isso e isso da Aparecida. E eu falei: “Ó, não é isso não! Não é isso não! Você tá enganada!” <i>[trecho inaudível]</i> É essa coisa da religião que ainda me incomoda.	Houve uma situação em que a pessoa beijava e abraçava a Aparecida e, quando ela não estava por perto, falava mal dela. Eu falei: “Ó, não é isso não! Não é isso não! Você tá enganada!” É essa coisa da religião que ainda me incomoda.	A incoerência e a maldade das pessoas dentro da igreja me incomodam.
A Vivência da Ambigüidade			
153	De vez em quando, nós vamos à missa, eu continuo mas eu não tenho mais, perdi... perdi o tesão mesmo, perdi a graça de participar das coisas da igreja. Talvez das coisas não, mas aí...	De vez em quando, nós vamos à missa, apesar de eu ter perdido o tesão, a graça de participar das coisas da igreja.	Eu experimento ambigüidades em relação à minha vivência religiosa.
A Espiritualidade			
156	<i>[Sobre a participação na igreja]</i> Me ajudou muito pouco. Fiquei alienado. Muito pouco. Na questão espiritual, não, tudo bem. Mas eu acho que isso não acabou, né? Essa questão de fazer... Aí, depois eu fui... Eu não preciso ir até lá pra rezar, pra pedir perdão, tal, tal..	Participar da igreja me ajudou muito pouco. Eu fiquei alienado. Não na questão espiritual. Isso acabou, pois eu não preciso ir à igreja para rezar ou para pedir perdão.	Eu não preciso ir à igreja para vivenciar a espiritualidade, que é muito importante para mim.

158	Não é ficar lá, porque é muito fácil ficar lá na igreja, ajoelhado lá. Eu vejo <u>demais</u> isso. Aí eu passei a ver isso, quando eu passei a freqüentar o movimento comunitário, eu passei a perceber mais isso.	É muito fácil ficar lá na igreja, ajoelhado. Eu vejo <u>demais</u> isso. Aí eu passei a perceber mais isso, quando eu passei a freqüentar o movimento comunitário.	Freqüentar a igreja não significa vivenciar a espiritualidade.
O Trabalho Comunitário como Vivência da Espiritualidade			
157	[<i>Sobre a questão espiritual, que é diferente da participação na igreja</i>] Eu tenho que trabalhar em favor dos outros, eu já trabalho. Aí eu tô mostrando espiritualidade lá – até na Bíblia tem isso – nas obras. Mas tem que ser assim, né?	Eu tenho que trabalhar em favor dos outros, eu já trabalho. Eu estou mostrando minha espiritualidade lá nas obras. Até na Bíblia tem isso.	Eu vivencio minha espiritualidade trabalhando em favor dos outros.
A Contribuição Social da Religião			
163	Eu vejo até qual vai ser o sermão do padre, a homilia lá, que é bem espiritualizado mesmo, né [<i>o padre da Paróquia São Brás</i>]? Só falar da questão religiosa. Esse é um aspecto. Não é só as pessoas falar: “Ó, é Deus que falou...”. Não! Tem que trazer pra hoje, o bicho tá pegando <u>hoje</u> , tem que trazer pra estas questões, né?	O padre da Paróquia São Brás é bem espiritualizado. Seu sermão, a homilia, só falar da questão religiosa, que é um aspecto. Ele tem que trazer pra hoje, o bicho tá pegando <u>hoje</u> , e ele tem que trazer para essas questões.	A religião tem um papel social junto ao cotidiano das famílias (além do aspecto religioso).
164	Por isso que eu parei de ouvir alguns padres, né? Em alguns momentos eu acho que eles não têm esse perfil, é mais religioso.	Eu parei de ouvir padres que só abordam o aspecto religioso.	O aspecto social precisa ser integrado ao aspecto religioso, a fim de que a religião possa dar sustento às famílias.
165	Mas eu acho que uns têm mais a questão mais participativa, da questão da comunidade, questão social, não é... O padre Danilo, ele vinha, ele fazia, ele aponta pra gente ele, aponta pra onde vai a	Alguns padres abordam mais a questão participativa, social, como o padre Danilo, por exemplo, que promovia questões sobre a comunidade. Tem que fazer isso, não pode ser	Quando o padre aborda apenas o aspecto religioso, sem promover reflexões sobre as questões sociais, da comunidade, seu discurso fica vazio.

	comunidade. Mas tem que ser assim: “E essa comunidade que tá aí? Como é que ela tá e tal?” Mas a questão religiosa só, que tem Corpus Christi, que tem que sair pra rua, acho que é importante, mas acho que tem que ter... Não pode ser vazio assim.	vazio.	
166	Usa-se a religião quando tem interesses né?... Aí usa interesses pra políticos, politiquero, tal e tal, pra comprar outras coisas, pra arrecadar dinheiro... Aí a religião funciona.	A religião é usada por algumas pessoas, por exemplo quando elas têm interesses políticos, para comprar outras coisas ou para arrecadar dinheiro. Aí a religião funciona.	A religião também tem que contemplar os aspectos sociais da comunidade.
167	Por que não usa a religião pra transformação? Esse é que é o posicionamento meu da religião. Você faz uma religiosidade da religião.	O meu posicionamento da religião é que ela dever ser usada para transformação. Você faz uma religiosidade da religião.	Quando a religião aborda também as questões sociais, ela promove a transformação.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES Regras e Limites			
34	Qualquer coisa ela vai e me fala.	Quando não tem alguma dificuldade com as crianças, minha mulher me solicita.	Eu dou a última palavra junto às crianças, quando minha mulher tem alguma dificuldade com elas.
46	Eu fiz uma dinâmica: nós combinamos com a mãe deles mesmo pra... pra... Na realidade ela dá... pra eu ser a parte mais... que vai colocar as regras mais, que vai... porque eu acho que tem que ter isso. Eu ajo dessa forma, eu vejo dessa forma.	Eu e a mãe deles fizemos uma dinâmica: sou eu que vai colocar as regras, porque eu acho que tem que ter isso. Eu ajo dessa forma, eu vejo dessa forma.	Na minha família, sou eu quem coloca as regras para os meus filhos, porque eu acho que elas são importantes.
47	Porque quando a mãe deles tá perdendo a paciência, ela fala: “Vou falar com seu pai.”	Quando a mãe deles está perdendo a paciência, ela fala: “Vou falar com seu pai.”	Eu estabeleço o limite para meus filhos.
48	Aí, senão também eu acho que [sem regras] perde o controle, eu acho que perde o controle.	Sem regras, eu acho que se perde o controle.	As regras e os limites são fundamentais para a convivência familiar.

49	Eu prefiro que eles [os filhos] reajam assim, que tenham até um pouquinho mais de... se afastem um pouquinho... que me vêem como a pessoa que vai pôr a regra, que vai pôr o limite....	Eu prefiro que meus filhos até se afastem um pouquinho, que me vejam como a pessoa que vai pôr a regra, que vai pôr o limite. Aí, chegou: "Pronto! Não vou precisar falar mais, não. Acabou!".	O respeito dos meus filhos às regras que eu coloco é mais importante que nosso contato.
57	Aí, quando tem a coisa dela não tá dando conta, aí eu chego e ela traz pra mim.	Quando a mãe dos meninos não está dando conta, ela traz para mim.	Eu sou o responsável por colocar os limites para meus filhos.
70	Mas a mãe sempre foi... A regra dela, nós sempre seguimos sem... sem... Se vacilasse, ela pegava pesado e a gente... E até depois de adulto a gente tinha... Até hoje, ela falou, pronto!	Minha mãe sempre colocou regras para que nós seguissemos. Se nós vacilássemos, ela pegava pesado. Até hoje, depois de adulto, quando ela fala, pronto !	Eu seguia e ainda sigo atualmente, mesmo depois de adulto, as regras colocadas por minha mãe.
80	A gente conseguiu um ambiente familiar que eu acho até positivo. Nós tínhamos... A nossa criação foi diferente. A gente era... A gente era... A mãe criou a gente sozinha, sem condições, né? Têm muitas outras famílias hoje que são assim... E a gente conseguiu seguir as leis ditadas pela nossa mãe, lá. Nós conseguimos seguir.	A gente conseguiu um ambiente familiar positivo. Apesar de a mãe criar a gente sozinha, a gente conseguiu seguir as leis ditadas por ela.	As regras ditadas por minha mãe nos ajudaram a ter um ambiente familiar tranquilo, apesar de todas as dificuldades.
81	[<i>Experiência de conselheiro</i>] Eu acho que as famílias, eu acho hoje, estão sem regras, estão sem limites...	Eu acho que, hoje, as famílias estão sem regras, estão sem limites.	As famílias da comunidade estão sem regras e sem limites.

A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES
A Diferença entre os Membros

17	[<i>Como outro elemento da família</i>] Eu tenho, por exemplo, a questão da convivência diferente entre os irmãos. Na minha família, tantos irmãos diferentes, com personalidades diferentes, que se unem, quando é	Mesmo sendo diferentes, meus irmãos e eu nos unimos sempre que há um objetivo comum.	Eu e meus irmãos convivemos com as diferenças entre nós, nos unindo diante de um objetivo comum.
----	---	--	--

	hora de um objetivo comum.		
18	Eu por exemplo, tive voltado pro trabalho social, comunitário. O trabalho social, lá em casa, só eu que faço, só eu que faço, na verdade.(...) Meus irmãos não despertaram pra esse interesse também.	Lá em casa, só eu que faço trabalho social. Meus irmãos não despertaram pra esse interesse também.	O meu trabalho social, comunitário, que só eu faço, é a minha diferença em relação aos meus irmãos.
19	E meu pai fazia, meu pai fazia. E só eu que faço. (...)Mas tem a questão do meu pai que fazia, aí eu falei: “Acho que tem que dar continuidade a esse trabalho que ele fazia”.	Meu pai fazia trabalho comunitário e, dentre os irmãos, só eu faço. Então, falei: “Acho que tem que dar continuidade a esse trabalho que ele fazia”.	Senti necessidade de dar continuidade ao trabalho social que meu pai fazia.
168	[<i>Sobre os elementos da família</i>] É isso, essa questão das desigualdades.	[<i>Sobre os elementos da família</i>] A questão das desigualdades.	As desigualdades são elementos que estruturam a família.
171	Acho que ninguém é igual, os meninos, por exemplo, são diferentes, eu sou diferente também.	Na família, todos são diferentes.	As diferenças entre os membros da família são importantes na vida familiar.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES A Presença da Mãe			
134	[<i>Sobre o que falta quando a figura paterna não está presente</i>] Eu acho que o desenvolvimento da criança, não sei se eu vou saber falar assim a coisa tecnicamente, mas eu acho que faz, igual muitas crianças precisam da mãe e do pai até pro desenvolvimento.	Não sei se vou saber falar tecnicamente, mas eu acho que a figura paterna faz falta, pois as crianças precisam tanto da mãe quanto do pai no seu desenvolvimento.	A presença tanto do pai quanto da mãe é importante para o desenvolvimento dos filhos.

A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES Diálogo			
51	[<i>Em relação a ele, que tem a função de colocar as regras para os filhos</i>] Até, eles procuram dialogar mais até com a mãe deles do que comigo. Eles dialogam mais com a mãe.	Meus filhos dialogam mais com a mãe do que comigo.	O diálogo com os filhos é função da mãe.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES Afetividade			
29	(...) e, na verdade, a mãe tem que... me cobre mais, acaba cobrindo mais essa parte, até afetiva, sentimental, do que eu.	A mãe cobre a parte mais afetiva sentimental, junto das crianças.	A afetividade em relação às crianças é função da mãe.
31	Da afetividade, sim, sim, fica por conta dela. Até porque eu tenho pouco tempo.	A afetividade em relação aos filhos fica por conta da mãe, pois tenho pouco tempo.	A afetividade junto aos meus filhos é função da mãe deles, pois minha falta de tempo não me permite desfrutá-la com eles.
43	[<i>Em relação à afetividade</i>] A mãe tem. Aí eu acho que ela acaba cobrindo essas coisas... Aí eles beijam e abraçam a mãe e comigo...	A mãe é afetiva e acaba suprimindo isso em relação aos meninos, que a beijam e a abraçam. Comigo...	Os meninos expressam afetividade com quem é afetivo com eles: a mãe. Comigo, não.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES Moradia Adequada			
84	Umhas pessoas têm família e são mais bem estruturadas, com casas e essas questões...	Há uma classe de famílias bem estruturadas com moradia e educação para os filhos.	Ter moradia adequada é um critério importante para considerar uma família mais bem estruturada que outras.
A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: ELEMENTOS ESTRUTURANTES Educação			
85	[<i>Em relação às famílias mais estruturadas da comunidade</i>] e a questão de dar educação pros filhos, de levar (...)	Há uma classe de famílias bem estruturadas com condições de oferecer educação para os filhos.	Oferecer educação para os filhos é um critério importante para considerar uma família mais bem estruturada que outras.

<p style="text-align: center;">A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA: POSTURAS NA FAMÍLIA Inflexibilidade diante da Diferença</p>			
20	[<i>Em relação ao trabalho comunitário</i>] E até, várias vezes, até contra... contra... contra a própria família, contra a própria família.	Várias vezes eu vou contra a minha família por desenvolver o trabalho comunitário.	Eu contrario minha família ao realizar o trabalho voluntário.
24	[<i>Sobre as críticas da família em relação ao trabalho comunitário que ele desenvolve</i>] Mas aí, eu sempre avaliei antes, refleti e continuava o trabalho, não dava ouvido, não.	Eu sempre refleti sobre as críticas da minha família sobre o meu trabalho, mas não dava ouvido e continuava o trabalho.	Eu sempre refleti sobre as críticas da minha família sobre o meu trabalho, mas continuo dando seguimento a ele.
60	Eu saio se eu quiser (risos). Na verdade, aí, se eu achar, avaliar, aí eu respondo. Se eu não achar... Mas eu procuro, na verdade, eu até falo com ela que não; ela não tem o poder de me convencer, não. Pra falar a verdade, não.	Eu saio se eu quiser. Na verdade, eu avalio e respondo em função do que eu achar., ela não tem o poder de me convencer.	Mesmo diante da cobrança da minha mulher, eu faço o que eu quiser. Na verdade, não a atendo, pois ela não tem o poder de me convencer.
62	Até no serviço, um dia: “Vamos no Mineirão ver jogo do Atlético?” Aí, eu levo... Aí só vai um. O outro, por exemplo, não levei ainda não. Ele é cruzeirense e ele não aceita ir.	Quando eu chamo os meninos para ver jogo do Atlético no Mineirão só vai 1. Ainda não levei o outro, que é cruzeirense e não aceita ir.	Assumo uma postura de inflexibilidade diante de uma diferença entre mim e meu filho.
63	Eu sempre levei o Jean no jogo do Atlético. Do Cruzeiro, não. Agora, ele não quer ir mais no jogo do Atlético, não. Aí eu falei: “Então, você vai com a sua mãe. Leva ele no jogo.”	Eu sempre levei o meu filho mais velho ao jogo do Atlético, mas não ao do Cruzeiro. Agora, como ele não quer mais ir, a mãe dele é quem tem que leva-lo ao jogo.	Não acompanho meu filho se ele faz uma escolha diferente da minha.
65	É sempre assim. Pra ver jogo do Cruzeiro no Mineirão, eu não levei ainda não. Eu até já (risos)... Mas o tio dele já levou. Mas ele já foi. Comigo, não. Ele já foi com o tio dele; o tio dele é cruzeirense, é até padrinho dele, que leva ao	É sempre assim. Pra ver jogo do Cruzeiro no Mineirão, eu não levei ainda não. Mas ele já foi com o tio, que é padrinho dele e é cruzeirense. Comigo, não.	Eu não atendo meu filho se ele faz uma escolha diferente da minha.

	jogo. Comigo, no jogo do Cruzeiro, só, não.		
76	Mas quando eu saí da casa da minha mãe e fui viver na casa da Denise, fazer mais um espaço que tinha lá da família, que tinha uma cultura totalmente diferente. Mas aí eu nunca saí da minha... da minha... Até eles conseguiram até mudar um pouco, eles lá, no pensamento.	Ao me casar, apesar de morar com uma família que possuía uma cultura familiar diferente, eu não abri mão da minha. Ao contrário, eu é que consegui levá-los a mudar um pouco o pensamento deles.	Numa cultura familiar diferente, não só não abri mão das minhas referências, como occasionei algumas mudanças no pensamento de outras pessoas.
79	Mas eu acho que a cultura dela era diferente, a minha era outra, e eu consegui até seguir mais a minha, na verdade.	Apesar de a cultura familiar da minha esposa ser diferente da minha, eu segui mais a minha.	Apesar da cultura familiar da minha esposa ser diferente da minha, eu consegui manter a minha cultura familiar.
Reflexão Crítica sobre seu Papel de Cuidador da Família			
22	De vez em quando a gente tem que parar... “Nossa, será que, eu tô cuidando dos outros, e da minha família?”	De vez em quando eu me pergunto se eu estou cuidando das outras famílias da comunidade e deixando de cuidar da minha.	Eventualmente, sinto necessidade de me questionar se estou cuidando da minha família (apesar de cuidar de outras famílias da comunidade).
25	Depois eu tenho que refletir isso bastante, depois que tive filho, porque, na verdade, você acaba ficando muito afastado e pode deixar desassistida a família e o acompanhamento dos filhos.	Eu tenho que refletir bastante sobre o meu trabalho, especialmente depois que tive filho, porque eu fico muito afastado e posso deixar desassistida a família e o acompanhamento dos meus filhos.	Eu preciso estar atento ao meu envolvimento com o trabalho para não acabar me afastando, deixando minha família desassistida e não acompanhando os meus filhos.
27	Aí eu fico avaliando, refletindo: será que eu tô fazendo isso também [<i>se afastando dos filhos</i>]? Mas aí eu procuro até participar, ficar mais, pra ter... segurar mais, fim de semana tem que ficar em casa, sair com os meninos, esse tipo de coisa assim.	Quando eu avalio e percebo que estou muito afastado dos meus filhos, procuro participar mais, ficar em casa, sair com os meninos, esse tipo de coisa.	Quando percebo que estou afastado dos meus filhos, procuro me fazer presente de várias maneiras.
41	Até, tem hora que, de repente, quando olhar, os meninos já cresceram, já, e você nem viu crescer muito. Isso é um fato que	De repente, quando olhar, os meninos já cresceram, e você nem viu crescer muito. Isso é um fato concreto e eu nem sei se	Tenho receio de não ver os meus filhos crescerem e mesmo sabendo desse risco, não sei se tenho feito

	eu acho concreto, que eu nem sei se eu tenho feito muita coisa pra... pra reverter isso.	eu tenho feito muita coisa para reverter isso.	algo para estar mais próximo deles.
127	[<i>O que está mais presente para ele na entrevista, ao falar de família</i>] Talvez a questão de não acompanhar o desenvolvimento, mais o desenvolvimento dos meus filhos. E hoje fica diferente, porque pela atividade que eu exerço, a gente está trabalhando sempre com as questões familiares, né? É sempre questão ruim, a questão da desestrutura familiar.	Ao falar de família, o que está mais presente é a questão de não acompanhar mais o desenvolvimento dos meus filhos. E hoje, isso fica diferente, até pelo fato de exercer uma atividade que trabalha sempre com questão ruim, com a questão da desestrutura familiar.	A minha ausência como pai me preocupa, pois ela pode prejudicar minha família.
OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR			
O Pai			
O Pai como Referência			
19	E meu pai fazia, meu pai fazia. E só eu que faço. (...)Mas tem a questão do meu pai que fazia, aí eu falei: “Acho que tem que dar continuidade a esse trabalho que ele fazia”.	Meu pai fazia trabalho comunitário e, dentre os irmãos, só eu faço. Então, falei: “Acho que tem que dar continuidade a esse trabalho que ele fazia”.	Senti necessidade de dar continuidade ao trabalho social que meu pai fazia.
42	[<i>Sobre como o afastamento dele reflete nos filhos</i>] Na verdade, eu acho que o mais velho, talvez ele se pareça um pouco mais comigo, aí a questão.... ele não tem muita afetividade, é mais distante. Eu também sou.	Eu acho que o meu filho mais velho se parece um pouco mais comigo. Ele não tem muita afetividade, é mais distante. Eu também sou.	Eu sou referência para meus filhos na minha pouca afetividade.
45	[<i>Sobre como os filhos sentem o afastamento dele</i>] Mas o afastamento, por exemplo... essa questão que eu acho que o meu mais velho... porque eu sou atleticano e ele fez questão... Ele é cruzeirense, só pra bater de frente. Mas eu acho que ele fez por... por...Aí, deixei, naturalmente, até.	O modo como meu filho mais velho reagiu ao meu afastamento foi fazendo questão de ser cruzeirense, só para bater de frente, já que eu sou atleticano. Eu deixei, apesar de não saber o que ele queria dizer com isso.	O meu afastamento enfraquece a minha pessoa como referência para meus filhos.

	Mas não podia ser o contrário, mesmo. Não sei o que ele queria dizer com isso.		
61	Mas aí, tem hora que eu paro, reflito e percebo que eu tô afastando. Igual sábado, eu saí com os meninos. Eu levei pra jogar futebol. Aí quando tem um conflito assim, eu procuro envolver mais com eles.	Há momentos em que eu paro, reflito e percebo que estou me afastando dos meninos. Quando isso ocorre, eu procuro me envolver mais com eles, como sábado, quando os levei para jogar futebol.	Quando eu percebo que estou me afastando dos filhos, procuro me envolver mais com eles, jogando futebol, por exemplo.
136	[<i>Sobre o que falta quando a figura paterna não está presente</i>] (...) mas no acompanhamento dos filhos lá do... De compartilhar lá coisa que é masculina, de orientações, sei lá, acho que falta, não sei se eu vou saber falar muita coisa.	O pai faz falta no acompanhamento dos filhos, no compartilhar as orientações e questões masculinas.	Existem coisas que só o pai pode ensinar aos filhos.
O Trabalho fora de Casa			
30	Eu fico eu nessa parte mais... mais pesada fora [<i>de casa</i>]	O mais pesado (que é o trabalho fora de casa) fica por minha conta.	Eu sou responsável pelo trabalho fora de casa, que é mais pesado do que o trabalho em casa.
A Relação de Autoridade com a Esposa			
33	Aí, eu cobro dela: “Tá olhando os cadernos dos meninos?” Tá.	Eu cobro da minha mulher se ela está olhando o caderno dos meninos.	Minha função é cobrar da minha mulher se ela está acompanhando as crianças nas questões escolares.
64	Quando vai no cinema, aí eu cobro, aí eu falo: “Tá passando o filme, então, você leva os meninos ao cinema”.	Quando vai ao cinema, sou eu quem cobra: “ Tá passando o filme, então, você leva os meninos ao cinema”.	Eu cobro da mãe se ela está proporcionando lazer aos nossos filhos.
Regras e Limites			
34	Qualquer coisa ela vai e me fala.	Quando não tem alguma dificuldade com as crianças, minha mulher me solicita.	Eu dou a última palavra junto às crianças, quando minha mulher tem alguma dificuldade com elas.

46	Eu fiz uma dinâmica: nós combinamos com a mãe deles mesmo pra... pra... Na realidade ela dá... pra eu ser a parte mais... que vai colocar as regras mais, que vai... porque eu acho que tem que ter isso. Eu ajo dessa forma, eu vejo dessa forma.	Eu e a mãe deles fizemos uma dinâmica: sou eu que vou colocar as regras, porque eu acho que tem que ter isso. Eu ajo dessa forma, eu vejo dessa forma.	Na minha família, sou eu quem coloca as regras para os meus filhos, porque eu acho que elas são importantes.
47	Porque quando a mãe deles tá perdendo a paciência, ela fala: “Vou falar com seu pai.”	Quando a mãe deles está perdendo a paciência, ela fala: “Vou falar com seu pai.”	Eu estabeleço o limite para meus filhos.
49	Eu prefiro que eles [os filhos] reajam assim, que tenham até um pouquinho mais de... se afastem um pouquinho... que me vêm como a pessoa que vai pôr a regra, que vai pôr o limite....	Eu prefiro que meus filhos até se afastem um pouquinho, que me vejam como a pessoa que vai pôr a regra, que vai pôr o limite.	O respeito dos meus filhos às regras que eu coloco é mais importante que nosso contato.
50	Aí, chegou: “Pronto! Não vou precisar falar mais, não. Acabou!”	Quando eu falo, eles obedecem e pronto!	Os limites que eu dou para meus filhos são prioritários em relação ao diálogo.
57	Aí, quando tem a coisa dela não tá dando conta, aí eu chego e ela traz pra mim.	Quando a mãe dos meninos não está dando conta, ela traz para mim.	Eu sou o responsável por colocar os limites para meus filhos.
A Divisão de Responsabilidades com a Mãe			
133	[Sobre o que falta quando a figura paterna não está presente] Até aliviar a mãe, até dividir as dificuldades.	A figura paterna não é importante só para os filhos, mas também para a mãe, no sentido de dividir com ela as dificuldades.	O pai é importante até para aliviar a mãe, no sentido de dividir as dificuldades.
135	[Sobre o que falta quando a figura paterna não está presente] Eu acho que do apoio, até do apoio da mãe, aquela mãe que fica sozinha no mundo aí, com as questões...	O pai faz falta no apoio que ele dá à mãe, aquela mãe que fica sozinha no mundo.	A presença do pai é importante no apoio que ele dá para a mãe.

OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR			
A Mãe			
Suprir a Ausência do Pai			
28	[<i>Em relação à sua ausência junto aos filhos</i>] Mas, na verdade, eu deixo muito essa parte pra mãe	Em relação à minha ausência, é a mãe que me cobre.	A mãe tem a função de suprir a minha ausência junto às crianças.
Afetividade Junto aos Filhos			
29	(...) e, na verdade, a mãe tem que... me cobre mais, acaba cobrindo mais essa parte, até afetiva, sentimental, do que eu.	A mãe cobre a parte mais afetiva sentimental, junto das crianças.	A afetividade em relação às crianças é função da mãe.
31	Da afetividade, sim, sim, fica por conta dela. Até porque eu tenho pouco tempo.	A afetividade em relação aos filhos fica por conta da mãe, pois tenho pouco tempo.	A afetividade junto aos meus filhos é função da mãe deles, pois minha falta de tempo não me permite desfrutá-la com eles.
43	[<i>Em relação à afetividade</i>] A mãe tem. Aí eu acho que ela acaba cobrindo essas coisas... Aí eles beijam e abraçam a mãe e comigo...	A mãe é afetiva e acaba suprimindo isso em relação aos meninos, que a beijam e a abraçam. Comigo...	Os meninos expressam afetividade com quem é afetivo com eles: a mãe. Comigo, não.
Acompanhamento Escolar dos Filhos			
32	Meus meninos, agora, a questão de escola, quem fiscaliza os cadernos é ela [<i>a mãe</i>] que faz.	No que se refere às questões da escola, como a fiscalização dos cadernos, é tarefa da mãe.	O acompanhamento escolar dos meus filhos é função da mãe deles.
35	Mas, fica mais por conta dela mesmo [<i>o acompanhamento escolar dos filhos</i>]	O acompanhamento escolar dos filhos fica por conta da mãe.	É função da mãe o acompanhamento escolar dos filhos.
Diálogo			
51	[<i>Em relação a ele, que tem a função de colocar as regras para os filhos</i>] Até, eles procuram dialogar mais até com a mãe deles do que comigo. Eles dialogam mais com a	Meus filhos dialogam mais com a mãe do que comigo.	O diálogo com os filhos é função da mãe.

	mãe.		
	O Sustento		
55	[<i>Em relação à responsabilidade pelo sustento da família</i>] Ela também. Ela trabalha também.	A mãe dos meninos trabalha e também é responsável pelo sustento da casa.	O sustento da casa também é responsabilidade da minha esposa.
	A Criação dos Filhos		
56	Na questão da criação dos meninos, aí, sim. Eu deixo pra ela ficar mais com essa parte.	Eu deixo para a mãe ficar mais com a questão da criação dos meninos.	A criação dos meus filhos é responsabilidade mais da mãe do que minha.
	Exigir a Presença Paterna		
58	[<i>A mãe</i>] E cobra de mim: “Você não vai sair com os meninos, não? Os meninos tá...” Aí ela cobra de mim.	A mãe dos meninos cobra de mim se eu não vou sair com eles.	Eu preciso ser cobrado pela mãe dos meninos para sair com eles, pois nem sempre tenho o movimento natural de fazê-lo.
59	No sábado eu tive reunião, aí nós saímos no sábado, fomos pro boteco e eu fiquei lá. Aí ela chegou brava: “Os meninos tão lá, não saíram, era pra ter saído. Falou que ia levar os meninos pra lancha, não levou e os meninos tá cobrando. Tá deixando os meninos...” Aí ela cobra. Ela vem e cobra que eu não tô saindo. Aí ela chama à responsabilidade.	Sábado, após reunião, eu fui para o boteco, ao invés de sair com os meninos. A minha mulher foi até lá, brava, cobrar de mim a saída que eu havia prometido para eles e o fato de eu estar me afastando deles. Quando isso ocorre, ela me cobra e me chama à responsabilidade.	Nem sempre são as obrigações do trabalho que me afastam dos meninos. Quando isso ocorre, minha mulher cobra de mim a minha responsabilidade e presença junto deles.
	OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR Irmãos Mais Velhos		
66	Minha mãe criou... nós fomos criados sem o pai, só com minha mãe. Aí, eu e meu irmão mais velho éramos os mais velhos. E aí a gente tinha que dar conta dos pequenos. A gente tinha que dar conta	Nós fomos criados sem o pai, só com a mãe. Aí, eu e meu irmão, por sermos os mais velhos, tínhamos que dar conta dos irmãos pequenos.	Por termos sido criados só com minha mãe (sem meu pai), a responsabilidade pela criação dos irmãos mais novos era minha e de meu irmão, que éramos os mais velhos.

	dos pequenos.		
67	Minha mãe lavava roupa e tinha que levar ... Era eu que carregava a roupa pra ela. Mas era eu e meu irmão que fazia.	Minha mãe lavava roupa e éramos eu e meu irmão que carregávamos roupa para ela.	Eu e meu irmão ajudávamos minha mãe a carregar a roupa que ela lavava.
OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR Serviço Doméstico			
A Necessidade de Trabalhar em Idade Precoce			
69	Porque a gente tinha que fazer as obrigações, porque a mãe não dava conta.	Nós tínhamos que cumprir com nossas obrigações para que a mãe desse conta.	Sem minha colaboração e de meu irmão, minha mãe não daria conta de suas obrigações.
A Participação Masculina			
68	Nós lavávamos roupa. Isso foi... Essa prática foi importante, a gente ficou mais independente, o que achei muito importante.	Nós lavávamos roupa. Essa prática foi importante.	Ajudar minha mãe a lavar roupa foi importante para mim, no sentido de me tornar mais independente.
71	Aí, quando eu fui casar, por exemplo, (...) na família dela a cultura familiar era outra: homem não lava roupa...	Na família da minha esposa, a cultura familiar era outra: homem não lava roupa.	Na minha cultura familiar, homem lava roupa (diferente da cultura familiar da esposa).
72	[<i>Sobre a cultura de que homem não faz serviço doméstico</i>] Tinha muito isso na família dela, o que eu considero um atraso <i>violento</i> .	Na família dela, tinha a cultura de que homem não faz serviço doméstico, o que eu considero um atraso <i>violento</i> .	Considero um atraso <i>violento</i> a idéia de que homem não faz serviço doméstico.
73	Aí, lá eu quebrei isso. Lá, na família dela, eu quebrei isso. "Não, homem faz isso, tal, tal!"	Lá na família dela [em relação a serviço doméstico] eu quebrei a idéia de que homem não faz serviço doméstico.	Homem faz, sim, serviço doméstico.
74	Ela tem um irmão que não fazia isso, e hoje é sozinho e que não faz nada. Vive em condições até subumanas, porque ele não aprendeu a fazer nada. O que foi passado a ele é que homem não lava vasilha, homem não lava roupa, homem não faz... E não há como viver desse jeito.	O cunhado vive em condições subumanas, porque é sozinho e não faz nem um tipo de serviço doméstico. E não há como viver desse jeito.	É importante que o homem faça o serviço doméstico, quando necessário.

75	[<i>Em relação ao serviço doméstico</i>] A gente teve isso que foi importante pra gente. Eu acho que hoje a gente dá importância a isso.	Eu acho importante o homem fazer o serviço doméstico quando necessário.	Foi importante para nós aprender a fazer o serviço doméstico.
OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR O Marido			
78	[<i>Em relação à esposa</i>] Eu até fiquei mais como apoio... Eu acho que eu fui mais apoio dela mesmo do que outra coisa, até.	Eu fui mais apoio da minha esposa mesmo, do que outra coisa.	Minha relação com minha esposa é baseada no apoio que eu dou a ela, mais até do que outra coisa.
OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR O Arrimo			
126	A minha mãe queria que eu fosse o responsável, queria que eu fosse fazer curso superior. Eu disse: “Não, eu não vou ser... não vou carregar o peso de eu ter que ir, não!” De ter que fazer isso, de ter que fazer aquilo. Eu não aceitei isso não, até porque terminei o ensino médio rápido, mas poderia ter feito até, talvez.	A minha mãe queria que eu fosse o responsável da família, queria que eu fizesse curso superior. Eu não quis carregar esse peso da responsabilidade, de ter que ir, de ter que fazer isso ou aquilo. Eu não aceitei isso. Por ter terminado o ensino médio rápido, até poderia ter feito.	A responsabilidade pela família é de quem avança mais nos estudos.
OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR A Rede Familiar			
77	Na verdade ela [<i>a esposa</i>] não teve família. Ela foi criada pela avó, a mãe dela era falecida, teve um pai que até conheceu, mas tinha outras famílias, mas...	A configuração familiar da esposa: foi criada pela avó, a mãe era falecida e o pai tinha outras famílias.	Na falta dos pais, minha esposa foi criada pela avó.

ELEMENTOS DESESTRUTURANTES DA FAMÍLIA			
Desemprego			
102	[<i>Sobre os elementos que desagregam a família</i>] Porque a pessoa vai beber porque tá desempregado. Então, o desemprego, a falta de oportunidade, os adolescentes querem trabalhar e não conseguem, isso eu acho que isso são elementos que fazem isso. Isso pode ser até repetitivo, mas é isso que causa isso.. é isso... é essa...	A pessoa vai beber porque está desempregado. Então, o desemprego, a falta de oportunidade, os adolescentes que querem trabalhar e não conseguem, isso eu acho que isso são elementos que fazem isso [<i>a desagregação familiar</i>]. Isso pode ser até repetitivo, mas é isso que causa.	O desemprego e a falta de oportunidades são situações que geram a desagregação familiar, levando, muitas vezes, a pessoa a beber.
103	[<i>Sobre o que desestrutura as famílias</i>] Separar o que é causa e consequência é muito difícil, porque você pega o desemprego, (...)	Separar o que é causa e consequência é muito difícil, quando você considera o desemprego.	Apesar de ser difícil saber se é causa ou consequência, o desemprego é um fator que desestrutura as famílias.
123	Eu acho que a questão vem sempre dessa ordem, da ordem financeira mesmo, a questão de trabalho, de todo mundo estar trabalhando. Acho que essa que é a questão.	Eu acho que a questão vem sempre da ordem financeira, de todos estarem trabalhando.	O desemprego (e a consequente dificuldade financeira) é o grande problema das famílias.
Falta de Oportunidades			
106	Depois vai mexer com droga [<i>por causa da falta de oportunidade</i>].	Por causa da falta de oportunidade, depois a pessoa vai mexer com drogas.	A falta de oportunidade pode gerar o envolvimento com drogas.
107	(...) Envolver no alcoolismo [<i>por causa da falta de oportunidade</i>].	Por causa da falta de oportunidade, a pessoa vai se envolver no alcoolismo.	A falta de oportunidade pode gerar o alcoolismo.
108	Isso eu acho que isso que são os elementos que desestruturam as famílias. Então, essa falta de oportunidade, acho que é a principal. Isso é comum, mas é isso que eu entendo.	De todos os elementos que desestruturam as famílias, eu entendo que a falta de oportunidade é a principal.	A falta de oportunidade é o principal elemento que desestruturam as famílias.

169	[<i>Sobre os elementos da família</i>] É isso essa questão das faltas de oportunidade.	[<i>Sobre os elementos da família</i>] A questão da falta de oportunidades.	A falta de oportunidades é um elemento que desestrutura a família.
Excesso de Trabalho			
36	E, nessa correria do dia a dia eu não tenho tempo, não. Isso, com certeza, prejudica.	A correria do dia a dia não me deixa tempo para acompanhar meus filhos, e isso, com certeza, prejudica.	A minha falta de tempo para as crianças, com certeza, prejudica.
37	[<i>Sobre a falta de tempo para a família devido ao excesso de trabalho</i>] Eu acho que isso tem tudo pra prejudicar a questão do desenvolvimento dos meninos, o afastamento dos meninos, a falta do acompanhamento escolar, por exemplo.	A minha falta de tempo e o meu afastamento têm tudo para prejudicar a questão do desenvolvimento dos meninos, como a falta do acompanhamento escolar, por exemplo.	A minha falta e o meu afastamento podem prejudicar o desenvolvimento dos meninos.
38	[<i>Sobre a falta de tempo para a família</i>] Mas, sem dúvida, até a família ficar mais... mais unida, mais junta; fica muito pouco tempo juntos, sair mais...	A minha falta de tempo impede que a família fique mais unida, mais junta. Nós ficamos muito pouco tempo juntos, precisamos sair mais.	Sinto falta de estar mais tempo com minha família.
40	Depois do conselho tutelar, o trabalho, <u>não dá tempo</u> . Na verdade, <u>não dá tempo</u> e a gente fica... Eu acho que, sem dúvida afasta, né? Você acaba ficando afastado dos filhos um pouco.	Depois do trabalho no conselho tutelar, <u>não dá tempo</u> , e, sem dúvida, a gente acaba ficando um pouco afastado dos filhos.	A prioridade que eu dou ao meu trabalho não me deixa tempo para estar com meus filhos.
Violência			
87	É que, na verdade, isso [<i>a família desestruturada</i>] acaba levando mesmo à questão da violência, à questão dos meninos que se perdem, o tráfico e a violência.	A família desestruturada acaba levando os meninos para o tráfico e para a violência.	A violência é um dos caminhos percorridos pelas pessoas que vêm de uma família desestruturada.
91	Então, a família que eu sempre acompanhei, que eu sempre convivi, que mora lá na Antena, a família tem pais irmãos, família igual a nossa, eu convivia muito com eles.	Numa família com quem eu sempre convivi na Vila das Antenas, uns quatro já foram assassinados, e os filhos estão indo para o mesmo caminho.	A violência é um elemento que desestrutura as famílias.

	Uns quatro já foram assassinados, já morreram. Aí vêm os filhos. Aí todo mundo teve filhos e os filhos tão indo pro mesmo caminho.		
111	Mas o trabalho mesmo de fortalecimento da família pouco tem sido feito da política, até porque a violência tem crescido, porque isso tudo tem crescido.	Tem sido feito pouco trabalho de fortalecimento da família, até porque a violência tem crescido.	O aumento da violência na comunidade tem dificultado o desenvolvimento de trabalhos em prol do fortalecimento das famílias.
Alcoolismo			
101	[<i>Sobre os elementos que desagregam a família</i>] Eu não sei se, na família, isso é consequência ou se é causa, é difícil saber. Aí você põe o alcoolismo, por exemplo, eu não sei se hoje o alcoolismo é causa ou se é consequência.	[<i>Sobre os elementos que desagregam a família</i>] Eu não sei se, na família, o alcoolismo é consequência ou se é causa, é difícil saber.	O alcoolismo é um dos elementos que desagregam a família, não sei se como causa ou consequência dessa desagregação familiar.
102	[<i>Sobre os elementos que desagregam a família</i>] Porque a pessoa vai beber porque tá desempregado. Então, o desemprego, a falta de oportunidade, os adolescentes que querem trabalhar e não conseguem, isso eu acho que isso são elementos que fazem isso. Isso pode ser até repetitivo, mas é isso que causa isso.. é isso... é essa...	A pessoa vai beber porque está desempregado. Então, o desemprego, a falta de oportunidade, os adolescentes que querem trabalhar e não conseguem, isso eu acho que isso são elementos que fazem isso [<i>a desagregação familiar</i>]. Isso pode ser até repetitivo, mas é isso que causa.	O desemprego e a falta de oportunidades são situações que geram a desagregação familiar, levando, muitas vezes, a pessoa a beber.
107	(...) Envolver no alcoolismo [<i>por causa da falta de oportunidade</i>].	Por causa da falta de oportunidade, a pessoa vai se envolver no alcoolismo.	O alcoolismo é fruto da falta de oportunidade.

Envolvimento com o Tráfico de Drogas			
87	É que, na verdade, isso [<i>a família desestruturada</i>] acaba levando mesmo à questão da violência, à questão dos meninos que se perdem, o tráfico e a violência. Infelizmente, pro tráfico é que essas famílias vão mais.	A família desestruturada acaba levando os meninos para o tráfico e para a violência.	Os meninos oriundos das famílias desestruturadas acabam indo para o tráfico e para a violência.
106	Depois vai mexer com droga [<i>por causa da falta de oportunidade</i>].	Por causa da falta de oportunidade, depois a pessoa vai mexer com drogas.	O envolvimento com drogas é uma fator que desestrutura as famílias.
Individualismo			
88	... E as mães, cada vez mais sem... sem... sempre... a mãe e o pai pouco se preocupam.	Nas famílias desestruturadas, a mãe e o pai pouco se preocupam com os filhos.	O individualismo é um elemento que desestrutura a família.
Depressão			
82	As pessoas vão ficando mais deprimidas, ficando mais.. e não dão conta, não estão dando conta de... de sustentar a família, não só financeiramente, não só o sustento mesmo, e até a questão de acompanhar o desenvolvimento dos filhos, né?	As pessoas vão ficando mais deprimidas e por isso, não dão conta de sustentar a família, não só financeiramente, mas também na questão do acompanhamento do desenvolvimento dos filhos.	A depressão é um fator que impede as pessoas de sustentarem sua família, tanto financeiramente como no acompanhamento do desenvolvimento dos filhos.
Falta de Acesso à Educação			
105	(...) você pega a falta de estudos, a falta de educação, as pessoas não estudaram e chega, <u>no máximo</u> , à oitava série, <u>no máximo</u> , aí vai pra subemprego, aí vai, aí vai	Quando se considera a falta de estudos e de educação: as pessoas não estudaram e chegam, <u>no máximo</u> , à oitava série e só conseguem subemprego.	A falta de acesso à educação é um fator que desestrutura as famílias.

Moradia Inadequada			
86	E [Há] famílias menos... desestruturadas mesmo, família vivendo em condições... em moradias inadequadas, condições... né?	A região possui famílias desestruturadas, vivendo em condições e moradias inadequadas.	Moradias inadequadas são critérios para considerar a família como desestruturada.
104	[<i>Sobre o que desestrutura as famílias</i>] (...) pega as más condições de moradia, (...)	As más condições de moradia desestruturam uma família.	A moradia inadequada é um fator que desestrutura as famílias.
Falta de Condições de Vida			
89	[<i>A mãe e o pai</i>] (...) sem condições, não dão conta, não estão dando conta. Então, tem muita família desestruturada.	Quando os pais não têm condições, a família se desestrutura.	A falta de condições dos pais é um fator que desestrutura uma família.
OS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA FAMÍLIA			
A Ausência do Pai			
23	Então, essa crítica eu sempre recebi da família, sempre, sempre [<i>de trabalhar na comunidade, o que demanda muito tempo fora de casa</i>].	Eu sempre recebi críticas da minha família por trabalhar com as famílias da comunidade.	Eu sou criticado pela minha família por causa do meu trabalho, que toma muito o meu tempo.
26	Eu vejo muito depoimento de vizinho. Eu tenho uma moça lá, uma vizinha, que gosta muito de criança, uma senhora, e fala que teve que trabalhar muito quando os filhos dela era pequeno e que sente muito porque não viu os filhos dela crescendo, não viu a infância, não viu os filhos dela crescendo, porque tinha que trabalhar e agora ela sente falta disso. Não sei se eu vou sentir isso...	Minha vizinha perdeu a infância dos filhos dela por precisar trabalhar e, hoje, sente falta disso. Não sei se vou sentir isso.	O exemplo da minha vizinha me faz ter receio de perder a infância e o crescimento de meus filhos em função do meu trabalho.

31	Da afetividade, sim, sim, fica por conta dela. Até porque eu tenho pouco tempo.	A afetividade em relação aos filhos fica por conta da mãe, pois tenho pouco tempo.	Minha falta de tempo não me permite desfrutar da afetividade com meus filhos, função que cabe à mãe deles.
36	E, nessa correria do dia a dia eu não tenho tempo, não. Isso, com certeza, prejudica.	A correria do dia a dia não me deixa tempo para acompanhar meus filhos, e isso, com certeza, prejudica.	A minha falta de tempo para as crianças, com certeza, prejudica.
37	[<i>Sobre a falta de tempo para a família devido ao excesso de trabalho</i>] Eu acho que isso tem tudo pra prejudicar a questão do desenvolvimento dos meninos, o afastamento dos meninos, a falta do acompanhamento escolar, por exemplo.	A minha falta de tempo e o meu afastamento têm tudo para prejudicar a questão do desenvolvimento dos meninos, como a falta do acompanhamento escolar, por exemplo.	A minha falta e o meu afastamento podem prejudicar o desenvolvimento dos meninos.
38	[<i>Sobre a falta de tempo para a família</i>] Mas, sem dúvida, até a família ficar mais... mais unida, mais junta; fica muito pouco tempo juntos, sair mais...	A minha falta de tempo impede que a família fique mais unida, mais junta. Nós ficamos muito pouco tempo juntos, precisamos sair mais.	Sinto falta de estar mais tempo com minha família.
39	Quando os meninos era pequeno, saía mais, ia ao parque... Os meninos agora cresceram, agora até têm outras opções, cresceram um pouco...	Quando os meninos eram pequenos, nós saíamos mais, íamos ao parque. Agora que eles cresceram, até tem outras opções...	Com o passar do tempo, eu me afastei dos meus filhos.
40	Depois do conselho tutelar, o trabalho, <u>não dá tempo</u> . Na verdade, não dá tempo e a gente fica... Eu acho que, sem dúvida afasta, né? Você acaba ficando afastado dos filhos um pouco.	Depois do trabalho no conselho tutelar, <u>não dá tempo</u> , e, sem dúvida, a gente acaba ficando um pouco afastado dos filhos.	A prioridade que eu dou ao meu trabalho não me deixa tempo para estar com meus filhos.

45	[<i>Sobre como os filhos sentem o afastamento dele</i>] Mas o afastamento, por exemplo... essa questão que eu acho que o meu mais velho... porque eu sou atleticano e ele fez questão... Ele é cruzeirense, só pra bater de frente. Mas eu acho que ele fez por... por... Aí, deixei, naturalmente, até. Mas não podia ser o contrário, mesmo. Não sei o que ele queria dizer com isso.	O modo como meu filho mais velho reagiu ao meu afastamento foi fazendo questão de ser cruzeirense, só para bater de frente, já que eu sou atleticano. Eu deixei, apesar de não saber o que ele queria dizer com isso.	O meu afastamento enfraquece a minha pessoa como referência para meus filhos.
52	Talvez fechando um pouquinho. Eles reagem a esse afastamento fechando, fechando...	Meus filhos reagem ao meu afastamento se fechando um pouquinho.	A minha ausência como pai dificulta o contato dos meus filhos comigo.
53	[<i>Em relação ao fechamento dos filhos</i>] E aí que dificulta, né? Pode estar com algum problema e não externa, né? Não coloca os problemas todos pra fora.	A dificuldade dos filhos se fecharem é a possibilidade de eles estarem com algum problema e não externarem, não os colocarem para fora.	A minha ausência como pai dificulta o contato dos meus filhos comigo.
121	[<i>Sobre as dificuldades que ele enfrentou na sua história familiar</i>] Inicialmente, a dificuldade de minha família é essa questão financeira mesmo. Só tinha minha mãe, então não tinha... Tinha que trabalhar pra sustentar cinco filhos. Lavando roupa. Não tinha... Lavando roupa e tinha que sustentar cinco filhos.	Inicialmente, a dificuldade de minha família foi a questão financeira mesmo, pois minha mãe, sozinha, tinha que sustentar cinco filhos, lavando roupa.	A ausência de meu pai gerou dificuldades financeiras, pois minha mãe teve que criar, sozinha, os cinco filhos, lavando roupa.
122	[<i>Sobre as dificuldades que ele enfrentou na sua história familiar</i>] Inicialmente, essa foi a dificuldade, né? De trabalhar e estudar e aí você acaba o estudo ficando prejudicado, tá certo?	Inicialmente, a dificuldade foi trabalhar e estudar, e o estudo acabou ficando prejudicado.	A necessidade de trabalhar para ajudar a sustentar a família na ausência do meu pai acabou prejudicando o estudo.

132	[<i>Sobre o que falta quando a figura paterna não está presente</i>] Eu acho que falta tudo. Quando não tem a... a... Na verdade, eu não sei, falta o....	Quando o pai não está presente, eu acho que falta tudo, mas na verdade, não sei o quê.	Meu pai fez falta, mas não sei precisar como.
137	[<i>Sobre a falta que o pai dele fez para ele</i>] Não sei avaliar. (...) A vida de infância foi tão corrida, eu tava trabalhando, trabalhando, trabalhando... Talvez nisso: se o meu pai tivesse, eu não tivesse que assumir as responsabilidades tão cedo. Eu tive que assumir as responsabilidades.	Não sei avaliar a falta que meu pai fez para mim... A vida de infância foi tão corrida, pois eu trabalhei muito. Talvez o meu pai tenha feito falta nisso: se ele estivesse presente, eu não teria que assumir tantas responsabilidades tão cedo.	A falta do meu pai me sobrecarregou muito cedo com a responsabilidade de trabalhar para ajudar no sustento da família.
138	Eu e o irmão mais velho tivemos que assumir a responsabilidade dos outros irmãos pequenos e isso pesa também. Quer dizer, eu não estava preparado pra assumir e isso pesa também.	Eu e meu irmão tivemos que assumir a responsabilidade pesada pela criação dos outros irmãos pequenos. E eu não estava preparado para assumir isso.	A falta do meu pai me fez assumir muito cedo a responsabilidade pela criação dos outros irmãos, para a qual eu não estava preparado.
As Dificuldades Financeiras			
121	[<i>Sobre as dificuldades que ele enfrentou na sua história familiar</i>] Inicialmente, a dificuldade de minha família é essa questão financeira mesmo. Só tinha minha mãe, então não tinha... Tinha que trabalhar pra sustentar cinco filhos. Lavando roupa. Não tinha... Lavando roupa e tinha que sustentar cinco filhos.	Inicialmente, a dificuldade de minha família foi a questão financeira mesmo, pois minha mãe, sozinha, tinha que sustentar cinco filhos, lavando roupa.	A ausência de meu pai gerou dificuldades financeiras, pois minha mãe teve que criar, sozinha, os cinco filhos, lavando roupa.
124	Fora isso dessa questão de oportunidades, da falta de oportunidades, não tivemos outros tipos de dificuldade não, de elementos que fossem prejudicial à formação e desenvolvimento da família. A minha família	Fora a questão da falta de oportunidades, minha família não teve outros tipos de dificuldades ou de elementos que fossem prejudiciais ao seu desenvolvimento. Minha família sempre foi tranqüila. Os problemas	Os problemas financeiros foram a maior dificuldade enfrentada pela minha família.

	sempre foi tranqüila. Então, eu acho que essa questão de oportunidade, questão financeira...	que enfrentamos se relacionaram à falta de oportunidades, à questão financeira.	
A Dificuldade de Estudar			
122	[<i>Sobre as dificuldades que ele enfrentou na sua história familiar</i>] Inicialmente, essa foi a dificuldade, né? De trabalhar e estudar e aí você acaba o estudo ficando prejudicado, tá certo?	Inicialmente, a dificuldade foi trabalhar e estudar e o estudo acabou ficando prejudicado.	A necessidade de trabalhar para ajudar a sustentar a família na ausência do meu pai acabou prejudicando o estudo.
125	[<i>Sobre as dificuldades encontradas pela família</i>] (...) muita dificuldade de estudar. Nós não tivemos essa oportunidade de tá que nem hoje, porque o que foi... Quem avançou um pouquinho mais fui eu.	Na minha família houve muita dificuldade de estudar. Quem avançou um pouco mais, fui eu.	A dificuldade para estudar foi uma das dificuldades vivenciadas na minha família.
O Afastamento dos Filhos Devido à Imposição das Regras			
49	Eu prefiro que eles [<i>os filhos</i>] reajam assim, que tenham até um pouquinho mais de... se afastem um pouquinho... que me vêm como a pessoa que vai pôr a regra, que vai pôr o limite....	Eu prefiro que meus filhos até se afastem um pouquinho, que me vejam como a pessoa que vai pôr a regra, que vai pôr o limite. Aí, chegou: "Pronto! Não vou precisar falar mais, não. Acabou!".	O respeito dos meus filhos às regras que eu coloco é mais importante que nosso contato.
54	Talvez até mesmo uma reação [<i>o fechamento dos filhos</i>], né? Que possa... ser mais... de colocar as regras, de colocar limite.	Talvez até a reação de fechamento dos filhos seja porque é ele quem coloca as regras e os limites.	O fato de ser eu quem coloca as regras e os limites para meus filhos dificulta o contato entre nós.

O Afastamento dos Filhos Devido à Ausência do Pai			
52	Talvez fechando um pouquinho. Eles reagem a esse afastamento fechando, fechando...	Meus filhos reagem ao meu afastamento se fechando um pouquinho.	A minha ausência como pai dificulta o contato dos meus filhos comigo.
53	[<i>Em relação ao fechamento dos filhos</i>] E aí que dificulta, né? Pode estar com algum problema e não externa, né? Não coloca os problemas todos pra fora.	A dificuldade dos filhos se fecharem é a possibilidade de eles estarem com algum problema e não externarem, não os colocarem para fora.	A minha ausência como pai dificulta o contato dos meus filhos comigo.
A PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE A comunidade dividida em diferentes classes de família			
83	A gente consegue perceber, pelo menos da... até uma questão de classe, até. A gente consegue ter duas classes lá na região.	As diferentes classes das famílias da região.	A região onde moro possui duas classes de famílias.
As Famílias Estruturadas da Comunidade			
84	Umhas pessoas têm família e são mais bem estruturadas, com casas e essas questões...	Há uma classe de famílias bem estruturadas com moradia e educação para os filhos.	Ter moradia adequada é um critério importante para considerar uma família mais bem estruturada que outras.
85	[<i>Em relação às famílias mais estruturadas da comunidade</i>] e a questão de dar educação pros filhos, de levar (...)	Há uma classe de famílias bem estruturadas com condições de oferecer educação para os filhos.	Oferecer educação para os filhos é um critério importante para considerar uma família mais bem estruturada que outras.
90	E outras, um pouquinho mais estruturadas, que também têm problemas com... Alguns filhos que, mesmo sendo estruturada, os filhos têm problemas de comportamento e questão.... que se envolve também. Há isso também.	Mesmo as famílias um pouquinho mais estruturadas também têm alguns filhos com problemas de comportamento e com envolvimento com o tráfico.	Os problemas também fazem parte das famílias estruturadas.

As Famílias Desestruturadas da Comunidade			
86	E [Há] famílias menos... desestruturadas mesmo, família vivendo em condições... em moradias inadequadas, condições... né?	A região possui famílias desestruturadas, vivendo em condições e moradias inadequadas.	Moradias inadequadas são critérios para considerar a família como desestruturada.
87	É que, na verdade, isso [<i>a família desestruturada</i>] acaba levando mesmo à questão da violência, à questão dos meninos que se perdem, o tráfico e a violência. Infelizmente, pro tráfico é que essas famílias vão mais.	A família desestruturada acaba levando os meninos para o tráfico e para a violência.	Os meninos oriundos das famílias desestruturadas acabam indo para o tráfico e para a violência.
88	... E as mães, cada vez mais sem... sem... sempre... a mãe e o pai pouco se preocupam.	Nas famílias desestruturadas, a mãe e o pai pouco se preocupam com os filhos.	O individualismo é um elemento que desestrutura a família.
89	[<i>A mãe e o pai</i>] (...) sem condições, não dão conta, não estão dando conta. Então, tem muita família desestruturada.	Quando os pais não têm condições, a família se desestrutura.	A falta de condições dos pais é um fator que desestrutura uma família.
91	Então, a família que eu sempre acompanhei, que eu sempre convivi, que mora lá na Antena, a família tem pais irmãos, família igual a nossa, eu convivia muito com eles. Uns quatro já foram assassinados, já morreram. Aí vêm os filhos. Aí todo mundo teve filhos e os filhos tão indo pro mesmo caminho.	Numa família com quem eu sempre convivi na Vila das Antenas, uns quatro já foram assassinados e os filhos estão indo para o mesmo caminho.	A violência é um elemento que desestrutura as famílias.
92	E aí, tem família que mora na Antena, a Conceição, por exemplo, que é normal, que consegue, que tem... que mora lá dentro e tem...	Na Vila das Antenas, a Aparecida é um exemplo de família que é normal, que consegue...	O local de moradia não é um fator determinante na desestruturação da família.

93	Aí, dessa família que eu tô falando, um dos irmãos veio morar numa das melhores casas do Conjunto, tá certo? Moram lá pra sair de lá. Ele mora lá, tem dois filhos. Os filhos não saem de lá e tão com envolvimento.	Dessa família que eu estou falando, um dos irmãos veio morar numa das melhores casas do Conjunto. Moram no Conjunto para sair da Vila das Antenas. Mas os dois filhos não saem da Vila das Antenas e estão com envolvimento.	O local de moradia (se no Conjunto ou na Vila das Antenas) não é garantia para o não envolvimento com o tráfico.
A PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE As Diferentes Regiões da Comunidade			
Comparação			
94	Hoje, o Conjunto é melhor do que a Antena. Já foi mais. Em questão de moradia, de estrutura, de saneamento, tem tudo. O Conjunto seria melhor.	Hoje, o Conjunto é melhor do que a Antena. A diferença já foi maior. Em questão de moradia, de estrutura, de saneamento, o Conjunto seria melhor.	O Conjunto Santa Maria é melhor que a Vila das Antenas em vários aspectos.
98	Então, já foi assim. Mas as famílias de cá [Conjunto] sempre foram mais que a de lá [Vila das Antenas].	Sempre foi assim: as famílias de cá [Conjunto] sempre foram mais que a de lá [Vila das Antenas].	As famílias do Conjunto são mais estruturadas do que as famílias da Vila das Antenas.
Preconceito entre os Moradores			
95	[<i>Comparação entre o Conjunto Santa Maria e a Vila das Antenas</i>] Hoje, essa diferença... tá menos, mas já foi gritante, já foi absurda, que causava até rivalidade. Mas, então, era isso.	A diferença entre o Conjunto e a Vila das Antenas já foi gritante, o que causava até rivalidade.	A diferença entre o Conjunto e a Vila das Antenas já foi muito maior, o que era motivo de rivalidade.
96	[<i>Em relação às famílias moradoras do Conjunto</i>] (...) e que acontece a idéia de separação: eles são melhores que o pessoal da favela. Continuam, né?	Nas famílias que moram no Conjunto, prevalece a idéia de separação em relação às famílias moradoras da Vila das Antenas. Aquelas se acham melhores do que as pessoas que moram na favela (Vila das Antenas).	Existe um preconceito das famílias moradoras do Conjunto em relação às famílias moradoras da Vila das Antenas: elas se acham melhores que o pessoal da favela.

Rivalidade			
97	Aí, vem agora, por exemplo, essa questão agora da Saúde lá, do Centro de Saúde, que tão colocando isso: o povo do Conjunto e da Antena. O Conjunto quer que a gerente não saia, a Antena quer.	Um exemplo dessa rivalidade entre as comunidades é a questão do Centro de Saúde: O Conjunto não quer que a gerente saia, a Antena quer.	A rivalidade entre as comunidades se reflete em questões do cotidiano, como a questão da permanência ou não da gerente do posto que assiste às duas comunidades.
100	Até porque os que moravam na Antena e vieram pro Conjunto; aí melhora, consegue alguma condição financeira e compra casa no Conjunto, por isso que hoje compra no Conjunto... Mas com essa idéia separatista mesmo: "Aí fui pro lado melhor". Aí continua discriminando o outro, a outra... Então, as famílias do Conjunto sempre foram mais estruturadas, teoricamente.	Os que moram na Antena, quando melhoram, conseguem alguma condição financeira, compram casa no Conjunto, mas com essa idéia separatista mesmo: "Aí fui pro lado melhor". Aí continua discriminando as famílias da Antena. Então, as famílias do Conjunto sempre foram mais estruturadas, teoricamente.	Quando as famílias moradoras da Antena conseguem alguma condição financeira, compram casa no Conjunto, mas com essa idéia separatista mesmo, de que foi para o lado melhor.
Nível de Violência			
99	Eu até comento muito que tem famílias que moram na Antena e que são bem encaminhadas, mas, sem sombra de dúvida, o nível de violência, tanto na [Vila] Bandeirantes, como no Conjunto, lá é maior do que no Conjunto. Muitos anos... Quando essa diferença era bem... bem visível, nós tivemos pouco... era raro ter um assassinato, por exemplo, no Conjunto. Depois, de uns 5, 6 anos pra cá é que aconteceram mais assassinatos.	Eu até comento muito que tem famílias que moram na Antena e que são bem encaminhadas, mas, sem sombra de dúvida, o nível de violência, tanto lá como na [Vila] Bandeirantes é maior do que no Conjunto. Quando a diferença era menor, isso se refletia no número de assassinatos, que era bem menor no Conjunto.	O nível de violência é maior na Vila das Antenas (ainda que existam famílias estruturadas morando lá) e na Vila Bandeirantes do que no Conjunto, mesmo com o aumento recente da violência neste último.

111	Mas o trabalho mesmo de fortalecimento da família pouco tem sido feito da política, até porque a violência tem crescido, porque isso tudo tem crescido.	Tem sido feito pouco trabalho de fortalecimento da família, até porque a violência tem crescido.	O aumento da violência na comunidade tem dificultado o desenvolvimento de trabalhos em prol do fortalecimento das famílias.
A Falta de Projetos para o Fortalecimento de Comunidade			
109	Falta <u>muita</u> coisa pra ajudar [<i>as famílias da comunidade</i>], muita coisa. Esse trabalho tem que ser de apoio, acontece muito pouco lá no Conjunto.	Falta <u>muita</u> coisa pra ajudar as famílias da comunidade. Esse trabalho tem que ser de apoio.	Há grande necessidade de um trabalho de apoio para ajudar as famílias do Conjunto.
112	Agora o trabalho na área de esporte, cultura sempre acontece, mas também com... (...) Mas falta muito pra promover as famílias acho, que falta. <u>Muito</u> . Falta muito na região. Acho que pouco tem sido feito.	Trabalhos na área de esporte e cultura sempre acontecem. (...) Mas ainda falta <u>muito</u> para promover as famílias da região. Acho que pouco tem sido feito.	Trabalhos na área de esporte e cultura são importantes para o fortalecimento das famílias, mas ainda falta muito para promover as famílias da comunidade.
113	Isso [<i>trabalhos na área de esportes e cultura</i>] que ajuda a diminuir essa coisa assistencialista lá, de igreja, de cesta básica, essas coisas que, na verdade vão minando as pessoas, não sei se não promove nada.	Esses tipos de trabalho [<i>na área de esportes e cultura</i>] diminuem o trabalho assistencialista da igreja, como a distribuição de cestas básicas, que, na verdade vão minando as pessoas e não sei se promove algo.	Trabalhos assistencialistas, como a distribuição de cestas básicas, não promovem nada.
As Deficiências da Comunidade			
118	Na verdade, a questão, por exemplo, de infraestrutura lá do bairro mesmo, falta pouca coisa, se faltar alguma coisa, é pouca em termos de asfaltamento, em termos de saneamento. Falta hoje em dia só limpeza e manutenção. Na verdade, só manutenção.	Falta pouca coisa em termos de infra-estrutura lá do bairro. Se faltar alguma coisa, é pouca, em termos de asfaltamento, limpeza e manutenção. Na verdade, só falta manutenção.	Hoje em dia, o bairro tem infra-estrutura. O que falta é só manutenção.

119	Mas tem que conquistar mais: centros culturais, educação infantil; quer dizer, a comunidade está precisando de educação infantil. O déficit é grande e a comunidade não se...	A comunidade tem que conquistar mais, por exemplo, centros culturais e educação infantil. O déficit é grande em educação infantil.	A educação infantil é o maior déficit da comunidade, dentre outros.
A Importância da Mobilização da Comunidade			
114	[<i>Sobre o que poderia ajudar as famílias da comunidade</i>] Acho que falta à comunidade mesmo, na verdade, falta mobilização da comunidade, porque se a comunidade se mobilizasse mais, fosse mais informada, participasse, fosse mais participativa.	Na verdade, acho que falta mais mobilização da comunidade, mais informação.	A mobilização da comunidade fortalece as famílias da comunidade.
115	[<i>Sobre o que poderia ajudar as famílias da comunidade</i>] Falta à comunidade ser mais mobilizada, mais participativa. É pouco participativa. Já fizemos o orçamento participativo, por exemplo. Nossa! Que dureza você levar trinta pessoas pra ir lá!	Falta a comunidade ser mais mobilizada, mais participativa. Ela é pouco participativa. Para realizar o orçamento participativo, por exemplo, foi difícil mobilizar trinta pessoas.	A falta de mobilização da comunidade é muito grande.
116	A comunidade não se... não se... ainda não se...despertou, não descobriu que isso, que se participar, a associação comunitária fica forte, com esse movimento comunitário forte, provavelmente a gente consegue...	A comunidade ainda não se despertou, não descobriu, que se houver maior participação, a associação comunitária ficará forte e, com esse movimento comunitário forte, provavelmente a gente consegue...	A comunidade ainda não despertou para a importância da participação, da associação comunitária e do movimento comunitário forte na conquista de melhorias.
117	A gente já conseguiu muitas coisas, mesmo com essa dificuldade, com meia dúzia de pessoa puxando as coisas. Isso que acontece, meia dúzia de pessoas puxam tudo. E a gente já conseguiu...	Nós já conseguimos muitas coisas, mesmo com essa dificuldade, com meia dúzia de pessoas puxando as coisas. É isso que sempre acontece: meia dúzia de pessoas puxam tudo.	A mobilização da comunidade (mesmo pequena) é fundamental para conquistar melhorias.

120	Aí a gente fica puxando, puxando, e falta só participação comunitária. Acho que o grande problema é que falta participação comunitária.	Nós incentivamos a participação comunitária. O grande problema é a falta de participação comunitária.	O grande problema da comunidade é a falta de participação comunitária, apesar do nosso incentivo para que isso aconteça.
A Falta de Instrução Levando à Exploração			
110	Uma comunidade que é pouco instruída que é pouco informada e aí continua sendo explorada por político, em época de eleição, esse tipo de coisa.	O Conjunto é uma comunidade pouco instruída, pouco informada, que continua sendo explorada por políticos, em época de eleição, esse tipo de coisa.	A falta de instrução e de informação leva a comunidade do Conjunto a continuar sendo explorada em época de eleição, por exemplo.
A VIVÊNCIA DO TRABALHO COM AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE A Especificidade do Trabalho como Elemento de Afastamento da Convivência Familiar			
21	Até agora, comigo, se fosse olhar agora, por exemplo, o trabalho que eu faço, que é pesado, a maioria foi voluntário, tem reuniões e reuniões, tem dia é a semana toda, acaba ficando... sendo cobrado, porque você acaba abandonando a própria família, acaba abandonando.	O trabalho que eu faço é pesado, a maioria foi voluntário, tem muitas reuniões, tem dia que é a semana toda. Por isso, acabo sendo cobrado, porque você acaba abandonando a própria família.	Meu trabalho me absorve muito e acabo sendo cobrado por abandonar minha família.
23	Então, essa crítica eu sempre recebi da família, sempre, sempre [<i>de trabalhar na comunidade, o que demanda muito tempo fora de casa</i>].	Eu sempre recebi críticas da minha família por trabalhar com as famílias da comunidade.	Eu sou criticado pela minha família por causa do meu trabalho, que toma muito o meu tempo.
36	E, nessa correria do dia a dia eu não tenho tempo, não. Isso, com certeza, prejudica.	A correria do dia a dia não me deixa tempo para acompanhar meus filhos, e isso, com certeza, prejudica.	A minha falta de tempo para as crianças, com certeza, prejudica.

37	[<i>Sobre a falta de tempo para a família devido ao excesso de trabalho</i>] Eu acho que isso tem tudo pra prejudicar a questão do desenvolvimento dos meninos, o afastamento dos meninos, a falta do acompanhamento escolar, por exemplo.	A minha falta de tempo e o meu afastamento têm tudo para prejudicar a questão do desenvolvimento dos meninos, como a falta do acompanhamento escolar, por exemplo.	A minha falta e o meu afastamento podem prejudicar o desenvolvimento dos meninos.
38	[<i>Sobre a falta de tempo para a família</i>] Mas, sem dúvida, até a família ficar mais... mais unida, mais junta; fica muito pouco tempo juntos, sair mais...	A minha falta de tempo impede que a família fique mais unida, mais junta. Nós ficamos muito pouco tempo juntos, precisamos sair mais.	Sinto falta de estar mais tempo com minha família.
40	Depois do conselho tutelar, o trabalho, <u>não dá tempo</u> . Na verdade, não dá tempo e a gente fica... Eu acho que, sem dúvida afasta, né? Você acaba ficando afastado dos filhos um pouco.	Depois do trabalho no conselho tutelar, <u>não dá tempo</u> , e, sem dúvida, a gente acaba ficando um pouco afastado dos filhos.	A prioridade que eu dou ao meu trabalho não me deixa tempo para estar com meus filhos.

5.7

Apresentação Descritiva da Estrutura das Vivências de Família por Unidades Temáticas

Com o objetivo de descrever a estrutura das vivências de família de cada uma das pessoas entrevistadas no tocante às unidades temáticas captadas nos depoimentos, apresento, entre parênteses, os trechos numerados das entrevistas que ilustram a descrição apresentada. Para isso, adotei o seguinte padrão: utilizei a(s) primeira(s) letra(s) do nome de cada um, seguida(s) do número referente ao trecho do seu depoimento no qual está expresso o tema articulado. Assim, por exemplo, a indicação “(T: 47)” refere-se ao trecho número 47 da entrevista da Sra. Tânia; a “(Ap: 01)” ao primeiro trecho da entrevista da Sra. Aparecida; e a indicação “(Ad: 10)” expõe o décimo trecho da entrevista do Sr. Adão (conforme a numeração apresentada da tabela de análise da entrevista de cada um deles). As frases em itálico são trechos extraídos literalmente das entrevistas, como objetivo de ilustração.

1. A CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA

“... família, pra mim, tá dentro de tudo e tudo tá dentro da família...”

“Família é o que faz a gente a segurar os problemas, principalmente quando é uma família unida, que a gente pode se abraçar, chorar junto.”

Nos depoimentos, a família é definida como a base para a vida de duas formas: como algo presente nas diversas questões da vida (T: 01, 88, 100) e como a estrutura e a fortaleza que dão o sustento diante das adversidades da vida (Ap: 01, 02, 04, 09, 47, 63, 69, 71, 76). A família é base, na medida em que todas as questões da vida são vividas em família. Ela é concebida como o lugar das vivências e dos afetos que oferecem a força necessária para superar quaisquer tipos de problemas e dificuldades (inclusive, as financeiras). Ela também é definida como um grupo promotor de crescimento (Ad: 04), pois nela as vivências pessoais são compartilhadas (T: 6), nela há afinidades (Ad: 2) e diferenças entre seus membros (T: 41; Ad: 172).

“Eu não acho que a família resume só em tipo pai, mãe e filhos, não... Eu acho que a família é tudo isso, é quem te quer bem.”

A família não é vivenciada como um grupo qualquer, e sim como aquele que oferece um sentimento de pertencimento e que propicia o crescimento, não necessariamente vinculado a laços de sangue (Ad: 06, 07). Não é apresentada uma configuração de padrão de família, nem mesmo a tradicional, composta por pai, mãe e filhos (Ap: 72). Isso se mostra, por exemplo, no depoimento do Sr. Adão, quando ele diz não ter contato com os irmãos de sangue, não sendo, portanto, vivenciados como família (Ad: 01), em quanto os irmãos adotivos o são (Ad: 07). Mesmo a Sra. Tânia, que se refere ao modelo tradicional de configuração familiar (T: 37, 56), descreve toda a sua vivência em termos de família extensa.

“... proteção é isso: quando um tá fragilizado, tá com problema, eu acho que o refúgio é sempre a família, é sempre NA família.”

A função familiar entende-se aqui como o papel da família, reportando-se a uma tarefa ou àquilo que precisa ser feito. Apenas o Sr. Adão faz referência a funções familiares na sua concepção de família. A proteção é um papel da família

que ele ressalta de modo enfático (Ad: 08, 09, 15, 16). Ela não é expressa como defesa, mas como o suporte oferecido pela família aos seus membros, diante de quaisquer situações difíceis ou problemáticas. Na sua perspectiva, a proteção não tem o julgamento de valor como critério para a oferta de proteção, mas significa a oferta de um refúgio a quem precisar, estando a pessoa certa ou errada na situação em que se encontra. Nesse sentido, assemelha-se à concepção de família definida como a base e a fortaleza, revelada aqui pela Sra. Tânia e pela Sra. Aparecida.

Outra função da família, na perspectiva vivencial do Sr. Adão, é transmitir os costumes e os valores, de geração para geração (Ad: 05). Pode-se compreender que essa função reforça a concepção de família como um grupo particular, com suas singularidades e características de funcionamento e de existência.

2. ELEMENTOS ESTRUTURANTES DA VIVÊNCIA DE FAMÍLIA

Quanto aos elementos constituintes da família, referentes àquilo que sustenta a forma como ela é vivenciada pela pessoa e que servirá como diretriz ao seu posicionamento diante do mundo, foi possível captar uma rica diversidade na intencionalidade expressa nos depoimentos dos entrevistados. O diálogo, a afetividade, a religião e a presença foram os elementos estruturantes comuns na vivência de família de todas as pessoas entrevistadas.

“... a coisa começou a dar certo e tem dado certo por causa disso, por causa do diálogo, da coisa da gente sentar e conversar mesmo.”

O diálogo é vivenciado de várias formas na família: como promotor da solução de problemas e na superação de adversidades (T: 11, 58, 83; Ap: 49); como pré-requisito para fazer escolhas (T: 34); como forma de reflexão sobre as vivências familiares (T: 45); como provocador de questionamentos e, conseqüentemente, como oportunidade de flexibilização e de reformulação de posturas e de papéis na dinâmica familiar (T: 60, 61, 63, 64); como fator promotor de consenso (T: 67, Ap: 53); como abertura para o posicionamento do outro (T: 69); como elemento promotor da interação familiar (T: 21, 70, 72, 73, 74, 75, 86); como propiciador de crescimento (T: 81) e, finalmente, como forma de colocar limites na família (Ap: 54). Tanto o Sr. Adão (Ad: 51), quanto a Sra. Aparecida

(Ap: 52) apontam a mãe como a responsável pela instauração do diálogo com os filhos. Apesar de não expressarem essa função materna de forma direta, as vivências descritas pela Sra. Tânia mostram situações nas quais a iniciativa do diálogo com outros membros da família (não apenas com os filhos) partiu da mãe.

Pode-se apreender que o diálogo é vivenciado como um elemento fundamental para o bom funcionamento da dinâmica familiar, na medida em que ele permite a valorização das diversas perspectivas de seus componentes, proporciona a abertura para o novo e permite o consenso, aproximando as pessoas e facilitando, com isso a resolução de conflitos. Nesse sentido, ele é vivenciado como um fator imprescindível na melhora da qualidade das relações familiares, bem como no fortalecimento do vínculo entre eles mesmos. Trata-se de uma força transformadora, que concilia e que gera a flexibilização de posturas na família, aumentando o seu grau de interação. Ele é tão importante, que a falta de diálogo é considerada como responsável pela desestrutura na família (T: 35, 84; Ap: 43).

“Acho que toda família tem que ter esse cuidado: pode ser uma horinha sentadinho no colo, um abraçinho assim.”

A afetividade é outro elemento que sustenta a vivência de família. Ela é descrita como uma marca que se carrega por toda a vida (Ap: 11, 29, 67, 70) e como sendo quem dá a força necessária para a superação das adversidades (T: 103; Ap: 30, 32, 48). A afetividade é vivenciada nas suas mais variadas formas de expressão: no amor, no carinho, na alegria, na atenção, no cuidado, na presença e na saudade daqueles familiares distantes, ou falecidos (T: 4, 24, 89, 92; Ap: 11, 29, 67, 68). A compreensão dos depoimentos aponta para a afetividade como uma força capaz de promover a transformação pessoal (T: 91; Ap: 75). Portanto, a família se constitui num espaço fundamental para a expressão dos afetos, com conseqüências nefastas para seus membros nas situações em que, por qualquer motivo, eles não possam se fazer presentes.

Apesar de reconhecer a afetividade como uma parte constituinte da família, o Sr. Adão atribui, novamente, à mãe a função de manifestá-la junto aos filhos (Ad: 29, 31, 43).

“... primeiro a gente tem que ter a religião, a gente tem que ter obediência, a gente tem que ter muita fé em Deus...”

“Não é só as pessoas falar: “Ó, é Deus que falou...”. Não! Tem que trazer pra hoje, o bicho tá pegando hoje, tem que trazer pra estas questões...”

Outro elemento estruturante da família unânime nos depoimentos refere-se à questão da religião (ou de Deus, nas palavras da Sra. Tânia). Ela é vivenciada como uma raiz importante que mantém a família (Ap: 05, 06; Ad: 142, 152, 160, 170), a que a sustenta nas situações difíceis (Ap: 57, 74; 155, 159, 161, 162; Ad: 155, 159, 161, 162), como protetora (Ap: 08) e como doadora de esperança de dias melhores (Ap: 33). Também a Sra. Tânia, apesar de não se referir, especificamente, à religião, vivencia Deus como o princípio organizador de tudo na vida, incluindo a família (T: 48, 52, 90, 106). Ele é a força superior que orienta (T: 53), que dá os dons da família (T: 54, 55) e que a ampara nas dificuldades da vida (T: 93, 98).

O depoimento do Sr. Adão sobre a religião, como um elemento que dá apoio à família, nos permite captar uma riqueza de detalhes, através dos quais é revelado como se estrutura o sentido atribuído por ele à religião. Ao descrevê-la como um elemento que dá sustento à família, ele relata uma participação ativa nos rituais religiosos (Ad: 143, 146, 149). Entretanto, ao iniciar seu trabalho na comunidade e desenvolver um senso mais crítico da realidade, ele se depara com determinados comportamentos de outros frequentadores da igreja incompatíveis com os princípios religiosos, despertando nele uma inflexibilidade diante de tais ambigüidades na convivência religiosa (Ad: 144, 145, 147, 148, 150, 151, 153, 154), tais como o uso da religião para fins particulares, situações de discriminação e fortalecimento das desigualdades. Então, ele distingue a frequência à igreja e a participação nos seus rituais da questão espiritual (Ad: 156, 158), a qual ele vivencia trabalhando em prol da comunidade (Ad: 157). Nesse momento, o ser. Adão revela o componente social implícito na sua vivência da religião, pois enfatiza que, quando a religião aborda apenas os aspectos espirituais, sem integrar as questões sociais da comunidade, não promove transformações e, por isso, cai no vazio (Ad: 163, 164, 165, 166, 167).

Os depoimentos denotam, então, Deus e a religião como promotores de um sentido para a família, como um sentido de vida, o qual dá o sustento e a referência para o caminho a ser seguido.

“... a gente tem um momento mais difícil, mas tem esse momento bom, de quando a gente tá presente, quando a gente pode encontrar...”

A presença é outro elemento vivenciado como parte constituinte da família, porém, ela foi expressa de diferentes maneiras pelos participantes da pesquisa. A Sra. Tânia enfatiza a presença do arrimo (aquele que ajuda a enfrentar as dificuldades de todos os membros da família) como importante no sistema familiar (T: 29). A Sra. Aparecida ressalta o valor da presença da mãe, mais até do que a presença do pai (Ap: 55), e diz ser ela a garantia da família como base para os filhos (Ap: 52, 58). Ela considera a qualidade dessa presença, em termos do cuidado, da afetividade e do diálogo como fundamentais para a boa formação dos filhos (Ap: 66). Mas, para ela, a importância da presença não se restringe à mãe. Os demais familiares devem se fazer presentes para os outros de várias formas, inclusive por intermédio de correspondências, quando a presença física não for possível (Ap: 03).

Outro aspecto que se destaca no seu depoimento é que, embora ela ressalte a importância da presença da mãe, ela descreve vários momentos nos quais a presença do seu pai foi marcante na sua vida. Em outras palavras, para ela, o que estrutura a vivência de família é o vínculo afetivo, independentemente do gênero. No discurso, é a mãe, mas na vivência são ambos.

É justamente a questão relativa à presença paterna um dos temas relevantes do depoimento do Sr. Adão. Ele até reconhece a importância da presença da mãe para o desenvolvimento dos filhos (Ad: 134), mas sua fala se alterna entre salientar enfaticamente a importância da presença do pai na vida dos filhos (Ad: 128, 129, 130, 131, 134, 139, 140, 141) e a expressão da sua preocupação em relação à sua falta de tempo para com seus filhos e os eventuais prejuízos que isso poderia causar no desenvolvimento deles (Ad: 23, 26, 31, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 52, 53, 121, 122, 132, 137, 138). Apesar dessa exigência da presença paterna, ele expressa conflitos pela sua falta de tempo para estar com seus filhos, em decorrência do excesso de trabalho (Ad: 21, 27, 44, 58, 59). Ele afirma não ter tido pai, reconhece a falta dele e diz que essa falta obrigou-o a assumir precocemente duas pesadas responsabilidades: o trabalho, para ajudar no sustento da família (o que dificultou os estudos), e a criação dos irmãos mais novos (junto com o irmão mais velho), enquanto a mãe trabalhava como lavadeira para sustentar a família (Ad: 121, 122, 137, 138). Vale lembrar que ele destaca a

importância da figura paterna num contexto no qual é muito comum a ausência do pai na criação dos filhos (por exemplo, como ocorreu com ele e com a esposa, além do reconhecimento de que, muitas vezes, ele está ausente na sua própria família, como pai). Uma ambigüidade na sua fala refere-se à sua afirmação sobre a falta do pai na criação dos filhos, porém, ele diz que sua família de origem só teve problemas de ordem financeira, mesmo com a ausência paterna (Ad: 124). Finalmente, é evidente no seu depoimento que, na sua família atual, a presença da mãe é maior que a dele, enquanto pai.

“A minha família, ela vive música, respira música. Eu acho que se for o caso, a gente prefere deixar de respirar para respirar música.”

A Sra. Tânia manifesta um elemento estruturante da família singular: a música. Esta é vivenciada como um princípio organizador (T: 49, 51, 106), que envolve a todos os seus membros (mesmo aqueles que não tocam nenhum instrumento) e proporciona um sentimento de comunhão (T: 42, 47). Ao mesmo tempo em que ela pode ser um fator de divergências (T: 44), pode também se tornar um determinante para a reconciliação (T: 43), para comemoração (T: 50) e para a integração (T: 76, 97). Se, por um lado, a música é vivenciada como propiciadora de situações positivas e negativas na família (T: 46), ela auxilia a dar forças no enfrentamento das adversidades da vida (T: 104). É interessante notar a importância de um elemento como referência para a família, dando sentido a todos os seus componentes, que funciona como um elo de ligação e de sustento para o grupo familiar. Na família da Sra. Tânia, esse elemento é a música mas, de modo geral, poderia ser qualquer outro, desde que também possibilitasse essa mobilização e promovesse um sentido para a família, como um ofício ou um esporte, por exemplo.

“... o que um sente, todo mundo sente...”

A união, compreendida como a vivência da família como uma totalidade, também é um elemento estruturante evidenciado no depoimento da Sra. Tânia. Trata-se de outro princípio organizador (T: 102, 105), de ocorrência natural, no qual dispensa um motivo real que acarrete a necessidade da família se unir em torno de algo (T: 95, 96). Porém, a união é também uma maneira de amparar aqueles que estão passando por dificuldades (T: 93, 94). Ela é vivenciada ainda

como fruto do diálogo (T:74) e como prioridade em relação a quaisquer tipos de desavenças (T:99).

“Não tem como cê fazer parte de uma família e tá vivendo uma situação sozinha; você acaba envolvendo todo mundo...”

A comunhão é outro fator que dá sustentação à concepção de família da Sra. Tânia, e refere-se ao ato de compartilhar (sentimentos, opiniões, problemas, etc.). Não se trata de concordância, nem de um envolvimento simbiótico, mas da participação conjunta da família (ou de apenas alguns de seus membros) nas questões pessoais, de doação mútua. Isso pode ser, então, vivenciado como um antídoto para a solidão. É importante notar que, embora haja comunhão entre os familiares, a individualidade de cada um é preservada, pois nem tudo é compartilhado (T: 10, 20, 22). Já em relação ao apoio, outro elemento estruturante, a Sra. Tânia expressa-o na confirmação de si mesma por parte dos outros familiares, por exemplo, nas situações vividas ou nos momentos de fazer escolhas, por exemplo (T: 32, 33, 98).

“Família não tá aí é pra ser tudo bonito também não. Tem que tá errado, tem que ter bagunça pra depois chegar num acordo”

Finalmente, a Sra. Tânia reconhece a família como um processo no qual há discordâncias entre os membros (T: 41) e que requer um último elemento fundamental para o alcance do seu equilíbrio: a sinceridade de parte a parte entre os membros (T: 23). Assim, pode-se apreender que a vivência de tais elementos confirma a perspectiva particular de cada familiar, o que promove o fortalecimento dos vínculos. Em outras palavras, viver em família não significa que todos concordam em tudo. Ao contrário, é o encontro das diferenças que vai colaborar para o crescimento de seus membros.

“Eu acho que a proteção, em qualquer fase da vida, qualquer coisa, qualquer ocasião que você possa estar fragilizado, possa estar passando por problemas...”

Um outro fator salientado pelo Sr. Adão como constituinte da sua vivência de família refere-se à proteção. Ela é vivenciada como suporte diante das necessidades (Ad: 03, 10), como união dos familiares (Ad: 11, 12, 13) e como ação efetiva na resolução de problemas (Ad: 12). Nota-se que a vivência que ele

descreve como proteção está muito próxima daquelas descritas pela Sra. Tânia como união, comunhão e apoio.

“... eu acho que, sem regras, perde o controle...”

As regras e os limites são também elementos apontados pelo Sr. Adão, sem os quais não se pode pensar a convivência em família (Ad: 48). Ele toma para si, como pai, a função de estabelecê-los para seus filhos (Ad: 34, 36, 47, 57) e afirma, inclusive, que mesmo depois de adulto, ainda segue algumas regras colocadas por sua mãe, quando ele ainda era criança (Ad: 70, 80). Sua experiência com famílias desestruturadas da comunidade leva-o a crer na falta de regras e limites como um fator que contribui para essa desestrutura (Ad: 81) e leva-o a priorizá-los em detrimento do contato com seus filhos (Ad: 49). Vale ressaltar a forma diferente da Sra. Aparecida, que menciona uma situação na qual o limite é colocado por meio do diálogo (Ap: 54).

Ele valoriza também, como aspectos fundamentais à vivência de família, a moradia adequada (Ad: 84) e a possibilidade de oferecer educação para os filhos (Ad: 85). Assim, ele expressa a importância da família ter uma estrutura mínima na sua constituição.

“Na minha família, tantos irmãos diferentes, com personalidades diferentes, que se unem, quando é hora de um objetivo comum.”

Por fim, outro elemento estruturante da vivência de família do Sr. Adão é a diferença entre os membros (Ad: 168, 171). Ele valoriza essas desigualdades nos momentos em que a família se une em torno de um objetivo comum (Ad: 17) e ressalta o fato de apenas ele, dentre os irmãos, ter seguido o caminho do pai na escolha pelo trabalho social (Ad: 18, 19). Entretanto, ao expressar sua postura na família, revela certa inflexibilidade diante da diferença em várias situações: na crítica que recebe da família em função do seu trabalho (Ad: 20, 24) e em como se relaciona com a esposa (Ad: 60), com os filhos (Ad: 62, 63, 65) e com os outros (Ad: 76, 79). Ou seja, ao mesmo tempo em que valoriza a diferença, ele se mostra resistente ao novo.

“... mas aí, eu sempre avaliei antes, refleti e continuava o trabalho, não dava ouvido, não.”

“De vez em quando a gente tem que parar... ‘Nossa, será que, eu tô cuidando dos outros, e da minha família?’”

Outra postura evidente em seu depoimento diz respeito à reflexão sobre o seu papel de cuidador da família. Ao longo de todo o seu depoimento, o Sr. Adão evidencia a importância da figura paterna, mas também revela uma autocrítica sobre sua ausência em relação a seus filhos pelo excesso de trabalho e a falta de tempo para eles decorrente disso (Ad: 22, 25, 60, 62, 63, 65, 76, 79). Assim, ele expressa claramente um conflito entre sua dedicação ao trabalho e aos filhos.

“... é por isso que digo a cumplicidade, porque a gente tá junto em tudo.”

“... família é isso: aquela coisa realmente da união, a vontade de ajudar, a vontade de crescer, a cooperação...”

Numa direção bem diferente daquela do Sr. Adão, a Sra. Tânia revela outras posturas na família. Ao descrever suas vivências, a cumplicidade, compreendida como o estar junto com o outro, é evidenciada como uma posição fundamental em todas as situações pelas quais ela passa (T: 2, 7, 8). A amizade (T: 3), a busca do consenso (T: 12), a cooperação (T: 9), apreendida como doação, no sentido da saída de si para o outro, a superação das adversidades (T: 100), a ênfase nas qualidades (T: 77) e a percepção das necessidades do outro (T: 85) também foram as outras posturas evidenciadas na concepção de família da Sra. Tânia. Nota-se que sua ênfase recai sobre posturas facilitadoras das relações familiares e favorecedoras da convivência entre os membros do sistema familiar.

3. OS PAPÉIS NA DINÂMICA FAMILIAR

“... pai, sim, é família, porque eu tenho uma coisa muito gostosa com meu pai...”

“Então, era assim, era aquela família onde o pai mandava.”

“Mas tem a questão do meu pai que fazia, aí eu falei: ‘Acho que tem que dar continuidade a esse trabalho que ele fazia.’”

O papel do pai na família foi um tema comum a todos os depoimentos. Apesar da descrição de vivências distintas, como será exposto a seguir, a presença e a afetividade do pai em relação aos filhos são vivências captadas na

intencionalidade das pessoas entrevistadas. Porém, há várias situações em que ele é apreendido como uma figura ausente ou autoritária. A Sra. Aparecida revela a importância que tem em sua vida a presença e a afetividade de seu pai, expressas nos elogios, nos momentos nos quais ele dedicou-lhe uma atenção especial, no carinho e na saudade que sente dele (Ap: 13, 16, 30, 65). Já a Sra. Tânia, também refere-se ao seu pai como uma referência presente e afetiva (T: 50, 51), mas descreve seu marido como sendo, durante um período anterior à entrevista, um pai autoritário, a quem os filhos obedeciam (e também ela) sem qualquer tipo de questionamento (T: 59, 68).

Por outro lado, o Sr. Adão descreve suas vivências em relação à figura paterna de modo detalhado e intenso, ao longo de todo o seu depoimento. Para ele, o pai é uma referência fundamental no desenvolvimento dos filhos (Ad: 19, 42, 45, 61), afirmando ser uma figura insubstituível (Ad: 136), e é o responsável pelo trabalho pesado, fora de casa (Ad: 30). Também é função paterna a aplicação de regras e limites para os filhos, o que ele expressa nem sempre acontecer por meio do diálogo, porém mediante uma postura impositiva (Ad: 34, 46, 47, 49, 50, 57). Ele demonstra uma atitude autoritária até mesmo com a esposa, no exercício de suas atribuições maternas, tomando para si a responsabilidade de cobrar dela o desempenho de suas funções, como por exemplo, no acompanhamento escolar ou no lazer dos filhos (Ad: 33, 64). Um último aspecto que emerge na vivência paterna do Sr. Adão refere-se à função de apoiar a mãe e dividir com ela as responsabilidades e as dificuldades do cotidiano da família (Ad:133, 135).

“... o sobrinho já é meu desde pequeno, que mãe dele viajava muito pra trabalho ... ela não tinha como cuidar.”

A rede familiar é outra unidade temática presente no depoimento das três pessoas entrevistadas. Nenhuma delas teve o vínculo com sua família de origem rompido ou atenuado, a partir do casamento. Nesse sentido, a família extensa (rede) é vivenciada como aquela que acolhe e auxilia os diversos núcleos familiares em situações de necessidade, como, por exemplo, na criação, permanente ou temporária, das crianças diante da impossibilidade de seus pais o fazerem (T: 57; Ap: 15; Ad: 77), ou nas dificuldades financeiras (Ap: 77).

“...porque sempre sobra é pra gente que é mãe, a gente que é mulher é que tem que dar conta de trabalhar, de reunião na escola, de doença de filho, de correr atrás de tudo...”

“Na questão da criação dos meninos, aí, sim. Eu deixo pra ela ficar mais com essa parte.”

Por outro lado, o papel da mãe foi mencionado diretamente apenas por dois entrevistados. A Sra. Aparecida destacou a função materna de modo marcante, no que diz respeito, não apenas à sobrecarga de tarefas e responsabilidades domésticas (Ap: 12, 54), mas à força da sua presença e da sua afetividade na criação dos filhos e na superação das adversidades (Ap: 23, 49, 58, 61). Um aspecto relevante de seu depoimento reporta-se à falta de colaboração do pai na divisão das obrigações junto aos filhos (Ap: 21), chegando a afirmar que, em muitas famílias da comunidade, a presença dele é motivo de infelicidade para as mães, pois além de não ajudarem, ainda exploram-nas ou batem nelas (Ap: 38, 39).

Essa ausência paterna e a conseqüente sobrecarga da mãe ficam evidentes também no depoimento do Sr. Adão. Ele considera a mãe como a pessoa mais próxima do cotidiano familiar, e, por isso mesmo, tendo que assumir diversas atribuições nessa dinâmica, tais como a criação dos filhos de forma geral, (Ad: 56), a expressão da afetividade (Ad: 29, 31, 43), o acompanhamento escolar (Ad: 32, 35) e o estabelecimento do diálogo entre eles (Ad: 51), bem como a parceria no sustento financeiro da casa (Ad: 55). Se isso não bastasse, por estar demasiadamente envolvido com seu trabalho e com as questões da comunidade, ele confere ainda à mãe a incumbência de suprir sua ausência junto às crianças (Ad: 28), exigindo de dela sua presença junto aos filhos (Ad: 58, 59), cobrança esta que ele nem sempre parece atender, pelo menos num primeiro momento (Ad: 60).

“... mas o companheiro acaba – a palavra é essa mesma – sugando o suor delas...”

Apesar desse desequilíbrio das funções paterna e materna, o Sr. Adão, na qualidade de marido, se coloca como o apoio da esposa, mais do que qualquer outra coisa (Ad: 78). Já a Sra. Aparecida declara uma vivência sofrida em relação ao cônjuge, pois casou muito nova (Ap: 20) e descobriu que suas expectativas em

relação ao marido, antes do casamento, estavam muito além da realidade (Ap: 31). A falta de companheirismo, a culpa pelos eventuais erros e expectativas frustradas na criação dos filhos, a crítica desqualificadora, as cobranças exacerbadas e, muitas vezes, a exploração, são referências fortes e impactantes no seu relato (Ap: 21, 22, 39, 40, 51, 59, 60). Isso tudo a leva a vivenciar o marido como uma figura que segue na contramão daquilo que ela concebe como estrutura de familiar. Em consequência, ela afirma que “marido não é família” (Ap: 64), ao contrário de sua vivência em relação à sua vivência da figura paterna.

A Sra. Tânia não menciona diretamente o marido, mas seu relato desvela-o como uma pessoa autoritária, num primeiro momento. Diante dele, ela se colocava como uma esposa submissa, e isso gerou uma grave crise no casamento. Na sua vivência, o elemento divisor de águas nessa relação foi o diálogo. A partir do momento em que ela estimulou e conseguiu exercitar o diálogo com seu marido, sua autoridade como esposa e o reconhecimento de seu valor por parte dele foram conquistados (T: 65, 66, 71). Mais uma vez, o diálogo surge como força transformadora e promotora de maleabilidade na dinâmica familiar.

“Nós lavávamos roupa... Essa prática foi importante, a gente ficou mais independente...”

Outro papel da dinâmica familiar, o serviço doméstico, foi vivenciado de maneira significativa. Enquanto a Sra. Aparecida se sente valorizada pelas tarefas domésticas desempenhadas (Ap: 17, 18, 19), o Sr. Adão declara ter começado tais serviços em idade precoce, por causa da ausência do pai e pelo fato de a mãe ter precisado trabalhar para garantir o sustento da família (Ad: 69). Segundo suas palavras, o desempenho do serviço doméstico (Ad: 71, 73, 74, 75) foi muito importante na sua formação, tornando-o uma pessoa mais independente (Ad: 68) e, para ele, se constituiu num avanço em relação aos homens que não desempenham essa função (Ad: 72). Além disso, uma vivência que se sobressai no seu depoimento refere-se à responsabilidade assumida em parceria com seu irmão mais velho na criação dos outros quatro irmãos menores (Ad: 66, 67) e na colaboração com a mãe para reforçar o orçamento doméstico (Ad: 69). Nessa descrição, ele revela um outro papel importante na sua dinâmica familiar: o do arrimo, que seria aquele a assumir a responsabilidade pela família. Tal função deveria ser desempenhada pelo familiar que conseguisse avançar mais nos

estudos. Por ser um papel vivenciado como pesado, recusou a idéia da mãe de fazer faculdade por não querer assumir para si a responsabilidade pela família (Ad: 126), ou, em outras palavras, a função de arrimo.

“... tem sempre um que é o arrimo, aquele ali é que segura toda a onda...”

Já para a Sra. Tânia, o arrimo é um papel fundamental. Interessante ressaltar que, na sua vivência de família, o arrimo não é aquele que sustenta a família financeiramente, nem o mais “estudado” (como na vivência do Sr. Adão), mas é aquele com quem se pode contar em qualquer situação. Ele é a pessoa do grupo familiar que está mais presente (T: 29), o qual acaba servindo como base para os outros membros, na medida em que ela se mostra forte o suficiente (T: 16, 25, 26) para se envolver com os problemas dos outros familiares (T: 13, 14, 15) e assumir a responsabilidade por encontrar a solução para eles (T: 17, 18). Porém, apesar de se sobrecarregar com as preocupações alheias, o arrimo deve buscar resolver suas próprias dificuldades, pelo menos num primeiro momento, sem envolver os demais familiares (T: 19), pois não lhe cabe expressar sua própria dor para o outro (T: 27, 28).

4. ELEMENTOS DESESTRUTURANTES DA FAMÍLIA

“As pessoas tomam as atitudes por si.”

“... o ouvir faz muita falta...”

Tanto no depoimento da Sra. Tânia, quanto no da Sra. Aparecida, a falta de diálogo é vivenciada como um elemento que contribui para a desestrutura familiar, o que elas evidenciaram tanto na sua própria família, como no contato com as da comunidade (T: 35, 36, 84; Ap: 43). Outro elemento desestruturante, estreitamente vinculado a esse, é a falta de escuta. Para ambas, a indisponibilidade das pessoas para se escutarem umas às outras sempre desorganiza o sistema familiar (T: 36, 80; Ap: 41).

“... eu não encontrei uma família que tivesse ali o pai, a mãe e os filhos, o pessoal todo, numa comunhão.”

A Sra. Tânia descreve também a falta de cumplicidade (T: 38) e a falta de comunhão (T: 39) como outros componentes comprometedores da sustentação da família. Talvez por ter atravessado uma crise conjugal que quase culminou em separação, posteriormente superada, ela também considera a falta de união entre o casal como um elemento comprometedor das estruturas familiares (T: 78, 79, 82).

“... é aquela família que, assim, ninguém tá nem aí pra ninguém... a coisa é meio assim, o pessoal é meio largado.”

O individualismo é outro fator emergente comprometedor da estrutura familiar para a Sra. Tânia e para o Sr. Adão. Ele é concebido como a ausência de interesse por parte das pessoas nas questões que, segundo elas, não lhes dizem respeito, mesmo se tratando de pais situações críticas pelas quais seus filhos estejam passando (T: 31, 36; Ad: 88). Uma das conseqüências do individualismo seria, então, a falta de união (T: 30), elemento este considerado fundamental na vivência de família como suporte e apoio para seus componentes.

“... a gente vive num mundo assim que tem muita violência dentro de casa...”

A violência também é apontada como um determinante da desestrutura familiar. Apesar de não explicitarem situações de violência em sua própria família, tanto o Sr. Adão quanto a Sra. Aparecida a descrevem como recorrente na comunidade, seja no contexto doméstico (Ap: 37), como causa da própria perda da referência de família (Ad: 91), seja como conseqüência da vivência da falta de estrutura familiar, isso leva as pessoas ao envolvimento com o tráfico e com a marginalidade (Ad: 87). Um aspecto grave apontado pelo Sr. Adão é a dificuldade encontrada pela comunidade no desenvolvimento de projetos que trabalhem o fortalecimento da família em função do aumento dos níveis de violência (Ad:111).

“... eu não sei se hoje o alcoolismo é causa ou se é conseqüência...”

A Sra. Aparecida e o Sr. Adão entendem o alcoolismo como um dos responsáveis pela desagregação familiar, seja como causador da violência doméstica (Ap: 37) ou como fruto da falta de oportunidades e do desemprego (Ad: 102, 107). Ele é sinalizado tanto como causa quanto como a conseqüência da desestrutura da família (Ad: 101).

“... a pessoa vai beber porque tá desempregado...”

A propósito, o trabalho pode se tornar um poderoso determinante do enfraquecimento do grupo familiar, seja pelo seu excesso (Ad: 36, 37, 38, 40), seja pelo desemprego (Ad: 102, 103, 123) ou pela falta de oportunidades (Ad: 106, 107, 108, 169). Interessante ressaltar que, implicitamente, esses fatores desestruturantes referem-se à figura masculina, quer na função do marido desempregado e sem oportunidades, quer na do pai ausente pelo envolvimento demasiado com o trabalho. Na vivência revelada, tais fatores são expressos como essencialmente desintegradores, pois não há como pensar numa família estruturada em que o pai esteja desempregado ou na situação oposta, ausente pela falta de tempo em decorrência do excesso de atividades profissionais.

“As pessoas vão ficando mais deprimidas, e não dão conta...”

Todos os fatores mencionados pelo Sr. Adão como desagregadores da família podem ser as causas ou os causadores de outros dois elementos desestabilizadores da mesma. Ele declara, em diversos momentos, não saber se: 1º.) o envolvimento com o tráfico de drogas, para onde acabam indo as pessoas que perderam sua referência (Ad: 87, 106); e 2º.) a depressão, resultante da impossibilidade de o homem sustentar financeiramente sua família (Ad: 82) são causa ou conseqüência da desestruturação familiar. Desse modo, ele vivencia o envolvimento com o tráfico de drogas e a depressão como situações em íntima conexão com o desemprego e com a falta de oportunidades nas famílias desagregadas.

Finalmente, ele ressalta também alguns aspectos estruturais, cuja ausência prejudica a base da família: a falta de acesso à educação (Ad: 105), a moradia inadequada (Ad: 86, 104) e a falta de condições de vida (Ad: 89).

Uma singularidade dessa unidade temática diz respeito ao fato das mulheres entrevistadas focarem diversos elementos cuja ausência prejudica a relação entre os familiares, ao passo que o Sr. Adão, único participante masculino da pesquisa, mencionou apenas o individualismo como fator ligado a isso, sendo a sua vivência constituída de componentes vinculados essencialmente a questões de ordem operacional ou de infra-estrutura (ou seja, fatores referentes à sobrevivência mais objetiva da família). Nesse sentido, ambos revelam a vivência da mulher como a zeladora ou a guardiã dos relacionamentos familiares.

5. PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA FAMÍLIA

Os depoimentos apontaram para algumas situações que não se configuram, necessariamente, em circunstâncias de desestruturação da família, mas de adversidades marcantes do seu ciclo de vida, as quais demandam uma atenção de seus membros no sentido dos cuidados necessários para a manutenção do seu bom funcionamento.

“... às vezes a gente até passava necessidade... acho que a palavra não é fome, mas necessidade...”

As dificuldades financeiras sofridas pela família são vivências comuns da Sra. Aparecida (Ap: 21, 25, 26, 27, 28) e do Sr. Adão (Ad: 121, 124). Ambos descrevem momentos em que a falta de recursos gerou dificuldades em diferentes contingências, fosse por doença ou pela ausência do pai, ou por motivos diversos. Vale ressaltar a ênfase dada pela Sra. Aparecida ao fato de a família estruturada referir-se ao modo como os filhos são criados, e não às necessidades pelas quais ela, porventura, venha a passar (Ap: 25). Nas situações reveladas por eles, fica evidente a presença dos parentes, auxiliando na medida de suas possibilidades.

“...é esse caminho da droga, da perdição, da prostituição que a gente sempre vê.”

Por morar numa comunidade popular, onde são comuns situações de violência e marginalidade (dentre outros problemas), a Sra. Aparecida vivencia no seu entorno perigos e situações de “perdição”, especialmente no que se refere ao alcoolismo, às drogas e à prostituição (Ap: 07, 37). Mas os problemas também podem ser decorrentes de situações internas: os conflitos entre os membros (Ap: 14, 78). Em seu depoimento ela reconhece que brigas com a irmã chegaram a despertar nela o desejo de sair de casa. Já a Sra. Tânia, vivencia os conflitos entre os familiares de maneira peculiar, expressa o medo de confrontar o outro com receio de se envolver em brigas (T: 62).

“...cheguei num ponto de quase tivesse uma separação, uma coisa que realmente eu já não queria mais...”

É interessante ressaltar que, além desse medo do confronto, todos os demais problemas enfrentados pela família expressos pela Sra. Tânia são aspectos oriundos de dificuldades de relacionamento entre os seus: a falta de união entre o casal (T: 78, 79, 82), a falta de escuta (T: 80), a falta de diálogo (T: 84). Inclusive, das três pessoas entrevistadas, ela foi a única que mencionou o casal como parte da composição familiar (em oposição à díade pai/mãe, mencionada pela Sra. Aparecida e pelo Sr. Adão).

“... se o meu pai tivesse, eu não tivesse que assumir as responsabilidades tão cedo...”

O Sr. Adão, novamente, aponta para questões distintas dos aspectos relacionais do sistema familiar. A única exceção diz respeito ao problema de maior relevância na descrição de sua vivência de família: a ausência do pai e suas conseqüências negativas na relação com os filhos. Como mencionado anteriormente, esse é um tema que permeia todo o seu depoimento (inclusive as reflexões imediatamente posteriores ao final da entrevista, expressas de forma clara à pesquisadora). Tal ausência é sentida não apenas na sua própria condição de pai, mas também na experiência adquirida em seu trabalho social na comunidade. Essa ausência vincula-se às críticas sofridas por sua dedicação maior ao trabalho que à família (Ad: 23), à sua preocupação em perder momentos importantes da vida de seus filhos devido à sua falta de tempo para estar junto deles (Ad: 26), à perda da qualidade do contato com os filhos decorrentes de seu afastamento (Ad: 31, 38, 39, 40, 45, 52, 53) e ao temor pelos possíveis prejuízos causados no desenvolvimento dos filhos em conseqüência de sua ausência (Ad: 36, 37). Mas trata-se, também, de uma vivência pautada em sua condição de filho, cujo pai foi ausente a maior parte de sua vida (Ad: 132, 137, 138), sobrecarregado-o com funções pesadas o suficiente para encurtar sua infância em prol da sobrevivência da família. Foi tocante o seu conflito em relação ao tema da ausência paterna, especialmente por lidar diariamente com as famílias desestruturadas da comunidade.

Outros problemas enfrentados pela família destacados por ele são a dificuldade de estudar (122, 125) e o afastamento dos filhos, por não aceitarem a

aplicação das regras e dos limites necessários no cotidiano familiar e impostos por ele, enquanto pai (Ad: 49, 54).

6. A PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE

As pessoas entrevistadas para a presente pesquisa têm em comum o fato de estarem envolvidas com as famílias da comunidade devido à realização de trabalho social. Isso enriqueceu os depoimentos, pois eles revelaram sua vivência de família a partir de sua própria história pessoal e da percepção que possuem das famílias da comunidade. Fizeram as suas descrições à luz dos temas aos quais atribuem um sentido especial, revelando, então a intencionalidade com que se voltam para o tema família.

O depoimento do Sr. Adão mostrou algumas características da comunidade que compõe o Conjunto Santa Maria e das demais próximas a ela (Vila das Antenas, Vila Bandeirantes, Favela Pantanal, Morro das Pedras e Vila Leonina), pois sua atividade profissional como conselheiro tutelar o aproximam da complexidade e das mazelas das famílias de toda essa região. Ele apresenta a comunidade como possuidora de dois tipos de família: as estruturadas e as desestruturadas (Ad: 83). Apesar de também enfrentarem problemas de diversas naturezas (Ad: 90), as famílias estruturadas são aquelas que moram em casas melhores, ou seja, têm moradia adequada (Ad: 84) e têm condições de oferecer educação a seus filhos (Ad: 85).

“Infelizmente, pro tráfico é que essas famílias vão mais.”

O Sr. Adão vivencia o individualismo (Ad: 88), a falta de condições dos pais (Ad: 89) e a violência (Ad: 91) como elementos que desestruturam as famílias da comunidade. Apesar do local de moradia não ser um fator determinante para tal desestrutura (Ad: 92), essas famílias, em sua maioria, moram em condições inadequadas, ou seja, vivem em barracos construídos de maneira improvisada, muitas vezes, com apenas um cômodo, sem privacidade, nem saneamento básico (Ad: 86). O tipo e o local da moradia também não se vinculam, necessariamente, ao envolvimento da pessoa com o tráfico (Ad: 93),

mas o que normalmente ocorre é que as crianças oriundas das famílias desestruturadas acabam seguindo esse caminho (Ad: 87).

“... aí melhora, consegue alguma condição financeira e compra casa no Conjunto... Mas com essa idéia separatista mesmo: ‘Aí, fui pro lado melhor.’”

O Conjunto Santa Maria é apresentado pelo Sr. Adão como sendo melhor, na comparação com as outras comunidades, não apenas em termos de moradias, saneamento e infra-estrutura (Ad: 94), mas também no que diz respeito ao maior número de famílias estruturadas que lá habitam (Ad: 98). Essa discrepância gera um preconceito dos moradores do Conjunto, por se considerarem melhores que o “pessoal da favela”, alusão esta aos moradores da Vila das Antenas, comunidade mais próxima (Ad: 96), e acirra uma rivalidade entre os moradores, manifestada em diversas situações do cotidiano (Ad: 97, 100). Um grave efeito disso é o alto índice de violência entre as comunidades, especialmente na Vila das Antenas (Ad: 99), refletindo, nas demais, e dificultando, principalmente, a realização de trabalhos sociais em prol das famílias (Ad: 111).

“Esse trabalho tem que ser de apoio; acontece muito pouco lá no Conjunto.”

Há uma grande necessidade de desenvolvimento de projetos para o fortalecimento da comunidade, pois a demanda é extensa (Ad: 109). Para o Sr. Adão, os trabalhos assistencialistas, como a distribuição de cestas básicas, ajudam mas não acrescentam (Ad: 113), diferente dos projetos que investem nas áreas de esportes e cultura, os quais, efetivamente, contribuem para a estruturação familiar (Ad:112). Apesar da melhoria na questão da infra-estrutura da comunidade (Ad: 118), como asfaltamento e saneamento, faltando apenas manutenção, o maior déficit da comunidade refere-se à educação infantil. Faltam projetos que invistam, por exemplo, na construção de centros culturais. Para ele, somente a realização de projetos dessa natureza promoveria, de fato, o fortalecimento da comunidade e da família (Ad: 119).

“...a gente fica puxando, puxando, e falta só participação comunitária...”

Outra questão enfatizada pelo Sr. Adão, que afeta diretamente o cotidiano das famílias da comunidade refere-se à falta de mobilização desta para conquistar melhorias (Ad: 115, 120). Assim, a participação comunitária e o movimento

comunitário fortes são fundamentais para o enfrentamento das adversidades e geram a mobilização necessária em direção às novas conquistas para a vida de todos (Ad: 114, 116, 117). Trata-se de uma dificuldade, pois mesmo diante do incentivo das lideranças comunitárias pela maior participação das pessoas, isso nem sempre ocorre.

“Uma comunidade que é pouco instruída que é pouco informada e aí continua sendo explorada por político, em época de eleição...”

Finalmente, ele percebe que as famílias da comunidade também sofrem pela falta de instrução e de informação, sofrendo como conseqüência, por exemplo, a exploração delas por determinados políticos, em período de eleições, para fins eleitoreiros (Ad: 110).

“...a mãe que faz tudo tal, mas não sabe sentar com a criança e ter aquele diálogo e mostrar que isso aqui eu tenho que colocar aqui...”

Diferente da percepção do Sr. Adão, a Sra. Tânia e a Sra. Aparecida apontam para uma direção diferente daquela referente às mazelas sociais e à postura das pessoas na comunidade, ressaltadas por ele. O olhar de ambas enfatiza, mais uma vez, aspectos de cunho predominantemente relacional. A falta de diálogo foi reconhecida por elas como característica de diversas famílias da comunidade. A Sra. Tânia afirma que quando os familiares não compartilham suas experiências por meio da conversa, o processo familiar não flui (T: 35). Por sua vez, a Sra. Aparecida, procura reforçar a importância do diálogo com os filhos junto às mães da comunidade com quem interage (Ap: 43), pois considera ser ela a responsável por esse exercício do diálogo na família (Ap: 52).

“... ‘deixa ele pra lá, deixa ele viver a vida dele que eu não tô nem aí’, a mãe falando isso, o pai, bebendo, não tá preocupado com isso.”

A Sra. Tânia, durante seu trabalho comunitário, testemunha também o individualismo presente nas famílias, em que as pessoas não se interessam umas pelas outras (T: 30, 31, 36). Estreitamente vinculados a esse comportamento autocentrado, ela também presenciou diversas situações de falta de cumplicidade (T: 38) e de comunhão entre os familiares (T: 39).

Coerente com um cenário familiar onde as pessoas não dialogam, nem se importam umas com as outras, a Sra. Aparecida reconhece a falta de escuta (Ap: 41) e a falta de afetividade (Ap: 42) presentes também nas famílias com quem trabalha.

7. A VIVÊNCIA DO TRABALHO COM AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE

“... são coisas pequenas que a gente faz... Sempre pensando no bem, um pensando no outro, mas sempre pensando em termos de família.”

Em sua atividade na Pastoral da Criança, a Sra. Aparecida utiliza como um dos recursos junto às mães o compartilhamento da aprendizagem decorrente de toda sua vivência familiar. Ela entende que essa é uma das maneiras de que dispõe e reconhece que isso tem ajudado as outras famílias (Ap: 34, 35, 44). Em vários momentos do seu depoimento, ficou evidente sua emoção ao falar de sua própria família e daquilo que vivencia junto às demais, principalmente ao mencionar aquelas que atravessam situações muito difíceis. O propósito de ajudar as pessoas trabalhando pelo bem da família (Ap: 45, 46) e o amor com que desempenha essa função são vivências intensas (Ap: 70) e a levam a valorizar a importância do trabalho comunitário, apesar de todas as dificuldades encontradas (Ap: 73).

“De repente, nós não encontramos aqui em seis famílias, mas na sétima a gente vai encontrar.”

A Sra. Tânia, por sua vez, declarou claramente a expectativa constante de encontrar, na comunidade, uma família parecida e unida como a sua. A cada uma com a qual se deparava, esperava encontrar seus membros vivenciando uma comunhão, apesar dos problemas e dos sofrimentos. Porém, afirma não ter encontrado nenhuma assim e que, nesse sentido, todas elas são o oposto por ela desejado (T: 40).

“... o trabalho que eu faço, que é pesado ... tem reuniões e reuniões, tem dia é a semana toda, acaba sendo cobrado, porque você acaba abandonando a própria família...”

O Sr. Adão revelou uma vivência do seu trabalho peculiar, em relação à sua especificidade (que demanda muito dele). Ele recebe críticas por seu afastamento da família (Ad: 21, 23), e também se questiona bastante sobre essa ausência e sobre a falta de tempo, motivos do afastamento dos filhos, e que lhe trazem grandes preocupações sobre possíveis prejuízos em decorrência disso (Ad: 36, 37, 40). Outra vivência marcante de seu trabalho é a falta que ele sente da convivência de sua família (Ad: 38). Assim sendo, ele deixa transparecer uma vivência do trabalho comunitário pesada, não apenas pela natureza das situações com as quais lida diariamente, mas também pelo custo emocional de sua ausência do convívio familiar.

Sobre a Família: O Diálogo entre a Comunidade e a Academia

No capítulo anterior, apresentei a descrição da estrutura das vivências de família a partir dos temas representativos captados nas entrevistas, procurando explicitar as unidades de significado de forma integrada entre os três depoimentos. Neste capítulo, pretendo articulá-las ao referencial dos autores que compõem a fundamentação teórica desta investigação fenomenológica, almejando comentar as interseções e singularidades das vivências.

Os resultados evidenciados anteriormente mostram uma riqueza de elementos que fundam a vivência de família das pessoas entrevistadas. No cotidiano, em diversos momentos, eles se integram de modo dinâmico e compõem o viés singular com que cada pessoa concebe sua família e se coloca em relação a ela. O enfoque fenomenológico permitiu a compreensão dos elementos essenciais do viver em família, apresentados sob a forma de unidades de sentido agrupadas nos temas representativos revelados nos depoimentos. Procurei atravessar a facticidade do relato das pessoas e me ater à questão proposta por AmatuZZi (2001), sobre o que elas estavam, efetivamente, pretendendo me dizer (ou, numa linguagem fenomenológica, qual a visada delas sobre a família, enquanto fenômeno, na descrição de cada cena ou de cada exposição).

Ao assumir essa postura diante do meu objeto de investigação na presente pesquisa, pude apreender a família vivenciada como a base para a vida de todas as pessoas. Ela é a estrutura, a fortaleza, o refúgio. Tudo passa por ela e ela passa por tudo. Além de ser o núcleo no qual as pessoas se constituem enquanto seres-no-mundo, onde se desenvolvem os afetos, os valores, a cultura e as demais referências da vida, a família dá continência e um sentimento de pertencimento aos seus membros. É um grupo composto por pessoas diferentes, protetor e gerador de crescimento, não importando a sua configuração (se nuclear ou extensa), nem a exigência da consangüinidade. Os relacionamentos ali estabelecidos são relevantes, devem ser estáveis (presença), promotores de interação (através do diálogo) e de vivências afetivas, que, juntamente com o

sustento da fé, oferecem o suporte necessário ao crescimento pessoal e ao enfrentamento das vicissitudes. Isso é tão importante, que a não ocorrência de tal continência na vida de um indivíduo gera graves transtornos de diversas naturezas.

Uma constatação interessante apontada pela análise fenomenológica dos depoimentos refere-se à qualidade diferente dos elementos constituintes da vivência de família entre as duas mulheres e o único homem entrevistado. Apesar de não ser possível fazer afirmações de caráter fidedigno sobre tal diferença (o que, por sinal, não é minha pretensão), nota-se que a visada da Sra. Tânia e da Sra. Aparecida sobre a família resalta os elementos de cunho mais relacionais e afetivos (tais como o diálogo, a afetividade, a comunhão, a cumplicidade, a escuta, a percepção das necessidades dos outros, a união, etc.), coerentes com o papel da mulher enquanto cuidadora da casa e da família e responsável pela educação dos filhos. Por sua vez, o Sr. Adão, apesar de valorizar alguns desses fatores, dá maior destaque aos aspectos estruturais da família, vinculados às funções masculinas de provisão e de relações com o mundo: moradia adequada/inadequada, desemprego, excesso de trabalho, dificuldades financeiras, importância das regras e dos limites, falta de condições de vida e arrimo, dentre outros.

A figura abaixo sintetiza as unidades de significados captadas na presente pesquisa e sistematiza aquelas que foram comuns a todos os entrevistados (na figura central), aquelas comuns a duas pessoas (em verde) e os elementos constituintes da vivência de família singulares de cada pessoa (em azul). Com isso, ela expõe o panorama de elementos fundamentais da vivência de família apreendidos nos depoimentos.



A função formadora da subjetividade do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade, é consenso entre os autores (Cardoso & Féres-Carneiro, 2007; Carvalho, 2002; Saleh, 2001, Szymanski, 1988; Vasconcelos, 1999) e pode ser ilustrada na afirmação de Sarti (2003b), segundo a qual a família é “uma referência simbólica fundamental que permite pensar, organizar e dar sentido ao mundo social dentro e fora do âmbito familiar” (p. 9). Isso se evidencia na afirmação da Sra. Aparecida, que diz: “... *porque uma coisa que eu vejo em muitas famílias é esse movimento, assim, de estrutura mesmo. Porque se a gente tem uma base para criar os filhos, os filhos acabam conseguindo os objetivos na vida e sendo bons cidadãos, sem pertencer ao caminho que não deve, que é esse caminho da droga, da perdição, da prostituição que a gente sempre vê*”.

Entretanto, Sarti (2003b) também ressalta que a noção de família é construída em torno de um eixo moral constituído por critérios de obrigações recíprocas, os quais levam a considerar “da família” aqueles com quem se pode contar. Isso também foi percebido no trabalho de campo descrito por Cardoso & Féres-Carneiro (2007), no qual as pessoas disseram que, muitas vezes, os vizinhos “são mais da família do que os de sangue”, justamente porque contribuem de alguma maneira no cotidiano familiar. Esse vínculo familiar com a vizinhança, porém, não foi evidenciado na análise dos depoimentos desta pesquisa.

Apesar de não expressarem a consangüinidade como o requisito necessário à configuração familiar, os entrevistados revelaram a afetividade como um fundamento importante para considerar quem é da família, conforme disse a Sra. Aparecida: “*Eu não acho que a família resume só em tipo pai, mãe e filhos, não. Quer dizer, isso aí é, sim, uma família. Mas eu acho que a família é tudo isso, é quem te quer bem. É quem você passou alguma coisa e que aquilo te lembra*”. Este é um dos exemplos da vivência do arranjo familiar que se coaduna com os resultados encontrados por Saleh (2001), sobre os critérios de pertencimento familiar das famílias de baixa renda que estudou, a saber: qualidade de convivência, grau e disponibilidade para ajudar, família de origem e fatores afetivos.

Ainda no que tange à afetividade, Szymanski (1988) verificou que é a partir dela que se constroem as relações familiares, propiciando, com isso, a decisão de algumas pessoas coabitarem e a assumirem uma ligação duradoura que gera compromisso de cuidados, sustento e de criação das crianças (biológicas ou

adotivas) surgidas nesse contexto. Para a autora, as relações biológicas (pais, filhos, avós e irmãos) e algumas de adoção ou apadrinhamento são indissolúveis, mesmo em casos de separação física. Porém, o mesmo não acontece com a relação conjugal, passível de dissolução diante de crises mais graves ou quando o sentimento que levou à decisão de união entre o homem e a mulher deixa de existir.

Quanto à dinâmica familiar, conforme mencionado no Capítulo 2, Sarti (2003b) indica uma divisão de papéis nas famílias pobres pesquisadas por ela, a qual estabelece princípios definidores de determinados aspectos da sua dinâmica e da hierarquia homem/mulher, com as respectivas autoridades e responsabilidades atribuídas a cada um. Portanto, a autora propõe que é delegado ao homem o papel de chefe da família, sendo dele a responsabilidade pelo sustento e a honra, aspectos importantes na composição da autoridade paterna. Cabe a ele também ser o intermediário entre a família e o mundo externo, sendo a sua presença uma garantia de respeitabilidade familiar. Ela sustenta ainda que, mesmo nas situações nas quais ele não oferece os recursos financeiros necessários à sobrevivência da família, sua presença se mantém importante como autoridade moral perante os outros.

As vivências dos entrevistados sobre a figura masculina foram ambíguas quanto a essa posição da autora. O depoimento do Sr. Adão aponta nesse sentido, na medida em que ele refere-se, enfaticamente, ao longo de toda a entrevista, à importância da presença do pai, especialmente para o bom desenvolvimento dos filhos: *“Eu acho que pai faz falta. O pai ou alguma figura adulta que vá fazer esse papel”*. Outro exemplo disso é quando ele afirma: *“Não sei se a mãe faz esse papel. Eu acho que não. Eu não conheço ninguém que fez esse papel, não. Eu acho... eu avalio, até cientificamente, o pai faz falta. Na minha experiência do dia-a-dia, eu acho que a figura paterna faz falta...”* Porém, no depoimento da Sra. Aparecida, quando ela menciona o homem no papel de pai, este é afirmado como uma presença positiva e necessária, semelhante ao sentido dado pelo Sr. Adão: *“... até hoje eu tenho uma saudade muito grande do meu pai. A gente tinha um relacionamento muito bom.”* Mas o seu discurso muda quando faz alusão ao homem no papel de marido: *“... se eu for te falar o que está dentro do coração, de verdade... eu não acho que marido é família não, sabe? Porque tem muitas*

famílias que não têm marido, ou até já teve, e às vezes são muito mais estruturadas e mais felizes de que essas que têm marido...”

Coerente com as vivências expressas sobre as funções masculina e feminina, um aspecto relevante foi concernente à questão do casal. A Sra. Tânia foi a única a mencionar o marido de maneira positiva: “*É uma pessoa maravilhosa!*”. Ainda assim, houve um período de grave crise conjugal, sobre o qual ela fez críticas negativas ao marido. Já a Sra. Aparecida revelou vivências de falta de companheirismo, desqualificação e outras de natureza negativa em relação ao cônjuge, desconsiderando-o, inclusive como parte da família. Por sua vez, o Sr. Adão, fez uma única referência a si mesmo na função de marido: “*Eu acho que eu fui mais apoio dela mesmo [a esposa], do que outra coisa, até.*” Foram descritas mais situações nas quais o homem e a mulher desempenhavam as funções paterna e materna do que aquelas em que eles exerciam suas funções conjugais. Com exceção do depoimento da Sra. Tânia, os outros ratificaram a posição de alguns autores de que, nas famílias de baixa renda e na moradoras de comunidade popular, o vínculo é mais forte entre pais e filhos do que entre marido e esposa (Cardoso & Féres-Carneiro, 2007; Saleh, 2001; Sarti, 2003b).

No tocante à importância da figura do pai, as falas do Sr. Adão e da Sra. Aparecida apresentam estreita relação com a perspectiva de Saleh (2001). Ela ressalta que, apesar de ser comum o pouco tempo de permanência dos homens nas famílias das comunidades de baixa renda (evidenciado pelo grande número de famílias monoparentais femininas), a figura masculina faz falta como modelo para os filhos, facilitando, assim, a identificação destes com outros homens da comunidade, incluindo aqueles ligados ao tráfico de drogas e ao crime, elevando, com isso, os índices de violência. Diz o Sr. Adão: “*... Eu achava que [o pai] fazia mais até pro filho homem, mas eu percebi que fazia também pra filha mulher, para as meninas...*”

Quanto à mulher, Sarti (2003b) propõe que, numa posição complementar ao homem, compete-lhe o papel de chefe da casa, cujas principais responsabilidades são a manutenção da união familiar e os cuidados com a casa e com a família (como mãe e como dona-de-casa). Nesse sentido, a maternidade confere a ela uma autoridade especial, valorizando a sua importância no âmbito familiar, perspectiva esta também compartilhada por Saleh (2001).

Os resultados da presente pesquisa expressam vivências nessa direção. Todos os entrevistados apresentam a mulher como a responsável pelos cuidados com a casa e com os filhos (mesmo aquelas que têm emprego). Nos depoimentos, é evidente essa divisão. O Sr. Adão, por exemplo, assume seu papel de provedor quando diz: *“Eu fico nessa parte mais... mais pesada, fora [de casa]”*, e confirma a função de chefe da casa atribuída à sua esposa, no que concerne à criação dos filhos, ao afirmar: *“...meus meninos, ... a questão de escola, quem fiscaliza os cadernos é ela [a mãe] que faz”*. A Sra. Aparecida, por outro lado, declara que, mesmo nos momentos em que o marido esteve desempregado, ele não colaborava nas tarefas cotidianas com as crianças: *“O meu marido também ficava às vezes desempregado, às vezes trabalhando também, mas essa participação, assim, de filho, geralmente sempre sobrou mais foi pra mim”*. Já a Sra. Tânia descreve o marido como o provedor da casa (chefe da família) e revela a função da mulher como sendo a de cuidadora das relações familiares (mediante a instauração do diálogo, da afetividade e o desempenho da função de arrimo da família, por exemplo). Nesse sentido, ela diz: *“... ele paga, mas, de certa forma, eu ajudo...”*. Ou ainda: *“Aquele que segura toda a onda aqui em casa ou sou eu ou é a mamãe...”*

Um aspecto que se sobressai nos depoimentos referentes aos papéis do pai e da mãe é a cobrança explícita que os maridos fazem às esposas quanto às suas obrigações como mães em relação aos cuidados com os filhos, demonstrando uma relação de autoridade. Essa exigência no desempenho da função materna é descrita na própria experiência cotidiana, quando o Sr. Adão diz: *“Aí, eu cobro dela: ‘Tá olhando os cadernos dos meninos?’ Tá.”*, ou ainda *“...aí eu cobro, aí eu falo: ‘Tá passando o filme, então, você leva os meninos ao cinema’...”*. Mas isso também é percebido na dinâmica de outras famílias, como revela a Sra. Aparecida: *“...porque o que a gente vê muito nas famílias é aquele homem que chega e que quer achar tudo pronto, tudo do jeito, que o menino não pode subir na cama, não pode subir no sofá, entendeu?”*. Esse aspecto é semelhante aos resultados encontrados por Szymanski (1988), em sua investigação junto a famílias moradoras de uma comunidade popular em São Paulo, que a levaram a concluir a existência de uma hierarquia no grupo familiar, na qual os mais velhos mandam nos mais novos e o homem manda na mulher. Ela ressalta ainda que a

relação característica dessa hierarquia se dá através da díade mandar/obedecer, o que é motivo para muitos conflitos nas relações familiares.

Entretanto, apesar dessa divisão de papéis, os depoimentos revelam uma sobrecarga da mulher, que, além de suas atribuições como mãe e dona-de-casa, muitas vezes, também tem como dever a provisão de, pelo menos, parte do dinheiro para subsistência da família. Isso se reflete na seguinte constatação da Sra. Aparecida: “...*porque geralmente quando a gente casa, o tempo da gente é muito pouco, pra gente dar conta de trabalhar, de cuidar de casa, de cuidar de criança...*”. Ou ainda nas diversas considerações do Sr. Adão sobre as funções de sua esposa no grupo familiar. Vale ressaltar que, apesar de não ser o caso de nenhuma das pessoas entrevistadas, são comuns nas comunidades populares as famílias chefiadas por mulheres, as quais assumem esse duplo papel: de chefes da família e da casa (Saleh, 2001).

Isso se aproxima dos dados encontrados por Oliveira (2005), em seu estudo sobre a provisão das famílias de baixa renda, em Belo Horizonte. Seus resultados demonstram que, na maioria dos domicílios da capital mineira desse segmento sócio-econômico, a mulher ou é a principal responsável pelo sustento financeiro da família, ou é co-provedora, contribuindo com 40 a 60% da renda familiar.

Especialmente em função da situação mencionada acima, outro papel emerge como essencial à manutenção da família: o da rede familiar ou família extensa. A literatura aponta como uma das características das famílias pobres e moradoras das comunidades populares o não rompimento com a família de origem após o casamento (Oliveira, 2005; Saleh, 2001; Sarti, 2003b). Essa rede se mantém, principalmente, pelo fato de se tratar de famílias com carências de diversas naturezas e com a probabilidade de vários rompimentos no ciclo de vida familiar (mortes precoces pelo envolvimento com o tráfico ou com o crime organizado, separações causadas pelas precárias condições de vida, circulação das crianças na família pela diante da impossibilidade dos pais para criá-las, etc.). Assim sendo, a rede familiar funciona como um suporte, com o qual se pode contar nas mais variadas necessidades. Todas as pessoas entrevistadas descrevem alguma situação em que. Pelo menos, um parente da família extensa prestou assistência numa adversidade, como aquela pela qual a Sra. Aparecida passou, quando o marido esteve desempregado: “...*então, esse meu irmão João, esse meu*

irmão mais velho que mora aqui também, era quem ajudava com alguma coisa...”.

Ainda nesse sentido do suporte, um houve referência a um outro papel a ser desempenhado pela família, além daquele da rede familiar: o do arrimo, ou seja, aquele que assume a responsabilidade de amparar à família. Interessante ressaltar que a conotação de arrimo não diz respeito, necessariamente, ao provedor financeiro, como é o exemplo do Sr. Adão, mas pode ser também aquele que dá outro tipo de sustento, como definiu a Sra. Tânia: “... a gente tem, às vezes, essa obrigação... entre aspas, essa obrigação de tá segurando essa onda toda.” Eu não encontrei na literatura nenhuma referência específica ao arrimo, mas o modo como ele é apresentado na pesquisa se aproxima daquele definido por Silveira (2007), na sua descrição sobre o cuidador familiar. A experiência de campo mostra que, em boa parte das famílias de baixa renda, cabe à mulher (seja a mãe, a avó ou qualquer outra figura feminina) o papel de apoio às diversas situações familiares (mesmo naquelas onde o homem é o provedor), mesmo que ela não recebe a conotação explícita de arrimo. Isso se torna evidente, por exemplo, nas situações de gravidez precoce, especialmente quando o pai não assume a paternidade, ficando a cargo das avós a criação dos netos (Saleh, 2001), ou em casos de viuvez ou de separação, quando, em geral a mãe acaba acolhendo os familiares em questão (Sarti, 2003b).

Quanto aos elementos constituintes da vivência de família, sem os quais ela não pode ser pensada, destaca-se o caráter relacional captado na análise fenomenológica das entrevistas. Dos quatro elementos comuns aos três depoimentos, apenas um não possui essa ênfase (religião, Deus). Assim, além do diálogo, da afetividade e da presença, a proteção, o apoio, a comunhão e a valorização das diferenças entre os familiares foram os aspectos revelados como fundantes da vivência da família. A importância desses fatores está presente em todos os estudiosos do tema, pois não há como pensar em família sem considerar as relações interpessoais que ocorrem nesse contexto. Nesse sentido, concordo com Valente (2003), ao afirmar que “família é fábrica de gente” (p. 15) e creio que a qualidade da produção desta fábrica é diretamente proporcional às características e estilos de cada um desses componentes da relação familiar.

Quanto à religião e à importância de Deus, não encontrei na literatura trabalhos que demonstrem o sentido de ambos no cotidiano das famílias

moradoras em comunidades carentes, com exceção da pesquisa de Saleh (2001), na qual a religião também aparece como suporte para enfrentar as dificuldades, conforme vivenciado pelos participantes da pesquisa. Entretanto, creio os depoimentos revelaram outros aspectos da vivência religiosa na família que merecem pesquisas posteriores, como por exemplo, quando o Sr. Adão aborda o papel social da religião: *“Por que não usa a religião pra transformação? Esse é que é o posicionamento meu da religião. Você faz uma religiosidade da religião.”* Ou quando a Sra. Tânia afirma: *“...e o que que fizemos nesse momento, a família toda? Juntou todo mundo nesse momento, ajoelhou, e reza, reza, reza...”*

No que concerne à vivência dos elementos desestruturantes da família, a ênfase nos aspectos das relações familiares mais uma vez se fazem presentes. A falta de escuta, de diálogo, de cumplicidade, de comunhão e de união pode ser traduzida em um outro fator apontado pelo Sr. Adão e pela Sra. Tânia como desestabilizador da família: o individualismo. Este é ilustrado na seguinte fala da Sra. Tânia: *“Então, é aquela família que, assim, ninguém tá nem aí pra ninguém... um tá com dificuldade lá, tá envolvido com droga e tal, então ‘deixa ele pra lá, deixa ele viver a vida dele que eu não tô nem aí’. A mãe falando isso, o pai, bebendo, não tá preocupado com isso...”* Já o Sr. Adão resume o individualismo nas famílias a que assiste, dizendo: *“... a mãe e o pai pouco se preocupam...”*.

Sarti (2002) vincula a individualidade (no mesmo sentido que eu estou dando ao termo individualismo) à perda do sentido da tradição. Assim, no mundo moderno, os papéis outrora pré-estabelecidos em relação ao casamento, à família, à sexualidade, ao amor e ao trabalho passam a ser construídos numa perspectiva em que a individualidade ganha cada vez mais espaço. Com essa mudança de referência, os papéis familiares tradicionais passam e gerar conflitos, pois torna-se necessário compatibilizar o individual com a reciprocidade familiar. É evidente que essa situação se reflete, diretamente, na qualidade das relações estabelecidas no grupo domiciliar.

Ao se referir ao segmento social menos favorecido economicamente, a autora afirma que a tradição se constitui numa referência fundamental da existência. A condição de desigualdade e de exclusão em relação à sociedade mais ampla leva as famílias pobres a manter a lógica da reciprocidade (em oposição ao princípio da individualidade), manifesta nos laços de solidariedade, de parentesco e de vizinhança, tão necessários à sua sobrevivência.

A partir das considerações de Sarti (2002) e da análise fenomenológica dos depoimentos, uma reflexão mais atenta sobre o individualismo no grupo familiar mostra que ele está na contra-mão do fortalecimento das relações, inclusive as afetivas. A esfera do “entre” fica esvaziada e as pessoas deixam de ser consideradas, confirmadas e assistidas em sua singularidade, além de experimentarem um sentimento de solidão. Some-se a isso o fato de que o desprezo pela cultura e pelas tradições do seu grupo familiar promove o desenraizamento de sua história, o qual, certamente, acarreta um senso de identidade pessoal frágil e desconectado das referências básicas fundamentais para o desenvolvimento de uma auto-imagem positiva e forte. Nesse sentido, é possível supor que esse enfraquecimento da identidade (e, conseqüentemente, da auto-estima) pode estar na base de diversos casos de alcoolismo, depressão e de violências múltiplas, tão comuns nas comunidades populares e reveladas nessa pesquisa como outros fatores desestruturantes da família.

Entretanto, vivências distintas daquelas vinculada à qualidade das relações familiares foram expressas pelo Sr. Adão no que se reporta aos fatores desestabilizadores do grupo familiar. Sua ênfase nesse tema recai, novamente, sobre elementos mais vinculados à estruturação da família. Assim, falta de condições de vida e de oportunidades, moradia inadequada, falta de acesso à educação e excesso de trabalho são vivenciadas como promotoras do esfacelamento da dinâmica familiar. Um momento no qual ele revela isso é quando diz: “... porque a pessoa vai beber porque tá desempregado. Então, o desemprego, a falta de oportunidade, os adolescentes querem trabalhar e não conseguem, isso eu acho que isso são elementos que fazem isso [desestruturar a família].”

Esses aspectos são abordados por Sarti (2003b), devido à associação direta entre o valor do trabalho e a identidade masculina, especialmente nas populações mais pobres, pois é justamente através da sua competência e da disponibilidade para o trabalho que o homem deixa de ser “pobre” e se afirma como qualquer outro, independente da condição social e econômica. A honra também está intimamente ligada à vivência do trabalho, pois mostra que a capacidade do homem de trazer o dinheiro para dentro de casa e de sustentar sua família. Com isso, o desemprego passa a ter um outro sentido, além das conseqüências da privação material: o da humilhação, pois despoja-o de uma função primordial à

sua identidade social, como trabalhador, provedor e pai de família. A autora conclui ainda que essa perda moral reflete-se em todo o grupo familiar, por se tratar de um de seus eixos fundamentais.

Quanto à questão da moradia inadequada, Saleh (2001) associa-a à possibilidade de contribuir para uma identidade negativa (“ser favelado”), tanto por parte dos outros, como no que tange à própria auto-imagem. Isso se dá pelo fato de que a moradia está vinculada ao grau de dignidade da pessoa.

Cabe aqui uma descrição mais detalhada sobre a “moradia inadequada”. São construções realizadas de maneira improvisada (barracos) e frágil, com poucas divisões (algumas possuem apenas um único cômodo para abrigar toda a família), com espaços exíguos que não preservam nenhum tipo de intimidade (nem dentro da própria casa, nem com as habitações do entorno), sem infraestrutura (água encanada, esgoto, etc), com móveis insuficientes para a demanda familiar, muitas vezes situada em locais sujos e com a presença de ratos e outros animais transmissores de doenças. Essa conjuntura expõe as famílias à circunstâncias de riscos e de vulnerabilidades de ordens diversas, com repercussões diretas no seu cotidiano, na sua auto-imagem e na integridade de cada um de seus membros.

Associada a esse problema concreto da moradia, há, da mesma forma, a vivência de problemas vinculados ao ambiente externo, como diz a Sra. Aparecida: “... *por causa de morar numa vila que tem muitos problemas, principalmente de alcoolismo, de drogas, essas coisas e tudo tal ... sem pertencer ao caminho que não deve, que é esse caminho da droga, da perdição, da prostituição que a gente sempre vê.*”

Essas questões também surgem no estudo de Saleh (2001) como preocupações presentes e como fatores estressores comuns no ciclo de vida das famílias por ela investigadas. Ela ressalta como formas de enfrentamento desenvolvidas pelas pessoas para reverter essa circunstância familiar a capacidade de manter a família unida, a subsistência material, a educação, a manutenção de respeito (especialmente dos filhos para com os pais) e a força obtida através da fé.

A experiência de campo mostra que não há garantia de uma vida familiar tranqüila, tendo-se tantos perigos como vizinhos próximos. Trata-se de uma luta diária e de um stress constante, pois os moradores de comunidades populares e, particularmente aqueles das favelas, onde existe a presença do tráfico de drogas,

do crime organizado ou das milícias⁴, sabem do equilíbrio precário de sua vida cotidiana, mesmo nos momentos de aparente tranqüilidade.

Outro componente da vivência familiar que merece reflexão é aquele emergente no depoimento do Sr. Adão que diz respeito ao trabalho na infância. Ele iniciou precocemente dois tipos de atividades (por sinal, comuns entre as crianças das famílias de baixa renda, em maior ou menor grau): o serviço doméstico e a criação dos irmãos menores: “... *nós fomos criados sem o pai, só com minha mãe. Aí, eu e meu irmão mais velho éramos os mais velhos. E aí a gente tinha que dar conta dos pequenos...*” Ele atribui essa situação, expressamente, à ausência do pai na família: a mãe saía para lavar roupas e, com isso, garantir o sustento financeiro da família, enquanto as tarefas domésticas e a criação dos irmãos menores ficavam a cargo dele e do irmão mais velho: “*A vida de infância foi tão corrida, eu tava trabalhando, trabalhando, trabalhando... Se o meu pai tivesse, eu não tivesse que assumir as responsabilidades tão cedo. Eu tive que assumir as responsabilidades.*”

Interessante a conotação positiva que ele atribui ao fato de ter aprendido serviços domésticos (normalmente exercidos pelas mulheres), tornando-o mais independente: “*A gente teve isso que foi importante pra gente. Eu acho que hoje a gente dá importância a isso.*”

A experiência de campo revela que o desempenho dos serviços domésticos por parte das crianças não está, necessariamente, vinculado à ausência paterna. Desde cedo, as mães procuram ensinar aos filhos os afazeres básicos da rotina doméstica, seja porque elas, assim como os maridos, trabalham fora, seja “para eles já saberem, no caso de uma precisão”. No serviço de plantão psicológico, na Paróquia São Brás, duas situações ilustram isso. Uma mãe procurou atendimento para um filho de 11 anos e outra, para a filha de 9 anos, com as queixas de rebeldia por parte do primeiro e de agressividade, por parte da segunda. Na verdade, ambas as queixas estavam vinculadas à resistência dos filhos em assumir as tarefas de casa a elas delegadas, tais como “varrer o terreiro” ou “lavar as vasilhas”. No contato com as crianças, ficou evidente a preferência delas pelas

⁴As milícias, também conhecidas como “Polícia Mineira”, são grupos formados por policiais militares, da ativa ou da reserva, ou por ex-traficantes, em crescente número especialmente na cidade do Rio de Janeiro, que expulsam o tráfico de drogas das comunidades populares e favelas, passam a agir como grupo de extermínio e a controlar outras atividades ilegais, cobrando dos moradores por sua proteção.

brincadeiras e pela companhia dos amigos, cujo tempo era “roubado por essas coisas chatas que a mãe fica mandando a gente fazer”.

Ainda no que concerne ao trabalho como fator de encurtamento da infância, Vasconcelos (1999) também verificou que é comum ele ocorrer de outra maneira, diferente daquelas expostas pelo Sr. Adão: como trabalho remunerado, sob a forma de biscates ou de pedidos de dinheiro às pessoas na rua. Houve apenas uma única menção sobre isso, feita pela Sra. Aparecida: “... às vezes, o desespero é tão grande que elas pega e usa, e manda os meninos pra rua pra pedir, em vez de ensinar o outro lado das coisa, né? Não importa que as crianças não vai pra escola.” Infelizmente, nós sabemos que essa situação é muito comum nas camadas populares, ao contrário do que deveria acontecer.

Finalmente, uma consideração que se faz necessária é quanto à importância singular da música como elemento estruturante da vivência de família da Sra. Tânia. A forma apaixonada com que ela descreve a música e as diversas expressões sobre o modo como esta envolve os familiares e dá um sentido para a vida deles não pode ser desprezada. Uma curiosidade em relação a isso é que, ao final da entrevista, realizada na casa da Sra. Tânia, ela me disse que o filho mais novo, de 11 anos queria faltar a aula, quando soube que eu iria lá, para me mostrar a mais recente música que ele tinha aprendido a tocar no cavaquinho: *Brasileirinho*, composta por Waldir Azevedo, em 1947. A mãe não deixou ele se ausentar da escola, mas me perguntou se eu poderia esperá-lo, o que eu, prontamente, aceitei. Foi um espetáculo único, pois o menino tocou não apenas essa, mas diversas outras músicas. A certa altura, a Sra. Tânia buscou o violão e ambos tocaram juntos. Foi uma demonstração clara e inequívoca daqueles fatores revelados por ela na apreensão da música como constituinte de sua vivência de família.

Apesar de eu não ter encontrado nenhuma alusão na literatura sobre a importância da música no sentido vivenciado pela Sra. Tânia, penso na importância que tem o envolvimento dos familiares num projeto comum a todos, seja de cunho artístico, religioso, social ou cultural, o que proporciona um sentido, facilita a integração e promove o exercício das habilidades necessárias ao relacionamento interpessoal de qualidade.

Considerações Finais

Há quase dez anos, desenvolvo trabalhos em comunidades populares, quer como supervisora, como coordenadora de projetos ou como psicóloga. A proposta desta pesquisa surgiu a partir de minhas inquietações na experiência de campo em Vespasiano (MG), desempenhando as duas primeiras funções citadas, e devo assumir que a família foi apenas uma dentre muitas outras questões que me sensibilizaram. Porém, percebi uma diversidade de angústias e aflições, tanto nas pessoas assistidas no projeto de extensão *Inserção do Psicólogo no Programa Saúde da Família*, quanto nos estagiários que dele fizeram parte (inclusive pela própria vivência revelada por eles de estarem tão próximos de pessoas em situação de infortúnios diversos). Apesar de não ter tido um contato direto com aquelas pessoas através de atendimentos psicológicos, o seu sofrimento pela falta de recursos, pelo desrespeito e pré-conceito de alguns profissionais em relação a elas e pela desvalorização de si mesmas, além das mazelas decorrentes de todo esse contexto, me mobilizaram profundamente. Se o entorno abandona ou priva pessoas tão carentes da satisfação de suas necessidades mínimas, como a família se faz presente? Ou ausente, em alguns casos?

Mesmo depois de ter encerrado o projeto de extensão, durante o Doutorado, eu dizia que eu tinha saído de Vespasiano, mas que Vespasiano não tinha saído de mim, especialmente na ebulição das questões sobre as possíveis contribuições do psicólogo para a melhoria da qualidade de vida das pessoas desse segmento social. Apesar da expectativa de voltar àquele município para a realização da pesquisa, o desejo de atuar como psicóloga clínica numa comunidade popular me levou ao Conjunto Santa Maria, cujas portas foram abertas para mim pelo Padre Danilo, na Paróquia São Brás. O desempenho nessa nova função enriqueceu minha experiência exponencialmente (e também as minhas antigas questões).

Uma decorrência dessa maior proximidade com a comunidade (não só com as pessoas atendidas, mas também com aquelas que conheci através do convívio naquele local), foi o incômodo que passei a sentir com o título desse estudo,

proposto no projeto de pesquisa: Um estudo fenomenológico sobre a vivência de família em contexto de pobreza. É claro que eu estava me referindo à condição do baixo poder aquisitivo daquelas pessoas, mas elas são tão ricas em outras dimensões da vida, que a palavra “pobreza” no título, me deixou desconfortável. Isso se acirrou quando me deparei com um cartaz afixado numa escola estadual em Brasília (DF), cujas palavras escolhi como epígrafe, onde estava escrito: “Não somos pobres, apenas não temos algumas coisas materiais”. Ao refletir sobre isso, constatei que, se por um lado não se pode tomar o todo pela parte, chamando os moradores de comunidades populares de pobres, por outro, o fato de pertencerem a esse contexto implica em peculiaridades e em experiências que as famílias de outros segmentos sociais não possuem e não podem ser desconsideradas, como por exemplo, situações de exclusão e de preconceitos (além, é claro, daquelas decorrentes da falta de recursos financeiros para a sobrevivência). As penúrias, privações e carências são muitas, mas, quando devidamente consideradas, maiores são a sabedoria, as capacidades, o potencial para crescimento, a fé em Deus que sustenta a esperança de dias melhores, a resiliência e a experiência adquirida na superação das adversidades da vida. Foi assim que decidi priorizar o contexto, a comunidade popular com suas características aqui descritas, e não uma parte dela, a pobreza, e alterar o título do trabalho, de modo mais pertinente com o meu enfoque.

Outrossim, testemunhar, ainda que parcialmente, as histórias de vida descortinadas semanalmente por cada pessoa que me procurava no serviço de plantão psicológico fortaleceu em mim a importância da investigação de família do modo como eu estava propondo no Doutorado: a partir da perspectiva da sua vivência.

Após essa experiência de pesquisa com pessoas moradoras em uma comunidade popular, entendo que este trabalho se constitui num recorte mínimo de um campo extremamente amplo por sua riqueza, diversidade e complexidade. Mesmo assim, pelos resultados obtidos, considero que uma das suas contribuições é a confirmação da importância da compreensão fenomenológica da vivência de família. Conforme explicitada anteriormente, a vivência, no presente trabalho, foi concebida como a repercussão no indivíduo das suas conexões com o mundo, enquanto um ser *ex-istente*, que está-aí, antes de qualquer elaboração racional. Nesse sentido, ela serve como uma referência fundamental que nos dá o sentido

das coisas do mundo, de modo irrefletido, e sustenta o modo pelo qual nos posicionamos na vida.

A compreensão da vivência de família de pessoas moradoras do Conjunto Santa Maria, enquanto uma comunidade popular, revelou aspectos importantes, expondo-nos os elementos essenciais em relação a esse tema, de uma forma “iluminada desde dentro”, como sustenta Lersch (1971), inclusive na sua proposta do círculo funcional das vivências. Assim, por exemplo, a partir da vivência que a Sra. Tânia tem de Deus, como elemento estruturante da sua vivência de família, enquanto aquele que é a base, que oferece a orientação e o amparo a ela, podemos compreender como se sustenta a sua postura de arrimo, enquanto o membro da família que é a fortaleza, que segura as dificuldades, que se envolve com os problemas da família, assumindo a responsabilidade por encontrar solução para eles. Ou ainda, em relação à forma como a música é vivenciada por ela, enquanto um fator de comunhão, de reconciliação, de interação, dentre outros aspectos, todos estreitamente vinculados às qualidades essenciais que ela atribui à essência de família, como a união, a afetividade, a cooperação e o apoio. Assim, a música é como se fosse um fio, a alinhar toda a família, ativando as vivências positivas que mantêm o equilíbrio do grupo familiar.

Por outro lado, a Sra. Aparecida, na sua vivência, prioriza, essencialmente, os aspectos qualitativos das relações familiares: presença, diálogo, afetividade e escuta. Os elementos desestruturantes ou os problemas familiares enfrentados também possuem, em sua maioria, esse viés (violência, conflitos entre os familiares, falta de escuta, de afetividade e de diálogo), situações estas experimentadas por ela, em algum grau, em sua história pessoal. Entretanto, na sua postura diante da comunidade, seu trabalho é, justamente, em prol do fortalecimento da família, através do resgate e do desenvolvimento dessas qualidades junto às pessoas que assiste (especialmente as mães, as quais possuem uma conotação diferenciada na sua vivência familiar). Ela chega até a afirmar que a sua história (ou seja, as vivências em relação à família) ajuda em seu trabalho na comunidade.

Finalmente, podemos ilustrar a importância da compreensão das vivências para o conhecimento pessoal mais profundo em relação ao Sr. Adão através de repercussão que ele deixou transparecer sobre a importância da figura paterna. Ele diz, textualmente, que não teve pai (não ficou claro se este morreu ou se saiu de

casa), mas confirma constantemente a falta que sofreu por tal ausência enquanto filho. Também ratifica a necessidade da presença paterna para o bom desenvolvimento dos filhos. Trata-se de uma figura de referência, que serve como modelo para os filhos, com responsabilidades importantes e únicas no grupo domiciliar (aplicação de regras e limites, orientação dos filhos nas questões masculinas, divisão de tarefas com a mãe, etc.), além de ser o principal responsável pela provisão financeira, dentre outras funções. Suas vivências sobre o pai revelaram-se tão intensas, que ele expressa um grande conflito entre reproduzir essa ausência, pelo excesso de trabalho (que, inclusive, é o mesmo de seu pai), e a autocrítica constante que realiza sobre a repercussão negativa desse afastamento no desenvolvimento dos seus próprios filhos. Também merece destaque o fato de que essas vivências se fazem presentes também no cotidiano de sua atividade profissional, pois, enquanto membro do conselho tutelar, trabalha ativamente em prol da melhoria da qualidade de vida das famílias da comunidade, tanto em relação aos aspectos intrafamiliares, quanto na conquista de projetos comunitários que contribuam para a realidade da população local.⁵

Como conclusão, entendo que a compreensão das vivências é fundamental na elaboração de estratégias de assistência às comunidades populares, pois ela nos revela “o que vem de dentro”, o que é essencialmente fortalecedor e enfraquecedor nas relações entre as pessoas e o mundo. Ela acrescenta o viés singular daqueles a quem se quer beneficiar com qualquer proposta de amparo ou auxílio.

Assim, por exemplo, de acordo com a ênfase dada aos aspectos referentes às relações familiares captadas nos depoimentos, ao se pretender desenvolver um projeto de assistência psicológica junto às famílias de comunidade popular, entendo ser importante a oferta de um espaço onde as pessoas possam desenvolver e exercitar as qualidades facilitadoras das relações interpessoais e da expressão dos afetos. É obvio que há uma demanda imensa por programas de complementação de renda e de geração de trabalho, como aqueles de capacitação profissional. Também são de grande valia para essa parcela da população as ofertas de serviços jurídicos e de outros, de natureza cultural e esportiva, por exemplo. Entretanto, no que se refere à contribuição da psicologia, penso que o

⁵Essa afirmação se baseia no meu contato pessoal com o Sr. Adão, em função da assistência psicológica prestada por mim à comunidade. Portanto, não se refere a dados coletados na pesquisa.

trabalho com grupos pode promover o desenvolvimento das habilidades sociais básicas dentro e fora da família, tais como a capacidade de se expressar, de ouvir a perspectiva alheia ou de dar *feed-back*, dentre tantas outras.

Outra consideração decorrente desse estudo sobre a vivência de família refere-se à importância da adoção, por parte do psicólogo, de uma postura de valorização do potencial e das capacidades das pessoas mais simples, pois se, para qualquer pessoa, isso melhora a auto-imagem e, conseqüentemente, a auto-estima delas, no caso delas há um diferencial. Por sua condição social e de moradia, muitas vezes, são desqualificadas em seu saber e em seu potencial. Não se trata de um saber adquirido nas instituições de ensino, mas na escola da vida, que também as qualifica para o desenvolvimento pessoal (só que sem diploma e, por isso, tão desvalorizado por muitos “doutores”). A importância de se contemplar o seu contexto, de reconhecer e de legitimar o seu conhecimento, a sua cultura e os seus valores intelectuais e espirituais, sem querer enquadrá-la nos moldes vigentes de família, de saúde e de cultura, confirma suas origens, e fortalece seu senso de pertencimento ao seu grupo de referência e, conseqüentemente, sua identidade.

Finalmente, apesar das considerações sobre o mérito do estudo da vivência da família para o desenvolvimento de projetos e programas de assistência comunitária e sobre as possíveis contribuições do psicólogo na assistência à comunidade, inclusive no valor dos grupos na capacitação das habilidades interpessoais de seus participantes, grandes inquietações se fazem presentes em mim no desfecho deste trabalho. A diversidade de elementos que compõem a vivência de família revelada nesta pesquisa me instiga a aprofundá-los em pesquisas posteriores. Assim, um estudo fenomenológico sobre a importância da religião, ou das funções paterna e materna na vivência de família, aprofundaria os temas aqui apresentados e abriria novas perspectivas. Também se faz presente outra questão: uma pesquisa com objetivo semelhante ao desta, realizada com pessoas que pertencem a uma família menos estruturada do que aquelas dos entrevistados por mim, neste estudo, apresentariam unidades de significado semelhantes? Outra possibilidade seria pesquisar especificamente os elementos desestruturantes da vivência de família e seus desdobramentos na vida pessoal. Considerando-se que a ênfase dos entrevistados foi sobre a díade pai/mãe, entendo que pesquisar a vivência do casamento, nesse contexto, também seria de extrema importância.

Enfim, a presente pesquisa, longe de esgotar o assunto que pretendeu investigar, abre diversas possibilidades de aprofundamento e investigação acerca dos elementos fundantes da vivência de família das comunidades populares. Assim, as considerações aqui apresentadas são finais em relação a esse trabalho, mas, definitivamente, estão longe de serem conclusivas.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- ALMEIDA, A.M. Notas sobre a família no Brasil. Em: ALMEIDA, A.M. (org) *Pensando a Família no Brasil: Da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987, 53-66.
- AMATUZZI, M.M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*. Vol. 13, n. 1, 5-10, 1996.
- . *Por uma psicologia Humana*. Campinas, Alínea, 2001a.
- . Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In: HOLANDA, A.F. & BRUNS, M. A. T. *Psicologia E Pesquisa Fenomenológica: Reflexões e Perspectivas*. São Paulo: Ômega, 2001b.
- AMATUZZI, M.M.; ECHEVERRIA, D.F.; BRISOLA, E.B.V. & GIOVELLI, L.N. *Psicologia na comunidade: Uma experiência*. Campinas, Alínea, 1996.
- BARRETO, A. P. *Terapia Comunitária Passo a Passo*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.
- BELLO, A.A. *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Bauru: Edusc, 2004.
- BOFF, L. *Experimentar Deus: A Transparência de Todas as Coisas*. São Paulo: Versus, 2002
- CARDOSO, C.L. O gestalt-terapeuta na comunidade: Des-cobrimo a autenticidade do sujeito. Revista do VII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica, n. 7, ano 2001, pp. 95-108
- . Inserção do psicólogo no Programa Saúde da Família. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(1), 2-9, 2002.
- CARDOSO, C.L. & FÉRES-FÉRES-CARNEIRO, T.F. Sobre a família: Com a palavra, a comunidade. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia* (no prelo), 2007.
- CARDOSO, C.L.; MAYRINK, A. & SANTOS, G.F. Aplicações da Gestalt-terapia no trabalho clínico com comunidades. *Revista de Gestalt*, no. 13, 2004, 7-15.
- CARDOSO, C.L. & SANTOS, P.L.C. (2000). Histórias por um fio: Falando sobre psicoterapia de grupo, *Insight: Psicoterapia e Psicanálise*, n. 108, p. 25-29, jul/2000.
- CARVALHO, M.C.B. O Lugar da Família na Política Social. In: CARVALHO, M. C.B. (org.) *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.

- COSTA, I.I. A família e a constituição do sujeito na contemporaneidade. *Interfaces*, 2 (1), jan/jul, 1999, 73-80.
- COTRIM, G. *Fundamentos da Filosofia: Ser, Saber e Fazer*. São Paulo: Saraiva, 1993.
- DARTIGUES, A. *O Que é Fenomenologia*. São Paulo: Moraes, 1992.
- FAIRFIELD, Mark A. Gestalt groups revisited: A phenomenological approach. *Gestalt Review*, 8 (3): 336-357, 2004.
- FORGHIERI, Y.C. *Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, Método e Pesquisa*. São Paulo: Pioneira, 1993.
- GIORGI, A. *Phenomenology and Psychological Research*. Pittsburg: Duquesne University Press, 1985.
- GOMES, H.S.R. *Um estudo sobre o significado de família*. Tese de Doutorado, PUC-SP, 1988
- HINE, P.M. O Ciclo de Vida Familiar nas Famílias Negras Pobres. In: CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- HUSSERL, E. *A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia*. Introd. e trad. Urbano Zilles, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- . *Idéias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.
- IBGE, < www.ibge.gov.br > Acesso em 12/09/2005 (página do Censo Demográfico 2000).
- LERSCH, P. *La Estructura de la Personalidad*. Barcelona: Editorial Scientia, 8ª ed. 1971.
- MAHFOUD, M. Plantão psicológico na escola: Uma experiência. In: MAHFOUD, M. *Plantão Psicológico: Novos Horizontes*. São Paulo: Editora C. I., 1999.
- MARTINS, J. & BICUDO, M.A.V. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos*. São Paulo: Moraes, 1989.
- MELLO, S.L. Família: Perspectiva Teórica e Observação Factual. In: CARVALHO, M.C.B. (org.) *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.
- MINAYO, M.C.S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 9ª edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Portal da Saúde*. Disponível em: <<http://dtr2004.saúde.gov.br/dab/atenciaobasica.php#saudedafamilia>>. Acesso em 26/05/2007.
- MOREIRA, D.A. *O Método Fenomenológico na Pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2004.

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: Um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN, S.M. (org.) *Família Brasileira: A Base de Tudo*. 5ª edição, São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2002, p. 26-46.

OLIVEIRA, Z.L.C. A Provisão da Família e a Pobreza: O Caso de Belo Horizonte. In: *Seminário As Famílias e as Políticas Públicas*. Belo Horizonte: Abep, 2005. Acessado em 1/8/2007. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/FamPolPublicas/ZuleicaOliveira.pdf>.

OLIVEIRA, M.L.S. & BASTOS, A.C.S. Práticas de Atenção à Saúde no Contexto Familiar: Um Estudo Comparativo de Casos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1)97-107, 2000.

PERLS, F., HEFFERLINE, R. & GOODMAN, P. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, J.P. *Gestalt-terapia: Refazendo o Caminho*. São Paulo: Summus, 1985.

———. *Gestalt-terapia: O processo Grupal – Uma Abordagem Fenomenológica da Teoria de Campo e Holística*. São Paulo: Summus, 1994.

———. *O Ciclo do Contato: Gestalt – Temas Básicos*. Brasília: Ser, 1995.

———. *Gestalt-terapia de Curta Duração*. São Paulo: Summus, 1999.

ROBINE, Jean Marie. From field to situation. In: ROBINE, Jean Marie (Ed.) *Contact and Relationship in a Field Perspective*. Bordeaux: L'exprimerie, 2001, 95-107.

SALEH, L.P. *Famílias em Contexto de Pobreza: Preocupações e Necessidades*. 2001.196 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

SAMARA, E.M. Tendências atuais da história da família no Brasil. Em: ALMEIDA, M. (org) *Pensando a Família no Brasil: Da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987, 25-36.

SARTI, C. Família e Individualidade: Um Problema Moderno. In: CARVALHO, M. C.B. (org.) *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.

———. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A.R. & VITALE, M.A.F. (org.) *Família: Rede, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: IEE- Puc-SP, 2003a.

———. *A Família Como Espelho: Um estudo Sobre a Moral dos Pobres*. 2ª ed. Rev. São Paulo: Cortez, 2003b.

SILVEIRA, T.M. *Por que Eu? A Doença e a Escolha do Cuidador Familiar*. Rio de Janeiro: Archimedes, 2007.

SZYMANSKI, H. Teorias e “Teorias” de Famílias. In: CARVALHO, M. C. B. (org.) *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VASCONCELOS, E.M. *Educação Popular e Atenção à Saúde da Família*. São Paulo: Hucitec, 1999.

VALENTE, C. *Um olhar Sobre a Família: Trajetória e Desafios de uma ONG*. São Paulo: Agora, 2004.

VALLE, E. *Psicologia e Experiência Religiosa: Estudos Introdutórios*. São Paulo: Loyola, 1998.

VAZ, H.C.L. *Escritos Filosóficos: Problemas de Fronteira*. São Paulo: Loyola, 1986.

VELHO, G. Família e Subjetividade. Em: ALMEIDA, A. M. (org) *Pensando a Família no Brasil: Da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987, 79-87.

YALOM, I.D. *The Theory and Practice of Group Psychotherapy*. New York: Basic Books, 1995.

YONTEF, G. *Awareness, Dialogue & Process: Essays on Gestalt Therapy*. New York: The Gestalt Journal Press, 1993.